

**UNIVERSITÄT BAYREUTH**

---

**BIGSAS**(Bayreuth International Graduate School of African Studies)

**ESTUDO DA VOZ VERBAL EM KIZÓMBÒ (H.16k)**

**Por**

**Afonso TECA**

Tese apresentada para a obtenção do grau de Dr. phil. (philosophiae) em linguística africana na Bayreuth International Graduate School of African Studies - BIGSAS da Universidade de Bayreuth

**Supervisor:Dr. Manfred VON RONCADOR**

**Outubro, 2016**

## PRÓLOGO

*SE O SENHOR NÃO EDIFICAR A CASA, EM VÃO TRABALHAM OS QUE A EDIFICAM;  
SE O SENHOR NÃO GUARDAR A CIDADE, EM VÃO VIGIA A SENTINELA. INÚTIL VOS  
SERÁ LEVANTAR DE MADRUGADA, REPOUSAR TARDE, COMER O PÃO DE DORES,  
POIS ASSIM DÁ ELE AOS SEUS AMADOS O SONO.*

*SALMOS 127:1-2*

## **DEDICATÓRIA**

Em memória dos meus pais João TECA e Teresa LANGA e em especial à avó MAVUKU, da quem devo todo este sucesso.

À

Deolinda Dorcas Zola da Graça Paulo TECA,

Masivi Fredson Paulo TECA,

Priscila Mavuku Paulo TECA e

João Calvino Paulo TECA,

Pelo sacrifício consentido durante o período da minha ausência no seio da família e pelo afecto incondicional que sempre nos uniu.

## AGRADECIMENTOS

A Deus Pai damos honra e glória pelas suas incomensuráveis bênçãos que tem derramado sobre nós e pela saúde e inteligência que nos proporcionou durante o período de pesquisas e elaboração deste trabalho.

No entanto, hoje em dia, achar supervisor e mentores humildes, compreensivos, cooperadores e conselheiros é uma graça imensa. Portanto, nesta hora da verdade seríamos ingratos se olvidássemos aqueles que, independentemente das suas inúmeras tarefas académicas e científicas, reservaram-nos tempo para ler e corrigir o nosso trabalho. Por este facto, exprimimos a nossa profunda gratidão ao Dr. Manfred von Roncador, que desde o início assumiu o desafio de supervisionar esta tese, dando-nos orientações científicas claras que nos permitiram a descobrir o caminho certo que nos levou ao bom porto. Dr. Manfred merece a nossa admiração, pois, foi mais do que um mero supervisor. Por isso, do fundo do nosso coração reconhecemos o quão tão útil foi para a nossa vida aqui em Bayreuth nos bons e maus momentos. Por este facto, deixamos aqui uma gratidão especial para si e sua esposa, dona Valerie, pela sua assistência material e alimentar. Na mesma lógica expressamos os nossos sinceros agradecimentos à Profa. Dra. Clarissa Vierke e ao Prof. Dr. Ndonga Mfuwa que, embora atarefados, aceitaram mais um desafio de mentorizar este trabalho com orientações valiosas. Reconhecemos que sem os vossos bons conselhos, esta Tese não teria a qualidade científica que tem hoje.

À Universidade Agostinho Neto expressamos igualmente a nossa profunda gratidão pelo facto de nos ter aberto as portas para o doutoramento e pela assistência amável recebida do pessoal do Departamento de Serviços de Investigação e Pós-Graduação. Na mesma lógica reconhecemos o carinho e encorajamento recebidos de decanos, colegas e pessoal administrativo da Faculdade de Letras. Ao Ministério do Ensino Superior do Governo de Angola por intermédio do INAGBE exprimimos a nossa profunda gratidão pela disponibilização da Bolsa para o nosso doutoramento.

Como Junior Fellow de BIGSAS tenho razões de sobra para agradecer ao Prof. Dr. Dymitr Ibrizimow e à Dra. Christine Scherer, respectivamente decano e coordenadora de BIGSAS e por intermédio deles a todo o staff e ao Conselho de Administração pela pronta assistência material e financeira de que usufruímos, desde o momento em que ficamos desamparados pelo INAGBE, o que nos permitiu concluir este trabalho.

A nossa profunda gratidão ao Prof. Dr. Denis Creissels pelas suas pertinentes orientações e assistência documental na elaboração dos Capítulos 3 e 4.

Que o KongoKing Research Group encontre aqui a nossa expressão de gratidão, através dos Profs. Drs. Koen Bostoën e Gilles-Maurice de Schryver da Universidade de Ghent-Bélgica, pelas suas valiosas contribuições, tanto no melhoramento da nossa tese, como na aprendizagem do método de análise do texto, sem olvidarmos a hospitalidade deles. Também agradecemos ao Prof. Dr. Jacky Maniaký de Tervuren pelas suas sugestões e encorajamento.

Os nossos agradecimentos são extensivos aos nossos antigos companheiros Mimboabe Bakpa, Daouda Traoré, Paulo Jeferson Pilar Araujo, Marie Laure Kozi pelas suas sugestões nas nossas discussões semanais que tanto contribuíram para o avanço deste trabalho.

Que a Mary Zacharia Charwi, encontre aqui uma gratidão exclusiva como colega, irmã e conselheira nas horas difíceis com quem partilhei os maus e os bons momentos dentro e fora da Universidade de Bayreuth. Mesmo sendo doutoranda esteve sempre atenta às nossas dificuldades e partilhou connosco o pouco que era para si mesma.

Que todos os colegas de BIGSAS e amigos da Universidade de Bayreuth encontrem aqui a expressão da nossa gratidão pelo espírito de irmandade que sempre os caracterizou.

Finalmente agradecemos, do fundo do coração, a Professora Irene Guerra Marques que, não obstante as suas inúmeras tarefas, aceitou disponibilizar o seu precioso tempo para fazer a correcção do Português, com valiosas sugestões.

# ÍNDICE GERAL

<b>PRÓLOGO.....</b>	<b>I</b>
<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>II</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>III</b>
<b>ÍNDICE GERAL.....</b>	<b>V</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>XIII</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>XIV</b>
<b>SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>XV</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>XI</b>
<b>X</b>	
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>XX</b>
<b>ZUSAMMENFASSUNG.....</b>	<b>XXI</b>
<b>0. INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>1</b>
0.1. Problemática.....	2
0.2. Objectivo do estudo.....	3
0.3. Interesse do estudo .....	3
0.4. Metodologia .....	4
0.5. Pressupostos teóricos .....	5
0.6. Corpus e informantes .....	5
0.7. Divisão do trabalho .....	7
<b>CAPITULO I: PRELIMINARES .....</b>	<b>10</b>
1. 0. Introdução .....	10
1.1. Pesquisas precedentes .....	10
1.1.1. Introdução.....	10
1.1.2. Estudos do Kizómbò .....	10
1.2. Situação geográfica e etnolinguística.....	23
1.3. O Kizómbò.....	30

1.3.1. Características estruturais .....	32
1.3.. Considerações fonológicas .....	32
1.3.1.1.1. As vogais .....	33
1.3.1.1.2. As consoantes .....	33
1.3.1.1.3. A sílaba.....	34
1.3.1.1.4. Os tons.....	35
1.3.1.2. Considerações morfológicas .....	35
1.3.1.2.1. O nome .....	35
1.3.1.2.2. O aumento .....	38
1.3.1.2.3. As classes nominais.....	39
1.3.1.2.3.1. Ocorrência de Fenómenos Fonéticos em Algumas Classes Nominais .....	40
1.3.1.2.4. Os géneros .....	43
1.3.1.2.5. Os pronomes.....	44
1.3.1.2.5.1. Os substitutos.....	45
1.3.1.2.5.2. O conectivo.....	46
-1.3.1.2.5.3. O possessivo /genitivo.....	47
1.3.1.2.5.4. O demonstrativo .....	48
1.3.1.2.5.5. O pronome substantivo.....	49
1.3.1.3. Considerações sintáticas .....	50
Conclusão parcial.....	<u>51</u>
<b>CAPÍTULO II: A FORMA VERBAL EM KÌZÓMBÒ .....</b>	<b>52</b>
2.0. Introdução .....	52
2.1. Os componentes da forma verbal.....	52
2.2. Os componentes da forma verbal segundo a tradição Bantu .....	53
2.2.1. A Pré-inicial .....	54
2.2.2. A inicial .....	59
2.2.3. Tempo-Aspecto-Modo (TAM).....	60

2.2.3.1. O Tempo.....	60
2.2.3.2. O Aspecto.....	72
2.2.3.3. O modo.....	77
2.2.4. O índice do objecto e da reflexiva.....	85
2.2.4.1. O índice do objecto .....	85
2.2.4.2. O índice da reflexiva .....	86
2.2.5. O radical .....	86
2.2.5.1. A composição silábica do radical.....	87
2.2.5.3. A forma do radical.....	87
2.2.5.4. O tom do radical .....	87
2.2.6. Os derivativos verbais .....	87
2.2.6.1. Estrutura dos derivativos.....	89
2.2.7. A final.....	90
2.2.8. A Pós-final.....	91
2.2.8.1. O foco e a focalização .....	92
2.3. As funções gramaticais dos componentes da forma verbal.....	93
2.3.1. Os componentes obrigatórios .....	93
2.3.2. Os componentes opcionais .....	93
2.4. Quadro do resumo da estrutura do verbo Kìzòmbò .....	96
2.5. Outras categorias predicativas.....	97
2.5.1. O número.....	97
2.5.2. Os auxiliares.....	98
Conclusão parcial.....	100
<b>CAPITULO III: ANÁLISE DA VOZ VERBAL EM KÌZÓMBÒ À LUZ DA TEORIA DA VALÊNCIA.....</b>	<b>103</b>
3.0. Introdução .....	103
3.1. A teoria da valência verbal.....	103

3.1.1. A valência sintáctica.....	105
3.1.2. A estrutura argumental de bases de verbos simples .....	105
3.1.3. A estrutura argumental de bases de verbos derivados.....	110
3.1.4. A valência semântica.....	111
3.1.4.1. As funções semânticas .....	114
3.1.5. A noção da voz e a modificação da valência verbal.....	117
3.2. A derivação verbal em Kizómbò.....	118
3.2.1. A estrutura fonológica de derivativos.....	120
3.3. Análise da voz verbal segundo a valência decrescente .....	123
3.3.1. A voz passiva (PASS) [ N1        N2 ] .....	124
3.3.1.1. A morfologia da voz passiva.....	126
3.3.1.2. Caracterização sintáctico-semântica da passiva.....	129
3.3.1.3. Destituição e promoção .....	133
3.3.1.4. Co-ocorrência da passiva com as demais extensões .....	134
3.3.2. A voz recíproca (associativa) (RECIP) :[ N1        N2 ].....	136
3.3.2.1. A morfologia da voz recíproca.....	137
3.3.2.2. As formas de reciprocidade.....	138
3.3.2.3. A estrutura de argumentos e as funções semânticas .....	139
3.3.2.4. As co-ocorrências da extensão recíproca .....	141
3.3.3. A voz reflexiva (REFL): [ N1 .....	142
3.3.3.1. A morfologia da voz reflexiva .....	143
3.3.3.2. A valência sintáctica e semântica.....	145
3.3.3.3. A co-ocorrência da reflexiva com a causativa .....	146
3.3.4. A voz média /neutra (VM) .....	147
3.3.4.1. A morfologia da VM .....	149
3.3.4.2. A valência sintáctica e semântica.....	150
3.3.4.3. A voz média e a intransitividade verbal .....	150

3.3.4.4. As coocorrências da VM com as demais extensões .....	150
3.3.5. A voz potencial (POT).....	151
3.3.5.1. A morfologia da potencial.....	152
3.3.5.2. Análise sintáctica e semântica.....	153
3.3.5.3 . As co-ocorrências da potencial .....	154
3.3.6. A voz estativa (EST) / posicional (POSI) .....	154
3.3.6.1. A morfologia da voz estativa .....	156
3.3.6.2. A valência sintáctica e semântica.....	157
3.3.6.3. As co-ocorrências da estativa.....	158
Conclusão parcial.....	158
3.4. Análise da voz verbal segundo a valência crescente.....	159
3.4.1. A voz applicativa (APL).....	159
3.4.1.1. A morfologia da applicativa.....	160
3.4.1.2. Análise sintáctica e semântica.....	161
3.4.1.3. A applicativa e as funções semânticas .....	163
3.4.1.4. As co-ocorrências da applicativa e causativa.....	165
3.4.2. A voz impositiva (IMPO).....	166
3.4.2.1. A morfologia da impositiva.....	166
3.4.2.2. A valência sintáctica e semântica da impositiva .....	166
3.4.2.3. As co-ocorrências da impositiva com as demais extensões .....	167
3.4.2. A voz causativa (CAUS).....	168
3.4.2.1. Os tipos de construções causativas.....	170
3.4.2.2.1. As causativas morfológicas.....	171
3.4.2.2.2. As causativas lexicais.....	172
3.4.2.2.3. As causativas analíticas .....	173
3.4.2.2. A análise morfossintáctica da causativa.....	175
3.4.2.2. A semântica da causativa .....	176

3.4.2.3. As co-ocorrências da causativa com as demais extensões .....	177
Conclusão parcial .....	178
3.5. Análise morfossintáctica e semântica das extensões neutras .....	179
3.5.1. A separativa / reversiva (SER/REV) .....	179
3.5.1.1. A morfossintaxe da separativa .....	181
3.5.1.2. A transitividade da separativa .....	183
3.5.2. A iterativa (ITER) e reiterativa (REIT) .....	184
3.5.2.1. A iterativa e a sua morfologia em Kizómbò .....	185
3.5.2.1.1. Outras formas da expressão da iterativa em Kizómbò .....	188
3.5.2.1.2. Análise sintáctica e semântica da iterativa .....	189
3.5.2.4. A reiterativa ou frequentativa e sua morfologia em Kizómbò .....	190
3.5.2.4.1. Análise sintáctica e semântica da reiterativa .....	190
3.5.3. A durativa (DUR) .....	190
3.5.3.1. A morfologia da durativa .....	191
3.5.3.1. Análise sintáctica e semântica da durativa .....	193
3.5.3.2. As co-ocorrências da durativa com as outras extensões .....	194
3.5.4. A intensiva (INT) .....	195
3.5.4.1. Análise sintáctica e semântica da intensiva .....	195
3.6. Conclusão parcial .....	196
<b>CAPITULO IV: ASPECTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS DA VOZ VERBAL EM KIZOMBO</b> .....	<b>197</b>
4.0. Introdução .....	197
4.1. Compreensão da extensão -am- em Kizómbò .....	198
4.2. Aspectos semânticos e discursivos da passiva .....	200
4.2.1. A passiva agentiva .....	200
4.2.2. A semi-passiva .....	207
4.2.3. A pseudo-passiva .....	210

4.2.4. A passiva de estado .....	211
4.2.5. As construções “bipassivas” .....	211
4.3. A diferença entre a passiva e a estativa .....	215
4.4. A voz média: aspecto semântico e discursivo .....	216
4.4.1. A média como processo espontâneo .....	216
4.5. A applicativa com adjuntos .....	218
4.5.1. O locativo .....	218
4.5.2. O alvo .....	223
4.6. A causativa: Aspecto semântico e discursivo .....	224
4.7. A reciprocidade reflexivizada .....	225
4.7.1. Recapitulação das vozes recíproca e reflexiva canônicas em Kizómbò .....	226
4.8. Especificação semântica-discursiva dos sufixos iterativo, reiterativo e durativo .....	230
4.9. Ordenamento das extensões e seu valor semântico e discursivo. ....	233
4.9.1. A co-ocorrência da Causativa-Applicativa .....	234
4.9.2. A co-ocorrência Causativa-Passiva .....	235
4.9.3. A co-ocorrência Aplicativa-Passiva .....	236
4.9.4. A co-ocorrência Recíproca-Causativa .....	237
4.9.5. A co-ocorrência Reflexiva-Applicativa .....	237
4.9.6. A co-ocorrência Estativa-Causativa .....	239
4.9.7. A co-ocorrência Reflexiva-Recíproca .....	240
Conclusão parcial .....	241
<b>CAPÍTULO V: CONCLUSÃO GERAL</b> .....	242
5.1. Resultados da pesquisa .....	243
5.2. Síntese e conclusão .....	248
5.3. Perspectivas .....	251
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	252
<b>APÊNDICES</b> .....	260

<b>Apêndice I: Questionário da pesquisa (Entrevistas)</b> .....	260
1.1. Passiva.....	260
1.2. Recíproca.....	260
1.3. Reflexiva:.....	261
1.4. Estativa/Posicional: Tomar uma posição.....	261
1.5. Média.....	261
1.6. Potencial:.....	262
1.7. Aplicativa: Fazer alguma coisa por ou a favor de Iguém.....	262
1.8. Causativa: Mandar fazer a alguém alguma coisa.....	263
1.9. Impositiva.....	263
1.10. Reversiva.....	264
1.11. Iterativa: Repetir uma acção já feita, desfazendo a anterior.....	264
1.12. Reiterativa/frequentativa: Repetir uma acção inúmeras vezes.....	264
1.13. Intensiva.....	264
1.14. Durativa/habitativa.....	264
<b>Apêndice II: Mwana ngangu ye mwana wa zowa ‘O filho esperto e o filho idiota</b> .....	265
<b>Apêndice III: Nsési ye Ngó ‘A gazela e o leão’</b> .....	271

## LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Distribuição geográfica das línguas Bantu e do grupo Koisanem Angola.....	26
Mapa 2: Kikongo nos quatro países (Angola, Congo Brazza, RDC e Gabão).....	27
Mapa 3: Município de Makela do Zòmbò.....	32

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sufixos primários em Kizómbò.....	18
Quadro 2: Sufixos verbais, segundo Fernando.....	21
Quadro 3: Distribuição geográfica das línguas Bantu e o grupo Koisán em Angola.....	25
Quadro 4: Distribuição da população do Uíge por município.....	31
Quadro 5: Vogais de Kizómbò.....	33
Quadro 6: Consoantes de Kizómbò.....	33
Quadro 7: Classes nominais.....	40
Quadro 8: Género dos nomes .....	44
Quadro 9: Pronomes da 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural.....	45
Quadro 10: Substitutos de classes e suas formas breves.....	45
Quadro 11: Conectivo.....	46
Quadro 12: Bases de pronomes possessivos.....	47
Quadro 13: Prefixos possessivos.....	47
Quadro 14: Classificação de demonstrativos.....	48
Quadro 15: Estrutura verbal em Bantu.....	54
Quadro 16: Índices relativos.....	55
Quadro 17: Prefixos de índice de sujeito.....	60
Quadro 18: Eixo dos tempos em Kizómbò.....	73
Quadro 19: Tipologia do aspecto verbal.....	74
Quadro 20: Índice do objecto .....	86
Quadro 21: Resumo da morfologia verbal.....	95
Quadro 22: Realização da categoria gramatical do número .....	97
Quadro 23. Extensões verbais em Kizómbò, segundo a valência verbal.....	18
Quadro 24. Construções passivas.....	125
Quadro 25: Estrutura da coocorrência da passiva com as demais extensões.....	133
Quadro 26: Co-ocorrência causativa e aplicativa em Kizómbò.....	164
Quadro 27: Co-ocorrência da durativa com as demais extensões.....	193

## SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

-	Limite de morfema
+	Mais
=	Igual
±	Aproximadamente
≠	Limite da palavra
→	Resulta em
∅	Morfema zero
<b>1PL</b>	Primeira pessoa do plural
<b>2PL</b>	Segunda pessoa do plural
<b>3PL</b>	Terceira pessoa do plural
<b>1SG</b>	Primeira pessoa do singular
<b>2SG</b>	Segunda pessoa do singular
<b>3SG</b>	Terceira pessoa do singular
<b>A</b>	Tom alto
<b>AA</b>	Sequência de dois tons altos
<b>AB</b>	Modulação tonal: alto e baixo
<b>ACT</b>	Actualizador aspecto-tempo
<b>ADV</b>	Advérbio
<b>ANT</b>	Passado anterior
<b>APL</b>	Aplicativa
<b>ASP</b>	Aspecto
<b>AUM</b>	Aumento
<b>AUX</b>	Auxiliar
<b>B</b>	Tom baixo
<b>BA</b>	Modulação tonal: baixo e alto
<b>BB</b>	Sequência de dois tons baixos
<b>BEN</b>	Beneficiário
<b>BN</b>	Base nominal
<b>C</b>	Consoante
<b>CAUSr</b>	Causador
<b>CAUS</b>	Causativa
<b>CL</b>	Classe nominal

<b>CN</b>	Complemento
<b>CON</b>	Conectivo
<b>COND</b>	Condicional
<b>CV</b>	Sequência consoante-vogal
<b>DEF</b>	Definido
<b>DEM</b>	Demonstrativo
<b>DER</b>	Derivativo
<b>DET</b>	Determinativo
<b>DIST</b>	Distante (passado ou futuro)
<b>DUR</b>	Durativa
<b>EST</b>	Estativa
<b>EXT</b>	Extensão
<b>FREQ</b>	Frequentativa
<b>HAB</b>	Habitativa
<b>ILN</b>	Instituto de Línguas Nacionais
<b>IMED</b>	Imediato
<b>IMPERF</b>	Imperfectivo
<b>INAGBE</b>	Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos.
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>INF</b>	Infinitivo
<b>INIC</b>	Inicial
<b>INTER</b>	Interrogativo
<b>IO</b>	Índice do objecto
<b>IR</b>	Índice relativo (do pronome relativo)
<b>IS</b>	Índice de sujeito
<b>ITER</b>	Iterativa
<b>LOC</b>	Locativo
<b>MED</b>	Média
<b>MODF</b>	Modificador
<b>N</b>	Nome
<b>NEG</b>	Negação
<b>NP</b>	Nome próprio
<b>O /ON</b>	Objecto

<b>OD</b>	Objecto directo
<b>OI</b>	Objecto indirecto
<b>OR</b>	Objecto relativo
<b>P</b>	Predicado
<b>PAC</b>	Paciente
<b>PAct</b>	Presente Actual
<b>PAS</b>	Passado
<b>PASS</b>	Passiva
<b>PB</b>	Proto-Bantu
<b>PERF</b>	Perfeito/perfectivo
<b>PER</b>	Permissivo
<b>PF</b>	Pós-final
<b>PL</b>	Plural
<b>PN</b>	Prefixo nominal
<b>POSS</b>	Possessivo
<b>PP</b>	Pronome prefixo
<b>PPFX</b>	Pré-prefixo
<b>PPOSS</b>	Prefixo possessivo
<b>PRES</b>	Presente
<b>PROG</b>	Progressivo
<b>PROX</b>	Futuro próximo
<b>QUA</b>	Quantitativo
<b>RAD</b>	Radical
<b>REC</b>	Passado recente
<b>RECIP</b>	Recíproca
<b>REFL</b>	Reflexiva
<b>S</b>	Sujeito
<b>SC</b>	Sujeito em função circunstancial
<b>SIMP</b>	Futuro simple
<b>SN</b>	Sintagma nominal
<b>SPASS</b>	Semi-passiva
<b>SR</b>	Sujeito relativo
<b>SOV</b>	Sujeito-objecto-verbo

<b>SVO</b>	Sujeito-verbo-objecto
<b>SV</b>	Sintagma verbal
<b>TAM</b>	Tempo-aspecto-modo
<b>TPA</b>	Televisão Pública de Angola
<b>Tpo</b>	Tempo
<b>TOP</b>	Tópico
<b>V</b>	Vogal
<b>Vb</b>	Verbo
<b>VA</b>	Voz activa
<b>VC</b>	Sequência vogal-consoante
<b>VF</b>	Vogal final
<b>VP</b>	Frase verbal

## RESUMO

Este trabalho incide sobre a voz verbal em Kizómbò (H.16k). A preocupação consiste em entender e explicar a maneira como esta língua permite a oposição entre as vozes activa e passiva; como a recíproca e a reflexiva são expressas na língua, descrevendo os participantes.

Por conseguinte, o estudo explora os derivativos e a sua realização na língua. Em Kizómbò a voz verbal é obtida por meio da derivação de verbo para verbo. O verbo derivado é formado pelos derivativos conhecidos como extensões. Neste trabalho, as extensões são divididas em três grupos: o primeiro compreende aquelas extensões que rebaixam a valência, a saber: passiva, recíproca, reflexiva, estativa, média e potencial. O segundo agrupa as extensões que promovem a valência: aplicativa, causativa e impositiva. E o terceiro agrega aquelas extensões que os linguistas designam neutras: reversiva, iterativa, durativa, intensiva e reiterativa (Mchombo 2004: 110).

O trabalho é construído de dados recolhidos do nosso trabalho de campo, utilizando diferentes técnicas de colecta de dados, tais como questionário e entrevistas. Também fizemos a introspecção, a revisão documentária e a investigação na biblioteca. Diferentes quadros teóricos e analíticos, tais como o funcionalismo de Givón (2001a e b), o lexicalismo e realismo de Creissels (2006a e b) e a gramática da valência de Lucien Tesnière (1959), entre outros, foram utilizados para analisar os dados.

Os resultados mostram que a voz passiva usa duas extensões: -u- e -am-. Como redutor da valência, comporta-se de forma assimétrica: o OD da voz activa tem o privilégio de ser promovido como sujeito, mas o sujeito da voz activa nunca se torna objecto de passiva. Neste caso, duas possibilidades são levantadas ou é rebaixado ou é eliminado. O Kizómbò usa outras formas de expressar a passiva, que topicalizam o paciente. A extensão -an- da recíproca indica que a acção do verbo é performada mutuamente por um sujeito grupal. Mas hoje em dia, o prefixo -ki- da reflexiva é usado para exprimir a reciprocidade em Kizómbò. A aplicativa e a impositiva aumentam a valência para mais um argumento. Em termos descritivos, a causativa -is- tem as propriedades de causativizar os verbos transitivos adicionando um terceiro participante na estrutura de argumento. Os aspectos semânticos e discursivos da voz estão relacionados com o contexto de uso.

**Palavras chaves:** Bantu, Derivação, Extensões, Funções Semânticas, Funções Sintácticas, Kikongo, Kizómbò, Valência, Verbo, Voz.

## ABSTRACT

This work focuses on the verbal voice in Kizómbò (H.16k). It aims to understand and explain how this language allows the opposition between the active and passive voices; how reciprocal and reflexive are expressed in the language describing the participants. The study also explores derivatives and their realization in the language. In Kizómbò the verbal voice is obtained by a verb-to-verb derivation process. The derived verb is formed by the derivatives known as extensions. In this work the extensions are divided into three groups: the first consists of those extensions that reduce the valency, namely: passive, reciprocal, stative, middle and potential. The second group is about those extensions that increase the valency: applicative, causative and impositive. The third aggregates those extensions that linguists designate as neutral: reversive, iterative, durative, intensive and repetitive (Mchombo 2004:110).

The work is based on data collected from my field work using different data collection techniques such as questionnaire and interview. We have used also introspection, document review and library research. Different theoretical and analytical frameworks such as Givón's (2001) functionalism, Creissels (2006a, b) lexicalism and realism and Lucien Tesnière (1959) valency grammar among others were used to analyze the data.

The findings show that the passive voice uses two extensions: -am- and -u-. As valency deceiver, it behaves asymmetrically: the OD of the active voice has the privilege to be promoted to subject but the subject of active voice never becomes the object of passive. In this case there are two possible outcomes for the agent, either it is suppressed or demoted. Kizómbò uses also some other ways to express the passive meaning, e.g. by topicalizing the patient. The -an- extension of the reciprocal indicates that the verbal action is performed mutually by a group. Nowadays the reflexive prefix -ki- is used to express reciprocity in the language. The applicative and impositive increase the valency by adding one more argument. The causative -is- has the property of causativizing the transitive verbs by adding a third participant in the argument structure. Semantic and discourse aspects of the voice are related to the context of use.

**Key words:** Bantu, Derivation, Extensions, Kikongo, Kizómbò, Semantic roles Valency, Syntactic roles, Verb, Voice.

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit befasst sich mit den Aktionsarten des Verbs im Kizómbò, einer Sprache des Kikongo-Clusters des Bantu (H. 16). Dabei soll untersucht werden, wie diese Sprache die Opposition von Aktiv und Passiv sowie Reziprok und Reflexiv kodiert, wobei die Veränderung der verbalen Valenz im Vordergrund steht. Im Kizómbò wird die Aktionsart durch einen morphologischen Derivationsprozess am Verb ausgedrückt. Das abgeleitete Verb wird durch morphologische Extensionen gebildet. In dieser Arbeit werden die Extensionen in drei Hauptgruppen geteilt. Die erste betrifft die Extensionen, die die Valenz reduzieren, wie Passiv, Reziprok, Reflexiv, Stativ, Medium und Potenzialis. Die zweite fasst die Extensionen zusammen, die die Valenz erweitern, wie Applikativ, Kausativ und Impositiv. Die dritte Gruppe betrifft die Extensionen, die Linguisten als neutral bezeichnen indem aus syntaktischer Sicht die Valenz unverändert ist: Reversiv, Iterativ, Durativ, Intensiv und Repetitiv (Mchombo 200:110).

Die Arbeit beruht auf Daten aus meinen Feldforschungen, die mit Hilfe verschiedener Erfassungsmethoden wie Fragebogen und Interviews, sowie meiner eignen Sprachkompetenz erhoben wurden. Ferner flossen in die Arbeit Daten aus früheren eigenen und anderen wissenschaftlichen Arbeiten ein. Die Analyse wurde durch verschiedene theoretische Modelle inspiriert, wie u.a. vom Funktionalismus von Givon (2001), vom lexikalistischen Ansatz von Creissels (2006) sowie den von Tesnière (1959) ins Leben gerufenen Ansätzen der Valenzgrammatik.

Die Forschungsergebnisse zeigen, dass die Passivform im Kizombo durch zwei Extensionen ausgedrückt wird: *-am-* und *-u-*. Die Valenz wird dabei asymmetrisch verändert: Das direkte Objekt der Aktivform wird zum Subjekt, aber das Subjekt des Aktivsatzes wird nie zu einem direkten Objekt, sondern wird entweder unterdrückt oder zu einem obliquen Objekt. Das ursprüngliche Reziprokmorphem *-an-*, das eine Gegenseitigkeit eines pluralischen Subjekts ausdrückt, wird heute durch das Reflexivpräfix *-ki-* ersetzt. Die Applikativ- und der Impositivextensionen erhöhen die Wertigkeit um ein zusätzliches Argument. Zu den valenzvermehrenden Extensionen gehört der Kausativ *-is-*, der aus intransitiven Verben transitive bildet oder der transitiven Verben einen dritten Partizipanten hinzufügt. Die semantischen und diskursiven Aspekte der Aktionsart werden durch den sprachlichen und außersprachlichen Kontext beeinflusst.

**Schlüsselwörter:** Aktionsart, Bantu, Derivation, Extension, Kikongo, Kizómbò, Syntaktische Rollen, Semantische Rollen, Valenz, Verb.

## 0. INTRODUÇÃO GERAL

A retrospectiva sobre o estudo das extensões verbais em Bantu mostra que estas têm sido estudadas há mais de um século, se tomarmos como referência o trabalho inicial de Meinhof (1899) consagrado ao estudo da fonologia das línguas Bantu. Aolongo desses anos, o estudo das extensões tem sido de carácter tipológico-comparativo e aqueles que se referem a algumas línguas de forma singular, fazem-no de forma lacónica. Até aqui a única extensão já estudada até à exaustão foi a passiva. Seguem-se-lhe a applicativa e a causativa. As demais carecem de um estudo mais profundo do ponto de vista morfossintáctico e semântico-discursivo. Esse nosso ponto de vista é corroborado por Dom (2015:1) quando afirma: *Quite many suffixes found in (the?) Bantu languages are still poorly described both from a syntactic and semantic viewpoint, e.g. the extensive, the neuter, the positional, the separative and the tentative.*

Neste trabalho iremos discutir a voz verbal em Kizómbò (H.16k), um dos dialectos da língua Kikongo falado na parte Norte de Angola. Foi uma enorme preocupação ligada ao nosso trabalho do mestrado, que tratou do sistema verbal em Kizómbò e de estudos da morfossintaxe e semântica. Vários conceitos encontrados nestes domínios da linguística atraíram sempre a nossa atenção e suscitaram em nós uma paixão à morfossintaxe e semântica. Portanto, o tema deste trabalho não é mais senão uma sequência do trabalho anterior e uma ambição de forjar o nosso conhecimento nas disciplinas da Semântica e Morfossintaxe das línguas africanas referencialmente ao Kizómbò.

A pesquisa assenta na derivação verbal, na qual o conceito da valência é fundamental na medida em que as propriedades sintácticas das extensões permitem classificá-las em dois grupos: o primeiro aumenta a valência e o segundo diminui a valência. Quanto às extensões que aumentam a valência, tem sido afirmado que a applicativa indica que a acção é feita a favor de alguém e a causativa significa que o sujeito gramatical do verbo derivado causa um outro agente para realizar a acção denotada pelo radical verbal. No entanto, ambas as extensões juntas operam em funções semânticas afiliadas em diferentes grupos de participantes, distinguidos em humanos (causador, beneficiário, receptor, associativo, comitativo, malefeciário) e não humanos (instrumento, locativo, força e direcional ou destino). O argumento periférico é um termo obrigatório da estrutura e é utilizado nas construções habitualmente confinadas ao

duplo objecto. As outras extensões tais como passiva, recíproca, estativa e média são redutores da valência mas não de forma uniforme. É claro que, a busca do entendimento do modo como essas extensões operam, relaciona-se com o aspecto discursivo e nisso associamos as outras extensões tidas como neutras (reversiva, iterativa, durativa, reiterativa, intensiva), pois, achamos que directa ou indirectamente têm uma grande contribuição a dar ao debate da voz verbal. Elas fazem parte do discurso de Kizómbò ao mesmo nível que as demais.

### 0.1. Problemática

Na maioria das abordagens teóricas das propriedades sintácticas, uma correspondência entre as mudanças morfológicas e a modificação sintáctica do esquema argumental é estabelecida, tanto adicionando como rebaixando ou até mesmo suprimindo os argumentos. O esquema do processo da passivização pode ser dado como modelo:

Subjeito (Agente) Verbo Objecto Directo (Paciente) → Sujeito (paciente) Verbo (modificado) [objecto indirecto rebaixado (Agente)] ou seja:

**SN1+ V + SN2 → SN2 + Aux (ser) + PP + por + SN1**

O sujeito original (Agente) é expresso por uma frase opcional (tal como uma by-frase em Inglês), a forma verbal da passiva é modificada de alguma maneira (como ser+particípio em Inglês).

Naturalmente, a voz em Kizómbò tem a ver com a derivação verbal. Portanto, pode este esquema também funcionar em Kizómbò? Quais são as manifestações morfossintáticas e semânticas da voz nos verbos em que as extensões ocorrem? Como é que a valência e a voz funcionam juntas em Kizómbò? Em termos sintácticos e semânticos, quais são os efeitos da operação da valência sobre as extensões verbais? Estas são algumas das questões de entre outras colocadas nesta Tese.

A abordagem morfossintática pode parecer-nos um exercício simplesmente teórico; por este facto, para além da análise morfossintáctica são evocados os aspectos semânticos e discursivos inerentes ao uso das extensões verbais em Kizómbò. Trata-se do uso hodierno das extensões na situação dialogal que é negociada entre o autor/falante e o leitor/ouvinteno seio dos Àzómbò.

## **0.2. Objectivo do estudo**

Nada justificaria o esforço e os recursos empregues na realização deste projecto de pesquisa científica, se ele estivesse desprovido de objectivos a alcançar. Aliás, projecto de tamanha envergadura sem objectivos previamente estabelecidos, perderia de imediato o seu interesse, pois, quando bem delineados, os objectivos servem de bússola que orienta a pesquisa para o bom porto ao lado da questão da pesquisa. Assim sendo, para este estudo traçamos os seguintes objectivos:

1. Investigar o processo da derivação verbal em Kizómbò e o funcionamento das extensões que aumentam a valência, bem como aquelas que a rebaixam e os papéis temáticos ou funções semânticas que se lhes associam.

2. Análisar a forma e a função de cada extensão e o seu “modus operandi” na estrutura predicativa dos argumentos do ponto de vista morfossintáctico e semântico-discursivo.

3. Explicar a estrutura morfossemântica do mecanismo de coocorrência dos sufixos verbais que governam a valência.

## **0.3. Interesse do estudo**

O interesse deste trabalho repousa justamente no facto de ser mais uma contribuição para o desenvolvimento da linguística africana e para o estudo do Kikongo mais aproximado do Kizómbò. O seu maior interesse reside indiscutivelmente no facto de ser mais um instrumento de estudo à disposição dos falantes do Kizómbò, de todos os amantes das letras sobretudo os docentes e os académicos angolanos da Linguística Africana. Esperamos que os resultados desta pesquisa possam, ainda que de forma simples, satisfazer a lacuna que existe no Kizómbò no que concerne à falta de trabalhos descritivos.

Finalmente, este estudo é também relevante na medida em que se torna uma contribuição para o estudo das línguas Bantu que, ‘embora representem uma grande percentagem das línguas faladas no universo, ainda registam um défice em termos de pesquisas, comparativamente às línguas de outras regiões do mundo economicamente desenvolvidas’ (Dierks 2010 Apud Da Câmara 2014:6 ).

#### **0.4. Metodologia**

Depois de termos exposto os objectivos que nos propomos atingir neste trabalho, a sua elaboração requer uma certa abordagem metodológica que seja consentânea com esses objectivos. Por conseguinte, para a elaboração deste trabalho recorremos a quatro principais procedimentos ou técnicas:

**1. Introspectivo:** Neste trabalho não estamos apenas a investigar o que existe no conhecimento dos outros mas estamos de igual modo a realizar uma auto-observação, descrevendo e interpretando o que sabemos como falante da língua.

**2. Filológico:** Este método permitiu-nos fazer recurso ao material escrito tanto na Biblioteca como fora dela. As pesquisas na Biblioteca visaram o refrescamento e ampliação dos nossos conhecimentos sobre aspectos teóricos inerentes à morfologia, sintaxe, semântica e análise do discurso. Também visaram explorar os estudos existentes sobre o Kizómbò, a fim de transmitir o conhecimento dos meus predecessores ao benefício das nossas competências em Kizómbò. Com este método reunimos a maior parte dos morfemas usados para a derivação verbal em Kizómbò.

**3. Entrevistas e gravações:** Para recolha de dados entrevistamos falantes do Kizómbò residentes em Makela do Zòombò usando um questionário previamente estabelecido. Nas duas viagens que fizemos ao campo trabalhamos de forma individual com cada informante, num tempo por eles mesmos estabelecido e nas suas próprias residências. Neste exercício, o procedimento foi de perguntas e resposta usando o gravador para registar as respostas em vez de escrevê-las evitando, assim, que algumas respostas ficassem incompletas. A entrevista com um informante servia também para passar em revista as respostas dos outros informantes. Houve casos em que um informante opôs-se à resposta do outro sobre a expressão da recíproca e reflexiva. Para cada extensão formulamos cinco perguntas em Português traduzidas em Kizómbò pelo informante e dez verbos na sua forma de base para a derivação. Assim conseguimos recolher os dados utilizados neste trabalho. Recolhemos poucos contos e narrativas visto que os nossos informantes já não se lembravam deles.

**4. Discussão em grupo:** Na confirmação de dados no campo, aproveitamos o ensejo transformando os dados recolhidos, em matéria de um seminário para os estudantes das línguas Africanas na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, em Luanda durante três dias, dos quais recebemos contribuições valiosas.

## **0.5. Pressupostos teóricos**

Teoricamente, à medida que a necessidade o exigiu, a discussão e a interpretação dos dados da língua bem como a investigação sobre a morfologia do verbo em Kizómbò foram feitas com o recurso aos diferentes quadros teóricos; mas de um modo geral adoptamos a perspectiva funcionalista e da linguística descritiva assentes, respectivamente, nos trabalhos de Creissels (2006a & b) e de Givón (1984 & 1990; 2001a & b) para descrevermos a linguagem como requisito pragmático da interacção social. A nossa abordagem subscreve-se a essas teorias, visto que o funcionalismo, por exemplo, analisa as construções gramaticais com base em um todo comunicativo que engloba actos de fala, participantes e contexto discursivo. Essa percepção aproxima-se do *lexicalismo* e *realismo* de Creissels (2006a:2) que considera que a unidade elementar de sintaxe é constituída pelas palavras e que as frases devem ser descritas tais como nós as percebemos e não como resultado da transformação de estruturas sintácticas abstractas nas quais as palavras ficam colocadas numa ordem diferente daquela que é possível observar ou nas quais os elementos morfológicos aparecem desligados da palavra de que fazem parte. Esta é a visão que assumimos na discussão dos dados e elaboração desse trabalho. Outrossim, a língua é essencialmente o que é falado e depois o que é escrito.

## **0.6. Corpus e informantes**

O corpus utilizado neste trabalho pode ser classificado da seguinte forma:

### ***a). Corpus escrito***

Este é constituído por dicionários, gramáticas, manuais didácticos, teses e outras publicações sobre as línguas bantu, em geral e sobre o Kikongo, em particular. Para o Kizómbò, em especial, o corpus ficou constituído pelas teses de Carter (1973) e Fernando (2013), o manual didáctico de Kizómbò de Carter e Makoondekwa (1987), a monografia de licenciatura de Mpanzu (1993-1994), a dissertação do mestrado de Fernando (2008) e o livro de Nzakundomba (2006), intitulado *Nkongo ye kisi kongo* ‘O congolês e a sua cultura’.

Distintamente dos nossos próprios dados, existe outro material proveniente de diferentes autores. Este material é utilizado respeitando o ponto de vista do seu autor, sobretudo na análise e organização de exemplos, o que significa que não ousaremos

mudar qualquer coisa que seja: pontuação, marcação de tons, divisão silábica, glosas, etc.

***b). Corpus elicitado***

Não obstante ser nossa língua do berço, trabalhamos com três informantes no terreno usando um questionário e um guião ou roteiro de sentenças, previamente elaboradas. Também verificamos e explanamos o material registado que trata de vários temas da vida e cultura de Azómbò, nomeadamente contos, narrativas, provérbios e cânticos obtidos dos nossos informantes e amigos. Todo esse material foi utilizado com a devida tradução interlinear. As frases trazem consigo as glosas.

***c). Informantes***

Os primeiros materiais do nosso corpus foram recolhido no seio dos Àzómbò, nativos, ao longo de duas pesquisas de campo realizadas no Município de Makela do Zòmbò em 2013 e em 2014. Nestas mesmas ocasiões trabalhamos com as turmas do 4º ano de línguas e literaturas africanas na Faculdade de Letras da UAN, em Luanda para a discussão e enriquecimento de todos os dados recolhidos previamente.

De forma específica, os nossos principais informantes em Makela do Zòmbò foram:

- ***António KYALA***, 55 anos. Professor da escola primária, locutor do programa de Kikongo no centro de produção da emissora municipal do Zòmbò e pastor da Igreja tocoísta. Natural de Béu, residente no bairro Valódia. Entrevistado: 23/03/2013 e 09/02/2014.

- ***João BEMBA***, 72 anos. Reformado. Foi locutor do programa de Kikongo na emissora municipal do Zòmbò e agricultor. Natural de Kihonzo (Kibokolo), reside no bairro Deolinda Rodrigues. Entrevistado: 21/03/2013 e 09/02/2014.

- ***Mota MIGUEL***, Aprox. 80 anos. Doméstica. Natural de Mbanza Kisengele. Entrevistada 22/03/2013. Já não foi possível entrevistá-la em 2014, por falta de saúde. Infelizmente já descansa na eternidade desde Setembro de 2014. Que a sua memória descanse em paz.

## 0.7. Divisão do trabalho

Este trabalho está dividido em 5 capítulos.

### *Capítulo I: Preliminares*

O conteúdo deste capítulo compreende inicialmente uma revisão da literatura linguística na qual recolhemos as sugestões, as opiniões e as pistas dos nossos predecessores no estudo de Kizómbò. A segunda secção é dedicada à apresentação da República de Angola, na qual discutimos, minuciosamente, a sua localização geográfica, grupos étnicos, as principais línguas faladas no país, designadas línguas nacionais e os seus falantes.

De forma particular apresentamos o Kizómbò discutindo as suas características estruturais que têm a ver com a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Nas duas primeiras áreas da linguística fizemos o inventário das vogais e das consoantes, seguido de uma discussão sobre a estrutura silábica, o sistema tonal, os nomes simples, o aumento, as classes nominais, os géneros e os pronomes repartidos em conectivos, possessivos, demonstrativos e outros. Ao passo que a sintaxe discute de forma brevíssima a tipologia. Todavia, quanto à tipologia observamos que em Kizómbò predomina a ordem directa, viz. os termos da oração dispõem-se preferentemente na seguinte sequência: **SVO**. No entanto, uma excepção a esta regra, tem a ver com a focalização ou topicalização na qual o objecto directo precede o verbo.

### *Capítulo II: Análise da forma verbal em Kizómbò*

Neste capítulo discutimos essencialmente a forma verbal de Kizómbò tendo em conta o sistema verbal em Bantu, formulado por Meeussen (1959, 1967), retomado por Coupez (1980) e actualizado por Nurse (2008). Foi no interior dessa forte e complexa estrutura verbal do Bantu que discutimos as oito principais posições que compõem a forma verbal do Kizómbò, tais como pré-inicial, inicial (IS), formativo, índice do objecto e da reflexiva, o radical, as extensões, a final e a pós-final. De entre todos esses elementos, quatro são de carácter obrigatório: inicial, formativo, radical e a final. Os demais são componentes opcionais. O radical é o elemento que exprime a noção fundamental do verbo. A partir dele são realizados os possíveis alargamentos num processo designado *derivação* que dita a voz verbal. Em suma, discutimos de forma singular todos os elementos pré-radicais e pós-radicais da frase verbal de Kizómbò segundo os parâmetros do legado dos bantuistas mencionados acima.

### *Capítulo III: Análise da voz verbal em Kizómbò à luz da teoria da valência*

Considerado como o capítulo chave do nosso trabalho, este capítulo restringe-se especificamente à discussão e entendimento da voz e da operação da valência verbal, bem como dos principais papéis temáticos assumidos pelos participantes na estrutura oracional ou do evento.

Do ponto de vista da operação da valência, discutimos os argumentos de uma frase atendendo a sua modificação em termos de número e função. Buscamos o entendimento do fenómeno referido pelos linguistas (Payne 2002:169) como sendo operações de ajuste de valência (*valence adjusting operations*) ou de remodelagem das funções semânticas que têm como efeito a promoção ou destituição de um participante ou a combinação de ambas. Esta é a maior preocupação deste capítulo que procuramos testar em Kizómbò com as vozes aplicativa, impositiva e causativa que aumentam a valência e com as vozes passiva, recíproca, reflexiva, estativa, média e potencial que rebaixam a valência. Tratando-se de uma língua africana, procuramos entender a maneira como os constituintes nominais são organizados na frase e a sequência das palavras na sentença em termos de sintaxe. Foi aqui que procuramos verificar e responder às principais preocupações levantadas na problemática desta tese, já que a noção da derivação verbal e da voz estarão em evidência, examinando as estruturas sintácticas e semânticas, bem como as funções das relações gramaticais do sujeito e do objecto.

Finalmente discutimos as extensões chamadas neutras que não estão condicionadas à teoria da valência e cujos argumentos expressivos decorrem exactamente do seu próprio carácter derivativo.

### *Capítulo IV: Aspectos semânticos e discursivos da voz verbal em Kizómbò.*

Este capítulo passa em revista a derivação verbal e as coocorrências das extensões concentrando-se exclusivamente, nos aspectos semânticos e discursivos. No entanto, na abordagem deste tema recorreremos à teoria da semântica discursiva ou pragmática que estuda a significação do texto e das suas categorias (foricidade, anáfora e catáfora, referência e pressuposição, paráfrase, etc.). Ora, do ponto de vista semântico e discursivo, a passiva revela-se uma construção de tópico. Ela aprecede em diferentes estágios semântico-discursivos que rotulamos de passiva agentiva, semi-passiva, pseudo passiva e passiva do estado. Ademais, o estudo revela que o Kizómbò usa de forma

repetida a extensão da passiva numa única base verbal com o propósito de enfatizar a acção.

Para as coocorrências, para além das teorias da semântica gramatical e discursiva ou pragmática associamos a abordagem de mapeamento de argumentos, precisamente as abordagens lexicais para o mapeamento formalizadas no seio da Teoria da Gramática Léxico-Funcional que considera a estrutura argumental do predicado de um item lexical sob o mapeamento, entre as funções gramaticais geridas pelo predicado e os papéis temáticos atribuídos pelo predicado.

#### *Capítulo V: Conclusão geral*

A conclusão geral passa em revista a preocupação principal da tese e mostra os melhores resultados alcançados deixando também uma perspectiva para as futuras pesquisas.

# **CAPITULO I: PRELIMINARES**

## **1. 0. Introdução**

Este capítulo é dividido em três secções: na primeira faremos uma revisão sobre os trabalhos precedentes existentes em Kizómbò a fim de recolhermos as sugestões dos nossos predecessores, quanto ao nosso tema e trazermos à luz o fundamento da nossa pesquisa. Na segunda discutiremos a situação geográfica e etnolinguística de Angola e subsequentemente apresentaremos a língua Kikongo e os seus dialectos. É no meio destes dialectos que encontramos o Kizómbò cujas principais características fonológicas, morfológicas e sintácticas discutimos de seguida, isto é, na última secção.

## **1.1. Pesquisas precedentes**

### **1.1.1. Introdução**

O registo do século XVII revela que, no meio das línguas Bantu, o Kikongo é uma daquelas que beneficiam de uma longa tradição devida à existência de documentos traduzidos em línguas Bantu (Doke e Cole, 1961:2-53). Não obstante a existência dessa rica tradição, no que à linguística africana diz respeito, ela apresenta ainda muitas lacunas que devem ser acolmatadas. Dentre as pesquisas mais recentes no domínio da linguística Bantu em Angola destaca-se o trabalho de Ndonga (1995) para o Kikongo, na variante Kisikongo.

### **1.1.2. Estudos do Kizómbò**

Para o Kizómbò, de tudo quanto sabemos, existem alguns trabalhos recentes em linguística que aqui vamos revisar como literatura de destaque.

#### **a) Hazel CARTER (1973). *Syntax and Tone in Kongo (Kizómbò)***

Este estudo é o mais avançado na linguística bantu em Kizómbò. O autor apenas considera a sintaxe da frase baseada no modelo da gramática generativa-transformacional. A obra é uma contribuição indispensável na linguística, visto ser uma descrição das estruturas das frases e de tom em Kizómbò, segundo a abordagem generativista. Nas unidades de sintaxe, o autor analisa muitos fonemas como unidades sintácticas da frase com um único núcleo. Desta forma, ele apresenta os modelos de verbos em Kizómbò classificando-os em verbos puros, verbos nominais dependentes e grupos verbais (cf. seu cap.6). Esta é a parte que nos interessa, e pelo que iremos revê-la:

- **Verbos puros**: Verbos com os quais se inicia uma frase e por este facto são chamados de *frase-inicial* (pp. 219-231):

1. a. *màkàláàngà*  
ma-kal-aang-a  
6-RAD-HAB-VF  
Ele-ser-de hábito  
'Habitualmente eles eram'
- b. *ndzòlèlè kwéndà*  
n-dzol-ele kwend-a  
IS-querer-PERF ir-PERF  
'Eu quero ir'

Estas formas verbais têm apenas um tom alto.

- **Verbos nominais dependentes**: Considerando que a preocupação básica do autor é o estudo do tom em Kizómbò, ele afirma que essa classe é constituída por aqueles verbos que se produzem na posição pós-pic no contexto de maximum realização. Eis aqui alguns dos seus exemplos<sup>1</sup>:

2. a. *o-zòl-èlè*  
o-zol-ele  
IS-RAD-PERF  
ele-querer  
'Ele quer'
- b. *wávààngà*  
wa-vaang-a  
IS-RAD-VF  
ele-fazer-PERF  
'Ele fez'

Interessado no aspecto tonal, Carter ressalta que o ponto mais interessante deste grupo é a existência de algumas formas verbais sem potencial tom alto (ex.2a). Outras assemelham-se aos verbos puros, embora seja registada alguma diferença na estrutura tonal.

- **Grupos verbais**: Segundo o autor essa classe é composta de verbos por ele designados *multi-radicaís* em Kizómbò, cujos exemplos vêm a seguir:

3. a. *bamènè ssálà*  
ba-mene ssal-a  
IS-AUX RAD-VF  
eles-acabar trabalhar

---

<sup>1</sup>Nos exemplos de Carter o aumento é **o-** e isso deve-se ao seu informante que foi educado na missão de Mbanza Kongo pelos missionários baptistas que falavam o Kisikongo e ainda hoje usa a Bíblia por eles traduzida neste dialecto. Também os exemplos tirados de Ndonga na p.180 e outros (Kisikongo).

‘Eles acabaram de trabalhar’

- b. *òsingà-vvútùká*  
o-singa-vvutuk-a  
IS-AUX-voltar-VF  
‘Tu vais voltar’

O auxiliar *-mene* não exibe alongamento vocálico em contraste com o verbo completo *-meene* (-man- ‘acabar’). Os padrões de grupos verbais contendo auxiliares são todos susceptíveis de descrição em termos de composição e, quando há qualquer característica distintiva, aponta para a composição em vez de detalhar os componentes de forma isolada. Os grupos verbais como tais não exibem maiores características em termos de composição. Não obstante, as características dos grupos verbais são melhor descritas em termos da composição, implicando a relação entre os componentes. O auxiliar é colocado como um item vinculado mas não é um componente subordinado pelo verbo principal.

**- Morfologia verbal**

A morfologia verbal estudada pelo Carter apresenta a estrutura elementar que pode ser resumida como segue:

1. Estrutura com pré-prefixo: forma (C)V-:

4. a. *sèkàmmónà*  
se-ka-mmo-a  
ACT-IS-ver-VF  
‘Certamente, ele verá’
- b. *ùdikkádilààngà*  
u-di-kkadil-aang-a  
IS-IO-ser-HAB-VF  
‘É assim que tem sido’

2. Prefixo de concordância: Tem a forma zero, CV, C- ou V-. Alguns prefixos zero são variantes livres de prefixos vocálicos.

5. a. *mámmónèkà*  
ma-mmonek-a  
6-RAD-VF  
eles-aparecer-IMPERF  
‘Eles aparecerão’
- b. *yámónà*  
i-a-mon-a  
IS-Tpo-RAD-ASP  
eu-ANT-ver-PERF  
‘Eu ví’

3. Signo pré-radical do tempo: As formas vão de zero à -VCV-:

6. a. *tùzólèlè*  
tu- ø-zol-ele  
IS-Tpo-RAD-ASP  
nós-Pact-querer-PERF  
'Nós queremos'
- b. *twázólà*  
tu-a-zol-a  
IS-Tpo-RAD-ASP  
nós-DIST-querer-IMPERF  
'Nós queríamos'

4. Infixo do objecto: É um de um conjunto de seis, restritos a classes nominais 1 e 7 de humanos. As formas são: -C-, -V-, e -CV-.

7. a. *twánùséwà*  
tu-a-nu-sev-a  
IS-Tpo-IO-RAD- ASP  
nós-Pact-vós-rir-PERF  
'Nós rimos de vós'

5. Radical verbal: A sua forma mínima é: -C-. O radical pode ser simples (sem extensão) ou inclui uma ou mais extensões verbais.

**a). Simples:**

8. *yàvàngà*  
i-a-vang-a  
IS-Tpo-RAD-ASP  
eu-REC-fazer-PERF  
'Eu fiz'

**b. Com extensão**

9. *yàvàngílwà*  
i-a-vang-il-w-a  
IS-Tpo-RAD-EXT-ASP  
eu-DIST-fazer-APL-PASS-PERF  
'Tinha sido feito para mim'

6. Vogal final: Tem a forma de -a ou i. Esta é parte do signo de tempo.

10. a. *ùntsóngì*  
u-n-tsong-i  
IS-IO-RAD-ASP  
tu-me-mostrar-IMPERF  
'Mostra-me'
- b. *wàntsóngà*  
u-a-n-tsong-a  
IS- Tpo-IO-RAD-ASP  
tu-REC-me-mostrar-PERF

‘Tu me mostraste’

Importa observar que o Kizómbò estudado por Carter não corresponde ao falar actual, sobretudo, no aspecto tonal, no alongamento vocálico e na geminação de consoantes. Do nosso ponto de vista é ainda discutível, pois, a marcação de vocalidade e da consonantidade oferece alguma dúvida quanto a semântica da palavra. Muitos exemplos assemelham-se aos dialectos Kisolongó e Kisikongo. Prova disso é o uso dos prefixos *ba-* e *bi-* não utilizados em Kizómbò, o que é compreensível tendo em conta que o seu principal informante é um pastor habituado ao Nkândà Nzàmbì (Bíblia em Kikongo), cujo dialecto de base é o Kisikongo. Preocupado com o estudo do tom, o autor passa ao largo a questão da voz verbal, significando, com isso, que ela não se inscreve na problemática do linguista nesta obra. Contudo, a obra pode ser considerada como uma lâmpada para o nosso caminho sobretudo no que revemos sobre a morfologia verbal.

***b). Hazel CARTER e João MAKOONDEKWA (1987)***

Existe em Kizómbò uma obra pedagógica intitulada *Kongo language course: Maloongi ma Kikoongo. A course in the dialect of zoombo, northern Angola, 1987.*

Trata-se de uma obra pedagógica bilingue, Kizómbò-Inglês, para uma formação de base em Kizómbò. A contribuição desta obra no campo da linguística africana reside no facto de os exercícios basearem-se nos aspectos fonológicos ligados à pronúncia, ortografia e marcação de tons. No capítulo da sintaxe evidencia-se o estudo dos verbos, dos pronomes pessoais, prefixos, dos substantivos, da negação e dos adjectivos. Também, o curso faz referência às classes nominais. Quanto ao sistema verbal podemos apreciar os exercícios que abordam os tempos perfeito e imperfeito e as extensões verbais com maior incidência na voz activa e na voz passiva. O infixos da voz reflexiva é analisado no quadro das extensões relacionais ligadas ao objecto sufixo do conjuntivo. Igualmente a obra faz referência à extensão *-is-* da causativa e sua variação alofónica *-es-*. Finalmente, é estudada a extensão *-anan-* da recíproca no quadro dos pronomes pessoais.

Entretanto, o nível do curso não permite abordar os aspectos linguísticos com maior profundidade. Sendo um linguista bantuísta, Carter e o seu assistente limitam-se intencionalmente ao nível de iniciantes em Kizómbò e não abordam a derivação verbal.

c) *MPANZU Luzayamo (1993-1994). Eléments de description du zombo, parler kongo HI16k d'Angola.*

É uma dissertação de licenciatura inscrita na perspectiva teórica que marca os trabalhos da Escola de Tervuren na Bélgica. Segundo o autor, trata-se de mais um acréscimo de informações suplementares aos trabalhos de Carter que até aqui se constituem em obras de referência em Kizómbò. O trabalho compreende basicamente três partes: fonologia, morfofonologia e morfologia.

Interesse-nos a morfologia na medida em que trata de alguns aspectos do nosso tema. No que diz respeito ao verbo, Mpanzu afirma que o verbo zómbò caracteriza-se por um prefixo verbal (PV) que geralmente tem uma variante zero (imperativo e conjugação composta). O prefixo verbal é empregue em todas as classes e em todos os participantes. O infinitivo e o relativo utilizam respectivamente o prefixo nominal da classe 15 e o prefixo pronominal. No seu ponto de vista, a forma verbal de Kizómbò é complexa tendo em conta o número de morfemas de que é constituída. Ela é constituída de elementos pré-radicais e de elementos pós-radicais cuja estrutura é formulada por Mpanzu (p.120) da seguinte maneira:

### **1. Estrutura do verbo zómbò<sup>2</sup>**

PREI-PV-FO-Lim-Po+Rad-Suf-Fi-Postfi.

Dentre esses elementos, uns são obrigatórios e outros facultativos. São obrigatórios o prefixo verbal (PV), o radical (Rad) e a vogal final (Fi). Assim, a estrutura mínima pode ser: **PV-Rad-Fi**.

### **2. Morfemas verbais**

Um repertório dos morfemas verbais é feito seguindo a ordem normal de sucessão:

**1. Pré-inicial (definição):** O pré-inicial ou pré-prefixo é um morfema que precede o prefixo. Ele pode ser um morfema de negação ou um marco de tempo. Deste modo são identificados dois morfemas pré-iniciais de negação em Kizómbò: **ka-** e **se-**. O **ka-** é um negador inicial da frase e o segundo **éko** colocado no fim da frase. Ainda existe um outro morfema pré-radical que é o **se-** que marca o futuro.

---

<sup>2</sup>Leitura das glosas de Mpanzu: **PREFI**=Pré-inicial; **PV**= Prefixo Verbal; **FO**= Formativo; **Lim**= limitativo; **Po**= Prefixo objecto; **Rad**=Radical; **Suf**= Sufixo; **Fi**= Final; **Postfi**= Pós-final.

Vamos conferir os seus exemplos:

11. a. #kà-ì-di-à#kó#  
/kidya kó/ ‘Je ne mangerai pas’  
b. #kà.u-`mù-sósì#  
/kùnsósì/ ‘ne le cherche pas’  
c. #sè-tu-à-`mù-sós-à#  
/sètònsósà/ ‘nous le chercherons’

Os exemplos atestam que estes dois elementos excluem-se mutuamente. Lá onde um aparece, o outro não aparece e vice-versa.

**2. O prefixo verbal (definição)** : Este é um classificador que na conjugação segue se imediatamente ao radical verbal. Este morfema está presente em todas as pessoas gramaticais, excepto na terceira pessoa do singular onde ele é sempre ausente e em todas as classes. Lá onde é atestado, este morfema pode apresentar variações como:

a). *Primeira pessoa do singular*: Ele pode apresentar variantes secundárias do tipo:  $\bar{=}$ n- ~ngì- ~i- .<sup>3</sup>

12. a. # $\bar{=}$ n`+di-li-# :  
/ndìdì/ ‘Eu como’  
b. # $\bar{=}$ n-`+iz-ili#  
/ngízìdì/ ‘Eu vim’

b). *Segunda pessoa do singular*: O prefixo verbal da segunda pessoa do singular tem uma variante zero no imperativo, no presente e no passado próximo afirmativo.

13. a. #ù-di-à#  
/dyà/ ‘come’  
b. # $\bar{=}$ ù-`+di-ili-#  
/dìdì/ ‘tu comeste’  
c. #tù-à-di-ang-a#  
/tùdyàngà/ ‘comamos nós’

c). *Classe 1*: Para o PV da classe 1 /ù/, são registadas duas variantes: /kà-/ et / $\emptyset$ /. A variante /kà-/ aparece nas formas verbais compostas do futuro imediato e do passado recente, bem como no presente habitual, no passado distante, no passado habitual, no imperativo e no subjuntivo presente. Enquanto que a variante zero é usada para o passado próximo e recente.

---

<sup>3</sup>Glosa dos símbolos de Mpanzu:  $\bar{=}$ : limite especial da palavra; ~ : variante secundária; - : limite de morfema.

14. dyákàdyà ‘ele comerá’  
 dyákàdidi ‘ele acaba de comer’  
 kàdyé ‘que coma’

**3. O formativo:** O formativo é um morfema que se coloca entre o prefixo verbal e o radical verbal. O Kizómbò dispõe de dois formativos: -à- e -á-. Esses morfemas são características do passado distante e do futuro distante (-à-) e do passado habitual (-á-).

*Passado distante e futuro distante*

15. a. #tù-à-dì-à#  
 /tùdyá/ ‘nós comemos’  
 b. #sè-tù-à.sós-á#  
 /sètòsòsá/ ‘nós procuraremos amanhã ou depois’

**4. O infixo:** Também denominado *prefixo objecto*, é um morfema classificador que precede o radical verbal. Geralmente, ele é o complemento do verbo.

16. #tù-à-à-`+sós-ili#  
 /tùàsósèlè/ ‘nós procuramos por eles’

**5. O tema:** O tema verbal é um conjunto de morfemas situados entre o infixo (se houver algum) e a final. Ele é constituído de um radical verbal e de um ou mais sufixos da derivação. Nas palavras de Mpanzu, o radical, como morfema isolado, pode constituir-se num tema. A estrutura do tema verbal pode ser:

**Tema** = Radical verbal + sufixo (s)

a). *Radical verbal:* Numa forma verbal o radical tem o papel de pivó. É o fulcro em torno do qual gravitam todos os demais morfemas verbais. O Kizómbò dispõe de dois tipos de radicais: *simples e defectivo*.

a). *Radical simples:*

17. Tipo, +V: -ù- ‘ouvir’  
 Tipo, +V(N)C- : -iz- ‘vir’, -énd- ‘ir’.

Segundo o autor, os dois radicais apresentam variantes secundárias quando estão no imperativo presente (2sg para os dois radicais e 2pl para o -énd-).

18. Tipo, +(N)(C)V: +tá ‘bater, picar, morder’  
 Tipo, +CV : +bú- ‘cair’, +fú- ‘morrer’, +dí- ‘comer’.  
 Tipo, +CV((N)(C)V: +kál- ‘ser’, +tim- ‘cavar’, +mon- ‘ver’

b). *Derivação verbal:*

É designada derivação verbal, a operação que consiste em obter um tema composto a partir de um radical simples ou defectivo ao qual acrescentamos um ou mais

sufixos. Os sufixos de derivação apresentam a seguinte estrutura: -VC- e -V-. Os derivativos são diferenciados em primários e secundários.

**a). Primários:** Designam-se ‘quátuor’ e segundo Coupez (1980) representa o grupo formado por quatro sufixos que se opõem simultaneamente em dois eixos semânticos: transitivo e intransitivo, positivo e reversivo. Os termos positivo e reversivo opõem-se na medida em que o primeiro é o inverso do segundo. O mesmo acontece com o transitivo e o intransitivo.

Quadro 1: *Sufixos primários em Kízómbò*

	Positivo	Reversivo
Intransitivo	-àm-	-úk-
Transitivo	-ìk-	-úl-

Fonte: Mpanzu, 1993-1994

19. -tól-àm-à ‘olhar para o chão’  
 -tél-ìk-à ‘colocar no fogo’  
 -tól-ùk-à ‘quebrar-se’  
 -tél-úl-à ‘tirar do fogo’

**b). Secundários:** Os sufixos secundários são aqueles que podem combinar-se num mesmo tema verbal simples ou defectivo. São eles: aplicativo (-il-), causativo (-is), associativo (an-), passivo (-u). Todos esses derivativos são revistos no capítulo 2 deste trabalho e discutidos em detalhes nos dois últimos capítulos sob o ponto de vista da morfossintaxe e da semântica.

**6. A final:** A revisão sobre Mpanzu permite destacar quatro morfemas assumindo a posição final: -à, -è, -ì, -ili cuja tonalidade varia segundo o tempo e a pessoa.

A final **-à** : É atestada para o infinitivo, presente progressivo e habitual, subjuntivo, passado distante e habitual e futuro imediato e distante.

20. -mónà ‘ver’  
 -yèsósá ‘que eu procure’  
 -tùdyà ‘nós comemos’

A final **-ì** : Como final, este morfema é atestado no imperativo nas 1pl e 2pl nas ordens afirmativa e negativa e na 2sg na forma negativa, no subjuntivo presente negativo.

21. -lùlózì ‘deitai vós’  
 -kùvóvì kó ‘não fala’

A final **-è**: É atestada nos verbos monossilábicos conjugados no imperativo, o que se verifica na 2sg afirmativa e no subjuntivo presente negativo:

22. -lùdyè ‘comai vós’  
-kàtùdyè kò ‘não comemos’

A final **-ili-**: Esta final é atestada para o passado próximo e o passado distante.

23. -tùdídi ‘nós comemos’  
# n-+lóóz-ili #  
/ ndózèlè/ ‘deitei’  
#tù-`+sós-ili-íngì#  
/tùsósèlèngè/ ‘nós procuramos’

Em suma, esta foi a revisão possível do essencial da monografia de Mpanzu e que tem uma maior aproximação com o nosso tema.

Finalmente, Mpanzu esclarece, que por falta de tempo são deixados de fora outros aspectos inerentes ao verbo, limitando-se essencialmente ao comportamento de um verbo tido como modelo, conjugado nos diferentes tempos.

### *c) Afonso TECA (2006). Verbal system in Kizómbò*

Trata-se exactamente da nossa dissertação de mestrado na Arte de Tradução. O trabalho é dividido em quatro capítulos nos quais o essencial do seu conteúdo pode ser resumido no seguinte:

O primeiro capítulo introduz a língua Kizómbò. O segundo, aborda o aspecto fonológico relacionado com o inventário de fonemas, o estatuto da ortografia e o sistema tonal. Nós observamos que o sistema fonológico de Kizómbò reconhece cinco vogais /a e i o u/ sobre as quais é associada a distinção fonémica de duração /aa, ee, ii, oo, uu /perfazendo dez, duas semi-vogais /w y/ e treze consoantes simples /b d f ng k l m n p s t v z/. O sistema tonal compreende dois tons, o Alto e o Baixo que semanticamente desempenham um grande papel no sentido da palavra, no tempo e nos aspectos verbais.

O terceiro capítulo está consagrado à análise morfossintáctica do sistema verbal. Nele discutimos o tempo, o aspecto e o modo ( TAM). A discussão esclareceu que o tempo é marcado entre os prefixos que antecedem o radical, especificamente, entre o IS e IO. O aspecto é visto em diversas nuances, marcado pelos sufixos do passado perfeito /-a, -idi, -ele, -ene-, -ingi, -ili-, etc/, pelos verbos *na* e *kála* “ser” e *kala ye* “ter” e pelos advérbios do tempo. O modo é marcado por muitos morfemas com valor preposicional e por elementos que são produzidos como afixos verbais em diferentes

posições no interior do enunciado para exprimir a atitude do falante. Entendemos o radical, como o morfema básico indivisível e irreduzível que exprime o significado fundamental do verbo.

O quarto dedicado à sintaxe aborda a tipologia verbal em Kizómbò sobre o qual afirmamos que a ordem dos elementos oracionais é sujeito-verbo-objecto (SVO) e sujeito-objecto-verbo (SOV) quando se trata da focalização. Também discutimos a caracterização do radical de um verbo Kizómbò, a classificação dos verbos, os aspectos transitivo, intransitivo do verbo em Kizómbò assim como os auxiliares. Na discussão retivemos que toda a forma verbal em Kizómbò é formada do prefixo e de uma base. A base é formada do radical e de uma vogal final. A estrutura básica do verbo não comporta um outro participante a não ser o sujeito, e.g. /tu-vovele/ *nós falamos*. Os outros participantes são associados pelo verbo. A acção de um verbo transitivo recai sobre o objecto. O sujeito é definido como o único argumento nominal de um enunciado do verbo intransitivo.

A contribuição desta dissertação é significativa, pois é dela que partimos para a elaboração dos capítulos um e dois desta tese, embora com uma notável melhoria na compreensão e descrição dos aspectos fonológicos, morfológicos e da própria forma verbal em Kizómbò. Nesta dissertação não discutimos a derivação verbal.

#### ***d) Mbiavanga FERNANDO (2008, 2013)***

Nos anos 2008 e 2013, o Kizómbò foi enriquecido com mais duas obras em linguística africana de autoria de Mbiavanga Fernando. Trata-se respectivamente de uma dissertação do mestrado e de uma tese doutoral.

Na primeira, a preocupação assenta sobre a análise da forma e da função dos afixos verbais e a ordem em que ocorrem no radical do verbo em Kikongo (Kizómbò). Três questões são colocadas: (1) que forma exhibe cada afixo?, (2) que efeito têm no radical verbal? e (3) que restrições são impostas na ordem dos afixos verbais? Grande parte deste trabalho está dedicada à revisão da literatura bantu, olhando para os primeiros estudos de afixos verbais realizados nas línguas Bantu pelos gramáticos descritivos (Meinhof, Meeussen, Guthrie e Givón). Tendo como enfoque a teoria generativista, o autor busca o entendimento sobre o estado dos estudos de afixos verbais em línguas bantu e explora a forma e a função de seis afixos verbais nomeadamente applicativa, causativa, passiva, recíproca, reflexiva e estativa.

Quadro 2: afixos verbais segundo Fernando

Effects on PAS <sup>4</sup>	Name of affix	Form	Allophonic variation	Nasal condition	Proto-Bantu
Valency increasing	Applicatif	-il-	-el-	-in-, -en-	*id
	Causatif	-is-	-es-		*i
Valency reducing	Passive	-w-	-	-	*u
		-ew-	-	-	
		-iw-	-	-	
	Reciprocal	-an-	-	-	*an
		-azyan-			
	Reflexive	ki-		-	
Stative	-ik-	-ek-		*ik	

O estudo sustenta que a applicativa e a causativa são sufixos verbais que aumentam a valência e, como tal, dão origem a construções de duplo objecto em Kikongo. A passiva, a recíproca, a reflexiva e a estativa rebaixam a valência ou melhor dito, eles reduzem a valência do verbo para um objecto (efeitos). As formas são conhecidas: applicativa -il-, causativa -is-, passiva -w-, recíproca -an-, reflexiva ki- e estativa -am-. Este trabalho aproxima-se do nosso tema e serviu-nos de bússola para melhor direccionarmos o nosso tema explorando assim as suas lacunas. Uma delas tem a ver com ausência da passiva com extensão -am-, da recíproca reflexa, da voz média, das extensões neutras e não explora o aspecto semântico e discursivo das extensões que são novidades do nosso trabalho.

Na sua tese do doutoramento intitulada *The causative and anticausative alternation in Kikongo (Kizombo)*, Fernando (2013) investiga a aplicabilidade e a adequabilidade do método de decomposição sintáctica para explicar a alternância causativa e anticausativa em Kikongo (Kizómbò) sob inspiração do generativismo. Fernando esclarece que a noção de causativa que constitui a preocupação central deste estudo é manifestada em alternantes regulares causativos e anticausativos que exibem, fundamentalmente, alternâncias de argumentos nos respectivos alternantes de cada par, como demonstrado pelo autor em (24) e (25) abaixo:

<sup>4</sup>PAS: Predicate Argument Structure

24. a. *N'tungi wa nzo uwdidi gyaka* (causative)  
 Ø-n'tungi wa nzo uwd-idi Ø-gyaka  
 1-builder of house break-PST 7-wall  
 Builder broke wall. (Intd: the builder broke the wall).
- b. *Gyaka kiuwdidi* (anticausative)  
 Ø-gyaka ki-uwd-ik-idi  
 7-wall 7/AgrS-break-CI-PST<sup>5</sup>  
 Wall broke (Intd: someone/something broke the wall).
25. a. *Mwana wele kuzandu* (causative)  
 mu-ana w-ele ku-Ø-zandu  
 1a-child go-PST 17-5-market  
 Child went to market (Intd: the child went to the market)
- b. *Kuzandu kuwele mwana* (anticausative)  
 ku-Ø-zandu ku-w-ele mu-ana  
 17-5-market 17/AgrS-go-PST 1a-child  
 To market went child (Intd: the market is the place where the child went)

As alternâncias acima exibem tipicamente um uso causativo e anticausativo regular do verbo. A causalidade, nesse sentido, também está associada a variações de classes de verbos aspectuais, especificamente a distinção entre eventos e estados. Fernando conclui, afirmando que a natureza e as propriedades precisas das construções que exibem estas propriedades relacionadas com a causalidade ainda estão em grande parte inexploradas na língua Kikongo (Kizombo) e nas línguas africanas em geral.

Quanto à derivação verbal, o autor diz-nos que os verbos derivados são verbos obtidos pelo processo de adição do sufixo aplicativo, causativo ou qualquer outro ao radical, que pode ser um radical do verbo intransitivo ou um radical do verbo monotransitivo.

26. a. *Luzolo nòkèsè mvùlà*  
 Luzolo nok-es-e Ø-mvula  
 1-PN rain-CAUS-PST 9-rain  
 Luzolo rain caused rain (Intd: Luzolo caused it to rain)
- b. *Nzumba ulambilanga aana madya*  
 Nzumba u-lamb-il-ang-a a-ana ma-dya.  
 1-PN 1/AgrS-cook-APPL-PRS-FV 2-child 6-meal.  
 Nzumba cooks the meal for the children

O verbo *nòkà* ‘chover’ em (26a) é intransitivo, pois, encerra um significado completo. Ele não requer a adição de argumento interno para completar o seu sentido. Mas quando se lhe acrescenta a extensão -is- da causativa no radical, então,

<sup>5</sup> Leitura da glosa de Fernando: **AgrS** = Subject agreement; **CI** = controller of intransitivity; **PST** = Past

torna-se transitivo e desta maneira requer um objecto. Enquanto que, o verbo *lám̀bà* ‘cozer’ em (26b) passou de monotransitivo para bitransitivo graças à sufixação da extensão -il- da applicativa. Deste modo, já requer três argumentos: *Nzumba* (agente), *aana* (beneficiário) e *madya* (tema). Fernando apresenta a estrutura do verbo Kizómbò como se segue:

[INIT –	NEG1 –	SM -	T/A –	OM –	RAD –	EXTS –	FV	NEG2]
di-	-ka-	-twa-	-Ø-		lamb-	-is-il-w-	a	ko

*Dikatwalambisilwa madya ko*  
 Di-ka-tu-a-lamb is-il-w-a madya ko.  
 (That is why we were not cooked the meal)

Nos termos de Fernando, em Kizómbò a negação é marcada pelo *ka-* inicial que precede o radical do verbo e pelo elemento final *ko* que segue a vogal final. Em certos contextos do discurso oral, *-ko* pode ser omitido sem tornar a sentença agramatical (cf. 2.2.1., pp. 58-61 infra). Além disso, *di-* é parte da estrutura complexa do verbo colocado na posição inicial. Outras posições desta estrutura são comentadas na visão bantuísta buscando as particularidades de Kizómbò.

## 1.2. Situação geográfica e etnolinguística

A República de Angola (1.246.700 Km<sup>2</sup>) situa-se na África Austral, concretamente na zona de transição entre a África Central francófona e a África Austral anglófona. No entanto, o país é limitado ao norte e ao nordeste pela República do Congo e pela República Democrática do Congo, a Este pela República da Zâmbia, ao Sul pela República da Namíbia e ao Oeste pelo Oceano Atlântico. A sua população é estimada em 25.789.024 milhões de habitantes (INE, Março 2016) e esta é dividida em 9 principais grupos humanos Bantu e um grupo étnico não Bantu. Os locutores das línguas Bantu são: Bakongo, Ambundu, Tucokwe, Ovimbundu, Vangangela, Ovahelero, Ovanyaneka, Ovakwanyama e Ovandongu. Okhoisan é o único grupo não Bantu existente no país na zona fronteiriça com a República da Namíbia. Em termos jurídicos, a actual constituição da República de Angola, aprovada em 2010 pela Assembleia Nacional, estabelece no seu artigo 19º (línguas), ponto 1, que *a língua oficial<sup>6</sup> da*

<sup>6</sup>Segundo a UNESCO, a **língua oficial** é aquela adoptada por um país, um estado soberano ou território e inscrita na lei através da constituição, que deve ser utilizada no quadro de diversas actividades oficiais tais como legislativa, executiva e judiciária. Em outras palavras, aquela que deve ser utilizada para o direito interno (constituição, leis ordinárias, actos políticos, sentenças judiciais, actos administrativos, discursos oficiais, etc) e para o direito externo (tratados e convenções internacionais). Normalmente sua escolha depende das razões políticas.

*República de Angola é o Português.* O Português é a única língua utilizada no quadro de diversas actividades oficiais tanto do direito interno, como constituição, leis ordinárias, actos políticos, discursos oficiais, administração pública, justiça, comércio, educação, média e do direito externo, como tratados e convenções internacionais. O ponto 2 do mesmo artigo diz que *o estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.* É assim que em 2011 foi aprovada a *Lei do Estatuto das Línguas Nacionais*<sup>7</sup> de origem Africana com vista a regularizar a situação linguística de Angola em contextos administrativos, educacionais e mediáticos. Dentre as línguas consideradas nacionais estão: *Cokwe, Kikongo, Kimbundu, Ngangela, Olunyaneka e Umbundu.* Porém, esta mesma preocupação do estado em preservar as línguas nacionais figura igualmente no Estatuto Orgânico do Ministério da Cultura de Angola, no seu artigo 2, alínea b, que dentre outras atribuições *deve desenvolver a acção de direcção e coordenação nas áreas do património cultural da criação artística e literária da acção cultural da investigação científica no domínio da história das línguas nacionais e da cultura.* Não obstante isso, o Português continua a ser a única língua oficial do país do ponto de vista da sua utilização e as outras línguas granjearam o estatuto de línguas nacionais, coexistindo com a língua portuguesa como veículos de comunicação e expressão, teoricamente em pé de igualdade.

Para a valorização e promoção das línguas nacionais foi criado, em 1977, o Instituto das Línguas Nacionais (ILN) que, dentre outras tarefas, desenvolve estudos nas áreas da fonética, fonologia e morfologia destas mesmas línguas que actualmente ainda apresentam um déficite na definição da sua escrita. Em 2001 foi instalada uma emissora radiofónica designada *NgolaYetu* ‘Nossa Angola’ para difundir exclusivamente os

---

<sup>7</sup>A **língua nacional** é a língua falada num determinado território que, por reflectir uma determinada herança étnico-cultural, representa um elemento caracterizador de uma consciência nacional e, nos casos mais evoluídos, é também suporte de uma expressão literária autónoma. Há línguas nacionais que coincidem com as línguas oficiais, e esse é o caso do Português em Portugal. Mas há casos em que tal não acontece, uma vez que existem comunidades infraestaduais que também falam, ou só falam, outra língua, diferente da oficial. Esse é o caso de Angola em que, o conceito “línguas nacionais” refere-se especificamente a “todas línguas usadas historicamente e secularmente pelos povos habitando o território nacional, independentemente do número de falantes, e que integram as *comunidades linguísticas angolanas...*” (Art. 7º do Projecto de Lei sobre o estatuto das LN).

programas em línguas nacionais das 5 às 21 horas. Também, na Televisão Pública de Angola – TPA, é reservado um espaço considerável para a difusão dos programas em línguas nacionais. A distribuição geográfica destas línguas Bantu e do grupo Koisán pode ser visualizada através do quadro e do mapa abaixo:

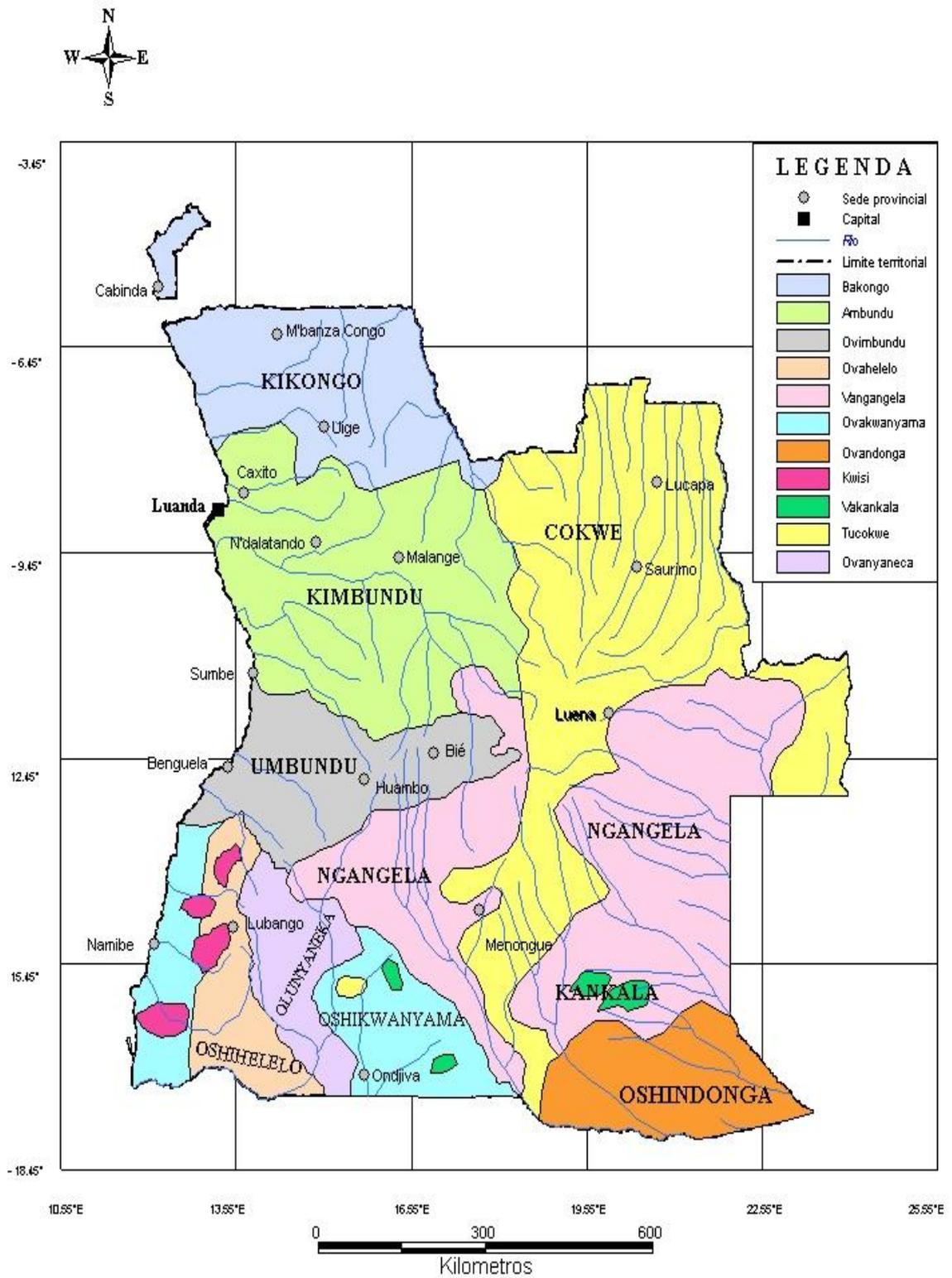
*Quadro3: Distribuição geográfica das línguas Bantu e o grupo Koisán em Angola*

<b>Zona</b>	<b>Línguas</b>	<b>Nome do grupo que fala a língua</b>	<b>Número aprox. de falantes</b>	<b>Localização geográfica</b>
<b>H</b>	Kikongo (H.10)	Bakongo	±1.680.000	Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo
	Kimbundu (H.20)	Ambundu	±3.280.000	Malange, Bengo, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul
<b>K</b>	Cokwe (K.11)	Tucokwe	±573.000	Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico, Kwando-kubango.
	Ngangela (K.12b) <sup>8</sup>	Vangangela	±183.000	Moxico, Cuando-Kubango, Bié, Huíla
<b>R</b>	Umbundu (R.11)	Ovimbundu	±4.970.000	Benguela, Huambo, Bié
	Olunyaneka (R.13)	Ovanyaneka-Nkhumbi	±473.000	Huíla, Kunene
	Oshihelelo (R.31)	Ovahelelo	±120.000	Namibe, (Huíla)
	Oshikwanyama (R.21)	Ovakwanyama	±450.000	Cunene, (Huíla)
	Oshindonga (R.22)	Ovandonga	Falta	Cunene, (Huíla)

*Quadro original de Ndonga (2008:12), ampliada por nós com base em Guthrie (1948), Nurse e Philippon (2003:647-649), Ndonga Mfuwa (1995:14-15).*

<sup>8</sup>Ngangela é o nome dado a um conjunto dialectal que inclui o Lwena, o Luvale, o mbunda, o ambwela, o ambwela-mambumba, o kangala, o yahuma, o Luyo, o nkoya, o kamashi em Moxico. O Lucazi, o nganguela, o ndungo, o nyengo, o nyemba, o aviko, na província do Kwando-Kubango. O lwimbe, o nganguela, o ambwela, o engonjeiro, o ngonielo e o mande, na província do Bié. O lwimbe, na província de Malange. O nganguela e o nyemba, na província da Huíla.etc.

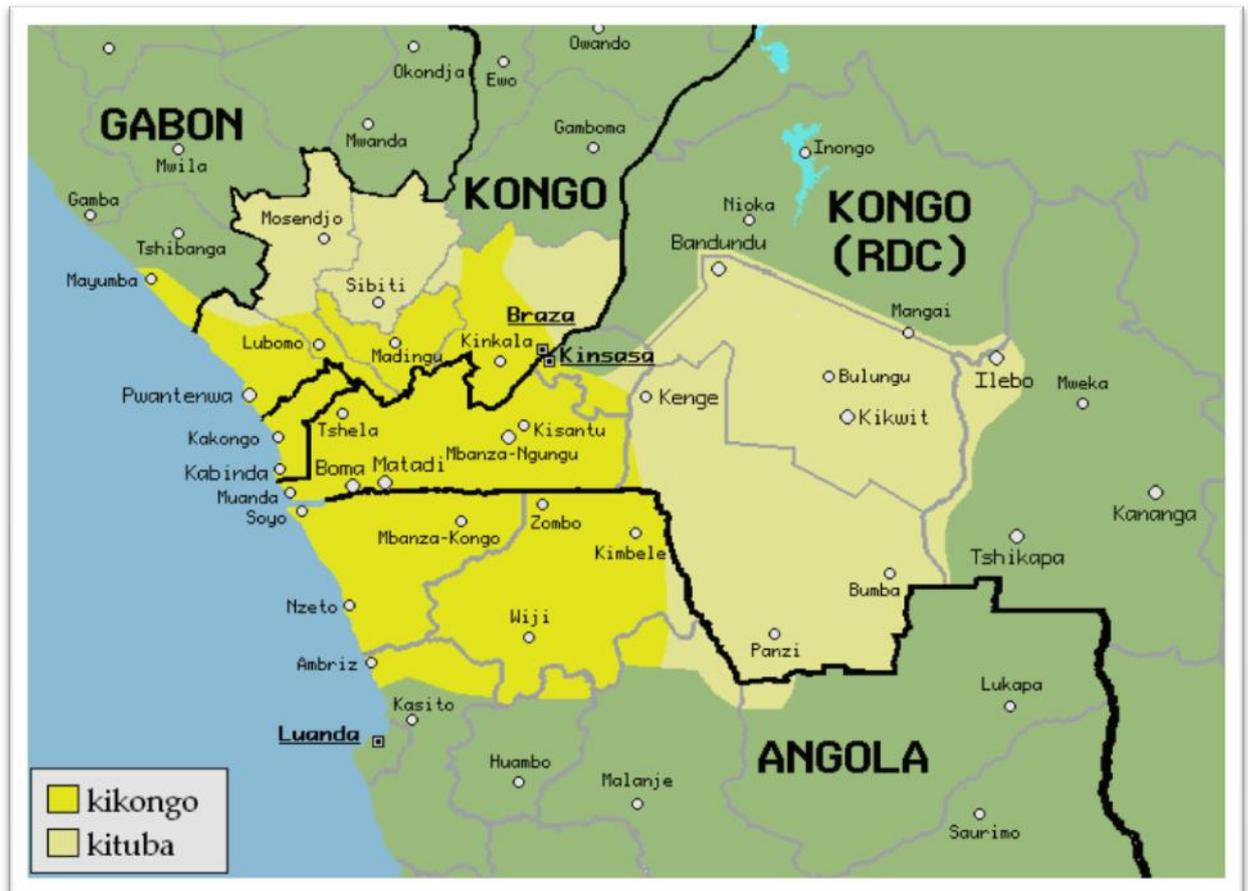
Mapa 1. Distribuição geográfica das línguas Bantu e do grupo Koisán em Angola



Fonte: Mapa adaptado de Ndonga Mfuwa - UAN, 2008.

Dentre todas essas línguas presentes no território angolano, interessa-nos o Kikongo, pois é no interior do mesmo que encontramos a variante Kizómbò. No entanto, para que possamos ter uma imagem completa do Kizómbò, importa-nos fazer uma breve resenha sobre a língua Kikongo. O Kikongo é uma língua internacional falada em quatro países africanos da zona Austral e Central da África, nomeadamente a República de Angola, a República do Congo, a República Democrática do Congo e a República do Gabão. O mapa abaixo atesta exactamente isso.

*Mapa 2: Kikongo nos quatro países (Angola, República do Congo, RDC e Gabão)*



*Fonte: Mapa adaptado de Nsukka, 11 Julho 2009 - BUTEMBO 21, mutu ya chuma*

Há cerca de 2,2 milhões de Akongo em Angola (14%), 1,1 milhões na República Democrática do Congo e 600.000 na República do Congo onde eles são o maior grupo étnico, distintamente de Angola onde ocupam o terceiro lugar (Viana 2014). Geograficamente, os locutores de Kikongo em Angola estão localizados no Norte, entre o Oceano Atlântico e o rio Kwango, que compreende as províncias de Cabinda, Zaire, Uige, Bengo e Kwanza Norte.

Kikongo pertence a um amplo ramo da família das línguas Bantu (Niger-Congo), classificado na zona H, grupo 10 com cerca de 500 línguas (Guthrie 1948, 1967/71, Nurse & Philippson (eds.) 2003:246-247). No entanto, pesquisas realizadas pelos linguístas neste território, particularmente por Guthrie (1948 e retomadas por Bryan <sup>9</sup> (1959) que se apoia sobre outras fontes tais como Doke (1945), Van Bulck (1949), Hulstaert (1950,) e Atkins (1954), bem como as revisões recentes feitas sobre Guthrie por Maho (2009), revelam que o Kikongo conheceu outros desenvolvimentos que deram origem a dialectos que a seguir mencionamos:

### 1. Província de Cabinda

*a. Kivili (H.12):* É falado nos meados do Congo na costadas regiões partilhadas entre o Gabão, Congo e Cabinda (Guthrie 1948:50 = H.11; Bryan 1959:57; MG3 H.12 notas actualizadas 1971 na revisão de MG1 1948 e MG2 1953)<sup>10</sup>.

*b. Kakongo (H.16a):* É falado no litoral e norte da foz do rio Kongo, em Kakongo e Mbuku-Zau (Guthrie 1948:50,78 = H.16h; Bryan 1959:57). Classificação de MG3.

*c. Mboka (H.15):* É falado em Cabinda (Guthrie 1948:50,79; Bryan 1959:57)

*d. Fyote (H.16c):* Falado na costa ao noroeste da província - cidade de Cabinda (Guthrie 1948:50,79 = H.16a E.Kongo; Bryan 1959:57). Classificação de MG3.

*e. Ndingi (H.14):* É falado na parte noroeste do Mayombe (Guthrie 1948:50,79; Bryan 1959:57).

*f. Kiwoyo (H.16d):* Também conhecido por Ngoyo (VBRL 28), é o dialecto falado em Cabinda (Bryan 1959:57)

*g. Kiyombe (H.16b):* Falado na margem direita do rio Kongo/ Mbuku-Zau e Belize na região de Mayombe (Guthrie 1948:50, 79; Bryan 1959:57, VBRL nº 29).

*h. Kilari (H.16f):* É falado em Biiza e Kinkala, região de Lulari (Bryan 1959:57, VBRL 47).

---

<sup>9</sup>As fontes de Bryan são indicadas da seguinte forma: MG1, MG2 e MG3 (M.Guthrie.1948, 1953 e notas actualizadas 1971-1981), DB (Doke, Bantu. 1945), VBRL (Van Bulck: Les Recherches linguistiques au Congo Belge, 1948), GA (Guy Atkins. 1955) H50,H51,H54 (Hulstaert. 1950, 1951, 1954)

<sup>10</sup>Significado das siglas: **MG1**: Guthrie. 1948. The classification of the Bantu languages, **MG2**: Guthrie.1953. The Bantu languages of Western Equatorial Africa e **MG3**: Revisão da lista de MG1 e MG2 1971-1981. Bryan compila a lista de línguas Bantu, usando a lista de VBRL comparando-a com MG3 e outros autores. Nós utilizamos as duas principais listas de Guthrie e por meio de Bryan o MG3 para obtermos a devida classificação que aqui apresentamos já que as outras listas não trazem nenhuma classificação.

*i. Cilinji(Ki-) (H.36):* Falado em Belize, comuna de Mikonji (Guthrie 1948:51, 79; Bryan 1959:57, VBRL n° 47).

## **2. Província do Zaire**

*a. Kisikongo (H.16h):* É falado em Mbanza Kongo pelos Besi-kongo, Kwimba e ao Leste do Bembe (Guthrie 1948:50,79 = H.16g S.Kongo, Bentley 1887; Laman 1936; Bryan 1959:56 ;VBRL n° 14, Ndonga (1995). Esta classificação é de MG3.

*b. Kisolongo (H.16g):* É falado ao longo da costa no estuário do rio Nzadi, principalmente nos municípios do Nzeto, Soyo, Tomboko, Ambriz, e Bela Vista (Guthrie 1948:50,79 = H. 16g S.Kongo; Bryan 1959:59; VBRL n° 8).

## **3. Província do Uíge**

*a. Kizómbò (H.16k):* É falado na sede do município de Makela do Zòmbò e arredores que compreendem principalmente os sectores de Nzadi, Ntaya, Kimbata na fronteira norte de Angola, com uma certa extensão ao Sul da República Democrática do Congo, região de Kimpangu (Carter, 1973:1)e a comuna de Kibokolo indo para o sul quase até Bembe (Guthrie 1948:50,79 = H.16h; Bryan 1959: 56, 59).Esta classificação é de MG3.

*b. Kimbata (H.16k):* Os Bambata são vistos por Van Bulck (1949:189) como sendo um gupo dialectal completo que fala o *Kimbata* embora partilha o mesmo espaço territorial com os Bazómbò.

*c. Kiyaka (H.31):* É falado nos municípios de Kimbele e Milunga e na comuna de Sakandika pertencente ao município de Makela do Zòmbò (Guthrie 1948:50,79; Bryan 1959:58-58;Van Bulck 1949:187 n° 52). A classificação é de MG3.

*d. Kitsoso (H.33):* É falado na comuna de Tsoso, município de Damba e à volta do Puri (Van Bulck 1949:187 n°18; Bryan 1959:62).

*e. Kisuku (H.32):* É falado na comuna de Wamba na margem Este do rio Kwango e na margem Ocidental do rio Wamba (Van Bulck 1949:187 e Bryan 1959:61).

*f. Puna:* É falado na comuna de Wamba embora registado pelo Bryan (1959:62) no Sudeste Kongo. Na mesma fonte é designado Puna de Uamba.

*g. Kipombo (VBRL.55):* É falado pelos Bapombo cujo habitats principais são as localidades de Sanza Pombo e Kwilu-Pombo situados no planalto de Loge, Inkisi e Kwilu. É um dialecto intimamente ligado ao Kihungu.

*h. Mbaamba (VBRL.11):* É falado no município de Sanza Pombo.

i. *Kinkanu (VBRL.19)*: Dialecto de Bankanu falado na missão de Kimvula (RDC) estendendo-se até Béu e Cuilo-Futa, comunas do município de Makela do Zòðmbò (Van Bulck 1949:190, Bryan, 1959:59).

j. *Kihungu/Hungu (H.33)*: É falado no região entre as secções ocidental e oriental de Mbundu, na zona delimitada ao norte pelo rio Lulova no Negage, no Sul por uma linha através do Ndembo Kibaxe(Koxe), Nambuanguo(Zala), Bula Atumba(Kyaji), Caculo Cabaça na província do Bengo e a Este do rio Kwango no Púri, Alto Cauale assim como em Kamabatela e Samba Cajú na província do Kwanza Norte. (Bryan, 1959:58, 61).

#### **4. Província do Bengo**

a. *Bunda*. É falado na comuna de Kimbumbe (Bryan 1959:62)

b. *Lumbu*: É falado em Nambwangongo. (Bryan 1959:62).

c. *Lwangu(Kisi) (VBRL. 23)*: É falado na área do rio Lwango na comuna do Pango Aluquêem no município dos Dembos. São descendentes do antigo reino Lwango de Cabinda, pelo que encontramos entre o Fyote em Cabinda, os falantes do Lwango.

c. *Yembe*: As fontes indicam que este dialecto é falada entre Ambriz e o rio Onzo (Bryan 1959:62).

d. *Hungu(Ki)(H.33)*: É falado no Ndembo Kibaxe(Koxe), Nambuanguo(Zala), Bula Atumba(Kyaji), Caculo Cabaça (cf. n° i acima entre os dialectos de Kikongo no Uige).

Como já nos referimos, neste estudo estamos a discutir o dialecto Kizómbò (H.16k) falado em Makela do Zòðmbò no Norte de Angola junto à fronteira com RDC.

#### **1.3. O Kizómbò**

Os locutores de Kizómbò localizam-se na província do Uige, Norte de Angola, precisamente no Município de Makela do Zòðmbò (9.580 km<sup>2</sup>) e numa parte do Município da Damba(8.330 Km<sup>2</sup>).O centro mais importante dos Azómbò é aquele que leva o mesmo nome, ou seja, Makela do Zòðmbòque se estende até ao Sul da RDC região de Kimpangu (Carter 1973).

Os resultados do censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) em 2014 indicam que a população da província do Uíge é estimada em 1.483.118 habitantes, sendo 698.958 do sexo masculino e 727.398 do sexo feminino. O quadro abaixo espelha claramente que o município do Uíge é o mais populoso, concentrando 35% da

população da província. Em segundo lugar, seguem-se os municípios do Negage com 10%, Quimbele e Makela do Zombo, ambos com 9%. Estes 4 municípios concentram cerca de 61% do total da população residente na província. Os municípios de Ambuíla, Bembe e Quitexe registam o menor número de residentes com 1% e 2%, respectivamente. Portanto, estes dados podem ser observados no quadro abaixo que indica a população por município e área de residência.

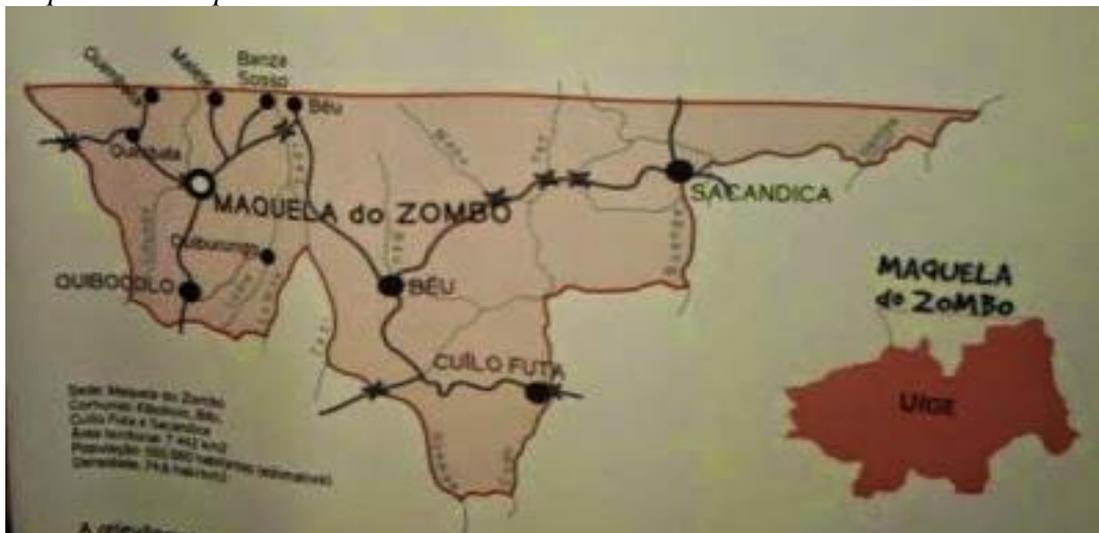
*Quadro 4: Distribuição da população do Uíge por município*

<b>Município</b>	<b>População</b>	<b>Percentagem</b>
Ambwila	16.654	1,2
Bembe	32.139	2,3
Bungo	39.030	2,7
Bwengas	58.353	4,1
Damba	63.580	4,5
Dange-Kitexe	32.818	2,3
Kangola	52.004	3,6
Kimbele	129.396	9,1
<b>Makela do Zombo</b>	<b>122.320</b>	<b>8,6</b>
Milunga	48.158	3,4
Mukaba	41.008	2,9
Negage	135.489	9,5
Púri	35.492	2,5
Sanza Pombo	64.022	4,5
Songo	62.362	4,4
Wige	493.529	34,6
Total Global	1.426.354	100%

*Fonte: INE-RGPH 2014- Resultados definitivos do censo 2014*

Os naturais do município de Makela do Zòmbò e os seus descendentes na diáspora identificam-se como *Azómbò* no plural e *nzómbò ou musi-zóómbò* no singular. No quadro do nosso estudo nós nos cingimos aos *Azómbò* situados no território administrativamente designado em Angola, Município de Makela do Zòmbò, para onde nos deslocamos para efectuarmos as nossas pesquisas. Abaixo apresentamos o mapa da referida localidade.

Mapa 3: Município de Makela do Zòmbò



Fonte: Mapa adaptado da Administração do Zòmbò

Como se pode observar no mapa acima, administrativamente o Município de Makela do Zòmbò é dividido em 5 comunas: BÉU, Kwilu-Futa, Makela, Kibokolo e Sakandika.

### 1.3.1. Características estruturais

Esta secção organiza-se em três subsecções: fonologia, morfologia e sintaxe. As discussões destas subsecções serão breves visto que já existem trabalhos que tratam especificamente destas categorias em alguns dialectos de Kikongo. Neste trabalho descreveremos alguns traços maiores relacionados com o inventário das vogais e consoantes, o estabelecimento da sílaba, os tons, o nome, o aumento, as classes nominais, o género, o conectivo, alguns pronomes e a tipologia.

### 1.3.. Considerações fonológicas

Pesquisas já feitas sobre alguns dialectos de Kikongo, Laman (1936), Lumwamu (1973), Ndonga (1995) e Makokila (2014-2015), indicam que o sistema fonológico do Kizómbò não difere muito daqueles dos outros dialectos, se observarmos atentamente os trabalhos dos nossos predecessores, Carter (1973) e Mpanzu (1993-1994) que consagraram tempo no estudo da fonologia do Kizómbò. As suas particularidades apresentam-se essencialmente ao nível fonético e tonal. Eis os traços mais salientes:

### 1.3.1.1.1. As vogais

O sistema vocálico de Kizómbò dispõe de dez vogais que podemos observar no quadro seguinte:

*Quadro 5: Vogais de Kizómbò*

Ponto de articulação/ Degrau de abertura	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Não-arredondas		Não-arredonda		Arredondas	
	Curtas	Longas	Curta	Longa	Curtas	Longas
Abertura mínima	i	ii			u	uu
Segunda abertura	e	ee			o	oo
Terceira abertura			a	aa		

A oposição breve/longa é atestada na posição mediana: *bákà* ‘apanhar’/ *bààkà* ‘rasgar’, *sísà* ‘ameaçar’ / *sìisa* ‘deixar’, *kókà* ‘arrastar’/ *kòòkà* ‘reunir’.

### 1.3.1.1.2. As consoantes

O inventário do sistema consonântico ditou-nos o seguinte quadro:

*Quadro 6: Consoantes de Kizómbò*

		Labiais	Labio-Dentais	Dentais Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	surdas sonoras aspiradas	p b p <sup>h</sup>		t d t <sup>h</sup>		k  k <sup>h</sup>
Nasais	sonoras	m		n	ny	
Fricativas	surdas sonoras		f v	s z		
Laterais	surdas			l		
Africadas	surdas surdas			ts dz		
Pré-nasais	surdas sonoras	mp mb	mf mv	nt nd	ns nz	nk ng
Semi-vogais	sonoras	w			y	

O sistema consonântico conta com 29 consoantes, sendo caracterizado por uma série plena de oclusivas surdas /p t k/, sonoras /b d/ e seus pré-nasalizados /mp mb mf mv nt nd ns nz nk ng/. A ausência da consoante sonora velar oral /g/ é notória.

O complexo nasal NC é monofónico em Kizómbò, pois, ele ocorre de um único movimento articulatorio e não de uma sucessão de articulações. Este facto implica um critério suplementar na definição de consoantes, além do modo de produção, do ponto de articulação e de actividades das cordas vocais: trata-se do critério da pré-nasalidade. Este fenómeno tem como consequência a multiplicidade de fonemas consonantais cuja especificação da sua função ocorre com a ajuda de oposições mínimas. A título de ilustração, o fonema / b / dever ser contrastado com os outros labiais simples /p / / v / /f/ e com os seus homólogos pré-nasalizados labiais aos quais se deve adicionar a labial /mb/, procedendo-se assim com as demais consoantes simples para a obtenção de mais dígrafos pré-nasalizados como:

27.	a). mb	<i>mbwà</i>	‘cão’
	b). mp	<i>mp<sup>h</sup>úkù</i>	‘rato’
	c). mv	<i>mvúlà</i>	‘chuva’
	d). mf	<i>mfíndà</i>	‘mata’
	e). nd	<i>ndyà</i>	‘intestino’
	f). nt	<i>ntú</i>	‘cabeça’
	g). nz	<i>nzá</i>	‘mundo’
	h). ns	<i>nsándà</i>	‘mulembeira’
	j). ng	<i>ngúbà</i>	‘amedoim’
	k). nk	<i>nkéntò</i>	‘mulher’

### 1.3.1.1.3. A sílaba

A estrutura silábica de Kizómbò é do tipo CV com a predominância de bases dissilábicas verbais e nominais. Portanto, neste meio notamos a existência de uma nasal silábica /n/, de realização homorgânica com a consoante seguinte, tanto na posição inicial como na posição mediana: *ntí*: ‘árvore’, *tùmmwènè*: ‘nós vimo-lo’. O encontro de fonemas resulta em fenómenos de assimilação: a+e=ee (*má+évwà* → *mèévwà* ‘lobos’); a+o = oo (*mà+ókò* → *mòókò* ‘braços’); a+u = uu (*và+úmà* → *vùúmà* ‘lugares’); a+i = ee (*mà+ísò* → *mèésò* ‘olhos’) (Ndonga 2011: 168-169). A estrutura silábica do Kizómbò pode ser assim visualizada:

28.	CV:	<i>/sé/</i>	‘pai’
		<i>/wá/</i>	‘ouvir’
	CVCV:	<i>/vâ-tâ/</i>	‘aldeia’
		<i>/vó-và/</i>	‘falar’
	CVCVCV:	<i>/lù-bá-mbà/</i>	‘junco’

#### 1.3.1.1.4. Os tons

Kikongo é uma língua tonal. Ndonga (2011:169) esclarece que o sistema tonal de Kikongo comporta dois tons pontuais: o tom alto e o tom baixo: *vé* ‘sobrancelha’ / *vè* ‘asa’ ; *fúlù* ‘lugar’/ *fùlù* ‘pulmão’. No entanto, sendo uma variante de Kikongo, o Kizómbò dispõe de igual número de tons já estudados por Carter (1973) e Mpanzu (1993-1994:43-74). Convencionalmente anotamos o tom alto com o acento agudo (´) e o tom baixo com o acento grave (`).

A tonologia nominal para o radical dissilábico tem a seguinte estrutura: AA, AB, BA, BB. Ela pode ser contrastada colocando em oposição o tom alto contra o tom baixo na visualização dos seguintes pares mínimos:

29. AB/BA: *sákú* / *sàkù* ‘secador’ / ‘lugar da caça’  
AB/BB: *zówà* / *zòwà* ‘misturar’ / ‘idiota’  
BB/AA: *tútú* / *tùtù* ‘rato de casa’ / ‘flauta’

#### *Funções principais dos tons:*

##### *1. Os tons têm uma função contrastiva*

A modulação tonal é significante em termos de sentido da palavra. É assim que em Kizómbò o sentido de um termo é determinado pelo tipo do tom empregue.

30. /*yàngà*/ ‘lago’  
/ *yángà*/ ‘secar algo ao fogo ou ao sol’

##### *2. Os tons têm uma função gramatical*

Neste caso o tom sofre uma inflexão que rege a mudança da significação gramatical da palavra.

31. /*àvòvàngà*/ ‘eles diziam’(passado durativo)  
/ *ávóvàngà*/ ‘ele dizem’ (presente durativo)

#### 1.3.1.2. Considerações morfológicas

O Kikongo em geral é uma língua com uma rica morfologia. Para esta parte, nós vamos discutir de forma breve o nome e as suas classes, o aumento, o conectivo e alguns pronomes, pelo facto de serem úteis para os capítulos posteriores.

##### 1.3.1.2.1. O nome

O nome é a palavra com que designamos os seres em geral. Em Kizómbò, os nomes são repartidos entre 18 classes fazendo uma abstração do sexo masculino ou feminino. Entretanto, os ainda chamados substantivos são formados de um radical

invariável tanto no singular como no plural. A sua estrutura pode ser assim visualizada:

### PN + BN

#### a) O prefixo nominal (PN)

O reconhecimento da classe de um dado nome ocorre por meio de um prefixo variável quanto ao número, singular e plural, que precede o radical deste mesmo nome designado *prefixo nominal*. Isto pode ser observado nos exemplos das classes 1 e 2 indicados abaixo.

32. No singular: *mùntu* ‘ser humano, pessoa’  
Prefixo: mu-  
Radical: ntu  
No plural: *antu* ‘seres humanos, pessoas’  
Prefixo: a-  
Radical: ntu

#### b) A base nominal (BN)

Por base nominal entendemos a parte da palavra que tem o significado. A sua estrutura é: **Lexema + Derivativo**.

33. a. *nlong-i* ‘professor’  
b. *sád-i* ‘trabalhador’

A base nominal pode ser simples e complexa.

1. Simples: É aquela constituída por um só lexema nominal. e.g. Nzò ‘casa’
2. Complexa: É de dois tipos: derivada e composta

#### a) *Derivada*

A sua estrutura é **Lexema + Derivativo**. A derivação nominal é realizada de seis maneiras:

##### 1. *Transferência do gênero*

Segundo Ndonga(1995:180), a derivação pelo procedimento de ‘transferência de gênero’ é realizada pela substituição do prefixonominal de um dado gênero por outro do gênero diferente. Com poucas exceções, ela ocorre mais na classe 7: /.ki-/ compreendendo nomes abstractos, nomes indicando uma dignidade, um defeito ou uma qualidade.

- |  |  |
|--|--|
| 34. a. <i>a-zómbò</i> ‘povo zòmbò’ (I) | <i>kì-zómbò</i> ‘língua’ (IV)                        |
| b. <i>nkentò</i> ‘mulher’ (I)          | <i>ki-kéntò</i> ‘feminidade’ (IV))                   |
| c. <i>φ-támbì</i> ‘planta do pé’(IV)   | <i>lù-tàmbì</i> ‘pisadura’(VII)                      |
| d. <i>mfùmù</i> ‘chefe’(I)             | <i>kì-mfùmù</i> ‘dignidade do chefe’ (IV)            |
| e. <i>Nzambì</i> ‘Deus’ (V)            | <i>kì-Nzambì</i> ‘divindade’ (IV)                    |
| f. <i>mp<sup>h</sup>álà</i> ‘rival’(V) | <i>kì-mp<sup>h</sup>álà</i> ‘ciúme, rivalidade’ (IV) |

## 2. Prefixação

Por esse mecanismo podemos obter substantivos que exprimem o abstracto e o diminutivo:

35. a. *lëndò* ‘poder’      *lù-lëndò* ‘orgulho’  
b. *zówà* ‘idiota’      *kì-zówà* ‘idiotice’  
c. *mbúta* ‘velho’      *ki-mbútà* ‘velhice’

## 3. Pré-prefixação / Pré-inicial

Este procedimento que ocorre com frequência com o prefixo da classe 7, permite-nos obter os substantivos por meio de prefixação de um segundo prefixo a um nome que já traz o prefixo da classe.

36. a. *mù-ntù* ‘pessoa’      *ki-mu-ntù* ‘carácter humano’.  
b. *m-vwàmá* ‘rico’      *ki-m-vwàmà* ‘riqueza’  
c. *mû-ndèlè* ‘branco’      *kì-mù-ndèlé* ‘maneira de brancos’

## 4. Reduplicação do nome inteiro:

Este procedimento diz respeito ao nome inteiro, viz. a base com o seu prefixo ou um novo prefixo

37. a. *básà* ‘esteira’      *básà-básà* ‘doença’  
b. *fùlù* ‘pulmão’      *fùlù-fùlù* ‘espuma’  
c. *mbùlù* ‘armadilha’      *mbùlù-mbùlù* ‘espécie de insecto’  
d. *nlóndò* ‘ponte natural’      *nlóndò-nlóndò* ‘espécie de planta’

## 5. Pré-prefixação + reduplicação

- a. *n-zílà* ‘caminho’      *lú-n-zílà-n-zílà* ‘espécie de planta’  
b. *n-dálà* ‘ramo de palmeira’      *lú-n-dálà-n-dálà* ‘andorinha’

## 6. Nominalização:

Transformação de uma forma verbal a um nome com a ajuda de uma vogal na posição final

38. -è > nomes agentivos: *di-à* «comer» → *n-di-é* ‘comedor’. (cl.1)  
-i > nomes resultativos ou agentivos: *lóngà* ‘ensinar’ → *nlòngì* ‘professor’. (cl.1)  
-à > nomes agentivos ou resultativos: *zól-à* ‘amar’ → *n-zól-à* ‘amor’. (cl.9)  
-ù > nomes resultativos: *kin-à* ‘dançar’ → *mà-kín-ù* ‘dança’. (cl.6).

## b. Composta:

Existem dois tipos de composição nominal:

### 1. Composição de sequência mediata

A composição de sequência mediata é realizada por meio de um prefixo de acordo/conectivo posicionado entre dois nominais. A fórmula desta composição pode ser estabelecida como se segue: **determinado** + **conectivo** + **determinante**.

39. *kì-mvùmìnà kyá nkómbò.* (Ndonga 2011:170)  
7-leite materno 7-de 9cabra  
'Espécie de plantas'

## 2. *Composição de sequência imediata*

A sequência imediata ocorre numa ordem de dois nominais em que um vem depois do outro, sem que para isso sejam ligados por qualquer conectivo ou uma outra partícula com função idêntica. A sua fórmula pode ser concebida de seguinte maneira:

### *Determinado + determinante.*

40. *m-bùlù ñ-tòtò.*  
9-chacal 3-terra  
'Espécie de cogumelo'

Antes de prosseguirmos com a discussão sobre o sistema das classes nominais, porém, importa fazermos uma referência a um elemento não menos imprescindível para este sistema em Kizómbò. Trata-se do **aumento** que de seguida iremos tratar de forma resumida.

### 1.3.1.2.2.O aumento

Do Latim *augmentum* 'aumento, crescimento', é a forma nominal do verbo latim *augmentare* 'aumentar'. Na linguística Bantu, o aumento é uma vogal ou uma sílaba que precede o prefixo nominal, também chamado **pré-prefixo** e que está relacionado com a determinação e referencialidade ou focalização. A ausência do pré-prefixo, frequentemente dá origem a uma leitura indefinida. No entanto, a presença do aumento indica a definição ou especificidade, o efeito interpretativo e a referencialidade que tem a ver com a focalização. Em termos de tipologia, são reconhecidos dois: v+ e CV+. A forma mais comum do aumento é v+ reduzida a uma vogal (De Blois 1970:93 et seq.).

Em Kizómbò, o aumento é um morfema do tipo vocálico que precede o prefixo nominal em todas as classes. Em termos de tonalidade, o aumento é uma vogal com tom baixo. Ele é um elemento exterior com uma forma estrutural v+ idêntica com v, viz. **e-**, **a-**, **o-**, e.g. éngo 'a casa'. Além de nomes, o aumento ocorre igualmente em pronomes demonstrativos e.g. *èkỳàkì kìnzò* "esta panela". Este elemento não ocorre nas construções predicativas e nos adjectivos. No entanto, o substantivo canónico em Kizómbò é uma forma nominal composta de um aumento (AUM), de um prefixo nominal (PN) e de um radical (RAD).

41. *è-mù-tù* 'tu, ó homem'  
*è-mw-ànà* 'o filho'  
*è-mà-dyà* 'a comida'  
*è-lù-yàlù* 'o governo'

Recordamos que em Kìzómbò o aumento apresenta uma dupla dificuldade de distinguir a sua ausência e a sua variante zero. Ele aparece sob sua variante zero antes de um substantivo indeterminado:

42. a. *mwànà lèlè* 'um filho dormiu'.  
 b. *èmwànà lèlè* 'o filho dormiu'.  
 43. a. *màdyà mèvidì* 'uma comida está pronta'.  
 b. *èmàdyà mèvidì* 'a comida está pronta'  
 44. a. *èmùntù* 'tu, ó homem'.  
 b. *èngèyè mùntù* 'tu, você mesmo homem'.  
 45. a. *búlù kivídìdì* 'está perdido um animal' (indefinido).  
 b. *èbúlù kivídìdì* 'o animal perdeu' (definido)

Em suma, o aumento serve para a marcação das unidades discursivas ou a estruturação do discurso de forma estilística dando maior proeminência ao nome que se pode traduzir como acto de focalização, de referencialidade e de marca de determinação. Portanto, a sua ausência significaria ou a forma em questão é indeterminada ou ela marca a predicação (De Blois 1970:131). De qualquer modo, em Kizómbò existe uma compatibilidade com ambos, tanto para uma leitura indefinida como para uma leitura definida tal como já observamos nos exemplos 42-45 acima.

Na primeira entrevista com um dos nossos informantes, ao buscarmos a identidade da língua falada em Makela do Zòòmbò, ele respondeu-nos:

46. a. *èKizómbò i ndìng'ètò* 'o Kizómbò é a nossa língua' (Mbemba, 21/03/2013)  
 b. *èndìng'ètò Kizómbò* 'a nossa língua é Kizómbò'.

### 1.3.1.2.3. As classes nominais

Entende-se por classe nominal o grupo do nome com o mesmo tipo de prefixo e/ou padrão de concordância (Guthrie 1967). O sistema de classes nominais em Kikongo conhece alguns reajustes, tendo em conta os dialectos já estudados pelos linguístas que nos precederam. Ndonga (1995, 2011), em particular, descreve o vizinho dialecto de Kizómbò, o Kisikongo, ajustando o seu respectivo sistema de classes nominais. Segundo ele, os nomes têm em comum uma estrutura «prefixo de classe+base», sendo esta última susceptível de ser indecomponível, ou alargada pelos derivativos sufixados. O prefixo de classe, ou classificador, é directamente ligado ao

sistema de acordo que gere o mecanismo de determinação tanto ao nível do sintagma nominal como ao nível da frase.

47. *kìnkùtù kyàme kímósi kyà mpémbè kísòtòkèlè.* (Ndonga)  
 7-camisa 7-minha 7-uma 7-de branca 7-cair-PERF  
 ‘Uma das minhas camisas brancas caiu’.

Entretanto, esses classificadores diferenciam-se em:

- Prefixo nominal (PN) que marca o substantivo, o infinitivo e o locativo;
- Prefixo pronominal (PP) que marca o conectivo, o possessivo, o demonstrativo, o numeral e o índice de objecto postposto;
- Índice de sujeito (IS) e índice de objecto (IO) que marcam o verbo.

O quadro abaixo apresenta o sistema das classes nominais de Kizómbò com um reajustamento nas classes 2,10, 13 em relação a certos dialectos de Kikongo.

*Quadro 7: Classes nominais*

Classe	PN	PP	IS	IO
1	mù-, n-, ø	wú-	-ù-	-n-, -ø-, -kù-
2	à-	á-	-à-	-à-
3	mù-, n-	wá-	-wù-	
4	mi-	mí-	-mi-	
5	dì-, ø-	dí-	-dì-	
6	mà-	má-	-mà-, -mè-	
7	ki-, ø-	kí-	-kì-	
8	yì-, ø-	yí-	-yì-	
9	n-, ø-	yí-	-yì-	
10	n-, ø-	zí-	-zì-	
11	lù-	lú-	-lù-	
13	tu-	Tú	-tu-	
14	wù-, ø-	wú-	-wù-	
15	kù-, ø-	kú-	-kù-	
16	và-	vá-	-và-	
17	kù-	kú-	kù-	
18	mù-	mú-	-mù-	
19	fi-	fí-	-fi-	

### 1.3.1.2.3.1. Ocorrência de Fenómenos Fonéticos em Algumas Classes Nominais

No quadro acima temos 18 classes nominais observando-se ausência da classe 12. Esta classe do Proto-Bantudesapareceu em Kizómbò.

Os prefixos de classes aparecem igualmente em adjetivos e verbos.

48. *mà-vàtà*    *mà-fyòtì*    *mà-kòt-èl-ò*  
 6-aldeia    6-pequena    6-recensear-APL-PASS  
 ‘As aldeias pequenas foram recenseadas’

Uma nota de realce concernente às classes nominais, hoje em dia, diz respeito à síncope das vogais de muitos prefixos tanto no singular como no plural nas classes 1, 4, 9, 10 e 15. Nessas classes, as vogais /u/ de /mu/ e /i/ de /mi-/, de /zi-/ e de /yi-/ são eliminadas resultando em prefixos silábicos m-, n-, e-, que tendem a uniformizar o género. Este fenómeno fonético é descrito igualmente pelo Bostoen e Schryver (2015:23) ao afirmarem que a redução do prefixo nominal em algumas classes é um fenómeno fonéticoregular, especialmente no Kikongo do Sul. O Kizómbò está afectado por este fenómeno. Embora não seja critério, este fenómeno permite distinguir uma variante da outra, em Kikongo. Por exemplo, o Kiyaka e o Kipombo, ainda conservam na totalidade os prefixos das classes 1 e 15. Para a classe 1 diz-se: *mùk<sup>h</sup>ètù* ‘mulher’, *mùlèkà* ‘menor, miúdo’ e para a classe 15 do infinitivo da forma verbal diz-se: *kùvòvà* ‘falar’, *kùdyà* ‘comer’. No caso particular do Kizómbò, constata-se que, nas classes 4, 9 e 10, com a redução de prefixos e a identificação entre o singular e o plural é feita através dos prefixos pronominais, dos índices de sujeito e dos conectivos na estrutura oracional. Os exemplos abaixo atestam isso:

**Classe 1: mu-**

- mu-kentu → nkéntù    ‘mulher’  
 mu-leka → nlèkà    ‘menor’  
 mu-yadi → nyàdi    ‘governante’

**Classe 4: mi-**

- mi-ti → ntì    ‘árvore, árvores’  
 mi-kanda → nkándà    ‘livro, livros’  
 mi-lángì → nlángì    ‘garrafa, garrafas’  
 mi-vu → mvú    ‘ano, anos’

49. *è-nti*    *my-à*    *kùnà*    *tàtà*    *mì-bw-idi*.  
 AUM-árvore    4-de    plantar    pai    4-cair-PERF  
 ‘As árvores plantadas pelo pai caíram’

**Classes 8/9: N-, yi-**

- yi-lumbu → lumbù    ‘dia, dias’

50. *lumbù kìmòsi*    ‘úm dia’  
*lumbù yìtátù*    ‘três dias’

**Classe 10: N-, zi-**

- zi-nzò → nzò    ‘casa, casas’  
 zi-nk<sup>h</sup>ombo → nk<sup>h</sup>ombò    ‘cabra, cabras’  
 zi-ntambi → ntámbì    ‘pés’

zi-nzamba → nzámà ‘elefante, elefantes’  
 zi-mbeni → mbèni ‘inimigo, inimigos’

51. nzò      zi-àmè    zi-bw-ìdì  
 ∅-casa 10-poss 4-cair-PERF  
 ‘As minhas casas caíram’

### Classe 15: ku-

Esta é a classe que reagrupa as partes do corpo e o infinitivo verbal. Quando se trata das partes do corpo ele sofre uma síncope, a exemplo das classes mu- e mi- resultando em: *kùlù* ‘perna’, *kùtù* ‘orelha’. Mas quando se volta para a forma verbal ele não é reduzido mas sim é eliminado totalmente. Pode dizer-se que Kizómbò já perdeu a forma primitiva que é o reflexo do Proto-Bantu \*kò- (Schadeberg 2003:149). É um fenómeno morfofonológico devido à evolução da língua ao longo dos séculos, conforme descrito por Bostoen e Schryver (2015:162 et seq.), ao constatarem que *In several Kikongo varieties, prefix-less infinitives are regular, due to a common process of prefix reduction that also affected the infinitive noun class prefix*. Em vez de dizer *ku-sálà*, *ku-vóvà*, etc, diz-se simplesmente *sálà* ‘trabalhar’, *vóvà* ‘falar’.

### - As classes locativas: 16, 17 e 18.

Segundo Fernando (2013:26), as classes locativas representam características idiossincráticas em Kizómbò. Elas teriam sido preposições locativas independentes nos estágios anteriores do Kizómbò e que mais tarde se transformaram em prefixos de classes, comportando-se analogamente com outros prefixos de classes que representam, uma das características mais distintivas de quase toda a morfologia nominal Bantu. Em Kizómbò, no entanto, os prefixos locativos têm uma forma completa que lhes permite maior autonomia diante dos substantivos. A forma completa da classe 16: *va-* = *vana*, classe 17: *ku-* = *kuna* e classe 18: *mu-* = *muna*. As duas formas são usadas na língua e distinguem-se dos demonstrativos. Semanticamente, as classes locativas em Kizómbò exprimem principalmente o lugar e podem também exprimir o advérbio de tempo.

Classe 16 **va-** : Exprime a ideia de superfície

52. a. *mà-lòngà* *vànà* *mèzà* *mè-nà*  
 6-pratos LOC 6mesa IS-ser  
 ‘Os pratos estão na mesa’  
 b. *va zàndù* *tu-nà*  
 16 mercado 1PL-estar  
 ‘Estamos no mercado’

Classe 17 **ku-**: Exprime a ideia de movimento (direcção ou proveniência).

53. a. *kumbóngì kà-tùk-ìdì*.  
17 9vila 2SG-sair-PERF  
'Ele veio da vila'
- b. *si wà-bák-à nséndò kùnà zúlù*  
ACT IS-receber-VF galardão no céu  
'Certamente receberás o galardão no céu'

Classe 1**mu-**: Exprime a ideia de interioridade

54. a. *è-mw-ànà kot-ele muna N-zo*  
AUM-9-criança entrar-PERF 189-casa  
'A criança entrou em casa'
- b. *mu nzó kè-nà*  
18 9casa 3sg-estar  
'Ele está em casa'

Contrariamente às classes temáticas, as classes locativas têm um comportamento específico que marca uma certa autonomia diante do substantivo transformado-o em locativo. É o que vemos nos exemplos dados acima, em que o prefixo locativo é separado do substantivo.

Quanto à classe 19 **fy-** que representa o diminutivo, tem um sentido depreciativo e pejorativo. e.g. *fímùtù* 'pessoa pequena, pessoazinha'; *fìkálù* 'carrinho, um carro pequenino'; *fìnzò* 'uma casa pequenina, casita, cabana'.

#### 1.3.1.2.4. Os géneros

De origem latina *genus/generis* 'tipo', a noção de *géneros* engloba inúmeras acepções e aplicações. Deste modo, o vocábulo género pode referir-se ao conjunto de seres que tenham a mesma origem ou que apresentam características comuns, e à espécie ou ao tipo a que pertencem pessoas ou coisas.

Uma definição tradicional de género é dada por Kramer (2015:109): *Gênero é a distribuição dos nomes em duas ou mais classes, como reflectido na concordância morfológica nos determinantes, adjetivos, verbos e outras categorias sintácticas.*

Uma das características das línguas bantu é de apresentarem um sistema de géneros gramaticais cujos indicadores de género devem ser prefixos, através dos quais os nomes são distribuídos em classes. Entretanto, os prefixos de classes são reagrupados dois a dois numa oposição binária da qual resultam entre 10 à 20 géneros ou pares.

Ficam de fora os substantivos colectivos ou não contáveis, como as massas e os líquidos, bem como os locativos.

Quanto ao seu valor semântico, eles veículam o número (singular/plural) e outros valores como humano/não humano, árvore/fruto/espécie, país/habitante, povo/língua, pequeno/normal, abstracto/concreto, processo/agente, locativo/não locativo.

Em suma, o género corresponde ao pareamento de sg/pl de uma classe. Reunindo o singular e o plural no mesmo género em Kizómbò, a quantidade de géneros reduz-se a 10. O quadro abaixo serve para indicar aqueles emparelhamentos frequentes ou que aparecem regularmente no sistema, a saber: 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, 11/6, 11/13, 14/6, 15/6, 19/11.

*Quadro8: Géneros dos nomes*

Gêneros	Classes		Exemplos	
	1	2		
I	1	2	<i>muntu</i> ‘pessoa’	<i>antu</i> ‘pessoas’
II	3	4	<i>mùndèlè</i> ‘branco’	<i>mìndèlè</i> ‘brancos’
III	5	6	<i>dikóndò</i> ‘banana’	<i>màkóndò</i> ‘bananas’
IV	7	8	<i>kísálù</i> ‘trabalho’	<i>yìsàlù</i> ‘trabalhos’
V	9	10	<i>nìsì</i> ‘gato’	<i>zìnìsì</i> ‘gatos’
VI	11	13	<i>lùlàkà</i> ‘língua?’	<i>tùlàkà</i> ‘línguas’
VII	11	6	<i>lùkàyà</i> ‘folha’	<i>màkàyà</i> ‘folhas’
VIII	14	6	<i>bùndù</i> ‘igreja’	<i>màbùndù</i> ‘igrejas’
IX	15	6	<i>kùtù</i> ‘orelha’	<i>màtù</i> ‘orelhas’
X	19	13	<i>fìntì</i> ‘árvorinha’	<i>tùntì</i> ‘árvorinhas’

### 1.3.1.2.5. Os pronomes

Pronome é o termo usado na classificação gramatical de palavras para se referir ao conjunto fechado de itens, os quais podem ser usados para substituir um substantivo ou um sintagma nominal (Crystal 2008:391). Numa só palavra, o pronome é a classe de palavras que substitui o substantivo (nome). Essa categoria gramatical compreende os substitutos, o conectivo, o possessivo (genitivo), o demonstrativo, o relativo, o interrogativo e o numeral. No interesse do nosso tema, não discutiremos o interrogativo e o numeral que ficarão relegados para estudos posteriores. O relativo será discutido no capítulo 2 como integrante da frase verbal. (cf. 2.2.1.: Pré-prefixo).

### 1.3.1.2.5.1. Os substitutos

Os substitutos são os pronomes que substituem os substantivos indicando directamente as pessoas do discurso. Eles dividem-se em pronomes plenos (substitutos de pessoas) e os anafóricos ou substitutos de classe.

a) Pronomes plenos /substitutos de pessoas

*Quadro 9: Pronomes da 1ª e 2ª pessoas do singular e plural*

	Singular	Plural
1ª Pessoa	mónò 'eu'	yétò 'nós'
2ª Pessoa	ngé, ngéyè 'tu'	yénò 'vós'

b) Substitutos de classe

*Quadro 10: Substitutos de classe e suas formas breves*

1ª Pessoa	Singular	-i-		
	Plural	-tu-		
2ª Pessoa	Singular	-u-		
	Plural	-lu-		
3ª Pessoa		Funções: S, OI, P, DEM, DET	Funções: OD	
	Classe	Pronomes	F. breves	Glosa
	1	yándì /yi+ándì/	yáni, yándì	ele
	2	awu /a-wù/	yáwù	eles
	3	wáwu /wù-áwù/	wó /wù-ò/	
	4	myáwù /mi-áwù/	myó /mì-ò/	
	5	.dyáwù /di-áwù/	dyó /dì-ò/	
	6	mààwù /má-àwù	mó /mà-ò/	
	7	kyàwù /kì-áwù/	kyó /kì-ò/	
	8	yàwù /yì-áwù/	yó /yì-ò/	
	9	yàwù /yì-áwù/	yó /yì-ò/	
	10	záwù /zì-áwù/	zó /zì-ò/	
	11	lwàwù /lù-áwù/	ló /lù-ò/	
	13	twàwù /tù-áwù/	tó /tù-ò/	
	14	wàwù /twù-áwù/	wó /wù-ò/	
	15	kwàwù /kù-áwù/	kó /kù-ò/	
	16	vàwù /và-áwù/	vó /và-ò/	
	17	kwàwù /kù-áwù/	kó /kù-ò/	
	18	mwàwù /mù-áwù/	mó /mù-ò/	
	19	fyàwù /fi-áwù/	fyó /fi-ò/	

55. a. áwù akèsèlè èntì  
 áwu a-kes-ele e-nti  
 eles IS-cortar-PERFA UM-árvore  
 'eles cortaram a árvore'

b. áwù akèsèlè wó  
 áwu a-kes-ele wù-ó  
 eles IS-cortar-PERF IP3-ela

‘eles cortaram-na’

### 1.3.1.2.5.2. O conectivo

Conectivo é o termo usado na classificação gramatical das palavras para caracterizar morfemas cuja função primária é unir unidades linguísticas a qualquer nível. As conjunções e os verbos copulativos integram essa classe (Crystal 2003:97). Em Kizómbò os conectivos sofrem uma coalescência do tipo:  $wu \rightarrow wa / -v(a)$ , na qual  $wu+a = wa$ . Também com o *lwa-* e o *kwa-*. Ainda, ocorre o processo de deslizamento do tipo:  $di \rightarrow dy / -v(a)$ , na qual  $di+a = dya$ . Sobre esta lei fonológica estão os conectivos *kya-* e *fya-*.

*Quadro 11: Conectivos*

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
Classe 1/2	w-	a-
Classe 3/4	wa-	mya-, mye-
Classe 5/6	dya-	ma-
Classe 7/8	kya-	ya-
Classe 9/10	yi-, ya-	zi-, za-
Classe 11/6	lu-	ma-
11/10	lu-	m-
11/13	lwa-	tu-
Classe 14/6	(dya)wu-	ma- (abstractos)
Classe 15/6	(kya)kwa-	ma-
Class 19/13	fya-	tu-

Na sequência de conectivos, visualizemos os seguintes exemplos :

56. a. *mù-ntù*    *wà-mbótè*.  
1-pessoa    1-boa  
‘Uma boa pessoa’.
- b. *mà-vàtà*    *m-étò*.  
6-aldeias    6-nossas  
‘Nossas aldeias’.
- c. *kì-sàlù*    *kýà-mfúnù*.  
7-trabalho    7-valioso  
‘Um trabalho valioso’.
- d. *dì-nù*    *dì-à*    *nzámbà*  
5-dente    5-DET    9elefante  
‘Dente do elefante’.
- e. *fì-nzo*    *fì-à*    *fyoti*.  
19-casa    19-DET    19pequena  
‘Uma casinha’.

### -1.3.1.2.5.3. O possessivo /genitivo

Como o nome indica, o possessivo expõe, em termos linguísticos, a noção de posseder algo ou o caso que expressa uma relação de posse indicando a entidade a quem pertence aquilo que é referido no discurso. Em Kizómbò o possessivo mostra uma estrutura que comporta uma base pronominal que indica o possuidor, na qual é associado um prefixo possessivo (PPOSS) de acordo que represente o objecto em sua posse.

#### PP - BASEDE POSSESSIVO

Geralmente a base varia segundo a pessoa e segundo a classe para indicar o possuidor. Ao todo existem seis bases pronominais:

*Quadro12: Bases de possessivos*

<b>Pessoa</b>	<b>Singular</b>	<b>Plural</b>	<b>glosa</b>
1 <sup>a</sup>	-áme	-étò	meu / nosso
2 <sup>a</sup>	-ákù	-énò	teu / vosso
classes ½	-ándì	-áwù	dele / deles

Notar que *-andi* é usado para todas as classes tanto para o singular como para o plural, excepto a classe 2. Os prefixos possessivos são:

*Quadro13: Prefixos possessivos*

<b>Classe</b>	<b>Prefixos</b>
1	wá-, a-
2	à-
3	wù-
4	mì-
5	dì-
6	má-
7	kì-
8	yì-
9	∅-, yì-
10	zì-
11	lù-
13	tù-
14	∅-, wù-
15	kù-
16	và-
17	kù-
18	mù-
19	fì-

O possessivo é colocado depois do nome:

57. a. *èsèdyamè*  
 è-se di-ame  
 AUM-pai 5-POS  
 ‘O meu pai’
- b. *èmàlù m’ámè*  
 è-ma-lu ma-ame  
 AUM-6-BN 6-POS  
 ‘As minhas pernas’
- c. *ènzò ákù*  
 e-N-zo á-ákù  
 AUM-9-BN 2-POS  
 ‘A tua casa’

#### 1.3.1.2.5.4. O demonstrativo

O demonstrativo indica a distância ou a posição do referente em relação ao locutor. O grau de afastamento pode ser *próximo* (este, esta, estes, estas, isto), *afastado* (esse, essa, esses, essas, isso) e *mais afastados* (aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo). Tudo isso é resumido na tabela abaixo, exceptuando as classes locativas (16, 17, 18) que exprimem também os advérbios de tempo: e.g. *mu nsùkà* ‘de manhã’, *mu ntángù yámbòtè* ‘cedo’, *mu ntángù yámbì* ‘tarde’.

Quadro14: Classificação do demonstrativo

<i>Classes</i>	<i>Localização</i>	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Forma breve</i>
1-2	Próximo	òyò	àyà	
	Afastado	ndyòyò	òwò	ndyò (sg)
	Mais afastado	ndyònà	ènà, ànà	
3-4	Próximo	wáwù	myàmì	òwò/èémì
	Afastado	wòwò	myòmýò	wò/myò
	Mais afastado	wùnà	mìnà	
5-6	Próximo	dyàdì	màmà	èdì/èmà
	Afastado	dyòdyò	mòmò	dyò/èmò
	Mais afastado	Dìnà	mènà, màànà	
7-8	Próximo	kyàkì	yàyì	èkì/èyì
	Afastado	kyòkyò	yòyò	èkyò/èyò
	Mais afastado	Kìnà	yìnà	
9-10	Próximo	Yàyì	zàzì	èyì/èzì
	Afastado	yòyò	zòzò	èyò/èzò
	Mais afastado	Yìnà	zìnzà	
11-13	Próximo	lwàlù	twátù	òlù/òtù
	Afastado	Lòlò	tótò	èlò/ètò
	Mais afastado	Lùnà	túnà	
11-10	Próximo	lwálù	zázì	òlù/èzì
	Afastado	Lólò	zózò	èlò/èzò

	Mais afastado	Lúnà	zínà	
11-6	Próximo	lwàlù	màmà	èlù/èmà
	Afastado	Lòlò	mòmò	èlò/mò
	Mais afastado	lùúnà	mènà, mànà	
15-6	Próximo	kwàkù	màmà	èkwà/èmà
	Afastado	kòkò	mòmò	èkò/èmò
	Mais afastado	kùnà	mènà, mànà	
19-20	Próximo	Fyàfi		èfi
	Afastado	Fyòfyò		èfyò
	Mais afastado	finà		èfinà

Notar que no acto comunicativo o demonstrativo é usado, tendo em atenção a existência de subespaços configurados em deixis local tais como *aqui* (próximo: perto de mim) em contraste com o *aí* (afastado: perto de ti ou de vós) e do *ali* (mais afastado: perto dele ou deles). Todavia, quando o referente é já conhecido pelos interlocutores ou tiver sido mencionado anteriormente, o demonstrativo leva uma vogal longa /-òó-ò/. e.g. *ndyòóyò* ‘essa aqui’, *wòówò* ‘essa aí’, *myòómyò* ‘essas aí’, *dyòódyò* ‘esse aí’, *mòómò* ‘essas aí’, *wùúnà* ‘aquela ali’, *mùúnà* ‘aqueles ali’, *zòózò* ‘aquelas ali’, *lòólò* e assim por diante. Consideremos os seguintes exemplos:

58. a. *ndyòóyò muntù* ‘essa pessoa’ (aí)  
b. *wùúnà ntì* ‘aquela árvore’ (ali)  
c. *dyòódyò dyàkì* ‘aquele ovo’ (ali)  
d. *kyàákì kiti/kùndà* ‘esta cadeira’ (aqui)  
e. *yàáyì mbêlè* ‘esta faca’ (aqui)  
f. *tòótò twàndù* ‘aquelas esteiras’ (ali)  
g. *zíná nzìmbù* ‘aquele dinheiro’ (ali)  
h. *kwàákù kúlù* ‘esta perna’ (aqui)  
i. *lwàálù lùkù* ‘esse funje’ (aí)

### 1.3.1.2.5.5. O pronomesubstantivo

Substitui o substantivo numa frase.

- a. *èdyàdì dyámè* ‘Esse é meu’, ‘essa é minha’  
b. *yándì wùm ’mwènè* ‘ele viu-o’, ‘ela o viu’  
c. *èkyàkì kyàkù* ‘Essa é tua’  
d. *èwáwù wándì* ‘Este é dele’

### 1.3.1.3. Considerações sintáticas

Quanto à sintaxe, o Kizómbò é um dialecto em que predomina a ordem directa viz, os termos da oração dispõem-se preferentemente na seguinte sequência: SVO.

Assim podemos construir enunciados como:

59.    **N1S**        **Vb**                **N2O**  
      *Malungu*     $\emptyset$ -zòl-èlè        *Mayamba*  
      Malungu    IS-ama-PERF        Mayamba  
      ‘Malungu ama Mayamba’

Excepção a esta regra surge com a focalização em que o objecto precede o predicado: SOP/SOV. Assim, ao focalizarmos o objecto teremos:

60.    **N1S**        **N2O**                **Vb**  
      *Malungu*    *Mayamba*        *kà-zòl-èlè*  
      Malungu    Mayamba        IS-ama-PERF  
      ‘É Mayamba que o Malungu ama’

Sobre focalização confer 2.2.8.1 infra.

Sintacticamente, o Kizómbò possui frases simples de predicado verbal - onde se nota a copresença de dois termos necessários, a saber SN e SV eventualmente alargados por ON e/ou CN conforme se pode observar abaixo:

61.    a. *èmàmà ùtà lámbà màdyà mà nzénzà*  
      e-mama    u-ta         $\emptyset$ -lamb-a    ma-dya    ma-a-Nzenza  
      AUM-mãe    IS-AUX    PN-cozer-VF    6-comida    6-2-visita  
      ‘A mãe está a cozer comida para as visitas’

Outro tipo de frases que podemos encontrar em Kizómbò são: interrogativas e exclamativas. Elas podem ser marcadas pela negação que é representada pelas partículas *kà....(kò)* já citadas acima, na revisão da dissertação de Mpanzo. Todo o tipo de frase pode ser marcado pela interrogativa. A frase interrogativa está marcada por uma entoação-é- que é uma partícula ascendente colocada no fim da frase.

62.    a. *èmwanà ditudê?*  
      e-mu-ana         $\emptyset$ -di-idi        è  
      AUM-1-criança    IS-comer-PERF    INTER  
      ‘A criança comeu?’
- b. *kà         $\emptyset$ -dì-ìdi        kò*  
      NEG        IS-comer-PERF    NEG  
      lit.: não comeu não.  
      ‘[A criança] não comeu’

## **Conclusão parcial**

Este capítulo dedicado a preliminares demonstra que a longa tradição acumulada pelo Kikongo quanto à existência de documentos escritos em línguas Bantu (desde o século XVII) deixa muitas lacunas que devem ser acolmatadas em termos da linguística africana. A famosa tradição subscreve-se grandemente às obras missionárias de carácter religioso e a alguns dicionários e gramáticas que ainda hoje servem de referência nos estudos linguísticos. Prova disso é a fraca literatura revista nesta obra. Na revisão da literatura foi possível recolher as opiniões dos nossos predecessores quanto à morfologia verbal que se constituem em contribuições valiosas para o nosso trabalho.

Os preliminares demonstram ainda que Angola é um país com uma grande diversidade linguística. As línguas africanas de maior destaque são Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Ngangela e Olunyaneka. De acordo com a Lei Constitucional, essas línguas e outras de origem africana faladas nos diferentes grupos étnicos de Angola são designadas línguas nacionais com excepção do Português, língua oficial. De forma geral, o Kikongo é a língua em estudo neste trabalho, no seu dialecto Kizómbò falado no norte de Angola, na província do Uige, município de Makela do Zómbò. Neste capítulo foi possível observar que o Kizómbò dispõe de um sistema vocálico composto de 10 vogais sendo cinco breves /i e a u o/ e cinco longas /ii ee aa uu oo/ e 29 consoantes. Também dispõe de dois tons, alto e baixo, com duas funções: contrastiva e gramatical. As considerações morfológicas espelham que o Kizómbò possui 18 classes nominais. O substantivo canónico é uma forma nominal composta de um aumento (AUM), de um prefixo nominal (PN) e de uma base. Os pronomes e seus substitutos têm o papel de substitutos de substantivos indicando a pessoa do discurso. O conectivo sofre uma coaliscência e serve para unir unidades linguísticas a qualquer nível. O possessivo, embora nem sempre indica a posse, acrescenta à noção da pessoa gramatical a expressão de uma relação de posse ou uma ideia de posse de algo indicando a entidade possuidora referida no discurso. O demonstrativo em Kizómbò exhibe três graus de afastamento: próximo, afastado e mais afastado que indicam a posição do referente em relação ao locutor.

No aspecto sintáctico, o Kizómbò é uma língua onde predomina a ordem directa: SVO e quando focaliza utiliza SOV.

## CAPÍTULO II: A FORMA VERBAL EM KÌZÓMBÒ

### 2.0. Introdução

Neste capítulo discutiremos a forma verbal que entendemos ser aquela forma que o verbo assume quando colocado ao lado de um sujeito e nas conjugações verbais.

63. a. *tù-sàl-à*  
IS-trabalhar-VF  
'trabalhemos (imp.)'
- b. *ká-món-à*  
IS-ver-VF  
'Ele tinha visto'

Todavia, o entendimento da forma verbal pode ser ampliado tendo em atenção a definição fornecida pelo método formal, no estudo e funcionamento do sistema linguístico, que permitiu a determinação das categorias distribucionais maiores, tais como a fonologia que se ocupa de fonemas, a morfologia que trata de morfemas, a sintaxe que cuida de sintagmas e a semântica que tem a ver com a construção de proposições lógicas. Trata-se, porém, de descrever e/ou explicar a estrutura da forma verbal e do seu funcionamento de forma mais ampla.

### 2.1. Os componentes da forma verbal

A referência à organização morfológica geral da palavra permite-nos caracterizar, do ponto de vista morfológico, o contorno formal do verbo. Assim, a forma verbal completa do Kizómbò apresenta duas estruturas completamente distintas: a primeira tem a ver com a forma verbal não conjugada e a segunda com a forma verbal conjugada.

#### *a). A forma verbal não conjugada*

A forma verbal não conjugada remete-nos à função nominal que se manifesta pelo morfema prefixal *ku-* da classe 15. e.g. *kù-dya* 'comer', *kù-lòngà* 'ensinar'. A este nível, o verbo é um nominal o qual comporta um prefixo nominal e uma base susceptível de ser analisada segundo o sistema nominal. Assim, a estrutura de forma não conjugada pode ser estabelecida como se segue:

VERBO = PN + RADICAL + FINAL
------------------------------

O radical é o elemento que exprime o sentido do verbo.

64.    -*lóng-a*        ‘ensinar’  
           -*di-a*         ‘comer’

Estas palavras contêm um radical que é *-long-e -di-* que acoplam os outros elementos (afixos) para formar novas palavras ou dar-lhes significados diferentes.

***b) Forma verbal conjugada***

Com excepção do infinitivo e do imperativo, a forma verbal conjugada do verbo Kizómbò aparece com um índice de sujeito bem marcado na posição inicial assim como as categorias denominadas Tempo-Aspecto-Modo (TAM) e um marcador verbo-final modal que comporta um valor aspecto-temporal que em perfeita harmonia com o TAM, torna explícita a noção da realização do processo segundo as modalidades *perfectivo, imperfectivo e de injuntivo*. Grosso modo, a forma verbal conjugada comporta quatro elementos obrigatórios: inicial, TAM, radical e a final.

INIC + TAM + RAD + FINAL
--------------------------

Estes elementos serão discutidos detalhadamente na secção seguinte onde discutiremos a estrutura do verbo em Bantu. Vamos apenas considerar dois exemplos:

65.    a. *ká-ø-lóng-à*  
           IS-Tpo-RAD-ASP  
           ele-PASS-ensinar-PERF  
           ‘ele ensinou’
- b. *tú-à-dí-à*  
           IS-Tpo-RAD-ASP  
           nós-PAS-comer-PERF  
           ‘Nós comemos’

**2.2. Os componentes da forma verbal segundo a tradição Bantu**

Segundo a tradição dos estudos das línguas Bantu, a expressão forma verbal designa, todavia, a estrutura complexa resultante da combinação do radical verbal com diferentes morfemas gramaticais que aparecem numa ordem fixa. Estes morfemas envolvem nove posições propostas por Meeussen (1959, 1967) , retomadas por Coupez (1980) e actualizadas por Nurse (2008) cuja ordem de posições dos elementos no interior da palavra verbal é apresentada de seguida:

*Quadro 15: Estrutura verbal em Bantu*

Achiel Emiel MEEUSSEN	André COUPEZ	Derek NURSE
Préinicial:aumento, Negação	Préprefixo Prefixo	1 pré-inicial 2 inicial
Inicial: Pefixo verbal	Negador	3 post-inicial
Postinicial	Formativo	4 formativo
Marco do tempo	Infixo	5 limitativo
Infixo	Tema radical	6.1 infixo
Radical	Sufixo	6.2 radical
Sufixo [extensão]	Terminação	6.3 sufixo (extensão)
Final	Morfema de tonalidade	7 pré-final
Post-final		8 final= vogal final 9 post-final

Em termos de uma observação geral, parafraseamos Nurse para esclarecer que a posição 6.2 é um grande conjunto completamente aberto, pois é lexical. Ao passo que as posições 2, 3, 5, 6.1, 6.3, 7 e 8, são, mais ou menos, pequenos conjuntos fechados da estrutura na medida em que ao longo dos séculos têm permitido a integração de novos alomorfos, embora em número muito reduzido. As posições 1, 4 e 9 são igualmente pequenos conjuntos que permitem novos membros, principalmente pela incorporação de novos materiais via gramaticalização.

Conforme aludimos nas linhas anteriores, nesta secção discutiremos a estrutura do verbo em Bantu em geral e em Kizómbò em particular com base em Nurse que apresenta um quadro mais actualizado.

### **2.2.1. A Pré-inicial**

A pré-inicial é o primeiro elemento da forma verbal. Em Kizómbò este elemento aparece antes de inicial. Para esta posição, o Kizómbò possui três elementos similares ao seu vizinho Kisikongo (Ndonga 1995:290-293):

- 1) Índice relativo (IR)
- 2) Actualizador aspecto-temporal /-sè-/ (ACT) e
- 3) Negador: Com uma forma dupla /kà...kó/

#### **1. Índice relativo (IR).**

O índice relativo faz referência a um termo mencionado anteriormente e serve para estabelecer uma relação entre aquilo a que se refere e a afirmação que vai ser feita

a seu respeito. Geralmente o índice relativo é um elemento anafórico visto que aponta para algo que já foi citado, para um elemento anterior. Ele pode representar dois papéis gramaticais, a saber: o anafórico e o transpositor de oração.

### 1. Com anáfora

66. a. *Ntsúsù zàsùmb-à Mpanzu zìfwìdì* (Quiala, 2013:108)  
 Ntsusu za-sumb-a Mpanzu zi-ø-fu-idi  
 10galinhas IR-comprar-VF N 10-Tpo-morrer-PERF  
 ‘As galinhas que Mpanzu comprou morreram’.
- b. *Nzílà yìtwìzìdì yàmbì yìnà.* (Ibid.)  
 Nzila yi-tu-ø-iz-idi ya-mbi i-na.  
 9estrada IR-IS-Tpo-vir-PERF 9-ADJ IS-ser  
 ‘A estrada em que viemos não presta’.

### 2. Transpositor de oração

67. a. *yàndì wùntsóngèlè fùlù kìkàlà k�àmbì!*  
 yandì wu-ø-n-tsong-ele fulu kì-kal-a kya-mbi!  
 3SG IS-Tpo-IO-mostrar-PERF 7lugar IR-estar-VF 7-feio  
 ‘Ele mostrou-me um lugar que era feio’

A distinção entre anáfora e transpositor é funcional, pois, os índices que desempenham a função remissiva anafórica são os mesmos para ambos os casos. Eles não são obrigatórios em Kizómbò visto que são, no entanto, elementos muito comuns. Eis aqui a sua relação segundo as suas classes:

Quadro16: Índices relativos

Classes	Índices
classes 1/2	ò-. ù- / à-
Classes 3/4	ù- / m̀-
classes 5/6	d̀- / mà-
classes 7/8	k̀- / ỳ-
classes 9/10	ì- / zì-
classes 11/13	l̀- / t̀-
classes 11/14	l̀- / ẁ-
classes 14/6	ẁ- / mà-
classes 15/6	k̀- / mà-
classes 19/13	f̀ / tu-
classe 16	v̀-
classe 17	k̀-
classe 18	m̀-

Observando o quadro acima vê-se que a estrutura desses índices é igual àquela do prefixo pronominal: à-, m̀-, d̀-, mà-, k̀-, ỳ-, z̀-, l̀-, t̀-, v̀-, k̀-, m̀-, f̀-, dentre outros que concordam com os prefixos nominais e verbais do mesmo tipo.

68. a. *ènzò yìlùàsúbà yìvìdì.*  
 e-N-zo yi-lu-à-sumb-a yi-ø-vi-idi  
 AUM-9-BN IR-IS-Tpo-RAD-ASP IS-Tpo -RAD-ASP  
 a-9-casa que-vós-PAS-comprar ela-PRES-queimar-PERF  
 ‘A casa que vós comprastes queimou’
- b. *èmvùlà yànúkàrà màzùzì, yángólà yàkàlà.*  
 e-N-vula ya-ø-nok-an-a mazuzi, ya-ngolo ya-kal-a  
 AUM-9-BN IR-Tpo-RAD-EXT-ASP MODF, 9-MODF IS-RAD-ASP  
 a-chuva que-PAS-pingar-APL-PERF anteontem de-forte ela-ser-PERF  
 ‘A chuva que caiu anteontem foi forte’

O relativo abarca também o *sujeito relativo*(SR), o objecto relativo (OR) e o circunstante relativo (CR).

1. *Sujeito relativo (SR)*

69. a. *èmàtwàtùdìdì vànà mééza (èmàkì).*  
 e-ma-tu-a-tudi-idi vana méézá  
 AUM-SR-IS-Tpo-RAD-ASP LOC 6N  
 AUM-aqueles-nós-REC-colocar-PERF na mesa  
 ‘Aqueles (os ovos) que nós colocamos na mesa’

2. *Objecto relativo ( )*

70. *èmàtwànètè (màvwìdì)* (Ndonga 1995:292)  
 e-ma-tu-a-nat-eli (ma-ø-vu-idi)  
 AUM-OR-IS-Tpo-RAD-ASP IS-Tpo-RAD-ASP  
 AUM-aqueles-nós-REC-levar-PERF nós-PRES-acabar-PERF  
 ‘Aqueles (bananas) que nós levamos acabaram’

3. *Circunstante relativo*<sup>11</sup>

- èmúyálùtìdì kizèyèmò kò*  
 e-mu-i-a-lut-idi ka-i-zay-mo ko  
 AUM-CR-IS-Tpo-RAD-ASP NEG-IS-RAD-CR NEG  
 AUM-lá-eu-REC-passar-PERF não-eu-conhecer-lá não  
 ‘(Eu não conheço) lá onde passei.’

**2. Actualizadores aspecto-tempo**

Os actualizadores aspecto-temporais são morfemas que juntamente com os verbos exprimem os valores do tempo e do aspecto de forma específica. Pela sua função são colocados como prefixos verbais (Ndonga1995.:291). O Kizómbò possui dois actualizadores: /-sè-/ e /-ngV-/. Seguindo a ordem dos elementos na estrutura verbal o actualizador /-ngV-/ será discutido quando tratarmos dos elementos pós-finais.

<sup>11</sup>Glosa de Ndonga: **CR**= circunstante relativo, **c** = sujeito em função circunstante.

a). *O actualizador /-sè-/ (ACT)*

Este elemento aparece depois do índice relativo (IR). A sua função é a de caracterizar a instantaneidade de execução de uma acção, a sua iminência ou a sua aproximação. Por este facto, caracteriza a forma do imperfeito iminente, do imperfeito próximo e do permissivo.

1. *Imperfeito iminente:*

71. *sétúdyà.* (Ndonga 1995:292)  
sè-tú-ø-dí-à.  
ACT-IS-Tpo-RAD-ASP  
IMIN-nós-IMIN-comer-IMPERF  
'Nós estamos prestes a comer'

2. *Permissivo*

72. *sèdyè.*  
sè-ø-dí-è  
ACT-IS-RAD-ASP  
PER-tu-comer-IMPERF  
'Come (= podes comer)'

### 3. O actualizador da negação

A negação, fenómeno amplamente difundido nas línguas do universo, tem tradicionalmente lugar de destaque nos estudos da área de semântica. Há uma série de questões envolvendo a negação que merecem atenção em abordagens que se voltam para semântica das línguas naturais, uma vez que, de modo geral, as línguas apresentam diversas formas de expressar semanticamente a negação de conteúdos veiculados nos enunciados de sentenças. Embora a semântica tenha escopo neste domínio, importa ressaltar também que os problemas relacionados com a negação, no entanto, não se restringem somente aos seus aspectos semânticos. Muito se discutiu na literatura a respeito de pressuposição, por exemplo, sobre o papel de certos padrões prosódicos marcados presentes em sentenças negativas. Autores como Givón (1984) apontam para o facto de que o uso da negação envolve mais do que aspectos de natureza semântica, e aponta para os casos da *negação sentencial*. Portanto, este é um quadro geral, e bastante simplificado, dos recursos disponíveis para expressar a ideia de negação nas línguas naturais. De modo geral, a negação é expressa de três maneiras nas línguas naturais: *negação lexical*, *negação de constituinte* e *negação sentencial*. Porém, aqui interessa-nos a negação sentencial.

Os falantes do Kizómbò usam duas estratégias de negação sentencial: *dupla negação* (não VP não) e *anegação pré-verbal* (não VP).

### 1. Dupla negação /ka+ verbo + ko/

Geralmente, ela é entendida como uma construção gramatical que ocorre quando dois operadores da negação são usados no mesmo enunciado. A dupla negação<sup>12</sup> em Kizómbò é uma ênfasedada à negação. Os seus dois elementos posicionam-se distintamente: O /ka-/ na pré-marca de sujeito e o segundo /ko/ na posição pós-foco verbal. O exemplo abaixo atesta isso:

73. a. *kátùvòvâ kò*  
ka-tu- Ø -vov-a ko  
NEG-IS- Tpo-RAD-ASP NEG  
nao-nós-FUT-falar-PERF não  
'Nós não falaremos'

b. *kìdyà ko*  
ka-i-di-a ko  
NEG-IS-RAD-ASP NEG  
não-eu-comer-perf não  
'Não comerei'

Na oração (73b) observa-se uma espécie de elisão, pois que o encontro de *ka-* com alguns índices de sujeito faz perder a vogal “a” que é um elemento fonético e fica reduzido a *k-*. Isso significa que diante dos índices de sujeito, a partícula da negação sofre variações eufónicas do tipo /-ke-, -ki-, -ku-/ (cf. IS, p. 59 infra).

### 2. Negação pré-verbal

Kizómbò usa essa estratégia da negação em frases declarativas que ocorrem quando o emissor constata um facto. Esse tipo de frases informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas ou negativas. Nesse caso, o segundo elemento /ko/ torna-se opcional e daí a sua ausência na posição pós-verbal. Deste modo, o escopo do operador negativo recai sobre a proposição expressa pela oração. Consideremos os dados abaixo prestados:

74. a. *tùkà nsùkà mònò kìdyè mbòlò.*  
Tuka nsuka mono ka-i- Ø-di-e mbolo  
DET manhã 1SG NEG-IS-Tpo-comer-ASP pão  
'Desde manhã não comi pão'

b. *vàvâ kènâ, yàndi kàsàdi sálù únù.*  
vava ke-na yandi ka-Ø-sad-i salu unu  
ADV ke-na, 3SG IS-Tpo-trabalhar-ASP trabalho hoje

<sup>12</sup> **Múltipla negação** é o termo mais usado para se referir à ocorrência de mais de uma forma negativa numa só frase.

‘Ele está aqui, hoje não trabalhou’

### 2.2.2. A inicial

A posição 2 identificada com inicial é o espaço sujeito do verbo ou do índice do sujeito (IS) ocupado por um grupo de morfemas que concordam com o sujeito que precede o verbo. Na estrutura de Kizómbò ele precede o marco do tempo. Assim, no singular e no plural são identificados os seguintes IS ou pronomes prefixos:

Quadro 17: Prefixos de índices de sujeito

Pessoa	Singular	Plural
1ª pessoa	i-, n-, m-	tu-
2ª pessoa	u-, ø-	lu-
3ª pessoa	cl. 2-19 (cf. ex. 61 infra)	

Os índices n-, m- surgem como modificações eufónicas do tipo: n + l= nd: *lékà* ‘dormir’, *ndélè* eu dormi; n + w = ngu; n + y = ngy: *yálà* ‘estender’, *ngyàdìdì* ‘eu estendi’, etc. No entanto, uma análise morfológica com um procedimento de segmentação das formas verbais alargará este quadro ao buscarmos as substituições possíveis em termos de prefixos-sujeito, se observarmos no quadro das classes nominais. Tomemos o exemplo do verbo *wútà*: ‘parir’ cujo passado perfeito é *tù-wútìdì* ‘nós parimos’. Assim, o prefixo verbal *tù-*, pode ser substituído por outros que nos ditarão o seguinte quadro:

75. *n-gútìdì*: ‘eu pari’  
*ì-wútìdì*: ‘eu tinha parido’  
*ø-wútìdì*: ‘tu pariste’  
*ù-wútìdì*: ‘ele/ela pariu’  
*lù-wútìdì*: ‘vós paristes’  
*à-wútìdì*: ‘eles/elas pariram’ (cl.2)  
*wù-wútìdì*: ‘ela pariu’ (cl.3 produziu)  
*mì-wútìdì*: ‘eles/elas pariram’ (cl.4 - produziram)  
*dì-wútìdì*: ‘ele/ela pariu’ (cl.5 - produziu)  
*mà-wútìdì*: ‘eles/elas pariram’ (cl.6 - produziram)  
*kì-wútìdì*: ‘ele/ela pariu’ (cl.7 - produziu)  
*yì-wútìdì*: ‘ele/ela pariram (cl.8 e 9)  
*zì-wútìdì*: ‘eles/elas pariram’ (cl.10 - produziram)  
*lù-wútìdì*: ‘ele/ela pariu (cl.11-produziu)  
*tù-wútìdì*: ‘nós parimos (cl. 13-produziram)  
*và-wútìdì*: ‘locativo’ (cl.16 - naquele lugar produziu)  
*kù-wútìdì*: ‘locativo’ (cl.17 direccional: lá ou posicional: em baixo produziu)  
*mù-wútìdì*: ‘locativo’ (cl.18 - no interior produziu)

*fi-wùtìdì:* ‘ele/ela pariu’ (cl.19- a pequena pariu)

Nesta substituição tratamos do elemento isolado e constatamos que o lugar de *tù-* do nosso verbo inicial pode ser ocupado por duas séries de elementos:

- a). prefixos de pronomes pessoais: i-, tu-, lu-.
- b). prefixos de classes nominais.

### **2.2.3. Tempo-Aspecto-Modo (TAM)**

Na posição deformativo ocorre, na maioria das línguas Bantu, os morfemas associados ao tempo, aspecto e modo. Também abarca marcadores de outras categorias tais como condicional, modalidade e foco (Nurse 2008:34). O tempo é assinalado como um elemento pré-radical no espaço entre o IS e o IO e o aspecto é assinalado como um elemento pós-radical, precisamente na final precedendo a pós-final.

Givon (1984:269) comenta que de todos os sub-sistemas gramaticais, o TAM é, provavelmente, o mais complexo e frustrante para os linguistas. Mas é uma categoria obrigatória, visto que sem a qual mesmo frases simples não podem ser produzidas.

Segundo Ndonga (1995:356), um sistema verbal pode ser ao mesmo tempo temporal e aspectual, isto é, nele coexistem ambas as categorias sem que uma exclua a outra ou uma estar subordinada a outra.

#### **2.2.3.1. O Tempo**

Esta categoria morfológica é típica no nosso sistema verbal e é entendida como sendo a identificação do momento em que se realiza um acontecimento denotado pelo verbo que coincide com a enunciação ou antes dela. Segundo Lumwamu (1973.:205), o tempo é a combinação do modo, de actualidade-época e do aspecto.

No plano semântico, o tempo exprime a relação cronológica entre um processo e o momento da enunciação ou entre um processo e um outro processo. Portanto, ele permite-nos assim dizer quando ocorre o evento, em relação ao momento da enunciação. De uma maneira geral, o tempo permite-nos perceber se o verbo expressa algo que já aconteceu, que acontece no momento da fala ou que ainda irá acontecer. Assim sendo, os principais momentos da realização de um evento em Kizómbò são três: passado (pretérito), presente e futuro.

### **a) Paradigma do tempo na forma verbal de Kizómbò**

Na forma verbal a marca do tempo vem depois do índice do sujeito precedendo o índice do objecto /reflexivo. Ela aparece assinalada com o zero /-ø-/, se não for representada por um segmento linguístico na forma verbal.

76. a. *twàsádídí*.  
tu-ø-a-sad-idi  
IS-Tpo-IO-RAD-ASP  
nós-REC-trabalhar-PERF  
'Nós trabalhamos' (recentemente).

b. *yáwìdì*.  
yi-a-w-idi  
IS-Tpo-OI-RAD-ASP  
eu-REC-ouvir-PERF  
'Eu ouvi'.

### **1). Passado**

Segundo Comrie (1985: 41-42), o significado do tempo passado é, portanto, a localização no tempo antes do momento presente e quaisquer outras deduções feitas sobre a localização temporal com base em sentenças individuais no passado são o resultado de outros factores que não são apenas a escolha do tempo. Comrie observa que o verbo no passado simplesmente localiza a situação em causa antes do momento presente, e nada diz sobre se a situação do passado ocupa apenas um ponto antes do momento presente, ou então, a totalidade do tempo até ao presente momento. Portanto, o uso do tempo verbal passado, só localiza a situação no passado, sem dizer nada se tal situação continua até ao presente ou no futuro. No entanto, diante deste hiato, o certo é que o passado aparece no perfeito e em Kizómbò possui três valores temporais: passado anterior, passado recente e passado imediato.

#### **1. Passado anterior (ANT)**

É também designado passado distante, antigo, remoto. Exprime uma acção realizada num passado remoto, num período bastante recuado de muitos anos e indeterminado. É mais utilizado nos contos, provérbios e relatos históricos. Por este motivo é designado igualmente passado narrativo onde algumas partículas adverbiais e outros recursos linguísticos tomam parte. O seu marco é /-à-/. Porém, ele consiste num prefixo de sujeito contractado cuja estrutura é: S + à + RAD + à.

77. a. *yámónà*.  
ya-mon-a.  
i-a-mon -a  
1SG-Tpo-RAD-VF  
eu-ANT-ver-PERF  
‘Eu tinha visto / Eu vira’
- b. *yàbàsévà*.  
ya-ba-sev-a  
i-a-ba-sev-a.  
1SG-Tpo-3PL-RAD-VF.  
Eu-ANT-eles-rir-PERF  
‘Eu rira deles’
- c. *àsík ònkélè-myáwù, íbòsì àvóond’énk<sup>h</sup>òsì*.  
a-ø-sik-a’o-nkele-mi-awu,      íbosi      a-voond-a      e-nk<sup>h</sup>osì  
IS-ANT-RAD-VFAUM-BN-4-POSS    ADV      IS-RAD-VF      AUM-BN  
eles-desparar-PERF as-armas-de-eles    depois-eles-matar-PERF o-leão  
‘Eles haviam disparado as suas armas, depois mataram o leão’

## 2. Outros contextos

O passado anterior não se limita apenas aos contos e às narrativas, existem em outros contextos nos quais é observado tal como podemos visualizar:

78. a. *èmbévò wàteza télèmà nkúmbù myáyíngì*.  
e-mbevo wa-ø-tez-a      telem-a      nkumbu mi-a-yingi  
AUM-N3 IS-Tpo-RAD-VF    RAD-VF      vezes      4-a-ADV  
o-doente ele-ANT-tentar-VF    levantar-VF    vezes      de-as-muito  
‘O doente tentou levantar muitas vezes’
- b. *ènkíyí myàkànà lwàkà mùlúmbù-kýòkýò*.  
e-N-kiyi      mi-a-kan-a      lwak-a      mu-lumbu      kyokyo.  
AUM-4-BN    IS-Tpo-RAD-VF    RAD-VF      18-BN      DEM  
os-viajante eles-ANT-intentar-VFchegar-VF    na-dia      aquele.  
‘Os viajantes intentavam chegar naquele mesmo dia’

## 2. *Passado recente (REC)*

Descreve um evento que decorreu entre ontem e alguns meses atrás, partindo do momento do locutor. Também é caracterizado pelo /-à-/ que precede o IO ou a base verbal com as marcas /-idi/, /-ele/, /-ini/ que definem o perfeito. Ora, o sufixo perfeito é /-idi/ quando o radical contém /-a/, /-i/ ou /-u/. Quando o radical contém /e/ ou /o/, o perfeito é realizado em /-ele/.

79. a. *yàsúmbìdì èkàlù*.  
i-a-sumb-idi      e-kalu  
IS-Tpo-RAD-idi      AUM-5N  
eu-REC-comprar-PERF    o-carro  
‘Eu comprei recentemente um carro’

b. *àkùnìni èngúbà*  
 a- $\emptyset$ -kun-ini e-nguba  
 2-Tpo-RAD-ini AUM-amendoim  
 eles-REC-plantar-PERF a-amendoim  
 ‘Eles plantaram amendoim’

c. *wèlè kùzàndù*  
 $\emptyset$ - $\emptyset$ -w-ele ku-zandu  
 IS-Tpo-RAD-ele LOC-BN  
 3SG-REC-ir-PERF no-mercado  
 ‘Ele/a foi ao mercado’

**Wèlè:** Existe uma modificação eufónica do verbo *kwèndá* ‘ir’ que é bastante irregular na sua conjugação: *ngýèlè* ‘eu vou’, *wèlè* ‘tu foste’ e ‘ele foi’, *twèlè* ‘nós fomos’, *lwèlè* ‘vós fostes’ e *èlè* ‘eles foram’. Este fenómeno é comum em Kizómbò. e.g. *wá* ‘ouvir’ *ngwìdì* ‘eu ouvi’, *mónà* ‘ver’ *mbwènè* ‘eu vi’, *kwiza* ‘vir’ *ngìzidi* ‘eu vim’.

80. a. *ótámbwidi énkándà*  
 o- $\emptyset$ -tambu-idi e-N-kanda (Carter e Makoondekwa 1987: 101)  
 AUM-Tpo-RAD-idi AUM-3-BN  
 o-REC-receber-PERF a-3carta  
 ‘Ele recebeu a carta’

b. *ósúmbìdì émbátì.* (idem)  
 o- $\emptyset$ -sumb-idi e-N-bati  
 AUM-Tpo-RAD-idi AUM-3-BN  
 o-REC-Comprar-PERF o-3calça  
 ‘Ele comprou calça’

c. *àváyíkìdì.*  
 a- $\emptyset$ -vayik-idi.  
 IS-Tpo-RAD-idi  
 eles-REC-sair-PERF  
 ‘Eles saíram’

d. *éwáánà àléélè.*  
 e-wa-ana a- $\emptyset$ -le-ele  
 AUM-2-filho IS-Tpo-RAD-ele  
 os-filhos eles-dormir-PERF  
 ‘Os filhos dormiram’

### 3. *Passado imediato (IMED)*

Exprime uma acção que foi realizada em alguns segundos antes da enunciação linguística e alguns segundos depois do início do dia. No plano formal, o passado recente caracteriza-se pela marca zero /- $\emptyset$ -/:

81. *tùsùnbìdì nzò.*  
 tu- $\emptyset$ -sumb-idi N-zo  
 IS-Tpo-RAD-ASP 9-BN

nós-IMED-comprar-PERFa-casa  
'Nós compramos uma casa'

### **b). Presente**

Teoricamente, o presente situa a acção no momento da enunciação. Mas Comrie (1985:36-38) comenta que é relativamente raro para uma situação coincidir exactamente com o presente momento, i.e. para ocupar, literalmente ou em termos de nossa concepção da situação, um único ponto no tempo que é exactamente proporcional ao momento presente. Não obstante isso, Comrie (1985:38) remata:

*Our crucial claim is thus that the present tense refers only to a situation holding at the present moment, even where that situation is part of a larger situation that occupies more than just the present moment. It is possible that other time adverbials may express the duration of the larger situations, as in **the author is working on chapter two from six o'clock until twelve o'clock today**, but it does not compromise the definition of present tense given above.*

No geral, Kizómbò expressa o presente de três maneiras principais: presente actual, presente habitual e presente histórico.

#### **1. Presente Actual(PAct)**

Trata-se de uma acção que se realiza no momento da fala do locutor. Comrie (1985:37) reconhece por outro lado que, embora haja uma raridade de coincidência do momento de realização do evento e do tempo, existem certos casos,

*where there is literal coincidence between the time location of a situation and the present moment is with simultaneous reports of an ongoing series of events. Thus when a horseracing commentator says **Red Rover crosses the finishing line**. This utterance of this sentence coincides, or at least is taken conceptually to coincide, with the event of Red Rover's crossing the finishing line; and since the report is simultaneous with the situation being described, there is literal location of a situation at the present moment in time.*

Acima, dissemos que a nossa discussão dos elementos formais segue a ordem estabelecida por Nurse. Ora, sem nos desviarmos dela e com base na citada afirmação de Comrie, urge a necessidade de completarmos a discussão do presente actual olhando para os elementos funcionais que permitem aos locutores de Kizómbò exprimirem o presente actual de maneira cursiva. Referimo-nos ao prefixo *mu-* da classe 18, ao actualizador aspecto-tempo */-angV-/* que é um elemento pós-radical e ao auxiliar */tá-/* 'estar empenhado'. É uma excepção que fazemos visto que o */-angV-/*, por exemplo, embora seja um elemento pós-radical, ele desempenha um papel preponderante na

realização do presente actual e por este motivo surge aqui para que tenhamos uma imagem completa do presente actual em Kizómbò. Ele será discutido concretamente como elemento pós-final mais adiante. Pela mesma razão surge igualmente o auxiliar /tá-/.  
/tá-/.

a). *Com o prefixo da classe 18: mu-*

O tempo é visto como um espaço, lugar, marcado pelo prefixo *mu-*. Assim sendo, a primeira consiste na utilização do locativo /*mu-*/ “em” prefixado ao infinitivo, estabilizado pelo facto de ser uma frase inicial, seguido de auxiliar *-ná* “ser” que da primeira à terceira pessoa do plural toma as formas *nginá* ‘sou/estou’, *winá* ‘és/estás’, *kéná* ‘é/está’, *twíná* ‘somos/estamos’, *nwíná* ‘sois/estais’ e *énà* ‘são/estão’. O prefixo /*mu-*/ é um actualizador aspecto-temporal modal com valor de actualidade.

82. a. *mùlambà kénà.*

mu-ø-lamb-a      ke-ø-na  
18-RAD-VF      IS -Tpo-RAD  
LOC-cozinhar-VF    ele/a-Pact-estar.  
lit.: em cozinhar ele/a está  
‘Está a cozinhar’

b. *múlóngókà twínà.*

mu-longok-a      tu-i-na.  
18-RAD-VF      IS-Tpo-RAD  
LOC-estudar-VF    nós-Pact-estar  
lit.: em estudar nós estamos  
‘Estamos a estudar’

c. *músálà lwínà.*

mu-sal-a      lu-i-na  
18-trabalhar-VF    IS-Tpo-RAD  
LOC-trabalhar-VF    vós-Pact-estar.  
‘Estais a trabalhar’

d. *èmwánà múdílà kénà.*

AUM-mu-ana    mu-dil-a      ke-ø-na.  
DEF-1-BN      18-RAD-VF    IS-Tpo-RAD  
a-1-criançaLOC-chorar-VFela-Pact-estar  
‘A criança está a chorar/ A criança está chorando’

Na verdade, a inversão é possível e aceitável em Kikongo como um todo, *kénà mùlambà*, mas raramente utilizado em Kizómbò.

b). *Com actualizador aspecto-tempo /-angV-/*

A segunda forma consiste em colocar o prefixo do sujeito na forma verbal no infinitivo, seguido do actualizador aspecto-tempo *-angV-* que exprime a noção da

cursividade accional. Portanto, a VF é uma vogal aspectual e não do infinitivo. A sua estrutura apresenta-se da seguinte forma: *índice de sujeito* + RAD + *-ang-a*. É do nosso domínio que *-ang-* é uma extensão de continuidade, representando semanticamente o aspecto progressivo similar ao *-ing* do Inglês. A acção expressa pelo presente ainda está em curso e por este facto, expressa o aspecto progressivo. Ele é marcado por */-ø-/*.

83. a. *núkwééndàngà*.  
 nu-ø-kweend-ang-VF  
 IS-Tpo-RAD-DUR-IMPERF  
 vós-Pact-ir-PROG-VF  
 ‘Vós estais a ir /estais indo’

c. *kédyángà*.  
 ke-ø-di-ang-a  
 IS-Tpo-RAD-DUR-VF  
 ele-Pact-comer-PROG-VF  
 ‘Ele está a comer / está comendo’

c). *Com auxiliar /-tá/*

O verbo auxiliar *tá* significa ‘estar empenhado’, ‘estar ocupado’, estar empenhado em fazer algo. Com a utilização do auxiliar */-tá/*, o Kizómbò expressa igualmente o presente actual similar ao anterior a este. O conteúdo semântico das duas formas é o mesmo. Portanto, as duas formas são instrumentos de comunicação colocados à disposição dos falantes de Kizómbò para exprimirem uma acção em curso, isto é, uma acção em plena realização. As suas formas, da primeira à terceira pessoa do plural, são: *yítá* ‘estou’, *ùtá* ‘estás’, *kàtà* ‘está’, *tùtá* ‘estamos’, *lùtá* ‘estais’, *àtá* ‘estão’. O tempo é marcado com */-ø-/* antes do radical verbal.

84. a. *èmwànà útá dilà*.  
 e-mu-ana u-ø-ta dil-a  
 DEF-1-BN IS-Tpo-AUX RAD-VF  
 a criança ela-Pact-estar chorar-VF  
 ‘A criança está a chorar’

b. *tùtá vóvà*.  
 tu-ø-ta vov-a  
 IS-Tpo-AUX RAD-VF  
 nós-Pact-estar falar-VF  
 ‘Estamos a falar’

d. *àtá sálà*.  
 a-ø-ta sal-a  
 IS-Tpo-AUX RAD-VF  
 eles-Pact-estar trabalhar-VF  
 ‘Estão a trabalhar’

Em Kizómbò existe um outro procedimento para exprimir o presente actual que consiste num verbo no infinitivo preceder o auxiliar e reaparecer como segunda instância flexionada depois de auxiliar. É a *construção do infinitivo fronteado* designada por Meeussen (1967) «Advance verb construction» e rebaptizada por KongoKing Research Group<sup>13</sup> como sendo «The fronted-infinitive constructions» (De Kind et al., 2015: 114-115), conforme a ilustração abaixo:

85. a. *dyà yítàdyà*  
       di-a       yi-t-a       di-a  
       comer-VF IS-estar-VF comer-VF  
       lit.: comer eu estou comer  
       ‘Estou a comer’
- b. *sámbà yitá sámbà*  
       samb-a   yi-ta       samb-a  
       orar-VF IS-estar orar-VF  
       lit.: orar eu estou orar  
       ‘Estou a orar’

A propósito Meeussen (1967:121) comenta:

*A peculiar kind of sentence, with twice the same verb, the first occurrence being an infinitive, is attested frequently, and will have to be ascribed to Proto-Bantu. The meaning varies between stress of « reality », stress of « degree », and even « concession »: kutákuna báátákunide, «they chewed as (much as) they could»; «(as for chewing) they did chew,(but ...)».*

Este fenómeno linguístico está presente no Kizómbò e ocorre frequentemente quando o verbo não tem complementos e o verbo copular mais frequente é *táque* semanticamente evolui para ‘estar empenhado em fazer algo’ ou ‘estar ocupado’, quando está em referência uma acção cursiva. Mas o que acontece nestas construções tem grandemente a ver com as construções de *foco predicativo* que exclui o objecto e os adjuntos.

## 2. *Presente habitual(HAB)*

O presente habitual serve para indicar o hábito de fazer alguma coisa mesmo que não seja feita agora. Esta definição cai exactamente na observação de Comrie (1985:39) ao afirmar que em muitas línguas, o presente é igualmente usado com sentido do aspecto habitual como *John goes to work at eight o'clock every day, a certain property (namely, going to work at eight o'clock every day) is assigned to John, and this*

<sup>13</sup>KongoKing Research Group, funciona na Universidade de Ghent, Bélgica no Departamento de Línguas e Culturas, Africa. O artigo aqui mencionado é da autoria deste grupo composto pelos Profs. Drs. Koen Bostoen, Gilles-Maurice de Schryver e seus doutorandos Jasper de Kind e Sebastian Dom.

*property is of course true of John even if at the moment he happens not to be on his way to work.* De modo mais geral, o significado habitual situa-se no limite dos três sistemas de TAM. Em princípio, é de esperar que a habitualidade seja expressa por meio de tempo, uma vez que envolve a localização de uma situação através de uma grande fatia de tempo (talvez a totalidade do tempo), em vez de simplesmente em algum ponto único. A habitualidade também pode ser aspectual, no que se refere ao contorno temporal interno de uma situação, em particular, em que a situação deve ocupar uma grande fatia de tempo. Finalmente, a habitualidade é susceptível também de ser modal, uma vez que envolve indução a partir de observações limitadas sobre o mundo real para uma generalização sobre possíveis mundos (Comrie 1985:40).

86. a. *mónòyíkúnàngà*.  
 mono yi-∅-kun-ang-a  
 1SG IS-Tpo-RAD-HAB-VF  
 eu eu-PRES-plantar-de hábito-VF  
 ‘Habitualmente eu planto’

b. *yètò túsàmbilàngà*  
 yeto tu-∅-samb-ang-a  
 1PL IS-Tpo-RAD-HAB-VF  
 nós nós-PRES-orar-de hábito-VF  
 ‘Habitualmente nós temos orado’

O presente nesses moldes consiste na prefixação completa do sujeito, seguido do objecto precedendo a base verbal que adiciona os sufixos. A sua estrutura é: IS + Obj + RAD + Ext +VF. O marco do tempo é igual ao do infinitivo onde a base verbal inicia com o morfo /ku-/ contrastando com /kw-/ antes da vogal, e /ku-/ diante do infixo do objecto. Considerar:

87. *túkùbàmónángà*.  
 tu-ku-ba-mon-ang-a  
 IS-Tpo-IO-RAD-HAB-VF  
 nós-PRES-eles-ver-de hábito -VF  
 ‘Habitualmente nós vemo-los’

O presente habitual pode ser expresso reduplicando a forma verbal de base, a exemplo do presente actual. Trata-se de uma reduplicação total e não parcial visto que a primeira instância permanece no infinitivo que é a forma de base e a segunda, por si gerada, sofre uma flexão que lhe permite prefixar o sujeito e estender a sua base com a extensão durativa. No entanto, a reduplicação verbal, é um processo que ocorre com frequência em Kizómbò e quando acontece com o presente habitual oferece duas possibilidades de leitura:

1. Denotar eventos iterativos e
2. Um longo e durativo evento.

Para este caso as duas possibilidades coabitam e podemos observá-las com os exemplos abaixo. Contudo, importa ressaltar que esse facto, torna diferente o comportamento dos predicados verbais dentro da mesma categoria sintáctica. Vamos considerar os mesmos exemplos dados acima:

88. a. *mónò kúnà yíkúnángà.*  
 mono kun-a yi-ø-kun-ang-a  
 1SG RAD-VF IS-Tpo-RAD-Ext-VF  
 eu plantar-INFeu-PRES-plantar-HAB-VF  
 ‘Habitualmente eu planto’
- b. *yèno lóngòkà lùlòngòkàngà.*  
 yeno long-ok-a lu-ø-long-ok-ang-a  
 2PL RAD-Ext-VF IS-Tpo-RAD-Ext-VF  
 vos estudar-MED-VF vós-PRES-estudar-HAB-VF  
 ‘Habitualmente vós estudais’

### 3. *Presente histórico*

O presente histórico não é uma categoria verbal visto que não está marcado na forma verbal. Ele é usado nos textos históricos, narrativas e contos. Para exprimí-lo, são utilizadas as fórmulas de introdução como: *lumbukimosi...* ‘um dia, era uma vez’, *muna kina lumbu, mambu mamonika ema...* ‘naquele dia, o que aconteceu é’..., *mambu mabwidi muna kina lumbu ema...* ‘o que aconteceu naquele dia é’

89. a. *lúmbù kì-mòsì sé di-àndì ù-m-vóv-ès-è vò*  
 7dia 7-um 5pai 5-dele IS-IO-falar-CAUS-VF que  
 ‘Um dia, seu pai disse-lhe que...’
- b. *mùnà kìnà lúmbù, má-mbù mà-mónìk-à émà.*  
 LOC 7DEM 7dia, 6-problema 6-aparecer-VF são.  
 ‘Naquele dia, o que aconteceu foi.’

### c). *Futuro*

Situa a acção num momento posterior ao momento da enunciação.

Kizómbò reconhece três momentos do futuro: o *simples*, o *próximo ou imediato* e o *distante*. Para estes tipos o futuro não usa afixos, ele é expresso por uma variedade de circunstâncias temporais que antecedem o verbo. É por esta razão que no início desta secção observamos que o presente histórico e o futuro não fazem parte das categorias gramaticais presentes na forma verbal em Kizómbò.

### 1. *Futuro simples(SIMP).*

Exprime uma acção que tem lugar num momento indeterminado do futuro. Na frase é expresso pelas formas temporais do tipo *ibòsì* ‘depois’, *wùnù* ‘hoje’ *mu ngúngà tátu* ‘as 15 horas’, *mù nkókílà* ‘à tarde’, *mù mpipa* ‘à noite’, *mbázi* ‘amanhã’, *mbàzì mù nsúkà* ‘amanhã demanhã’ *mbázi mù mwini* ‘amanhã de dia’, *mbázi mùnkókèlà* ‘amanhã à tarde’, *lùmìngù lùkwìzà* ‘próximo domingo’, *ngonda yikwìzà* ‘próximo mês’ que antepõem o verbo de forma autónoma. Vamos conferir os exemplos:

90. a. *ibòsì kàdýà.*

Ibosi ka-ø-di-a.  
ADV IS-Tpo-RAD-VF  
depois ele-SIMP-comer  
‘Ele irá comer depois’

b. *lùmìngù lùkwìzà tùkwènd-à.*

lu-ningu lu-kwiz-a tu-ø-kwend-a  
11-BN 11-RAD-VF IS-Tpo-RAD-VF  
domingo que-vir nós-SIMP-ir-VF  
‘Nós iremos próximo domingo’

### 2. *Futuro Próximo (PROX):*

Igualmente o chamado *futuro imediato*, *futuro iminente*, consiste numa acção que terá lugar alguns instantes depois do tempo da enunciação. Ele é expresso por dois principais actualizadores modais *si / sè* ‘seguramente’ *esíngà* ‘indo a, indo para fazer’ e a construção com o infinitivo fronteado.

a) *Actualizador /-sì-/ ou /sè/*

Quando o *mùzómò* quer insistir sobre uma certeza de que, infalivelmente o facto acontecerá no futuro, então, faz-se preceder o verbo da partícula */-si-/*. Assim sendo, o valor semântico deste actualizador aproxima-se dos advérbios de certeza ‘seguramente’, ‘certamente’, ‘evidentemente’, ‘definitivamente’. Portanto, a partícula */-sì-/* entra na formação de grande parte dos enunciados do futuro do indicativo que veremos mais adiante quando falarmos do modo. Ela entra na categoria dos actualizadores aspecto-temporais a exemplo do */-ngV-/* já mencionado na pré-inicial.

91. a. *sikàlàmbà.* (próximo)

si-ka-ø-lamb-a  
ACT-IS -Tpo-RAD-VF  
ACT-ela-PROX-cozinhar-VF  
‘Certamente ela cozinhará’

b. *silwàkùnàngà.* (habitual). (Quiala 2013:178)  
 si-lu-a-kun-ang-a  
 ACT-IS-Tpo-RAD-HAB-VF  
 ACT-vós- PROX-semear-de hábito-VF  
 ‘Evidentemente vós estareis a semear’

b) *Atualizador /-sìngà/*

A semântica deste atualizador é ‘indo a, proximamente, em breve’. Portanto, assemelha-se ao Francês ‘être en train de’ e do Inglês ‘going to’.

92. a. *ìsìngà sálà.*  
 i-sìnga sal-a  
 IS-ACT RAD-VF  
 eu-PROX trabalhar  
 ‘Proximamente eu trabalharei’

b. *ò-sìngà vútùkà.* (Carter e Makoondkwa 1987:6)  
 o-ø-sìnga vutuk-a  
 AUM-IS-ACT RAD-VF  
 ele-PROX voltar  
 ‘Brevemente ele voltará’

d) *Sequência da mesma forma verbal.*

Assemelha-se às construções com o infinitivo fronteado (cf. p. 67 supra). A única diferença é que aqui introduzimos o sujeito mas o alvo é expressar o foco no sentido lexical do verbo. O sujeito é determinado pelo índice anafórico prefixado na segunda forma verbal. Os índices anafóricos *yi-* e *ka-* estão plasmados no quadro 20, página 85.

93. a. *mòndò kùnà yìkùnà.*  
 Mono kun-a yi- ø-kun-a  
 1SG semear-VF IS-Tpo-RAD-VF  
 eu semear eu- FUT-semear  
 ‘Eu semearei’

b. *èmwànà vóvà káwóvà.*  
 e-mu-ana vov-a ka- ø-vov-a  
 AUM-1-BN RAD-VF IS-Tpo-RAD-VF  
 o-filho falar ele-FUT-falar  
 ‘A criança falará’

### 3. *Futuro distante (DIST)*

Exprime um evento que será realizado num futuro distante. Emprega formas temporais similares ao futuro simples: *èmvu wùkwizà* ‘próximo ano’ etc.

94. *èmumvu wùkwizà nzo yitùngà.*  
 e-mu-mvu wu-kwiz-a nzo yi-tung-a  
 AUM-LOC-3ano 3-vir-VF 9casa IS-construir-VF

‘No próximo ano construirei uma casa’

Grosso modo, a partir do momento da enunciação, o eixo dos tempos discutidos acima pode ser assim orientado.

Quadro 18: Eixo dos tempos em Kizòmbò

PASSADO			PRESENTE (locutor)			FUTURO	
anterior	Recente	Imediato	habitual	Progressivo	Histórico	Simples	próximo
-à-à	à-idi ø-ídi	-ø-	-ang-	-tá, mu-, -ang-	formas introdutórias -ø- lùmbù kimósi um dia	formas temporais -ø- ibòsi kàdyà comerá depois	si, -singà  si kàdyà ele comerá
<i>i-à-món-à</i> eu vira	<i>à-ø-vàyík-ìdi</i> eles saíram	<i>tù-ø-dì-idi</i> nós comemos	<i>ùdy-áng-</i> ele come sempre	<i>ì-tà lóngà</i> estou a ensinar			

### 2.2.3.2. O Aspecto

O aspecto (ASP) é a categoria semântica que recobre a informação sobre a estrutura temporal interna do intervalo que uma determinada situação ocupa no eixo cronológico. Comrie (1976:3 et seq.) e Nurse (2003:94-99) deixam claro que uma única palavra verbal pode ter um só tempo e vários aspectos já que um evento não pode normalmente ter lugar em dois momentos diferentes. Concretamente Comrie (1976:3) define o aspecto como *diferentes pontos de vista da constituição interna do tempo de uma situação*. Segundo o autor, a diferença entre aspecto e tempo consiste em que o primeiro representa a temporalidade interna da situação e o segundo expressa a temporalidade externa. O aspecto diferencia-se do tempo, pois embora ambos se relacionem com a temporalidade, as relações diferem, visto que o tempo é uma categoria dêitica que localiza as situações temporais com referência ao momento presente, enquanto o aspecto se liga com a constituição interna da temporalidade e não com a relação entre o tempo da situação e outro ponto da linha do tempo. Contudo, Nurse (2003/6: 95-96) defende que *vários aspectos são possíveis porque um evento pode ser visto e representado simultaneamente de várias maneiras*.

Nasua gramática, por sua vez, De Castilho (2012:665), define aspecto verbal como o *ponto de vista sobre o desenvolvimento da acção verbal, que pode ser apresentada em (i) duração (aspecto imperfectivo), (ii) completamento (aspecto perfectivo) ou (iii) repetição (aspecto iterativo)*. De Castilho (2012:418) tece comentários sobre as diferentes fases históricas da aspectologia: A fase léxico-

semântica, que “atribui à semântica do radical do verbo as noções aspectuais apuradas”. A segunda fase é a semântico-sintáctica, na qual se incluem autores como o próprio De Castilho, Travaglia (1981), Comrie (1976), entre outros. Nesta fase, o aspecto é visto como uma propriedade da predicação e é examinado como resultado da combinação das classes accionais do verbo (com a flexão e os verbos auxiliares; com os argumentos e os adjuntos adverbiais). A terceira fase citada por Castilho é a discursiva, na qual se pesquisam “as condições discursivas que favorecem a emergência dos aspectos constituídos”. Ele mescla as três fases na descrição realizada na sua gramática, pois defende que elas ocorrem simultaneamente. O aspecto verbal também é tratado como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. O autor subespecifica o perfectivo em *resultativo e pontual*, e o imperfectivo em *inceptivo, cursivo e culminativo* (De Castilho 2012:417). Como foi dito acima, o aspecto verbal se refere à perspectiva sobre o desenvolvimento da acção quanto à sua duração, seu início ou fim e repetição. Para Travaglia (1981:39) o aspecto indica

*o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração e, por isso, seria uma categoria ligada ao tempo. Segundo este autor, a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse momento.*

Assim como Comrie, o tempo é considerado por Travaglia também uma categoria dêitica, pois indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação.

#### **2.2.3.2.1. Noções aspectuais**

De Castilho (2012:19) adverte para o facto de que “cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma fase” e por isso o quadro aspectual precisaria de ser representado de forma pluridimensional, pois a predicação verbal reúne uma variedade de estados de coisas. Levando isso em conta, ele apresenta o seguinte quadro da tipologia aspectual do verbo:

*Quadro19: Tipologia do aspecto verbal*

Fase qualitativa do aspect		Fase quantitativa do aspecto
Imperfectivo	Perfectivo	Semelfactivo
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	Iterativo
Terminativo		Imperfectivo/perfectivo

Fonte: Castilho (2012:420)

Para De Castilho (2012: 421-423), o aspecto imperfectivo apresenta uma predicação dinâmica de sujeito que pode ter uma fase inicial (inceptivo), uma fase em pleno curso (cursivo) ou uma fase final do estado de coisas (terminativo).

-inicial (imperfectivo inceptivo): expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais e depende muito de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio. Os verbos auxiliares podem ser: principiar (a), começar (a), pôr-se (a), pegar (a).

-retratada em pleno curso (imperfectivo cursivo): o estado de coisas é apresentado em seu pleno curso e não faz referências à fase inicial ou à final.

-final do estado de coisas (imperfectivo terminativo): aponta para os momentos finais de uma duração, por meio de perífrases de acabar de/por, cessar de, deixar de, terminar de+ infinitivo. Segundo o autor, o imperfectivo é frequente em estruturas de fundo das narrativas, ou seja, as informações que emolduram um evento principal. O imperfectivo, para Travaglia (1981), se caracteriza por “apresentar a situação como incompleta” (grifo do autor). Não se tem, nesse aspecto, o todo da acção e, por isso ela se apresenta em uma fase de seu desenvolvimento, o que faz com que as noções do imperfectivo apareçam juntas com as noções de que as fases de desenvolvimento da acção representam.

*1. Acção télica ou sentença télica: Actividade vista como completada.*

95. a. *è-mwàrà kóswèlè.*  
 AUM-mu-ana    ø-kosu-ele  
 DEF-1-BN      IS-RAD-ASP  
 a-1-criança    ela-tossir-PERF  
 ‘A criança tossiu’

- b. *mòndò ndíidì.*  
 mono n-ø-dí-idi.  
 1SG    IS-Tpo-RAD-ASP  
 eu      eu-IMED-comer-PERF  
 ‘Eu comi’

2. *Acção atélica ou sentença atélica*: Actividade vista como parcialmente realizada.

96. a. *èmwànà ùtá kósùlà.*  
 e-mu-ana u-ø-ta kosul-a  
 AUM-1-BN IS-Tpo-AUX RAD-ASP  
 DEF-1-criança ela-Pact-estar tossir-IMPERF  
 ‘A criança está a tossir’.

- b. *mònò yità dyá.*  
 mono yi- ø-ta di-a  
 1SG IS-Tpo-AUX RAD-ASP  
 eu eu-Pact-estar comer-IMPERF  
 ‘Eu estou a comer’

A oposição entre o perfectivo e o imperfectivo é assinalada pelas marcas do tempo e pelos actualizadores /sè/ e /-ngV/, a saber:

a) **Perfectivo**: Aparece com marca do passado /-a-/, /-idi-/, deslocamento do tom A do radical sobre a penúltima sílaba do verbo ou sobre a última quando é longa. Também o actualizador /-ngV-/ para expressar o progressivo ou o habitual.

Passado distante

97. *yàtúngà énzò.*  
 i-a-tung-a e-N-zo  
 IS-Tpo-RAD-ASP AUM-9-BN  
 eu-DIST-construir-PERFa-casa  
 ‘Eu tinha construído a casa’

Passado recente

98. *yàtúngìdì énzò.*  
 i-a-tung-idi e-N-zo  
 IS-Tpo-RAD-ASP AUM-9-BN  
 eu-REC-construir-PERF a-casa  
 ‘Eu construí (recentemente) a casa’

Passado imediato

99. *ntúngìdì énzò.*  
N-ø-tung-idi e-N-zo  
 IS-Tpo-RAD-ASP AUM-9-BN  
 eu-IMED-construir-PERF a-casa  
 ‘Eu acabei de construir a casa’

Progressivo

100. *nzò yitúngìdìngì.*  
 n-zo yi-ø-tung-idi-ngI.  
 9-BN IS-Tpo-RAD-ASP-ACT  
 casa eu-REC-construir-PERF-PROG

‘Eu estava a construir a casa’

b) **Imperfectivo**: Indicando que o tempo da enunciação coincide com um momento qualquer não definido, do desenrolar do processo ou um momento que precede o seu início. Ele é marcado por /-ngV-/ similar ao perfectivo com o tom B na final /-à/ e pelo actualizador /-sì-/ precedendo os índices do sujeito.

Futuro simples

101. *kyà lùmìngù yìsálà.*  
ki-a lu-mìngu yi-ø-sal-a  
8DET-de 11-BN IS-Tpo-RAD-ASP  
de domingo eu-SIMP-trabalhar-IMPERF  
‘Eu irei trabalhar no domingo’

102. Futuro próximo  
*sìyàvàng(à) èsálù.*  
sì-i-a-vang-a e-salu  
ACT-IS-Tpo-RAD-ASP AUM-N  
PROX-eu-PROX-fazer-IMPERF o-trabalho.  
‘Já vou trabalhar’

De realçar que o aspecto imperfectivo que engloba o progressivo e o persistente pode ser marcado na frase com os auxiliares *tá ou kala* “ser, estar” ou com /-ø-/ num contraste com o perfectivo. Podemos visualizar alguns exemplos:

1. *Progressivo*

103. *yètò tùtá dyà èmbìsì.*  
yeto tu-ta di-a e-mbisi  
1PL IS-AUX RAD-ASP AUM-9carne  
nós IS-estar comer-IMPERFa-carne  
‘Nós estamos a comer a carne’

Outrossim, o aspecto pode depender do contexto linguístico e extra-linguístico. É o caso dos aspectos inceptivo e pontual. A sua marca é /-ø-/ e /-ele-/.

1. *Inceptivo*: O aspecto inceptivo tem início mas não tem fim.

104. *Lukoki kítùkidì nyímbìdì.*  
Lukoki ø-kituk-idi n-yimbidi  
N IS-RAD-ASP 1-BN  
N ele-REC-tornar-PERF 1cantor  
‘Lukoki tornou-se cantor’

2. *Pontual*: O aspecto pontual constrói um evento tendo limites: início e término.

105. *èmwàrà kòswèlè*  
e-mu-ana ø-kosu-ele  
AUM-1-BN IS-RAD-ASP  
1-criançaI ela-tossir-PERF  
‘A criança tossiu’

### **2.2.3.3. O modo**

A categoria modo está presente no sistema verbal de Kizómbò. Ela representa a intenção ou a atitude comunicativa do locutor em relação à proposição.

Um olhar atento sobre a literatura linguística Bantu, mostra que a categoria modo não conhece muitos estudos, não obstante serem reconhecidos, desde os tempos remotos (PB), oito modos, em várias línguas Bantu: imperativo, infinitivo, indicativo, subjuntivo, participial, potencial, condicional e contingente (Doke 1935:147). Nesta mesma literatura, o termo modo é entendido como referindo-se a uma larga categoria que inclui o aspecto. Mas nos termos de Doke (1935:147), o modo refere-se a uma especial forma assumida pelo verbo no sentido de marcar certas maneiras especiais (modus) nas quais a conexão entre o sujeito e o predicado, que cada verbo exige, é vista pelo locutor. Em tudo, o consensual e ainda válido em Bantu, é que a modalidade é fundamentalmente marcada por meio de sufixos, sobretudo aquele do subjuntivo marcado pelo final -e (Nurse 2003:91).

Estudos recentes revelam que o imperativo e o subjuntivo constituem os principais meios gramaticais para exprimir as proposições de base (Devos 2008; Bostoen et al. 2012, Devos & Van Olmen 2013). O potencial / condicional que conhece várias tentativas de reconstrução a partir do PB, como marcador do modo condicional, é conhecido como expressando a possibilidade dinâmica, deóntica bem como epistémica (Meeussen 1967:109). Por fim são alistados pelos bantuistas os auxiliares modais que preenchem o vazio ainda existente nesta categoria, sendo por conseguinte usados para denotar algum tipo de modo. Rigorosamente, são três os modos verbais: indicativo, subjuntivo e o imperativo. A estes três podemos adicionar o condicional. Na linguística o imperativo é um valor associado ao injuntivo que comporta outros valores os quais trataremos um pouco mais adiante.

#### ***1. Indicativo***

O verbo no indicativo é uma palavra que expressa um estado ou uma acção que provavelmente acontecerá, uma certeza, trabalhando com reais possibilidades de concretização da acção verbal ou com a certeza comprovada da realização daquela acção. Anteriormente observamos que o grau de afinidade existente entre o tempo e o modo afrouxa a sua discussão separada, não podendo mesmo achar graça diante de muitos linguístas. Alíás, na introdução referimo-nos a este facto de que não se separam

as categorias de pessoa e número, nem tampouco de tempo e modo bem como de tempo e aspecto. Portanto, não havendo motivos suficientes para repetirmos aquilo que já discutimos, prescindimos da discussão do modo indicativo, visto que os tempos do indicativo (passado, presente e futuro) já foram tratados acima no ponto 2.2.3.1. Por este facto, iremos prestar mais atenção ao subjuntivo, ao injuntivo e ao condicional.

## 2. *Conjuntivo / Subjuntivo (SUBJ)*

Do Latim *conjunctivus* «que serve para ligar», o conjuntivo denota que uma acção, ainda não realizada, é ligada a outra, expressa ou subentendida, de que depende (donde a designação alternativa subjuntivo preferida pela nomenclatura brasileira a qual subscrevemos). O subjuntivo (SUBJ), é por excelência o modo da oração subordinada. Entretanto, ao contrário do indicativo, o subjuntivo é o modo viável para a construção de enunciados que dependem de verbos cujo sentido está ligado à noção de desejo, de súplica, de ordem, de vontade, de defesa, de objectivo, de suposição (dúvida, incerteza), trabalhando com remotas possibilidades de concretização da acção verbal. Portanto, a estrutura do subjuntivo em Kizómbò pode ser assim esquematizada: *sujeito prefixo + a + radical + a/e*. Em Kizómbò, as principais conjunções usadas para a introdução do subjuntivo são: *vó* ‘se, que’, *kìmànà*, *kidimànà* ‘para que’, ‘afim que’; *ngátù* ‘talvez’, ‘possivelmente’.

1. Expressão de um desejo, um anelo.

106. *Nzólèlè vó wàlóngòkà*  
 n-ø-zol-ele                      vo                      u-a-longok-a  
 IS-Tpo-querer-ASP              CONJ                      IS-Tpo-estudar-VF  
 eu-IMED-querer-PERF      SUBJ                      tu-PROX-estudar-PERF  
 ‘Eu quero que tu estudes’

2. Expressão de uma súplica.

107. *àlóbèlè vó nwàsádìsà*  
 a-a-lomb-ele                      vó                      nu-a-sad-is-a  
 IS-Tpo-RAD-ASP              CONJ                      IS-Tpo-RAD-ext-ASP  
 eles-PRES-pedir-PERF      SUBJ                      vós-PRES-IO-ajudar-CAUS-PERF  
 ‘Eles pediram para que vós os ajudeis’

A forma negativa do conjuntivo caracteriza-se pela mudança de /-a-/ final para /-è-/ caso o radical é monossilábico e para /-i-/ se o radical for polissilábico. Esta forma tem o valor do imperativo. Vamos analisar os exemplos abaixo:

108. a. *kàlùvòvì màmbù mànsóni ko.* (Dereau 1955:133)  
 ka-∅-∅-lu-vov-i ma-mbu ma-nsoni ko  
 NEG- IS-PRES-IO-dizer-VF 6-palavras 6-absceñas NEG  
 ‘Que não digais palavras absceñas’.
- b. *kídyè kò.*  
 ka-i-∅-di-e ko  
 NEG-IS-PRES-comer-VF NEG  
 ‘Que eu não coma’
- c. *kà àkúnì kò.*  
 ka a-∅-kun-i ko  
 NEGIS-PRES-semeiar-VF NEG  
 ‘Que eles não semeiem’

### 3. *Injuntivo*

Na linguística e especificamente no sistema verbal, o injuntivo é o conjunto de todas as formas definíveis do ponto de vista puramente externo que servem para exprimir uma ordem ou obrigação. Assim, os principais valores do injuntivo são quatro em Kizòmbò: o imperativo, o hortativo, o permissivo e o optativo.

#### a) *Imperativo (IMP)*

O imperativo em Kizómbò é uma frase inicial. Sabemos que na forma afirmativa, o imperativo exprime uma ordem e que na forma negativa exprime uma proibição. A forma afirmativa do imperativo, bem como os derivativos caracterizam-se por uma vogal final /-à/, enquanto que os verbos cujo radical é -CV- e outros, caracterizam-se por /-è/ e /-i/ final

#### 1. Forma afirmativa

109. a. *lùsálà.*  
 lu-sal-a  
 IS-trabalhar-IMP  
 ‘Trabalhai vós’

- b. *dýà.*  
 ∅-di-a  
 IS-comer-IMP  
 ‘Come tu’.

#### 2. Forma negativa

A forma negativa é caracterizada pelo /-è/ final para os verbos monossilábicos e pelo /-i/ para os verbos polissilábicos. O imperativo negativo singular assimila a vogal /-

a-/ do prefixo *ka*‘NEG’ para /*ku-*/ (ka-u→ku), e o sufixo /-i/ ao radical. e.g. *kwìzì kò* “não vem”. Para os monossilábicos é sufixado -e : *dýà* “comer”. *kùdyé kò* “não come”.

110. a. *kùléki kó*.  
 ka-u-lek-i kó  
 NEG-IS-Tpo-dormir-IMP NEG  
 ‘Não durmas tu’

b. *kùsímbì kó*.  
 ka-u-simb-i ko  
 NEG-IS-pegar-IMP NEG  
 ‘Não pegues tu’

c. *kùtélemì kó*.  
 ka-u-telem-i ko  
 NEG-IS-levantar-IMP NEG  
 ‘Não te levantes / não levantes tu’

Ao passo que o imperativo plural é realizado prefixando *nu-*(variação fónica de *lu-* em Kìzómbò) da segunda pessoa ao radical e a vogal final é /-i/.

111. a. *kà nùbàngì kó*.  
 ka nu-bang-i ko  
 NEG IS-temer-IMP NEG  
 ‘Não temais vós’.

b. *kà nùyámbùdì kó*.  
 ka nu-yambul-i ko  
 NEG IS-deixar-IMP NEG  
 ‘Não deixeis vós’

c. *kà nùvívidì kó*.  
 ka nu-vivil-i ko  
 NEG IS-ouvir-IMP NEG  
 ‘Não ouçam/oiçam vós’

Para os verbos monossilábicos seguem-se os seguintes exemplos

112. a. *kàlùdyé kó*.  
 ka-lu-dí-e ko  
 NEG-IS-comer-IMP NEG  
 ‘Não comais vós’

b. *kùté ko*.  
 ka-u-t-e ko  
 NEG-IS-bater-IMP NEG  
 ‘Não batas tu’

c. *kùwé kó*.  
 ka-u-w-e ko  
 NEG-IS-ouvir-IMP NEG

‘Não ouças / oiças tu’

Existe também o imperativo negativo com o índice do objecto pós-posto(IOP) chamado pós-final (cf.2.2.8 ).

113. a. *kùsùkùdìmókò (malóóngà)*  
ka-u-sukul-i-mo-ko  
NEG-IS-RAD-VF-IOP-NEG  
não-tu-PAct-lavar-IMP-os-não  
‘Não os laves tu’ (pratos)

b. *kàlùlòngókikýòkò (Kizómbò)*  
ka-lu-longok-i-kyo-ko  
NEG-IS-RAD-VF-IOP-NEG  
não-vós-aprender-IMP-o-não  
‘Não o aprendeis’ (Kizómbò)

c. *kàátwàsizókò (nkóómbò)*  
ka-a-was-i-zo-ko  
NEG-IS-RAD-VF-IOP-NEG  
não-eles-trazer-IMP-as-não  
‘Não as tragam’ (cabras)

b). *Hortativo (HORT)*

Do Latim hortativus significa exortar. Nos termos de Carter e Makoondekwa (1987:56), o hortativo significa **let him** ‘deixa-o’. e o seu paradigma consiste de *sujeito prefixado* + *RAD* +*-e/-i*. Verbos monossilábicos, tais como *dýà* ‘comer’ de radical simples têm /-e/ final e aqueles de radicais longos têm /-i/ final. O hortativo é construído com a partícula *kwa*-enfática que funciona como prefixo de um dado radical possessivo com o qual concorda em termos da classe pronominal (cf. cap.1, subsecção 1.2.1.2.5.2.).

114. a. *átámbì kwàù.*  
a-ø-tamb-i                      kwawu  
IS-PRES-brincar-HORT      POSS  
‘Deixa-os brincar’

b. *kákótì kwándì.*  
ka-ø-kot-i                      kwandi  
IS-PRES-entrar-HORT      POSS  
‘Deixa-o entrar’

c. *nwízì kwénò.*  
nu-ø-wiz-i                      kweno  
IS-PRES-vir-HORT      POSS  
‘Deixa-os vir / Podem vir.

d. *kàsónèkì kwám̀dì.*  
 ka-ø-sonek-i kwandi  
 IS-PRES-escrever-HORT POSS  
 ‘Deix-o escrever / pode escrever’

e. *kàdyé kwá̀ndi.*  
 ka-ø-di-e kwandi  
 IS-PRES-comer-HORT 3POSS  
 ‘Deixa-o comer / Pode comer’

#### 4. *Condicional / Futuro do pretérito*<sup>14</sup>.

Em termos gramaticais, o condicional é o modo que serve para falar sobre um facto, que poderá ou não ocorrer, dependendo de determinada condição. Porém, as sentenças condicionais, que os ingleses designam *if sentences*, fazem-se acompanhar da outra, cujo verbo principal aparece no imperfeito do subjuntivo. *Aif sentence*, é designada *prótase* e a segunda *apódose*. A *apódose* tem a ver com a segunda parte da proposição condicional que no fundo é a oração principal, enquanto que a *prótase* conhecida como *se frase*, é a primeira mas ela é a subordinada que indica uma condição à oração principal.

O Kizombò expressa o condicional ou o futuro do pretérito com as partículas *kani...*, *ávó...vó...* que indicam uma condição para a oração principal. Essas partículas com valor conjuncional, geralmente são colocadas no princípio da sentença.

115. a. *ávó kùzòlèlè nwà̀nà yé ngá̀nddù kò, tómbòl̀a èlèmbà yá̀kù.* (provérbio)

1. *avo ka-u-ø-zol-ele nwan-a ye ngandu ko*  
 COND NEG-IS-PRES-RAD-PERF RAD-VF CON N NEG  
 se não-tu-querer-PERF lutar-INF com jacaré não  
 ‘Se não queres lutar com o jacaré, [prótase]

2. *ø-tmbol-a e-lemba yaku.*  
 IS-RAD-VF AUM-BN POSS  
 tirar as-armadilhas tuas  
 ‘tira as tuas armadilhas [do rio]’ [apódose]

b. *ávó sálà útàsálà, bázà kàkà sálù kyá̀kù.* (Dereau 1955:196)  
 avo sal-a u-ta sal-a, banz-a kaka salu kyaku.  
 COND RAD-VF IS-AUX RAD-VF RAD-VF ADV 7N 7POSS  
 se trabalhar-INF tu-estar trabalhaf-INF, pensar-INF só labuta teu  
 ‘Se estás a labutar, pensa somente no teu labor’

<sup>14</sup> A opção pela designação **futuro do pretérito** torna-se plenamente justificada quando adoptamos uma perspectiva discursiva.

### 1. *Prótase como proposição subordinada condicional*

Do ponto de vista sintáctico, as construções condicionais são duas numa só proposição. Assim, numa estrutura sintáctica de dois membros correlacionados, aquele que é subordinado ou dependente cria uma expectativa para a enunciação do segundo. O paradigma para a introdução do primeiro membro *kani.....ngá, vó e àvó.....-singà+verbo*

116. a. *kàni yíkúntúmìsà [prótase], ngá kàkwìzà [apódose].*  
kani yi-ku-n-tum-is-a, nga ka-ø-kwiz-a.  
COND IS-Tpo-IO-RAD-Ext-VF, MODF IS-Tpo-RAD-VF  
se eu-REC-ele-convidar-CAUS-IMPERF poder ele-REC-vir  
'Se eu o convidasse [prótase], ele poderia vir [apódose]'.  
b. *àvó yílèndà nzímù [prótase], nzò yìsumbà [apódose].*  
vo yi-ø-lend-a nzimbu, nzo yi-ø-sumb-a  
COND IS-Tpo-RAD-VF 9N 9N IS-Tpo-RAD-VF  
se eu-PRES-conseguir dinheiro, casa eu-comprar.  
'Se eu conseguir dinheiro, irei comprar uma casa'  
c. *àvó yàtámbùlà nkándà [prótase], ísingà yángàlálà [apódose].*  
avo i-a-tambul-a nkanda i-singa ø-yang-alal-a  
CON IS-Tpo-RAD-VF N IS-AUX IS-RAD-Ext-VF  
se eu-PRES-receber 3carta eu-estar eu-alegrar-EST  
'Se eu pudesse receber uma carta, alegrar-me.ei'

### 2. *A Inversão condicional*

A proposição dependente do condicional é a oração principal desprovida da partícula do condicional. Ela antecipa a prótase tomando o seu devido lugar na proposição. Isto significa que em Kizómbò, o condicional pode também ser expresso, invertendo a ordem das duas orações. Retomemos os exemplos acima para o efeito:

117. a. *bánzà kákà sálù kyákù, àvó sálà útà sálà.* (Dereau 1955 : 196)  
banz-a kaka salu kyaku avo sal-a u-ta sal-a  
RAD-VF ADV 7N 7POSS COND RAD-VF IS-AUX RAD-VF  
pensa só trabalho teu se trabalhar tu-estar trabalhar  
'Pensa somente no teu trabalho, se estás a trabalhar'  
b. *yándi dya kani kàdýà, àvó kèélè yé màdýà.* (Quiala 1955.:123)  
yandi di-a kani ka-ø-di-a avo keel-eye ma-dya  
3SG RAD-VF COND IS-Tpo-RAD-VF, COND RAD-VF CON 6-N  
ele comer poder ele-PRES-comer, se ter-IMPERF comida.  
'Ele comeria se tivesse comida'

### 3. Futuro condicional

Em Kizómbò o futuro condicional é expresso pela partícula *ávó* “se, caso” seguida de subjuntivo. Considera as frases de Carter & Makoondekwa (1987:108):

118. a. *ávó kílámbà kò kìdyà kò.*

avo ka-i-lamb-a ko ka-i-ø-di-a ko.  
COND NEG-IS-RAD-VF NEG NEG-IS-Tpo-RAD-VF NEG  
Caso não-eu-cozer não não-eu-FUT-comer-VF não  
‘Caso eu não cozinhar, não comerei’

b. *ávó kàtùlómbà nswá kò, kàtùléndà kwéndà kò.*

avo ka-tu-lomb-a nswa ko, ka-tu-ø-lend-a kwend-a ko.  
COND NEG-IS-RAD-VF permissão NEG NEG-IS-IO-RAD-VF RAD-VF NEG  
se não-nós-pedir permissão não, não-nós-poderir não.  
‘Se não pedirmos permissão, não iremos’

c. *ávó kàkwízà ntángu yámbótè, túsálà.*

avo ka-kwiz-a ntangu ya-mbote tu-ø-sal-a  
COND IS-RAD-VF tempo CON-bom IS-Tpo-RAD-VF  
se ele-vir 9hora 9-bom IS-FUT-trabalhar  
‘Se ele vier cedo, trabalharemos’

e. *ávó mázà kámakúlùkà ko, kàléndà sáùkà nkókò kò.*

Avo maza ka-ma-kuluk-a ko ka-lend-a sauk-a nkoko ko  
COND maza NEG-IS-RAD-VF NEG IS-NEG-poder-VF RAD-VF 3N NEG  
se água não-ela-baixar não ele-poder atravessar 3rio não  
‘Se a água nãobaixar, não poderá atravessar o rio’

Nestas frases, a expressão da condição permite estabelecer três condicionais:

#### 1. Condicionais factuais ou reais:

Se acontece x, também acontece y. Quando a conjunção *ávó* é usada, a frase expressa uma condição. É uma condição com maior probabilidade de se cumprir do que aquela do subjuntivo.e.g. *ávó yàtámbùlà nkándà, ísìngà yángàlálà* ‘se eu pudesse receber uma carta, alegrar-me-ia’.

#### 2. Condicionais hipotéticas:

Na hipótese de x acontecer, também acontece y. Nesta hipótese, a oração subordinada fica com verbo no futuro (cf. ex. 118c: ...*túsálà* ‘trabalharemos’; *kìdyà ko* ‘não comerei’; *kàléndà sáùkà nkókò kó* ‘não conseguirá atravessar o rio’)

### 3. Condicionais contrafactuais:

Se não acontecer x, também não acontece y. Representam um mundo imaginário onde a sua realização possa ser possível. Para serem compreendidos, os interlocutores devem ter o mesmo conhecimento quanto à possibilidade ou não de algo poder acontecer.

#### 2.2.4. O índice do objecto e da reflexiva

O índice de objecto (IO) é o morfema marcador do objecto e da forma reflexiva.

##### 2.2.4.1. O índice do objecto

Em Kizómbò IO aparece entre o marcador do tempo e o radical do verbo.

119. a. *twànsádìsà*  
tu-a-n-sad-is-a  
IS-Tpo-IO-RAD-EXT-VF  
nós-DIST-ele-tratar-CAUS-VF  
'Nós fizemo-lo tratar'
- b. *twábókèle*.  
tu-ø-a-bok-ele  
IS-Tpo-IO-RAD-VF  
nós-eles-chamar-PERF  
'Chamamo-los'

Os IO na forma verbal em Kizómbò podem ser vistos no quadro abaixo:

Quadro 20: Índice do objecto

Pessoa	Singular	Plural
Primeira pessoa	-n-, -m-	-tu-
Segunda pessoa	-ku-, -ø-	-lu-
cl.1	-n-	
cl.2	-a-	
cl.3	-wù-	
cl.4	-mì-	
cl.5	-dì-	
cl.6	-mà	
cl.7	-kì-	
cl. 8	-yì-	
cl.9	-yì-	
cl.10	-zì-	
cl. 11	-lù-	
cl.13	-mù	
cl.14	-wù-	
cl.15	-kù-	
cl.16	-vâ-	

cl.17	-kù-	
cl.18	-mù-	
cl.19	-fì	

2.2.4.2.

O

índice

### da reflexiva

Como reflexivo, o infixo representa o objecto e o sujeito nas formas em que aparece cujo morfo é /-ki-/ e comporta-se como qualquer outro objecto infixado. Em Kizómbò, ele apresenta-se sob a forma de um índice pronominal que é colocado diante da base verbal. A sua forma é invariável tanto para as classes nominais como para os locutores que representa dentro de um enunciado (Ndonga 1995:212). Embora tenhamos reservado esta discussão para o capítulo três, importa darmos alguns exemplos para sustentarmos a nossa explanação:

120. a. *wàkilwékèlè*.

u-a-∅-ki-lwek-ele  
IS-Tpo-REFL-RAD-PERF  
ele-PRES-se-ferir-PERF  
'Ele feriu-se'

b. *yikitádidi*

yi-∅-ki-tal-idi  
IS-Tpo-REFL-RAD-PERF  
eu-PRES-me-ver-PERF  
'Eu observei-me no espelho'

*mù kip<sup>h</sup>èlò*

18 ki-p<sup>h</sup>elo  
LOC 7-espelho  
no espelho

Vamos concluir esta discussão buscando exemplos a partir do nosso corpus:

121. a. *yàkìsùùm̀bìl̀à*.

i-a-ki-suumb-il-a  
IS-Tpo-REFL-RAD-APL-VF  
eu-SUBJ-me-comprar-para mim-IMPERF  
'Para que eu possa comprar para mim mesmo'

b. *yàkìl̀à̀ambìl̀à*.

i-a-kì-laamb-il-a  
IS-Tpo-REFL-RAD-APL-VF  
eu-SUBJ-me-cozinhar-para mim-IMPERF [comida]  
'Para que eu possa cozinhar para mim mesmo [a comida]'

### 2.2.5. O radical

Em termos do entendimento morfossemântico, o radical verbal é o morfema básico indivisível e irreduzível que exprime o significado fundamental do verbo. Ele é o núcleo em torno do qual funcionam os regidos posicionais conhecidos por afixos.

### 2.2.5.1. A composição silábica do radical

O radical verbal é silabicamente incompleto e sempre termine numa consoante [C- final ].

122. a. *zól-* ‘amar’  
b. *váng-* ‘fazer’  
c. *sál-* ‘trabalhar’

### 2.2.5.3. A forma do radical

A forma mínima do radical verbal de Kizómbò é: -C- e -V-.No entanto, do ponto de vista fonémico, o radical pode ser simples ou composto, isto é, um radical que apresenta uma sequência morfémica curta e/ou longa conforme se pode ver abaixo:

123. -C-: -t- ‘bater’  
-V- : -w- ‘ouvir’  
-CV- (ou Cy, Cw): -*bu-* ‘cair’, -*di-* ‘comer’, -*nu-* ‘beber’, -*si-* ‘meter’.  
-CVC- : -*bák-* ‘apanhar’, -*sál-* ‘trabalhar’, -*zól-* ‘amar’.  
-CVCVC- : -*vútùk-* ‘regressar’, -*sónèk-* ‘escrever’, -*túmin-* ‘mandar’  
-CvVCVC- : -*výàngùl-* ‘subtrair’.  
-CVVC- : -*báák-* ‘rasgar’, -*kééb-* ‘capinar’  
- CVCVCVC: -*fúlúkùt-* ‘pesquisar’, -*búlúkùt-* ‘desenrascar’, -*díkùmùk-* ‘correr’

### 2.2.5.4. O tom do radical

Do ponto de vista suprasegmental o radical do verbo em Kizómbò é monotónico. O tom de radical verbal é alto no infinitivo. É um tom de base (subjacente). As alterações tonais aparecem nas formas conjugadas, tendo em conta a sua função gramatical e contrastiva (cf. subsecção 1.3.1.1.4 supra).

124. -*zól-* ‘amar’  
-*vóv-* ‘falar’  
-*fúk-* ‘tapar’

### 2.2.6. Os derivativos verbais

À direita da raiz encontramos os derivativos verbais, também designados *extensões*, que constituem a racionalidade deste trabalho. Todavia, nos termos de Schadeberg (2003: 71), a base verbal é o domínio no qual essas extensões funcionam no espaço que vai entre o radical e a final. Assim sendo, as extensões enriquecem a base com uma variedade de sufixos que denotam modificações na acção ou estado expresso

pelo radical do verbo. Isso significa que modificam a estrutura do evento. Portanto, é com essas extensões que o verbo forma o seu sintagma. Em Kizómbò, a derivação verbal é muito produtiva. Ela consiste num alargamento formal e semântico de lexemas que permitem estabelecer e exprimir diversas relações sintáticas. Por isso, Ndonga (1995: 310) defende que ela deve ser analisada sob dois aspectos pertinentes:

a) *A derivação como fenómeno morfossintáctico*

A derivação como fenómeno morfossintáctico ocupa-se do inventário dos derivativos verbais da língua e explica as modificações formais e semânticas que são produzidas à volta do lexema verbal devidas ao seu acréscimo. Isso será discutido nos capítulos 3 e 4.

b) *A derivação como suporte da diátese verbal*

Nos dias actuais, o termo diátese é pouco falado e usado no estudos dos verbos. Todavia, sabe-se que o termo diátese ou vozes do verbo, são as formas que o verbo assume para indicar a sua relação com o sujeito, encarado como agente, paciente ou apenas envolvido no processo. Chama-se processo ao conteúdo semântico do verbo, como acção, fenómeno, estado e várias outras significações que não se podem sistematizar. O termo vem do latim *processus* "aquilo que se passa" no tempo, e, conseqüentemente, possui as categorias como presente, passado e futuro que são expressas por meio de inflexões gramaticais. Deste modo, a preocupação consiste em examinar as diversas formas de diáteses expressas por meio dos derivativos com base em dois critérios fundamentais: o critério posicional e o critério morfossemântico (Ndonga 1995:311).

**1. Critério posicional**

No interior da base verbal os derivativos ocupam uma posição que se pode facilmente localizar. Portanto, eles aparecem entre o lexema verbal e a VF ou elementos pós-finais, se houver. Retomemos os mesmos exemplos dados por Ndonga:

125. *-kús-...à* ‘ungir’ → *-kus-il-à* ‘ungir para’  
*-kun-...à* ‘plantar’ → *-kun-is-à* ‘fazer plantar’

## 2. Critério morfossemântico

A cada forma corresponde um sentido. Por exemplo, formas derivadas como -il-, -is-, -w- e -uk-, estão associadas respectivamente aos valores da voz aplicativa, causativa, passiva e média. Considerar:

126.	-vúz-	‘arrancar’	→	-vúz-il-	‘arrancar para’ (aplicativa)
	-sál-	‘trabalhar’	→	-sád-is-	‘mandar fazer’ (causativa)
	-váng-	‘fazer’	→	-váng-w-	‘ser feito’ (passiva)
	-wút-	‘parir’	→	-wùt-uk-	‘parir’ (média)

### 2.2.6.1. Estrutura dos derivativos

A derivação intraverbalfaz surgir as seguintes estruturas fonémicas:

#### a) Estruturas curtas:

127.	-C- : -u-	passiva	<i>zólù</i>	‘ser amado’.	
	-VC- : -il-	aplicativa	<i>zódilà</i>	‘amar por’.	
		-is-	causativa	<i>zódìsà</i>	‘fazer amar’
		-ul-	reversiva	<i>fúkùlà</i>	‘destapar’
		-an-	recíproca	<i>zólànà</i>	‘amar um ao outro’
		-ang-	habitual	<i>zólàngà</i>	‘amar habitualmente’».

#### b) Estruturas longas

Os derivativos compostos, na sua maioria possuem uma estrutura longa do tipo -VCVC-. Consideremos:

128.	-VCVC- : -ulul-	iterativa	<i>túngùlùlà</i>	‘reconstruir’
	-umun-	ntensiva	<i>tángùmùnà</i>	‘contar sem parar’
	-akan-	potencial	<i>léndàkànà</i>	‘ser possível’
	-alal-	atitude	<i>lámبالàlà</i>	‘estar deitado’
	-uzun-	reiterativa	<i>búkùzùnà</i>	‘quebrar em partes’
	-asan-	recíproca	<i>sálàsànà</i>	‘ajudar-se mutuamente’
	-ikis-	potencial-causativa	<i>zódìkìsà</i>	‘fazer que seja amado’
	-isil-	causativa-aplicativa	<i>zódìsilà</i>	‘fazer amar por’.

Entretanto, as coocorrências podem produzir estruturas mais longas ainda do tipo -VCVCCVC- nas quais tomam parte, por esta ordem, as extensões da causativa, da aplicativa, da passiva e da durativa. Vamos considerar o seguinte exemplo:

129.	<i>yà-káng-</i>	-is-	-il-	-w-	-ang-	-a	<i>ndýòyò</i>	<i>mù-ntù</i>	<i>lúbù</i>	<i>kyé.</i>
	IS-amarrar-CAUS-APL-PASS-DUR-VF	DEM	1-pessoa	7dia	claro.					
	lit: que esta pessoa seja amarrada todos os dias para mim.									

‘(Quero) que esta pessoa me seja amarrada todos os dias [habitualmente]’

Em termos sintáticos e semânticos, muitas dessas extensões expressam a mudança da valência tanto para mais (aplicativa e causativa) como para menos (passiva, recíproca, reflexiva, estativa, média) e as neutras (reversiva, iterativa, reiterativa, durativa, potencial, intensiva, etc.). Essas extensões estão todas detalhadas no capítulo 3 que trata da voz verbal.

### 2.2.7. A final

Também conhecida como *vogal final*(VF), a final é um pequeno conjunto fechado de morfemas que ocorre em Bantu na posição final (vogal final). Esta coluna que vem na posição imediata depois das extensões, serve para expressar seja o aspecto verbal em harmonia com o tempo, seja o valor do injuntivo (instrucional) que grandemente é caracterizado pelo imperativo.

#### 1. Forma negativa do imperativo

130. a. *kàlùvòvì* *kò*  
 ka-lu-ø-vov-i *kò*  
 NEG-IS-Tpo-RAD-IMP NEG  
 não-vós-PRES-falar-IMP não  
 ‘Não faleis’

b. *k`àkòtì kò*  
 ka-a-ø-kot-i *kò*  
 NEG-IS-Tpo-RAD-IMP NEG  
 não-tu-PRES-entrar-imp não  
 ‘Não entrem’

#### 2. Perfeito

131. a. *twatúngìdì nzò.*  
 tu-ø-a-tung-idi N-zó  
 IS-Tpo-IO-RAD-PERF 9-casa  
 nós-REC-eles-construir-PERF casa  
 ‘Construímos-lhes casas’

b. *l`wàvòvèsèlè mù Kizómbò.*  
 lu-ø-a-vov-es-ele um Kizómbò  
 IS-Tpo-IO-RAD-EXT-PERF LOC N  
 vós-IMED-eles-falar-CAUS-PERF em Kizómbò  
 ‘Vós falastes-lhes em Kizómbò’

Em Kizómbò a vogal final aparece sob duas formas: -a ou -i. Ambas são marcas aspecto-temporais conforme já dissemos na revisão de Mpanzu.

132. *wántsóng-à* ‘mostra-me’  
*ùnlánd-ì* ‘segue-o’

### 2.2.8. A Pós-final

A pós-final é o último componente da forma verbal que alberga entre outros dois tipos de elementos: o actualizador do aspecto-tempo /ngV-/ e a pós-final que é o índice do objecto pós-posto (IOP) representado pelas partículas *wò*, *myò*, *mò*, *dyò*, *yò*, *zò*, *fyò*, *byò*, etc. Torna-se um índice circunstancial (IC) quando representa substantivo locativo cujas partículas: são *mò*, *kò*, *vò*. Considera:

#### 1). Actualizador /-ngV-/

Na pré-inicial falamos do primeiro elemento /se-/. O actualizador /-ngV-/ é o segundo elemento que se segue à final do verbo. Ele exprime os valores do progressivo e do habitual. O elemento /-v-/ é uma vogal homogénia da vogal final e geralmente o seu tom é baixo.

#### 1. Perfeito progressivo/habitual

133. *yátùngàngà énzó.* (Ndonga 1995.384)  
 i-a-tung-a-nga e-N-zo  
 IS-DIST-construir-PERF-HAB AUM-9-casa.  
 ‘Eu já tinha construído a casa’.

#### 2. Perfeito recente progressivo/habitual

134. *nzò yátùngìdìngì.*  
 N-zo i-a-tung-idi-ngi.  
 10-casa IS-REC-construir-PERF-HAB  
 ‘Habitualmente eu estava construindo casas’

#### 3. Optativo progressivo/habitual

135. *tùdyàng(à) éngúbà.*  
 tu-ø-dí-a-nga e-nguba  
 IS-NEUT-comer-PERF-HAB AUM-amedoim  
 ‘Que nós estamos a comer amedoim’.

#### 4. Imperativo progressivo/habitual

136. *tùngàng(à) ènzò.*  
 Ø-ø-tung-a-nga e-N-zo  
 tu-NEUT-construir-IMPERF-PROG/HAB AUM-9-casa  
 ‘Esteja construindo a casa’ / ‘Habitualmente construa a casa’

## 2. Índice do objecto pós-posto

Recordamos que os índices do objecto pós-posto são: *wò*, *myò,mò*, *dyò*, *yò*, *zò*, *fyò*, etc. Esses elementos aparecem depois do actualizador aspecto-tempo /-ngV-/ e representam um substantivo objecto das classes 3-15 bem como da classe 19. Acima afirmamos que os locativos (cl. 16-17) representam o índice circunstante (IC).

137. *tùkàngìdìyò*.  
tu-ø-kang-idi-yo  
IS-Tpo-RAD-PERF-IOP  
nós-IMED-fechar-PERF-a/la (casa)  
'Nós fechamo-la (a casa)'

## 2. Índice circunstante

138. *tùkòtèlèmò*.  
tu-ø-kot-ele-mo  
IS-Tpo-RAD-PERF-IC  
Nós-IMED-entrar-PERF-dentro  
'Nós entramos nela'

Tudo quando diz respeito a esta posição já foi discutido, salvo o foco que discutiremos de seguida:

### 2.2.8.1. O foco e a focalização

A focalização é o acto de acentuar, de ressaltar, de pôr em realce ou evidenciar um determinado item do texto. Ela é porém, um fenómeno de natureza discursivo-pragmática, visto que o usuário pode centrar a sua atenção numa parte do enunciado que julgar relevante, enfatizando-a. No entanto, a focalização pode ser entendida como a ênfase feita pelo falante, à parte do enunciado que ele considera ser o núcleo da informação (Gonçalves 1998: 34). O Kizómbò utiliza a estratégia de projecção que realça os constituintes focalizados pelo processo de deslocação à periferia esquerda para torná-los mais informativos. A deslocação do constituinte em foco tem como consequência a supressão do seu aumento conforme se pode verificar nos exemplos abaixo:

- 139.a. *émbwà didi èmbìzì*.  
e-N-bwa      ø-ø-di-idi      e-N-bizi  
AUM-BN-cão    IS-Tpo-IMED-comer-PERF    AUM-BN-carne  
'O cão comeu a carne'
- b. *mbìzì kàdídi èmbwà*.  
N-bizi      ka-ø-dí-idi      e-N-bwa  
BN-carne    IS-Tpo-comer-PERF    AUM-BN-cão

‘É a carne que o cão comeu’

### 2.3. As funções gramaticais dos componentes da forma verbal

Todos os morfemas verbais que acabamos de identificar não são indispensáveis na composição da forma verbal. Porém, uns são obrigatórios e outros opcionais.

#### 2.3.1. Os componentes obrigatórios

São aqueles elementos que, independentemente da forma conjugada ou não, aparecem obrigatoriamente na forma verbal. No princípio deste capítulo fizemos menção dos componentes da forma verbal e dissemos que a forma verbal não conjugada remete-nos à função nominal que se manifesta pelo morfema prefixal *ku-* da classe 15. e.g. *kù-dya* ‘comer’, *kù-lòngà* ‘ensinar’. A este nível, o verbo é um nome que comporta um prefixo nominal e uma base susceptível de ser analisada segundo o sistema nominal (cf. 2.1. supra). Mas importa notar aqui que, o *metaplasmo* não poupa o Kizómbò. Hoje em dia, vários fenómenos fonológicos e fonéticos ocorrem na língua devidos à sua evolução. Na subsecção 1.3.1.2.3. referimo-nos à  *síncope* que afecta as classes nominais e aqui trata-se da *aférese* que afecta a classe 15 do infinitivo verbal. Por outras palavras, actualmente, o prefixo *ku-* como marca do infinitivo verbal já não ocorre em Kizómbò. Ele foi eliminado da forma verbal de base deixando assim o verbo com apenas dois elementos obrigatórios: *o radical* e *a vogal final*. Deste modo temos:

VERBO=RAD + FINAL
-------------------

140. a. *dyà*  
ø-di-a  
15-RAD-VF  
‘comer’

b. *tálà*  
ø-tal-a  
15-RAD-VF  
‘olhar’

#### 2.3.2. Os componentes opcionais

Ao que do componentes opcionais diz respeito, referimo-nos daqueles elementos mórficos flexíveis à substituição que permitem ao locutor fazer a escolha e que aparecem na forma conjugada do verbo tais como os afixos viz. a marca da negação, o inicial, o TAM, o conectivo, o pré-radical, o objecto infixado, os derivativos, o sufixo do

perfeito, o sufixo continuativo, o objecto e os seus substitutos da classe e outros. Alguns desses elementos já foram discutidos.

### *Os afixos*

Divididos em prefixos, infixos e sufixos, os afixos são linguisticamente elementos formativos secundários, sem vida autónoma, que se agregam a uma base verbal cuja função principal é de criar novas palavras. Isso significa que eles não fazem parte de uma palavra no seu estado primitivo. Consequentemente são morfemas gramaticais opcionais à disposição do locutor para articular sintáctica e semanticamente a sentença no acto comunicativo. Eles podem ser derivacionais ou flexionais.

#### *1. Derivacionais*

Acrescentam-se a uma palavra, no início ou no fim, para dar um novo sentido ao significado original: applicativa, causativa, passiva, recíproca, reflexiva e outros.

141. a. *-long-* : ‘ensinar’  
*tú-lóng-à:* ‘nós ensinamos’  
*lóng-w-à:* ‘ser ensinado’
- b. *-sál-* : ‘trabalhar’  
*tù-sál-àsyàn-à:* ‘ajudarmo-nos uns aos outros’  
*lù-sál-ùlùl-à :* ‘vós retrabalhai’

#### *2. Flexionais*

Em Kizómbò, os afixos flexionais indicam o TAM, a função sintáctica, a pessoa, o número. Mas importa avançar aqui, que em ambos casos podemos constatar que a derivação é oposta à flexão na medida em que a variação operada pelos morfemas (prefixos e sufixos) pode conduzir à alteração da categoria sintáctica da palavra. Ao passo que a flexão é a variação de uma palavra sem que haja alteração da sua categoria sintáctica. Vejamos:

142. *sónèkà*      verbo:      ‘escrever’  
*sónó*          nome:        ‘letra, caligrafia’  
*sónùkùnù*    nome:        ‘esferográfica’ ‘lapizeira’  
*sónùnùnà*    verbo:        ‘re-escrever’ (iterativa)  
*kisónèkèsà*   verbo:        ‘alistar-se’ (auto-causativa)  
*fysónò*        adjetivo:    ‘letra pequena’  
*yísónò*        nome         ‘letras’, etc.

Os principais afixos flexionais são:

**1. Pré-inicial:** Compreende o relativo, a negação e o actualizador do aspecto-tempo /sè-/. A sua forma é: (C)V-(cf. 2.2.1. supra).

143. a. kà-lù-mónà ‘para que não sejam vistos’  
b. kà-á-vilà ‘para que não se percam’  
c. sè-tù-dyà ‘nós estamos prestes a comer’

**2. Inicial:** (cf.2.2.2.supra)

144. a. lù-mónà ‘vós vedes’  
b. à-vilà ‘perderam’

**3. Objecto infixo:** A sua forma é: -C-, -V- e -CV-.

145. a. tù-kù-à-mónà ‘nós vímo-los’  
b. lù-à-n-lòngà ‘ensinai-o vós’

**4 Pré-radical** (cf. 2.2.4 supra): A forma vai de zero (-ø-) à -VCV-

146. a. tù-ø-zólèlè ‘nós queremos’  
b. tú-à-wà ‘nós ouvimos’  
c. a-lù-wídì ‘eles vos ouviram’  
d. tú-a-kwèndà ‘nós tínhamos ido’.

**5. Sufixo do perfeito:** Kìzòmbò possui quatro principais sufixos do perfeito:

147. a. zóla ‘amar’ zól-èlè ‘ele quer’  
b. mónèkà ‘aparecer’ amónèk-ènè ‘eles apreeceram’  
c. dýà ‘comer’ tùd-ìdì ‘nós comemos’  
d. kánà ‘prometer’ tùkàn-ìnì ‘nós prometemos’

**6. Pós-final:** Compreende o sufixo continuativo e o objecto pós-posto. Esse elemento já foi discutido acima (cf.2.2.8. supra)

**a. Sufixo continuativo:** A sua forma é: -VngV-. O V é um harmonizador com a vogal precedente. Carter (1973:310) oferece-nos os seguintes exemplos:

148. a. òvèng-èng-è ‘ele tem vindo a fazer’ ‘ele têm feito’  
b. àdìdì-ìng-ì ‘eles sempre costumavam comer’ ‘eles comiam’  
c. àzòlà-àng-à ‘eles costumavam gostar’ ‘eles gostavam’

**b. Objecto pós-posto**

149. a. àsádìd-ìngì-kyò ‘eles fizeram-no’  
b. tùvang-ànga-wò ‘nós fazemo-lo’

Para melhor discernirmos o funcionamento da forma verbal, importa fazermos uma retrospectiva olhando para tradição linguística Bantu da qual o Kìzòmbò faz parte,

para nela repescarmos as experiências, as pistas e as sugestões dos ancestrais da linguística Bantu. Neste exercício, aqueles elementos inexistentes na forma verbal de Kizómbò serão, pura e simplesmente, ignorados.

#### 2.4. Quadro do resumo da estrutura do verbo Kizómbò

Portanto, como podemos constatar, o verbo Kizómbò apresenta uma estrutura similar àquela predicta pela linguística bantu apresentada acima, cujos elementos fizemos o inventário com base em Nurse. Tipicamente, o verbo possui no mínimo um radical em todos os tempos no qual são fixados os regidos posicionais por meio de prefixos e sufixos para formar uma estrutura verbal complexa fechada por uma vogal final que indica o tempo, o aspecto, o modo e o foco. Com base no que acabamos de discutir sobre a estrutura da frase verbal em Bantu, sobretudo aquela actualizada por Nurse, Kizómbò dita a seguinte estrutura frásica:

PPFX - INIC - IS - TAM - IO - RAD - EXT - VF - PF

Desta estrutura podemos enquadrar a seguinte frase:

150. disèkàtwàlùzèngilàngàyò (kò)  
 di - se - ka - tu - a - lu - zeng - il - ang - a - yo (ko)  
 1a 1b 1c 2 3 4 5 6 7 8a 8b  
 DEM PROX-NEG IS-PROX-IO - RAD - APL - HAB- VF - IOP  
 ‘(A razão) pela qual nós cessamos o hábito de vo-la cortar’

Finalmente, a forma verbal de Kizómbò é uma sequência complexa que compreende oito posições que integram uma base verbal e diversos morfemas gramaticais, a saber: a préinicial que aglutina o índice relativo (REL.), o actualizador aspecto-tempo (ACT.) e o negativo (NEG.), índice do sujeito (IS), a marca do tempo (Tpo), o índice do objecto (IO), o radical (RAD.), a extensão (EXT), a final ou marca do aspecto (ASP.), a pós-final que por sua vez compreende o índice do objecto pós-posto (IOP) e o índice de circunstante (IC). Tudo isso é observado no quadro abaixo, dentre os quais, dois são de carácter obrigatório, isto é, o radical e a final.

*Quadro 21: Resumo da morfologia verbal*

Pessoa/ classe	Elementos preradicais						elementos pós-radicaais				
	Preinicial			IS	Tpo	IO	RAD	EXT	ASP	Postfinal	
REL.	ACT	NEG.	ACT							IOP/IC	
1 <sup>a</sup>		-se	-ke-	-N/N/i-	-a/ ø-	-N- -yi-	-sál-	-il- -is-	-V- -à-	-ngV-	
2 <sup>a</sup>				-ù/ò/ø-		ø/yi-		-ik-	-ì-		
1pp				-tù-		tù/yi		-ù-	-è-		
2pp				-lù-		lù/yi		-ùl-	-ili-		

1	-ø-			-ò/ù/kè/ø		N/yi		-ùk-			
2	-à-			-à-		à/yi		-ùm-			
3	-wù-			-wù-				-ùn-			-wò-
4	-mi-			-mì-				-ùt-~			-myò-
5	-di-			-dì-				-uz-			-dyò-
6	-mà-			-mà-				-am-			-mò-
7	-kì-			-kì-				-an-			-kyò-
8	-yì-			-yì-				-àl-			-yò-
9	-yì-			-yì-				-àk-			-zò-
10	-zì-			-zì-				-às-			-lò-
11	-lù-			-lù-				-at-			-tò-
13	tù-			-tù-							
14	-wù-			-wù-							-wò-
15	-kù-			-kù-							-kò-
16	-và-			-và-							-vò-
17	-kù-			-kù-							-kò-
18	-mù-			-mù-							-mò-
19	-fi-			-fi-							-fyò-

Fonte: NDONGA 2011.:171 com alguns arranjos em função do Kizómbò

## 2.5. Outras categorias predicativas

Os outros elementos funcionais que entram na esfera da forma verbal do Kizómbò, como parte do verbo ou isolados, são o número e o auxiliar.

### 2.5.1. O número

Nas línguas Bantu, o sistema flexional em número apresenta a oposição singular / plural, e.g. 15/6: *kùlù/màlù* ‘perna/pernas’ e faz uma fusão semântica entre o número e o género (classe), e.g. a- = cl.2 = PL da cl.1 mu-. Aqui ocupamo-nos do número como categoria verbal (*tùdidi* ‘nós comemos’) e não como categoria da classe nominal, embora haja uma interacção de prefixos a nível de índices pessoais préverbiais ou conectivos. Esta última faz parte da estruturação morfossintáctica do enunciado enquanto que a primeira é da estruturação semântica da mensagem (Lumwamu 1973:101). Portanto, em Kizómbò, a função semântica da categoria número expressa a singularidade ou a pluralidade do termo flexionado. Sendo uma língua de prefixação, a expressão do número é realizada pelos prefixos pronominais pré-verbais (cf. 1.2.1.2.5.), o que já está indirectamente atestado no quadro acima da conjugação do verbo *kálà* ‘ser’ e que retomamos aqui com ligeiras modificações em função do exposto. Vejamos a realização da categoria número em Kizómbò na tabela abaixo:

Quadro 22: Realização da categoria gramatical do número

	Passado	Presente	Futuro
Singular	í-kàlà eu era ù-kàlà tu eras ká-kàlà ele era	ngi-nà eu sou ù-nà tu és kè-na ele/ela é	si i-kàlà eu serei si ù-kàlà tu serás si kà-kàlà eleserá
Plural	tù-kàlà nós eramos lù-kàlà vós éreis a-kàlà eles eram	tù-nà nós somos lù-nà vós sois é-nà eles são	si tù-kàlà nós seremos si lù-kàlà vós sereis si à-kàlà eles serão

O injuntivo (imperativo) e o subjuntivo manifestam formalmente o número

*Imperativo*

151. a. *dyá / lùdyá* ‘comas tu / comei vós’  
b. *sàlà / lùsàlà* ‘trabalhas tu / trabalhai vós’

*Subjuntivo*

152. a. *isàlà / àsàlà* ‘que eu trabalhe / que eles trabalhem’  
b. *ùdyá / tùdyá* ‘que tu comas / que nós comamos’..

### 2.5.2. Os auxiliares

Os auxiliares são verbos que assumem a função auxiliativa de modo permanente e exclusiva. O Kizómbò usa dois tipos de auxiliares: auxiliares de formas verbais analíticas e auxiliares modais.

*1. Auxiliares de formas verbais analíticas*

Eles auxiliam as formas verbais analíticas (tempos compostos) e as suas características morfológicas são de uma forma verbal simples independente e de uma forma integrativa de um outro verbo que podemos designar como *auxiliado*. Deste modo, ambos formam uma combinação do tipo *auxiliar+auxiliado* diferente de uma mera combinação de dois verbos numa relação de dependência. E nesta relação o *auxiliar* não manifesta nenhuma propriedade predicativa de atribuição de funções semânticas aos argumentos, só o *auxiliado* intervém neste nível (Creissels, 2006a:161). Alguns destes auxiliares já os vimos acima: *tá, twá*: ‘Progressivo, actual (em, actualmente), estar empenhado a..’, *kàlà*: ‘ser, estar’, *kàlà yé*: ‘ter, possuir, estar com’ e tanto outros.

153. a. *èmàmà ùtà lám̃ba màd̃yà*.  
e-mama u-ta lamb-a ma-dya  
AUM-1mãe IS-AUX cozinhar-VF 6-comida  
‘A mãe está a cozinhar a comida’

- b. *è ànà ènà támbilà kùnà kósà*.  
e a-na e-na tamb-il-a kuna kosa  
AUM 2-filhos IS-AUX brincar-APL-VF LOC quintal

‘As crianças estão a brincar no quintal’

c. *Kyala yàtikìdì sálà.*

Kyala yatik-idi sal-a  
N AUX-PERF trabalhar-VF  
‘Kyala começou a trabalhar’

## 2. Auxiliares modais

Sintacticamente os auxiliares modais não são autónomos visto que são atestados em concomitância com um outro verbo (auxiliado) na impossibilidade de sozinhos assumirem o predicado dentro do enunciado (Ndonga 1995:400).

Em Kizómbò os auxiliares modais transmitem semânticamente aos verbos auxiliados uma noção de maneira, de tempo, de certeza, de rapidez, etc . Pelo facto de imprimirem uma transferência semântica, porém, são entendidos como tendo carácter aspectual do verbo que eles acompanham do qual carregam as marcas da sua categoria.

154. a. De maneira: *toma ø-sál-à*

AUX IS-trabalhar-ASP  
‘Trabalha bem’

b. De tempo: *tékà ø-dý-á lándilà ù-kwénd-à*

AUX IS-comer-VF AUX IS-ir-ASP  
‘Come primeiro, depois é que irás’

c. De certitude: *mbázi yi-singa ø-kwénd-à kù Makela ma Zòðmbò*

MODF IS-AUX IS-ir-VF LOC Makela do Zòðmbò  
‘Amanhã irei à Makela do Zómbò’

d. De rapidez: *víkà ø-kátul-à mvwátù, mvúlà yí-lwék-ì.*

AUX IS-tirar-VF 3roupa 9chuva IS-chegar-ASP  
‘Tira depressa a roupa, a chuva chegou’

Nos termos de Lumwamu (1973:206) esses auxiliares constituem a classe dos *modais puros* em contraste com os *modais acessórios* que formam o infinitivo (e.g. (*ku*) *dyá* “comer”, (*ku*)*fwá* “morrer”, etc). Isso significa que esses morfemas são segmentos de formas verbais anteriormente mais desenvolvidos e usados de forma independente cujo efeito semântico recai no verbo principal. Em termos de funcionamento, todos pertencem ao mesmo conjunto, pois todos são capazes de associarem-se a um verbo. Os principais modais utilizados como auxiliares podem ser assim estabelecidos:

155. *teka, tekila, vita* : Supõe anterioridade, prioridade no tempo: ‘antes de tudo, primeiro, em primeiro lugar’.

*lándà*: ‘finalmente, em seguida, depois de, depois’.

*léndà*: Supõe uma possibilidade: ‘possível, pode ser que, poder ser autorizado’

*kètì*: ‘Geralmente seguido de *ka*: Supõe um incerteza, dúvida: talvez, será que..’

*kóndwà, lémbwà*: ‘faltar de fazer, não’.

*vútùkìlà*: ‘fazer novamente, mais uma vez, ainda’.

*f̀wètè*: ‘ter a certeza, cumprir o dever, a obrigação’.

*síngà*: ‘certamente, infalivelmente, com certeza’.

*tómà*: ‘bem, com perfeição, perfeitamente’.

*k̀wàmà, kámínínà, t̀tàmánà*: ‘perseverar, continuar, persistir’.

*ákinù, ákìnì*: ‘estar ainda fazendo, em progresso, ainda não’.

No plano de emprego, os auxiliares modelam os enunciados de várias maneiras mas aqui tomaremos apenas alguns como modelo:

1. Para indicar uma intenção do sujeito: *kánà*, que é um correspondente gramatical do verbo projectar. É marcado pelo perfectivo.

156. *k̀ù Makela kánà tu-end-à.*  
LOC Makela AUX IS-ir-VF  
‘Nós tivemos a intenção de ir à Makela’

2. Forma afirmativa que indica a continuidade do processo no momento da enunciação é expressa utilizando os seguintes auxiliares: *akinu* ou *kinu*.

157. *ákinù mù ø-lóng-à*  
AUX LOC IS-ensinar-IMPERF  
*Eles ainda estão a ensinar.*

3. Auxiliar *singa*: É usado para indicar uma acção futura.

158. *t̀ù-síng-à ø-sál-à*  
IS-AUX IS-trabalhar-IMPERF  
*Nós havemos de trabalhar.*

4. Expressar uma acção como prioritária, recebendo as marcas aspectuais dos verbos tais como perfectivo, imperfectivo: *tékà, vità, tékìlà*. Neste caso pode-se dizer:

159. *t̀ú-à-ték-á di-à (dyá)*  
IS-Tpo-tek-ASP ø-comer-comer  
Nós-PRES-prioritária-IMPERF comer.  
‘Primeiro vamos comer (antes de fazer outra coisa)’

### **Conclusão parcial**

Neste capítulo discutimos a forma verbal que, na verdade, é um resumo do sistema verbal em Kizómbò. Podemos mesmo afirmar que o quadro do sistema verbal do Kizómbò não difere muito daquele existente nas demais línguas Bantu cuja estrutura foi proposta por Meeussen (1959) e actualizada por Nurse (2008). Ele é um complexo de marcas que caracterizam o verbo como núcleo central constituído pelo lexema

verbal. Estes marcas situam-se em ambos os lados do verbo, isto é, à direita e à esquerda, assumindo diferentes funções sintácticas e semânticas.

Morfologicamente, a estrutura de uma forma verbal completa em Kizómbò apresenta três elementos primários: PN-Radical-VF. Dois tipos de radicais são identificados: simples e composto. O simples que tem a forma mínima de -C- ou -V-, está livre de adição de morfemas. Ao passo que o composto comporta adição de extensões. O radical verbal aceita outros morfemas antes e depois dele que são os afixos. Os pré-radicais são: o relativo, actualizador aspecto-tempo, a negação, o índice de sujeito, o tempo e o índice do objecto. Os pós-radicais são as extensões, o aspecto, o actualizador -ngV-, o índice pós-posto. Não obstante, nem todos os afixos são indispensáveis visto que uns são obrigatórios e outros opcionais. Os componentes obrigatórios são a inicial, o TAM, o radical e afinal. Os demais são opcionais, de entre os quais o pré-prefixo e as extensões que denotam modificações da acção expressa pelo radical do verbo, isto é, que modificam a estrutura do evento e com os quais o verbo forma o seu sintagma. As mais comuns são: applicativa, causativa, passiva, recíproca, estativa, média, reversiva, somente para citar essas. É destes derivativos que nos ocuparemos no capítulo três, sob regras gramaticais da valência verbal.

Na discussão foi possível observar que o verbo Kizómbò tem um índice do sujeito bem marcado ou um prefixo de classe assim como as categorias denominadas TAM e um marcador verbo-final modal, que é uma vogal final (VF) que comporta um valor aspecto-temporal que em perfeita harmonia com o TAM, torna explícita a noção da realização do processo segundo as modalidades perfectivo, imperfectivo e de injuntivo. Deste modo, a forma verbal de Kizómbò apresenta três actualizadores: dois actualizadores aspecto-temporais (/se/ e /-ngV-/), que juntamente com os verbos exprimem os valores do tempo e do aspecto de forma específica e um actualizador da negação com uma forma dupla /ka---ko/ ocorrendo na pré-inicial e na pós-foco verbal. A reflexiva é um elemento pré-radical que funciona na mesma posição do objecto.

Encerramos o capítulo discutindo outros elementos funcionais da esfera da forma verbal do Kizómbò não menos essenciais, a saber, o número e os auxiliares modais. A função semântica da categoria número expressa a singularidade ou a pluralidade do termo flexionado. Como língua de prefixação, a expressão do número é realizada pelos prefixos pronominais pré-verbais. Repartidos em modais e em formas verbais analíticas, os auxiliares são elementos imprescindíveis nas formas integrativas

em que .assumem a função auxiliativa do verbo principal que manifesta todas as propriedades predicativas de atribuição de funções semânticas aos argumentos. Os auxiliares modais transmitem semanticamente aos verbos auxiliados uma noção de maneira, de tempo, de certeza, de rapidez, etc, que são marcas do aspecto verbal.

## CAPITULO III: ANÁLISE DA VOZ VERBAL EM KIZÓMBÒ À LUZ DA TEORIA DA VALÊNCIA

### 3.0. Introdução

Neste capítulo discutiremos a voz verbal em Kizómbò sob a teoria de valência verbal que pode ser crescente ou decrescente. No entanto, do ponto de vista estrutural, o número de frases nominais (chamadas *argumentos*), que são requeridas ou permitidas a ocorrerem em combinação com uma dada classe de verbos em virtude das suas propriedades léxico-semânticas, ou seja, suas valências, permite-nos agregar as extensões que formam a voz verbal em duas maiores secções: A primeira discute a voz verbal sob a alçada da operação da valência decrescente. Nela estão inclusas as vozes passiva, recíproca, reflexiva, média, potencial e estativa. A segunda secção considera a operação do crescimento da valência e sob sua regência são discutidas, respectivamente, as vozes aplicativa, impositiva e causativa. Finalmente debatemos uma terceira secção que faz resenha das demais extensões fora de uma e da outra valência, considerando as suas manifestações morfossintáticas. Trata-se dos sufixos designados neutros tais como reversiva, iterativa, durativa, frequentativa e intensiva. Antes, porém, importa revermos a noção da valência verbal segundo a teorização dos linguistas, antes de entrarmos na discussão da voz em Kizómbò.

### 3.1. A teoria da valência verbal

A gramática de valência é historicamente uma abordagem teórica desenvolvida pelo linguista Tesnière (1959) na qual o verbo (predicado) é visto como o regente principal que selecciona os regidos que devem compôr a frase. Por este motivo, Tesnière considera o verbo como o *núcleo* da frase e os complementos, incluindo o sujeito, os *actantes*, viz. as pessoas ou coisas que participam, até a um certo nível, no processo. Assim sendo, a subclassificação estrutural e semântica dos verbos é a chave fundamental para o entendimento da estrutura sintáctica elementar. Com base nisso, foram estabelecidos critérios para a consideração do número de frases nominais, conhecidas por *argumentos*, requeridos por um determinado verbo numa frase. Em função disso, os critérios normalizam as espécies de actantes, segundo a regência do verbo e qualifica como primeiro actante o *sujeito*, o segundo actante o *objecto directo* e

o terceiro actante, *o complemento de atribuição ou objecto indirecto*. No entanto, a predicação verbal, transitiva ou intransitiva, permite que ele rejaum, dois ou três actantes. Ora, baseando-se na natureza verbal são apontados três principais classes de verbos: verbos monovalentes, verbos bivalentes e verbos trivalentes. Nos termos de Bearth (2003:122-124) são verbos de um, dois e três lugares, respectivamente.

-*Verbos monovalentes (de um lugar)*: São verbos cuja natureza actancial (intransitiva) admite apenas um argumento, o sujeito. e.g. *dormir, morrer, viajar*, etc. São na sua maioria verbos de estado. Estrutura: *Actante + verbo*.

160. *èvèyà fwidì.*  
 e-veya            ø-fu-idi  
 AUM-5velho    IS-morrer-PERF  
 ‘O velho morreu’

- *Verbos bivalentes (de dois lugares)*: A natureza actancial (transitiva) destes verbos selecciona dois argumentos e a sua estrutura é: *Actante + verbo + actante*. Isso indica que admite dois argumentos: um externo (sujeito) e um outro interno (objecto directo).

161. *Èmàmá wèlè kù zándù*  
 e-mama    u-ele    zandu  
 AUM-mãe    ir-PERF    5mercado  
 ‘A mãe foi ao mercado’

- *Verbos trivalentes (de três lugares)*: A sua natureza actancial permite seleccionar três argumentos e a sua estrutura é: *Actante + verbo + actante + actante*. A estrutura apresenta-se com um argumento externo (sujeito) e dois internos (objecto directo e indirecto).

162. *Pinda vènà nkèntò kàlù*  
 Pinda    ø-ven-a    nkento    kalu  
 Pinda    IS-dar-VF    1mulher    5carro  
 ‘Pinda deu um carro à mulher’

Na realidade, existem também *verbos aivalentes* cuja valência é nula ou zero. A natureza do seu verbo não selecciona nenhum participante, devido à própria ideia expressa pelo verbo que não é aplicável a determinadas pessoas. Verbos impessoais como *anoitecer, amanhecer, chover, nevar, trovejar*, etc., formam o grupo desta classe. Portanto, não tendo sujeito, eles são invariavelmente usados na 3ª pessoa do singular. Por este facto, recai na classe de verbos monovalentes.

163. *kùkyèlè*.  
ku-ki-ele  
15-amanhecer-PERF  
'Amanheceu'

Assim, o verbo é tido como uma espécie de átomo com crochetas, susceptível de atrair sobre si um número elevado de actantes mantendo-os sob sua dependência. Todavia, o número de crochetas que apresenta um verbo e por consequência o número de actantes que ele é susceptível de reger, constitui o que é denominado *valência verbal* (Tesnière 1959: 239).

Finalmente importa ressaltar que para os linguistas a valência verbal é um conjunto de propriedades de formação dos verbos, sob o ponto de vista morfológico, sintáctico e semântico (Creissels2006b:1; Payne 2002:169).

### **3.1.1. A valência sintáctica**

Esta subsecção é discutida com base no artigo de Bearth (2003:122-126) que descreve as vias pelas quais as línguas Bantu organizam os elementos significativos, tais como palavras e frases, para formar unidades mínimas para uma fluida comunicação. Dentre as preocupações levantadas pelo bantuísta, retomamos duas, para iniciar esta discussão: *Como são organizados os constituintes na sentença? Que sequências de palavras e frases são mais características em Bantu?*. Aqui, a valência verbal é tida como a chave fundamental para uma estrutura elementar da sentença. Segundo o autor, do ponto de vista estrutural, o primeiro critério a considerar é o número de frases nominais (chamadas *argumentos*), que são requeridas ou permitidas a ocorrerem em combinação com um dado verbo ou classe de verbos, em virtude das propriedades léxico-semânticas inerentes deste último, ou seja, as suas valências. Estes, por sua vez, reflectem uma forma específica da linguagem para conceituar a classe das situações ou processos indicados por um determinado verbo.

### **3.1.2. A estrutura argumental de bases de verbos simples**

Em Bantu é designado verbo simples, o verbo não derivado. Para Bearth a estrutura argumental deste tipo de verbo sugere três maneiras de classificação baseadas no número de argumentos admitidos pelo verbo. Isto significa que, em termos da valência, as línguas Bantu possuem verbos que admitem apenas um lugar, outros dois lugares e ainda outros, três lugares. Os argumentos são realizados como:

1. nomes lexicalmente especificados ou frases nominais,

2. elementos pronominais incorporados dentro do verbo, conhecidos como afixos dentre os quais se destacam o IS, o IO e o conectivo.

3. pronomes independentes e

4. finalmente como morfema zero.

Sendo a sub-classificação estrutural e semântica dos verbos a chave principal para o entendimento da estrutura sintáctica elementar, Bearth propõe a estrutura de argumento de radical verbalsimples buscando o modelo em Swahili que aqui retomamos:

1. *O verbo e o sujeito concordam num lugar.*

164.  $\overbrace{ki\neq tabu \quad ki-me\neq anguka}^{\downarrow}$  (Bearth 2003:122)  
cl7≠book cl7-ANT≠fall  
'The book has follen down'

Sendo uma língua Bantu, Kizómbò diria:

$\overbrace{ki- nzo \quad ki-bw-idi}^{\downarrow}$   
cl7≠panela cl7-cair-PERF  
"A panela caiu".

Nesta frase observamos que tanto em Swahili como em Kizómbò, o prefixo *ki-* colocado diante do verbo é um marcador préfixal que mostra o acordo entre o sujeito lexical e o prefixo da marcação da classe inicial do verbo. É o índice do sujeito (IS). Porém, se o *ki-* for eliminado a frase torna-se agramatical. No entanto, esta é uma frase monovalente devido à natureza intransitiva do seu verbo.

Também existe uma **concordância anafórica** na qual o sujeito lexical é omitido sem que para tal resulte numa frase agramatical. O sujeito é representado apenas pelo seu marcador (Bearth2003:123).

165. *ki-me≠anguka.* (Bearth 2003:122)  
cl7-ANT≠fall  
'It (the book)has follen down'

Em Kizómbò:

166. *ki-bw≠idi.*  
7-cair-PERF  
'Ela (a panela) caiu'

2. *Dois lugares de predicação com sub-especificação do objecto.*

Conhecidos como bivalentes, os verbos de dois lugares constituem o maior grupo das línguas Bantu e codificam um número máximo de argumentos de base com os quais se associam. Portanto, estes verbos tomam o complemento em adição ao sujeito. Visualizemos um outro exemplo típico em Swahili, apresentado pelo autor:

167.  $\begin{array}{ccc} \swarrow & & \searrow \\ M\neq toto & a-na\neq soma & ki\neq tabu \\ C11\neq child & cl1-PROG\neq read & cl7\neq book \\ \text{'The child is reading the book'} \end{array}$  (Bearth 2003:122)

Kizómbò diz:

168.  $\begin{array}{ccc} \underline{Mu}\neq ànà & \underline{ù}\text{-t}\grave{a}\neq tang\grave{a} & nk\grave{a}nd\grave{a}. \\ C11\neq crian\grave{c}a & cl1-PROG\neq ler & 3livro \\ \text{'A crian\grave{c}a est\grave{a} lendo o livro'} \end{array}$

Embora um acordo sujeito-verbo seja obrigatório, normalmente a frase verbo-objecto não mostra uma concordância gramatical:

a). O objecto denota um específico referente humano:

169.  $\begin{array}{ccc} & \swarrow & \searrow \\ Mama & a-na-m\neq penda & m\neq toto \\ Mother & cl1-PROG-cl1\neq love & cl1\neq child \\ \text{'The mother loves the child'} \end{array}$  . (Bearth 2003:122)

b). O referente do objecto já está estabelecido como tópico do discurso:

170.  $\begin{array}{ccc} & \swarrow & \searrow \\ M\neq toto & a-na-ki\neq soma & ki\neq tabu \\ cl1\neq child & cl1-PROG-cl7\neq read & cl7\neq book \\ \text{'The child is reading the book'} \end{array}$  (Bearth 2003:123)

Na frase (170) o tópico do discurso é um elemento pronominal incorporado dentro do verbo, mas o Kizómbò optaria, para este tipo de enunciado, por um pronome independente ou clítico para realçar a topicalização antes do objecto estabelecido e estabelecê-lo como prefixo no verbo progressivamente:

171.  $\begin{array}{ccc} & \swarrow & \searrow \\ Mw\text{-}\grave{a}n\grave{a} & w\grave{o} nk\grave{a}nd\grave{a} & u\text{-}k\grave{e}n\grave{a} \quad t\grave{a}ng\text{-}\grave{a} \\ 1\text{-}crian\grave{c}a & cl3 \text{ 3livro} & 3\text{-}PROG \quad ler\text{-}VF \\ \text{'A crian\grave{c}a est\grave{a} lendo aquele livro'} \end{array}$

Além da especificação lexical plena e anafórica, porém, a sintaxe das línguas Bantu usualmente admite uma terceira opção que tem a ver com a *sub-especificação do*

*objecto*. É uma questão particular atinente ao verbo de exprimir ou não o objecto. É um objecto inerente ou subentendido.

172. *Na#taka*                      *ku#oa*    (Bearth 2003:123)  
 (IS-)PROG#want      INF#marry  
 ‘I want to marry’

Kizómbò:

- N#zól-èlè*                      *kwél-à*  
 (IS)-querer-PERF      casar-VF  
 ‘Eu quero me casar’

Está claro que a função da sub-especificação do objecto serve para expandir o número de opções para uma apresentação selectiva da situação. Portanto, sea intenção do falante fosse de recuperar o referente, o complemento seria obrigatoriamente representado por um prefixo de objecto, de acordo com o que nos mostra o exemplo abaixo:

173. *N-zól-èlè*                      *yi-n-kwél-à*  
 IS-querer-PERF      IS-IO-casar-VF  
 ‘Eu quero casar com ela’

### 3.Três lugares predicados–Construções de duplo objecto

Trata-se de verbos trivalentes cuja característica é a dupla representação. Os verbos não derivados de três lugares ou bitransitivos são poucos em número. Em termos da sua semântica, eles servem para denotar transacções que envolvem um doador, um alvo ou beneficiário e um paciente que passa por uma transacção -como no caso prototípico do verbo `dar

174. Swahili: *Mama a-li-m#pa*                      *m#toto*      *ki#tabu* (Bearth 2003:123)  
 mother      cl1-PAST-cl1#give      cl1#child      cl7#book  
 ‘Mother gave the child a book’

175. Kizómbò: *Màmà*      *ø-vèn-à*      *mù-ànà*      *nkándà*  
 mãe      cl1-dar-VF      cl1-criança      3livro  
 ‘A mãe deu um livro à criança’

Parafraseando o autor, a frase acima mostra que o alvo que é tipicamente um humano ou um animal, ocupando a posição imediata depois do verbo. De acordo com o modelo semântico, os dois co-ocorrendo objectos são comumente distinguidos na base de seus papéis semânticos. O paciente ocupa a segunda posição seguindo o verbo.

Contrariamente ao objecto de dois lugares, o paciente da construção do duplo objecto não precisa ter acordo.

176. Swahili: *Mama a-li-m#pa m # toto* (Bearth 2003: 124)  
mother cl1-PAST-cl1#give cl1#child  
'Mother gave it(the book) to the child'

#### 4. Restrições sobre o acordo do objecto e a tipologia sintáctica

Quando se trata do seu objecto, as línguas Bantu são distintamente estabelecidas como sendo IO-1, IO-2 e IO-0. O grupo linguístico do IO-1 constituído, por exemplo, por línguas como Swahili, Chewa e Xhosa permitem no máximo um marcador do objecto dentro do verbo. Ao passo que o grupo das línguas de IO-2, tais como Chaga, Haya, Rwanda e Tswana, permitem que algum ou todos os objectos múltiplos sejam expressos pelos marcadores do objecto na sua morfologia verbal (Bearth 2003: 24). E, finalmente, o grupo de IS-0, que, a exemplo do Lingala, não permite qualquer traço de um objecto na sua morfologia verbal. O Kizómbò posiciona-se no primeiro grupo. Segundo Bearth, que temos vindo a conferir, essas divergências e restrições respeitantes ao acordo do objecto na morfologia do verbo, constituem-se numa chave fundamental para a sua diferenciação tipológica. Mas esta diversidade não deve, de modo algum, ofuscar o princípio básico da dupla representação que é comum para a maioria das línguas Bantu, embora em graus que variam muito. A informação codificada na sintaxe da frase pode ser cumulativa ou alternativamente codificada na morfologia do verbo. Qualquer frase pode ser reduzida ao seu verbo, sem que para tal, deixe de funcionar como uma frase. Entretanto, o verbo finito é a forma mínima. Vamos considerar o exemplo abaixo:

177. Swahili:  
*a-li-m#pa* (Bearth 2003:124)  
she-PAST-him#give  
'She (mother) gave (it, the book) to him (the child)'

178. Kizómbò:  
*wù-n-dík-ìdì.*  
IS-IO-dar-PERF  
'Ela fê-lo comer'

#### 5. Adjuntos vs argumentos

A valência verbal de qualquer verbo usado acima é susceptível de sofrer ainda mais uma expansão caso lhe sejam adicionados os adjuntos, cujo propósito é o de

localizar o processo ou a situação no espaço ou no tempo, ou então, descrever alguma circunstância que lhe diz respeito. Assim, os adjuntos que representam uma nova informação usualmente seguem os principais argumentos pós-verbais (Bearth 2003:125).

179. Mama a-li-m ≠ pa mtoto kitabu kwa upesi nyumba-ni leo  
 Mother she-PAST-him≠give child book with speed house-LOC today  
 ‘Mother gave the child quickly the book at home today’

De acordo com Bearth, o exemplo (179) representa o que é assumido como a ordem básica ou canônica de palavras prevalecente nas línguas Bantu:

S V OI O2 (X1, X2, X3)

Entretanto, os adjuntos reunidos sob X, são claramente distinguíveis dos argumentos (S e O) em relação aos seguintes aspectos:

1. A sua ocorrência não é restringida pela valência do verbo
2. Em contraste com os principais argumentos, eles não estão representados na morfologia do verbo.
3. Gramaticalmente, a sua ordem interna tende a ser variável. Contudo a mudança da ordem de palavras faz também diferença em termos da topicalização.
4. As expressões nominais que funcionam como adjuntos de maneira ou lugar, são marcadas pelas preposições (*kwa upesi* ‘com velocidade’) ou sufixos especializados (*nyumba-ni* ‘em casa’).

### 3.1.3. A estrutura argumental de bases de verbos derivados

Depois da análise da estrutura argumental de verbo simples ou de verbo não derivado em Bantu, importa também fazer uma breve discussão sobre a estrutura argumental, a partir de bases de verbos derivados em Bantu. É ponto assente que as línguas Bantu têm uma rica variedade de morfemas derivativos, conhecidos como *extensões verbais* ou *sufixos verbais* que podem ser adicionados ao radical verbal. Portanto, a sufixação de uma ou mais extensões na base do verbo modifica o quadro sintático associado ao verbo. Por exemplo, se tomarmos a extensão da voz aplicativa, uma vez adicionada ao verbo simples de dois lugares em Swahili, *-let-a trazer* (alguma coisa para alguém), muda o último para um verbo de três lugares *-let-e-a* (trazer alguma coisa para alguém). Quanto à semântica da situação expressa pelo verbo, a sufixação do morfema derivativo alterante *-e-* correlaciona-se com a adição de um papel de participante beneficiário.

180. *m#toto a-me#let-a ki#tabu* (Bearth 2003:124)  
 cl1#child cl1-ANT#bring-VF cl7#book  
 ‘The child brought the book’

181. *m#toto a-me#m-let-e-a baba yake ki#tabu.*  
 Cl1#child cl1-ANT#bring-VF father his cl7#book  
 ‘The child brought his father a/the book’

Porém, os verbos de um lugar estendem a sua valência para simplesmente acomodar um segundo argumento:

182. *wa#geni wa-me-ku#j-a.* (Bearth 2003:124)  
 cl12#foreign cl12-ANT-EXT#come+VF  
 ‘Strangers have come’

183. *wa#geni wa-me-m-j-i-a baba*  
 Cl12#foreign cl12-ANT-cl1#come+VF father  
*Strangers have come to (visit) father*

Portanto, a valência é uma noção sintáctica (valência gramatical), quando se refere ao número de argumentos presentes numa frase. Porém, esses argumentos são elementos nominais que estabelecem uma relação gramatical de dependência com o verbo.

### 3.1.4. A valência semântica

Finda a discussão sobre a valência sintáctica, importa também revermos a noção da valência semântica, pois, a discussão da voz verbal requer antes um melhor entendimento, não apenas das funções sintácticas mas também das funções semânticas ou papéis temáticos exercidos pelos participantes na estrutura argumental do verbo.

Segundo Fillmore (1968:21), *a frase, na sua estrutura básica, consiste em um verbo e um ou mais sintagmas nominais, cada um associado ao verbo numa relação específica de casos*. Inspirado pelas ideias de Tesnière, Fillmore introduziu a noção de *depapéis temáticos* constituindo uma lista provisória de seis casos semânticos, a saber: *agentive, instrumental, dative, factitive, locative e objective*. Na década de 70 à 80, Fillmore (1971, 1977) e outros autores como Jackendorff (1972), Dowty (1989) e Cook (1970b) listaram mais diferentes casos, tais como *agente, beneficiário, experimentador, objetivo, locativo, instrumental, causativo, meta, origem, temporal*. Assim, por exemplo, os casos semânticos do verbo *escrever* podem ser assim designados: alguém que

escreve(caso: *agente*), algo que é escrito (caso: *objecto*) e um local onde algo foi escrito (caso *locativo*). Desta maneira o *quadro de casos* (*case frame*) desse verbo é absolutamente *Agente-Objecto-locativo*. Assim, teoricamente, podemos formar proposição como esta:

184. *Mbumba sònèk-ènè nkàndà mù nzò.*  
 Mbumba  $\emptyset$ -sonek-ene nkanda mu N-zo  
 Mbumba IS-escrever-PERF 4carta LOC 9-casa  
 ‘Mbumba escreveu uma carta em casa’

Portanto, a valência é uma noção semântica quando se refere ao número de participantes que executam individualmente um determinado papel na situação descrita pelo verbo. Por exemplo, o verbo *eat* (comer) em Inglês é considerado como tendo semanticamente duas valências pelo simples facto de uma acção de comer, envolver um *eater* (comedor) e um *eaten* (comido). Nesta ordem de ideias Payne (2002:170) diz:

*...the verb eat in English has a semantic valence of two, since for any given event of eating there must be at least an eater and an eaten thing. In terms of predicate calculus, the concept EAT is a relation between two variables, x and y, where x is a thing that eats and y is a thing that undergoes eating. This semantic relationship would be represented in predicate calculus notation as EAT(x,y).*

Desta citação depreendemos que semanticamente X é o *agente*, aquele que desencadeia a acção mas de forma controlada e o Y o *paciente*, a entidade que sofre o efeito da acção desencadeada pelo X sofrendo uma mudança do estado. Na mesma análise supomos que X seja um cão e Y a carne, e, deste modo nós teremos: *o cão comeu a carne*; donde o cão é o agente, aquele que performa a acção e a carne, a paciente, aquela que sofre a acção de comer. A força semântica desta frase reside na versão da passiva sem alteração de funções: *a carne foi comida pelo cão*. Na mesma lógica, Creissels (2006b:1) argumenta:

*Sémantiquement, le signifié lexical de chaque verbe implique la participation d'un nombre déterminé d'arguments (entités qui jouent chacune un rôle précis dans le type d'événement ou de situation signifié par le verbe), et conditionne en outre plus ou moins la possibilité d'introduire dans la construction des constituants ajoutant divers types de précisions, notamment la mention d'autres entités pouvant participer à l'événement, ou des circonstances de l'événement; par exemple, **couper**, dans son acception la plus courante implique sémantiquement deux arguments, un agent et un patient, mais le sens de ce verbe suggère aussi l'intervention possible d'un instrument à la différence par exemple d'un verbe comme saisir.*

Partindo deste argumento, podemos propor os seguintes exemplos:

185. a. *Fùsù zéng-èlè ntí wà ngàfù.*  
 Fusu ø-zeng-ele nti wa ngafu  
 Fusu IS-cortar-PERF 5árvore DET 5goiaba  
 ‘O Figueiredo cortou a goiabeira’

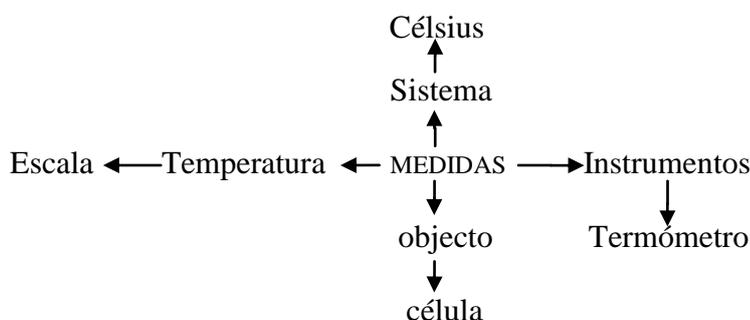
b. *Fusu zéngèlè ntí wà ngàfù mù séngèlè*  
 Fusu ø-zeng-ele nti wa ngafu mu sengele  
 Fusu IS-cortar-PERF 5árvore DET 5goiaba LOC 7machado  
 ‘O Figueiredo cortou a goiabeira com o machado’

Nas duas frases acima temos como principais actantes Fusu “Figueiredo” que desempenha a função do *Agente*, nti wa ngàfù “goiabeira” como *Paciente* e porque o verbo requer outras precisões, então, na segunda uma outra entidade, séngèlè “machado”, é permitida a participar no evento assumindo a função de *Instrumento*.

Portanto, Dodebei (2007) afirma que a *valência semântico-verbo é a soma dos lugares a serem preenchidos de acordo com a ligação deste conceito com outros*. A autora prossegue argumentando que quando se trata da valência semântica do verbo *medir*, por exemplo, teremos que responder as seguintes questões:

- o que é medido? a *temperatura*
- com que *instrumento* é feita a medição? o *termómetro*
- de acordo com que *sistema*? *Celsius*
- de que *objecto* é medida a temperatura ? de uma *Célula viva*

Decorrente das perguntas e suas respostas foi construído o seguinte esquema:



O predicado permite, transitivamente, a participação de um certo número de argumentos susceptíveis de desempenhar determinadas funções na situação preditiva como constituintes necessários, para a efectivação do evento. Quando compreendemos quem faz o quê na sentença separadamente da função gramatical, então, deparamo-nos assim com a *função semântica* que não é função gramatical, mas uma noção puramente semântica. Na mesma lógica Welker (2005: 80) esclarece que a denominação *função semântica* surgiu na década de setenta tendo em atenção as semelhanças entre as idéias de Fillmore e de Tèsnière quanto ao verbo tido como *o elemento que determina a*

*estrutura básica da frase*, com a inclusão de casos profundos chamados *casos semânticos ou papéis temáticos* na teoria da valência.

### 3.1.4.1. As funções semânticas

Depois da apreensão da valência semântica, agora, torna-se imprescindível fazermos igual inventário dos principais tipos de funções semânticas dos participantes para explicar os fenómenos sintácticos que ocorrem nas frases. Considerar:

186. *Kimbungu wúdìdì nk<sup>h</sup>àlù.*  
Kimbungu  $\emptyset$ -wud-idi nk<sup>h</sup>alu.  
Kimbungu IS-quebrar-PERF 9cabaça  
'Kimbungu quebrou a cabaça'

Na frase (186) o verbo atribui o papel temático ao seu argumento interno mas o verbo mais o seu complemento atribuem o papel temático ao argumento externo (Cançado 2005:9), o que quer dizer que, em (186) é o verbo *quebrar* que atribui o papel de *paciente* ao argumento interno, *a cabaça*; enquanto que o sintagma verbal *quebrar o vaso* atribui ao argumento externo do verbo, *Kimbungu*, o papel da causa.

Quanto às definições das funções semânticas dos argumentos de um enunciado, os linguistas já referenciados nesta discussão (Creissels 2006a:280-281; Givón 2001a:107, Cançado 2005 e Payne 2002:169 et seq), registam as que a seguir mencionamos e que seguramente usaremos neste trabalho:

a. *Agente* (AG): participante animado de maneira consciente e voluntária que desencadeia a acção provocando uma mudança ao paciente e assume a responsabilidade do evento (Schadeberg 2003:73-76, Creissels 2006a: 280, Givón 2001a:107, Payne 2002:169 et seq).

187. *mbwà  $\emptyset$ -bák-ìdì mbìsì*  
9cão IS-apanhar-PERF 9animal  
'O cão apanhou o animal'

b. *Paciente* (PAC): Entidade animada ou inanimada que se encontra num estado que sofre uma mudança sob o efeito de uma causa exterior (agente ou força), havendo uma mudança de estado (Schadeberg 2003: 73-76, Creissels 2006a:281 e Givón 2001a:107, Payne 2002:169 et seq).

188. *mw-ànà  $\emptyset$ -búk-ìs-ì bādì.*  
1-criança IS-furar-CAUS-PERF 5bola  
'A criança furou a bola'

c. *Força* (FOR): Participante inanimado que afecta de maneira inconsciente e involuntária um paciente (Creissels 2006a: 281, Payne 2002:169 et seq.)

189. *tèmbò* *kì-bw-ís-ìdì* *ntì.*  
 7vento 7-derrubar-CAUS-PERF 3árvore  
 ‘O vento derrubou a árvore’

d. *Beneficiário (BEN)*: Participante tipicamente animado que beneficia da acção descrita sem dela participar directamente (Schadeberg 2003: 73, Creissels2006a:281 e Givón 2001a:107)

190. *Zola* *ø-lámb-ìdì* *mw-ànà* *mà-dyà.*  
 Zola IS-cozinhar-PERF 1-filho 6-comida  
 ‘A Zola cozinhou comida para o filho’

e. *Destinatário (DEST)*: Ser animado em direcção à qual alguma coisa ou alguém se desloca ou é deslocado (Creissels 2006a:281). Em Givón faz parte de dativo.

191. *à-sàdì* *à-sónèk-ènè* *nkàndà* *kwà* *mfùmù*  
 2-trabalhadores 2-escrever-PERF 3carta ao 1chefe  
 ‘Os trabalhadores escreveram uma carta ao chefe’

f. *Experienciador (EXP)*: Ser animado que experimenta uma sensação ou um sentimento e estando em determinado estado mental, perceptual ou psicológico (Creissels 2006a:281 e Cançado 2005: 33, Cançado et al. 2013:119).

192. *Matina*, *Mayala* *kà-zól-àng-à.*  
 Matina Mayala IS-amar-DUR-VF  
 ‘Matina ama Mayala’

g. *Instrumento (INST)*: Um participante inanimado, usado pelo agente para realizar uma acção. É o meio pelo qual a acção é desencadeada (Schadeberg 2003:74, Creissels 2006a:281, Givón 2001a:107 e Cançado 2005:33).

193. *Kinanga* *ø-vónd-èlè* *nyòkà* *mù* *nkòkò*  
 Kinanga is-matar-perf 9cobra LOC 9bengala  
 ‘Kinanga matou a cobra com a bengala’

h. *Causa*: A entidade que é o desencadeador de alguma acção, sem controle (Cançado et al. 2013:116).

194. *Paludismo* *yì-vónd-ang-à* *ndòngà* *yà-yìngì* *mù* *Afilika*  
 Pauludismo 8-matar-DUR-VF 9gente 9-muita LOC África  
 ‘O paludismo mata muita gente em Africa’

i. *Tema ou Tópico (TEMA/TOP)*: Interpretado como paciente de estado por Givón, o tema é a entidade deslocada por uma acção ou que se encontra num estado (Creissels 2006a:281, Cançado 2005:33.)

195. *Mw-àndlè-elè.*  
 1-criança IS-dormir-PERF  
 ‘A criança dorme’

J. *Destino ou direcção (DEST/DIR)*: Lugar para o qual alguma coisa ou alguém se desloca ou é transferida. Também se chama direccional( Creissels 2006a:281).

196. *ngùdì ø-w-èlè kù zàndù.*  
 1mãe IS-ir-PERF LOC 5mercado  
 ‘A mãe foi ao mercado’

k. *Objectivo ou Objecto Estativo (OBJ)*: A entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou, seja afetada por algo (Schadeberg 2003: 74, Cançado 2013)

197. *Petelo ù-zól-àng-à Nsèngà.*  
 Petelo IS-amar-DUR-VF Nsèngà  
 ‘Petelo gosta da Nsèngà’

l. *Associativo (ASSOC)*: Um associado do agente e paciente do evento, cujo papel no evento é similar, mas ele não é imprescindível (Schadeber 2003:76 e Givón 2001a:107).

198. *Mafuta ø-váng-idì mbòlò kùmòsì yè ngùdì andì.*  
 N IS-fazer-PERF 9mbolo juntas com 1mãe POSS  
 Mafuta fez o bolo com asua mãe.

m. *Locativo (LOC)*: O lugar, tipicamente concreto e inanimado onde algo está situado ou acontece ( Schadeberg 2003:74, Cançado 2005, Creissels 2006a:281 e Givón2001a:107)

199. *Mònò kwà Kwìlù-Fùtá yà-útùk-ìl-à.*  
 1SG LOC Kwìlù-Fùtá IS-nascer-APL-VF  
 ‘Eu nasci no Kwilu-Futa’

n. *Alvo (ALV)*: A entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico (Cançado 2005 ).

200. *Saka ø-swéngà tàdi kù polìsì.*  
 Saka IS-lançar-VF 5pedra LOC 5polícia  
 ‘Saka lançou a pedra ao polícia’

o. *Fonte ou Proveniência (FONT)*: O lugar a partir do qual alguma coisa ou alguém se move ou é transferido, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico (Cançado 2005, Creissels 2006a:281., Givón 2001a:107).

201. *Lukombo ø-túk-idì ku zàndù.*  
 N IS-vir-PERF LOC 5mercado  
 ‘Lukombo veio do mercado’

*p. Comitativa ou de companhia (COM):* Um participante que faz acompanhamento de um outro participante (Creissels 2006a:281, Givón 2001a:107).

202. *Bàdì yì-ta tál-a yè nsàngà àmè.*  
5bola IS-AUX assistir-VF PREP 9familia POSS  
'(Eu) estou a assistir ao futebol com a minha família'.

*q. Maneira (MAN):* Descreve o modo como um evento ocorre ou um agente realiza uma acção (Cançado 2005 e Givón 2001:107).

203. *Ma-sòlàyi mà-vyòk-èlè mù ntìnù.*  
6-soldado IS-passar-PERF LOC correr  
'Os militares passaram a correr'

*r. Dativo (DAT):* Entidade consciente no evento, tipicamente animado, mas que não toma a iniciativa do evento. Givón (2001a:107), de quem obtivemos esta contribuição, propõe três tipos: Dativo (sujeito): *João* conhece a *Maria*, Dativo(objecto): *João* assustou *a Maria* e Dativo (obj. ind.): *João* falou *para a Maria*. Todos esses tipos são possíveis em Kizómbò mas tomaremos um único exemplo sobre o primeiro tipo:

204. *Malungu ø-súmbìdì Nzumba kàlù.*  
N IS-comprar-PERF N 5carro  
'Malungu comprou carro para a Nzumba'

Concluindo, podemos afirmar que o verbo determina o sentido da oração; pois, é ele que rege a sua estrutura básica, ou seja, o número e o tipo de complementos obrigatórios.

### 3.1.5. A noção da voz e a modificação da valência verbal

Do ponto de vista da valência, os argumentos de uma frase podem sofrer uma modificação em termos de número e função. Este fenómeno é referido pelos linguistas (Payne 2002: 170) como sendo operações de ajuste de valência. A operação de ajuste da valência é a remodelagem das funções semânticas que tem por efeito a promoção ou a destituição de um participante ou a combinação de ambas. A promoção consiste em tratar como termo sintáctico nuclear um participante que de outro modo não poderia ter este estatuto. Em outras palavras, é o caso em que um participante se torna o sujeito da frase quando seria objecto ou então um objecto directo tornar-se um objecto indirecto. Enquanto que a destituição é a perda do estatuto do termo sintáctico nuclear ou a passagem do estatuto de sujeito para o objecto da frase (Creissels 2006b:8). Esta operação pode ocorrer afectando o número dos participantes na cena tanto para mais,



1. O primeiro tipo agrupa aquelas extensões que aumentam o número de argumentos expressivos paramais um, isto é, que aumentam a valência. Constan deste grupo a causativa e a applicativa.

2. O segundo tipo reúne as extensões que reduzem o número dos argumentos expressivos para um ou que rebaixam a valência. Aqui destacam-se a passiva, a recíproca, a reflexiva e a estativa.

3. O terceiro tipo e último é formado por aquelas extensões que são tidas como neutras, dentre as quais se destaca a reversiva. Contrariamente aos dois primeiros tipos, estas extensões referidas como neutras, afectam o sentido do predicado mas não o número de argumentos. Isto significa que estas extensões são estudadas sem que sejam alinhadas a rigor sob a sombra de uma ou outra valência, embora seja sobejamente conhecido que a maioria reduz a valência.

Assim sendo, a seguir podemos visualizar a tabela completa das extensões verbais de Kizómbò recenseadas no nosso trabalho de campo, seguindo a classificação ou agrupamento estabelecido por Guthrie:

*Quadro23: Extensões verbais em Kizómbò segundo a operação da valência*

<b>Operação</b>	<b>Função da extensão</b>	<b>Formas</b>	<b>Proto-Bantu</b>	<b>Exemplos</b>
Valência crescent	Applicativa (dativa, preposicional)	-il-, -el- -in-, *-en-	*-il-	<i>túngà</i> : ‘construir’ <i>túngilà</i> : ‘construir para...’ <i>vóndà</i> : ‘matar’ <i>vóndelà</i> : ‘matar para...’
	Impositiva	-ik-, -ek-	*-ik-	<i>nwà</i> ‘beber’ <i>nwikà</i> ‘dar de beber’ <i>dýà</i> ‘comer’ <i>diikà</i> ‘dar de comer’
	Causativa	-is-, -es-	*-i-/ -ici-	<i>vángà</i> ‘fazer’ <i>vángisà</i> : ‘mandar fazer’ <i>vóndà</i> ‘matar’ <i>vóndesà</i> : ‘fazer matar’
Valência decrescente	Passiva	-w-, -u, -o-, -am-	*-ibu-/-o-	<i>vángà</i> : ‘fazer’ <i>vángwà</i> : ‘ser feito’ <i>vángàmà</i> ‘ser feito’ <i>vóndà</i> ‘matar’ <i>vóndù(ò)</i> ‘ser morto’ <i>vóndàmà</i> ‘ser morto’
	Recíproca (associativa)	-an- -asan-	*-an-	<i>tála</i> : ‘olhar’ <i>tálànà</i> : ‘olhar-se’ <i>sálà</i> : ‘trabalhar’ <i>sálàzyànà</i> : ‘ajudar-se’

	Reflexiva	ki-		<i>lwékà</i> ‘ferir’ <i>kilwékà</i> ‘ferir-se’ <i>tátikà</i> : ‘morder’ <i>kìtátikà</i> : ‘morder-se’
	Média (Neutra)	-uk- -ik-	*-ik-	<i>wútà</i> : ‘parir’ <i>wútùkà</i> : ‘vir ao mundo’ <i>búlà</i> : ‘quebrar’ <i>búdìkà</i> : ‘quebrar-se’
	Potencial	-akan-		<i>záyà</i> ‘saber’ <i>záyàkànà</i> ‘ser conhecido’
	Estativa (estática, posicional)	-alal- -anan- -am-	*-am-	<i>díngà</i> ‘esperar’ <i>díngàlálà</i> ‘aquietar-se’ <i>fúkàmà</i> ‘ajoelhar-se’
Extensões improdutivas ou neutras.	Reversiva (inversiva, separativa)	-ul- -un-	*-od- (tr) *-ok- (intr)	<i>fuka</i> ‘tapar’ <i>fúkùlà</i> : ‘destapar’ <i>yémà</i> ‘mamar’ <i>yémùnà</i> : ‘desmamar’
	Iterativa	-ulul-		<i>túngà</i> ‘construir’ <i>túngùlùlà</i> : ‘reconstruir’ <i>lámà</i> ‘cozinhar’ <i>lambulula</i> : ‘recozinhar’
	Frequentativa/ Reiterativa/	-uzun- -uzul-		<i>zéngà</i> : ‘cortar’ <i>zéngùzùnà</i> : ‘cortejar’ <i>tólùlà</i> : ‘quebrar’ <i>tólùzùlà</i> : ‘quebrar em muitos pedaços’
	Durativa / Habitativa/ Repetitiva	-ang-		<i>sálà</i> : ‘trabalhar’ <i>sálàngà</i> : ‘trabalhar sempre’ <i>vángà</i> : ‘fazer’ <i>vángàngà</i> : ‘fazer sempre’
	Intensiva	-umun-		<i>yálà</i> . estender <i>yálùmùnà</i> : estender

Elaborado com base em Laman (1936), Dereau (1955), Guthrie (1962), Voeltz (1978), , Meinhof (1984), Schadeberg (2003), Nurse e Philippon (2006) e Nurse (2008) e levantamento no campo da pesquisa.

### 3.2.1. A estrutura fonológica de derivativos

Oquadro acima mostra as vinte e duas formas verbais, sendo que quatro e suas realizações fonéticas aumentam a valência; onze e suas realizações fonéticas reduzem a valência e sete que são tidas como neutras com uma realização fonética. Nestes

processos observa-se uma realização fonética de muitas extensões, a saber: A aplicativa /-il-/tem /-el-/ como seu alomorfo devido às condições fonológicas e /-in-/ e /-en-/ resultantes das condições nasais. Do mesmo modo, a causativa /-is-/ tem /-es-/ como seu alomorfo devido a condições fonológicas. Schadeberg coloca *-ici-* porque em muitas línguas a causativa não segue a harmonia vocálica. Segundo este argumento o Kizómbò reorganizou as vogais.

Quanto à passiva, importa ressaltar que dois alomorfos têm sido reconstruídos até aqui: -o- que ocorre depois da C e -ibu- que ocorre depois da V (Schadeberg 2003:78). Neste quadro ela exhibe a forma canónica **-u-** fruto deassimilação progressiva adquire /-w-/ e /-o/ como seus alomorfos. A razão é aquela já assinalada no capítulo II, sobre o sufixo perfeito. No nosso trabalho do campo constatámos que o Kizómbò conserva ainda os dois últimos alomorfos ou seja /-u/ e /-o/ para a voz passiva. Mesmo assim, actualmente constata-se que em Kizómbò, o sufixo /-u/ sofre, por sua vez, uma variação de harmonia vocálica em detrimento do /-o/ em alguns contextos. Trata-se de uma variação livre frequente em Kizómbò. No campo testámos isso, partindo do Português para o Kizómbò e os nossos informantes responderam:

206. a 'o leão foi morto' *nkòsì vóndèlwà*  
 b. 'o leão foi morto' *nkòsì vóndèlù*  
 c. 'foi morto' *vóndèlù*  
 d. 'foi comida' *yídìlù*  
 e. 'foi apanhado' *bákìlù*  
 f. 'foi mordido' *tátìkìlù*

Como se pode verificar, essas duas extensões /-u/ e /-o/, ocorrem na posição final do passivo perfeito dispensando a habitual VF. Ora, neste teste a passiva canónica **-w-**, só foi utilizada uma vez sob a insistência do pesquisador que quis verificar se é ou não ainda usada. Foi confirmada mas pouca usada. Os verbos monossilábicos conservam os alomorfos /-w-/ e /-u-/ tal como em:

207. *dya* 'comer' *díwa* 'ser comido'  
*tá* 'resolver' *téwa* 'ser resolvido'  
*nwá* 'beber' *núwa* 'ser bebido'

Extensão **-am-** como passiva: A propósito, Schadeberg (2003:79) diz que:

*There are several other areas where the passive extension is used sparingly or not at all. One of these areas covers parts of zones H, K and L, but generally a few synchronically underived verb stems attesting \*-o- have survived. In the great part of the zone C the passive extensions has been lost due to a phonologically triggered merger with \*-ok- (Meeussen 1959). Where the passive*

*extension is not commonly used, other extensions(\*-am-, -an-) have filled the gap, or other types of constructions are used. Luba (L31a) and Mbundu(H21) use a 'passive participle'; more widespread is the use of active verb with a class 2SCd.*

Assim, uma das variantes da zone H que também usa com moderação a extensão da passiva canónica /-w-/ é o Kizómbòmas que está a cair em desuso. Os dados recolhidos no campo pelo pesquisador deste trabalho atestam perfeitamente isso. No entanto, tradicionalmente a extensão /-am-/ é atribuída apenas à estativa mas doravante é usada igualmente como passiva em Kizómbò. Verbos de acção como *sónà* ‘escrever’, *búlà* ‘jogar’, *kómbà* ‘varrer’, *súmbà* ‘comprar’, etc., fazem a passiva de duas maneiras: *sónwà/sónámá* ‘ser escrito’, *búlwà/búlámá* ‘ser jogado’, *kómbù/kómbámá* ‘ser varrido’, *súmbú/súmbámá* ‘ser comprado’. Vejamos alguns exemplos de verbos discutidos com os nossos informantes e respectivas respostas:

	<b>Voz activa</b>		<b>Voz passiva</b>	
208.	1. ‘apanhar’	<i>bákà</i>	‘ser apanhado’	<i>bákàmà</i>
	2. ‘bater’	<i>wándá</i>	‘ser batido’	<i>wándámá</i>

Na verdade, os nossos informantes, forneceram-nos ainda outras alternativas da expressão da passiva. Eis ainda outras três frases das nossas entrevistas e as respostas dos nossos informantes Kyala e Mbemba:

209.	a. ‘O rato foi apanhado pelo gato’	<i>èmphúkù àmbàkìdìngì kwà nìsì.</i>
	a.1. ‘Foi apanhado’	<i>bákàmà kàbàkàmènè</i>
	a.2. ‘Foi apanhado’	<i>bákàmènèngì</i>
	a.3. ‘Foi apanhado’	<i>àmbàkìdì</i>
	b. ‘A mulher foi batida’	<i>ènkèntò wàndàmènè</i>
	c. ‘A criança foi mordida’	<i>èmwánà àntàtikìdìngì</i>

Os enunciados (209a). (209b) e (209c) são passivas nas quais os pacientes são topicalizados. Recordamos que as (209a.1), (209a.2) e (209a.3) são construções de *foco predicativo* em Kizómbò e que excluem o objecto e os adjuntos. Em (209b) temos mais uma vez uma das construções do infinitivo fronteado, já vistas no capítulo 2 secção 2.2.3.1.-*Presente actual e habitual*). Na forma *kà-bákàmènè*, o *ka-* é o IS ‘rato’ retomado anaforicamente. Analisemos uma delas:

210.	<i>èmphúkù àmbàkìdìngì kwà nìsì</i>			
	e-N-phuku	a-m-bak-idi-ing-i	kwa	nìsì
	AUM-BN-rato	IS-Tpo-RAD-ASP-EXT-ASP	PREP	gato
	o-rato	ele-IMED-apanhar-PERF-DUR	pelo	gato
	‘O rato foi apanhado pelo gato’			

As funções semânticas dos actantes são claras: o gato é o sujeito da activa rebaixado ao agente da passiva e o rato é o paciente da activa promovido à função do sujeito da passiva.

As formas da voz média */-uk-/* e */-ik-/*, têm respectivamente *-ok-* e *-ek-* como seus alomorfos resultantes das condições fonológicas. Estas extensões correspondem na literatura PB à Estativa, ao passo que a recíproca exhibe dois alomorfos, */-an-/* e */-asan-/* historicamente conhecidas na literatura bantu. O primeiro alomorfo, viz. */-an-/*, é tido como um reflexo da marca de recíproca reconstruída por PB. O segundo alomorfo, viz. */-asan-/*, é um sufixo composto que numa variação livre se articula */-azyan-/*, */-asyan-/* (Schadeberg 2003:72; Dom 2015:7). De Clercq (1921:55 Apud Dom 2015:7), afirma que “*les verbes neutres font leur verbe réciproque en asana qui est probablement l’ancien causatif des réciproques*”. No entanto, o autor propõe que *-asan-* consiste no sufixo causativo *-is-* e no velho recíproco *-an-*. Assim, a extensão recíproca */-azyana-/* ou */-asyan-/* significa ‘fazer-se trabalhar um do outro’. Para a reflexiva nós apresentamos duas formas por razões óbvias: Considerando que o infinitivo verbal primitivo em Kizómbò é constituído por uma forma de base, geralmente, portadora de um prefixo */ku-/*, e.g. *kuvónda* “matar”, *kulweka* “ferir”, o */-ki-/* da reflexiva é entendido como sendo um infixos que precede o radical verbal, pois, ele funciona entre o prefixo do infinitivo e a base verbal. Daremos mais detalhes sobre este assunto no ponto 3.3.4.. Quanto às neutras temos de ressaltar o caso da frequentativa que exhibe duas formas distintas *-uzun-*, *-uzul-* que têm como seu alomorfo *-usun-* resultante das condições fonológicas.

Finalmente, assim revistas e reclassificadas, as extensões constituem a maior preocupação deste trabalho. Assim sendo, em termos morfossintáticos e semânticos, a sua discussão iniciar-se-á com as extensões que aumentam a valência e culminará com aquelas que a rebaixam.

### **3.3. Análise da voz verbal segundo a valência decrescente**

Com base na teoria da gramática da valência verbal, nesta secção e na seguinte, abordaremos o que é ponderado como sendo vozes alternativas que Tèsnière (1959:242), em particular, entende como sub-vozes que ele designa *diátèses*. Emprestado dos gramáticos gregos, o termo diátese - *διάθεσις* - é uma

qualidade do verbo transitivo ou intransitivo implicando a voz activa, passiva, reflexiva, causativa, applicativa, só para citar essas.

### 3.3.1. A voz passiva (PASS) [ N1←—— N2 ]

Entendemos por *frase passiva*, uma construção correspondendo a uma frase activa transitiva na qual o sujeito da frase activa torna-se o agente (introduzido pela preposição *pelo, por* em Português e o seu equivalente *kwà* em Kizómbò) e onde o objecto da frase activa torna-se o sujeito de um verbo constituído pelo auxiliar *ser* e pelo particípio passado do verbo transitivo.

No entanto, ao longo das nossas pesquisas constatámos que tanto na perspectiva tradicional quanto na perspectiva funcionalista, as construções passivas já foram estudadas até à exaustão. Em todos esses estudos, os linguístas são unânimes em afirmar que a função básica da voz passiva é o *rebaixamento* do agente que outros denominam *de-tematização*, na medida em que regista-se o deslocamento do agente da posição dotema, cuja consequência mais recorrente é a sua supressão. De qualquer modo, no que concerne à literatura sobre a passiva, duas definições básicas capitalizaram a nossa atenção: a primeira baseia-se no critério transitividade e a segunda está baseada no critério topicalidade.

#### 1. O critério transitividade

Givón (1990b:564) afirma que um importante componente funcional do domínio da passiva envolve a noção de *transitividade*. No entanto, as operações sobre a transitividade que se correlacionam com a voz passiva são esmagadoramente pragmáticas, embora um pequeno resíduo semântico sempre persista. Nisso, três dimensões semânticas são centrais para a função semântica da transitividade: *agente, paciente e o verbo*. Cada uma dessas três dimensões corresponde a um aspecto central do evento transitivo prototípico e portanto, corresponde também a uma característica central da frase transitiva protótipo. Assim sendo, Hopper e Thompson (1980:251-299) defendem que a *transitividade* é um conceito fortemente relacionado com a voz, tanto activa como passiva. Portanto, uma frase activa prototípica é uma frase prototípica de elevada transitividade, na qual um agente animado, volitivo, age sobre um objecto totalmente afectado pela acção. Mas uma sentença passiva prototípica é baixa em transitividade.

## 2. O critério topicalidade

Segundo Givón (1990b:575-576) existem dois tipos de passivas: passiva promocional ou canónica e passiva não-promocional ou impessoal.

a). **Promocional /canónica**: Na promocional o tópico da passiva sofre uma promoção total e apresenta três características fundamentais:

1. Permite que o agente da passiva apareça opcionalmente em um caso oblíquo.
2. Codifica o verbo da passiva em forma de estado intransitivo.
3. Limita o leque de funções semânticas do não-agente que pode vir a ser o tópico da passiva.

b). **Não promocional ou impessoal**: Na não-promocional ou impessoal, na construção passiva, o tópico da passiva não sofre uma promoção completa, mas conserva a sua característica da frase activa. Ela apresenta três características fundamentais:

- a). Elimina o agente ( ou sujeito da activa) obrigatoriamente.
- b). Codifica o verbo passivo com uma forma gramatical mais activa-transitiva.
- c). Permite uma ampla gama de funções de casos de não agente para tornar o tópico da passiva.

Givón resume os dois tipos da passiva com os seguintes exemplos em apoio:

211. a). Passiva promocional (canónica)  
*The body was found in the beach (by John)*
- b). Passiva não promocional (impessoal)  
*They found the body on the beach*

Para Givón (1990b:565 et seq.), a noção da voz é fundamentalmente pragmática e envolve a relativa topicalidade do agente e do paciente. Na voz activa prototípica o agente é o participante mais tópico, enquanto que na voz passiva mais prototípica, um participante não-agentivo é o tópico. Por conseguinte, a expressão da passiva em Kizómbò fundamenta-se nesses dois critérios, viz. *transitividade e topicalidade*.

Vejamos dois exemplos do nosso questionário de campo:

212. a. *è-mbwà dî-ìdi mbìsì*  
AUM-9cão comer-PERF 9carne  
'O cão comeu a carne'
- b. *è-mbìsì yì-dì-il-ù kwà mbwà*  
AUM-9carne IS-comer-PERF-PASS CON 9cão  
'A carne foi comida pelo cão'

213. a. *è-sòlayì vónd-èlè è-mbèni*  
 AUM-5soldado matar-PERF AUM-9inimigo  
 ‘O soldado matou o inimigo’
- b. *è-mbèni vónd-èl-ù kwà sòlayì*  
 AUM-9inimigo morrer-PERF-PASS CON 5soldado  
 ‘O inimigo foi morto pelo soldado’

Ainda é cedo iniciarmos a discussão das funções, tanto sintáticas, quanto semânticas, posto que a subsecção 3.4.1.2. ocupa-se disso. Deste modo, o quadro abaixo fornece apenas a noção geral dos principais domínios envolvidos numa construção passiva de acordo com o exposto acima:

Quadro24: *Construções passivas*

<i>Funções semânticas</i>	<i>Estrutura sintática</i>	<i>Aspectos funcionais</i>
Agente	Sujeito oblíquo	supressão ou rebaixamento
Paciente	OD sujeito	promoção do não-agente
Acção	verbo transitivo verbo intransitivo	verbo de estado

Sempre que o *mùzóbò* pode, ele exprime de forma expediente o seu pensamento na voz passiva, a exemplo de tantas outras línguas, sem dificuldades.

### 3.3.1.1. A morfologia da voz passiva

Os principais morfemas classificados na tabela de derivativos para a expressão da voz passiva em *Kizóbò* são quatro: *-w-*, *-u-*, *-o* e *-am-*. No entanto, o sufixo *-am-* é rotulado na linguística Bantu como *sendoestativa ou posicional*. Mas considerando que cada língua possui as suas especificidades, no nosso trabalho de campo, as frases passivas foram traduzidas com a extensão *-am-* em vez de *-u-* pelos nossos informantes. Frase como, ‘o rato foi apanhado pelo gato’ foi traduzida *émp<sup>h</sup>úkù bàkàmènè kù nìsì*.

214. *vóndà* ‘matar’                      *vóndù/vóndamá* ‘ser morto’  
*twàlà* ‘dirigir’                      *twàdisù/twàlama* ‘ser dirigido’  
*súkùlà* ‘lavar’                      *súkùlù/sukulama* ‘ser lavado’  
*wándà* ‘bater’                      *wándù/wándàmà* ‘ser batido’

Consideremos dois textos em *Kizóbò* nos quais ocorrem distintamente os derivativos *-u-* e *-am-*.

215. Texto 1: Extensão *-u-*: (Kyala 23/03/2013)

1. *Mbuta andi vava kawidi vo nlek’aku mvwama se kena,*  
 ‘O seu irmão mais velho quando ouviu que o seu irmão enriqueceu-se’

2. *tumini akengidi andi enda tala.*  
mandou os guardas para irem ver
3. *Vava alwaka, akengidi a ntinu avóvèsù,*  
Quando chegaram, os guardas do rei foram avisados,
4. *wau ntinu sèkàbókèlèlù, kalulendi kotisa muntu ko*  
agora é chamado rei, não autorizam alguém entrar’
5. *vo katuvene nswa ko*  
‘se não dermos permissão’

Ora, este texto do nosso informante carrega consigo dois verbos na voz passiva que analisaremos de seguida:

216. *à-vóv-ès-ù.*  
IS-falar-CAUS-PASS  
‘Foram avisados’

Esta derivação tem como radical -vov- ‘falar, dizer, avisar’, na qual foram acrescentados alguns afixos. O prefixo verbal *a-* é um índice do sujeito, terceira pessoa do plural. Representa o sujeito ‘os guardas’. Enquanto os dois derivativos *-es-* e *-u-*, respectivamente, são da causativa e da passiva. Eles exprimem a relação entre os participantes no facto expresso pelo verbo e pela voz. É uma co-ocorrência que discutiremos mais adiante na análise sintáctica e semântica.

A forma *sèkàbókèlèlwà* deriva do verbo *bókèlè* ‘chamar’

217. *sè-kà-bókèl-èl-ù*  
ACT-3SG-chamar-APL-PASS  
‘É chamado’

A análise morfológica desta forma mostra que o radical verbal é *-bókèl-* ‘chamar’ precedido de dois prefixos com sentidos distintos. O prefixo *se-* já visto no capítulo dois tem uma vida autónoma em Kizómbò e isso não altera a sua função de auxiliar e actualizador. O segundo morfema *-ka-*, é um IS, terceira pessoa do singular. Quanto aos sufixos, o primeiro é *-el-* da applicativa numa co-ocorrência com o derivativo *-u-* da passiva. A forma de base é *bókèlè* ‘chamar’.

Quanto à extensão *-am-*, vejamos outro extracto da narração tirada do nosso corpus, cujo autor é Nzakundomba (2006:146):

218. Texto 2: Extensão *-am-*

1. *E nzengo yoyo yabakama kwa esi zunga,*  
‘Aquela decisão foi tomada pelos habitantes da área,
2. *yabakamena mu wonga wa mona vo e wantu se a yantikidi e dia ye nwina*

foi tomada por medo de ver que as pessoas começaram a comer e beber

3. *ku mosi ye bulu.*  
juntas com os animais’.

No texto sublinhamos as duas formas verbais derivadas cuja forma de base é *bákà* ‘apanhar’. Mas tratando-se de uma decisão, obviamente o seu sentido correcto é ‘decidir’, ‘tomar decisão’.

219. a. *è-nzégò yà-bàk-àm-à kwà èsì-zúngà*  
AUM-decisão IS-tomar-PASS-VF CON N-7área  
‘A decisão foi tomada pelos habitantes’

b. *yà-bàk-àm-ènè-à mù wòngà*  
IS-tomar-PERF+VFLOC medo  
‘[A decisão] foi tomada por medo’

No entanto, até aqui podemos observar que morfologicamente os dois morfemas -u- e -am- ocorrem em contextos similares: O -w- ocorre depois de C e em alguns verbos monossilábicos depois de V. Os aspectos semânticos serão discutidos no capítulo 4.

Finalmente, a expressão da passiva em Kizómbò, revela dois aspectos: *morfológico e analítico ou perifrástico*.

#### 1. *Aspecto morfológico (sintético)*

É aquele cujo derivativo -w- é um morfema que encerra em si mesmo o sentido do passivo. A sua fórmula canónica principal de formação é: radical + sufixo -w- + VF

220. *kúnà* ‘semear’      *kúnwà*      ‘ser semeado(a)’  
*zólà* ‘amar’      *zólwà*      ‘ser amado(a)’  
*lóngà* ‘ensinar’      *lóngwà*      ‘ser ensinado (a)’

Ora, o Kizómbò exhibe algumas especificidades na expressão do passivo que podemos estatuir da seguinte maneira:

#### a) *Assimilação*

Se a primeira sílaba do radical verbal tiver como vogal -a-, -i-, -u- ou seja C(-a-, -i-, -u-)CV, a passiva é obtida por meio do sufixo -u(Lumwamu 1973: 211, Dereau 1955: 59).

221. *vákà* ‘cavar’      *vákù*      ‘ser cavado(a)’  
*dyà* ‘comer’      *díwù*      ‘ser comido(a)’  
*vúbà* ‘baptizar’      *vúbù*      ‘ser baptizado (a)’

Sintetizando temos: C(a, i, u)CV → C(a, i, u)Cu.

Esta regra é aplicável:

1. Ao passado activo ou perfeito:

222.	<i>kùnìnì</i>	‘semeou’	<i>kùnìnù</i>	‘foi semeado’.
	<i>vùnìnì</i>	‘enganou’	<i>vùnìnù</i>	‘foi enganado’
	<i>fìnìkìnì</i>	‘tapou’	<i>fìnìkìnù</i>	‘foi tapado’

2. Ao passivo cuja sílaba final termina em -u.

223.	<i>vóndù</i>	‘ser morto’	<i>vóndò</i>	‘ser morto’
	<i>yókù</i>	‘ser queimado’	<i>yókò</i>	‘ser queimado’
	<i>zólù</i>	‘ser amado’	<i>zòlò</i>	‘ser amado’

2. Formas derivadas compostas terminadas em --anan- , -alal- e -ulul-.

224.	<i>lám̀b̀ùl̀ùl̀à</i>	‘recozinhar’ → <i>lám̀b̀ùl̀ùl̀ù</i>	‘ser recozinhado’
	<i>díǹg̀àl̀àl̀á</i>	‘calar-se’ → <i>díǹg̀àl̀èsù</i>	‘fazer que seja calado’
	<i>kóǹà̀ǹà̀ǹà</i>	‘encolher-se’ → <i>kóǹà̀ǹèsù</i>	‘fazer que seja encolhido’

As formas de base de *díǹg̀àl̀àl̀à* e *kóǹà̀ǹà̀ǹà* perderam-se com a evolução da língua e não há nenhuma reconstrução dessas formas até agora. Nem *díǹg̀à* ‘inspecionar’, ‘espiar’ nem *kóóǹà* ‘raspar’ podem ser tidas como suas formas de base na medida em que diferem no sentido. Porém, a sua passiva sofre uma síncope, *díǹg̀àl̀èsù* e *kóǹà̀ǹèsù*, tendo sido eliminada a reduplicação, devido à presença da causativa.

2- *Aspecto analítico ou perifrástico:*

Em seu estudo sobre a passivização nas línguas bantu e não só, Givón (1979) constata que a função principal da construção passiva analítica é a promoção de um não-agente a tópico.

225. a. *èdyàmbù mù tálà dýò é̀nà kwà sòbà.*

e-dyambu	mu	tal-a	dyo	ena	kwa	soba
AUM-5-problema	LOC	ver-VF	IOP	AUX	CON	soba

‘O problema está sendo resolvido pelo soba’

b. *ènzòénà yò túng-à kw»àù Ndómbàsì.*

e-N-zo	e-na	yo	tung-a	kwa	Ndombasi
AUM-9-casa	IS-estar	IOP	construir-VF	COM	N

‘A casa está sendo construída pelo Sebastião’

Em (225a), a topicalização é realçada pelo índice do objecto pós-posto(IOP) *dýò* que refere-se ao *dýambu* ‘problema’. Na (225b) pelo IOP *yò* referindo-se a *nzò* ‘casa’.

### 3.3.1.2. Caracterização sintáctico-semântica da passiva

Nas descrições anteriores dizíamos que a extensão da voz passiva é -w- mas hoje em dia é frequente ouvir a passiva ser expressa com o emprego da extensão -am- omitindo as demais já vistas acima. Sem recuarmos para o estudo morfológico, vamos sublinhar as propriedades sintácticas e semânticas tanto do -w- como do -am-.

226.	a. <i>bákà</i>	‘apanhar’	<i>bákwà</i>	‘ser preso/apanhado’
	b. <i>kángà</i>	‘amarrar’	<i>kángwà</i>	‘ser amarrado’
	c. <i>tá</i>	‘bater’	<i>téwà</i>	‘ser batido’
	d. <i>dyà</i>	‘comer’	<i>díwà</i>	‘ser comido’
	e. <i>sálà</i>	‘trabalhar’	<i>sálwà</i>	‘ser trabalhado’
	f. <i>bétà</i>	‘bater’	<i>bétwà</i>	‘ser batido’
	g. <i>swékà</i>	‘guardar’	<i>swékwà</i>	‘ser guardado’
	h. <i>lóngá</i>	‘ensinar’	<i>lóngwà</i>	‘ser ensinado/instruído’
	i. <i>vóvà</i>	‘falar’	<i>vóvwà</i>	‘ser falado’
	j. <i>zólà</i>	‘amar’	<i>zólwà</i>	‘ser amado’

O morfema-*am-* ocorre exclusivamente depois de C na base verbal, na mesma posição em que ocorrem todas as extensões antes da VF. Vamos usar os mesmos exemplos como teste:

227.	a. <i>bákà</i>	‘apanhar’	<i>bákàmà</i>	‘ser preso/apanhado’
	b. <i>kángà</i>	‘amarrar’	<i>kángàmà</i>	‘ser amarrado’
	c. <i>tá</i>	‘bater’	<i>téélèmà</i>	‘ser batido’
	d. <i>dyà</i>	‘comer’	<i>diyama</i>	‘ser comido’
	e. <i>sálà</i>	‘trabalhar’	<i>sálàmà</i>	‘ser trabalhado’
	f. <i>bétà</i>	‘bater’	<i>bétàmà</i>	‘ser batido’
	g. <i>swékà</i>	‘guardar’	<i>swékàmà</i>	‘ser guardado’
	h. <i>lóngá</i>	‘ensinar’	<i>lóngàmà</i>	‘ser ensinado/instruído’
	i. <i>vóvà</i>	‘falar’	<i>vóvàmà</i>	‘ser falado’
	j. <i>zólà</i>	‘amar’	<i>zólàmà</i>	‘ser amado’

Acima dissemos que a passiva é uma extensão que ocupa a última posição na sequência de várias extensões (apl., caus., rev., etc.). O morfema-*am-* não difere do anterior. Este facto pode ser verificado com os verbos causativos:

1. Os verbos passivos em *-am-* têm uma forma causativa em *-isam-*, *-esam-*. Este tipo de passiva podemos denominá-la de causação passiva indirecta cujo causador não está em relação directa com o evento.

228.	a. <i>kángísà</i>	‘mandar prender’	<i>kángísàmà</i>	‘fazer com que seja preso’
	b. <i>lúngísà</i>	‘mandar acender’	<i>lúngísàmà</i>	‘fazer com que seja aceso’
	c. <i>kwátísà</i>	‘fazer arranhar’	<i>kwátísàmà</i>	‘...que seja arranhado’.
	d. <i>vwátísà</i>	‘fazer vestir’	<i>vwátísàmà</i>	‘fazer com que seja vestido’
	e. <i>wísà</i>	‘fazer ouvir’	<i>wísàmà</i>	‘fazer com que seja ouvido’
	f. <i>tángísà</i>	‘mandar ler’	<i>tángísàmà</i>	‘fazer com que seja lido’

2. Verbos aplicativos em *-en-* suscitam uma forma de passiva do tipo *-amèn-* com um beneficiário.

229.	a. <i>sálàmà</i>	‘ser feito’	<i>sálámènà</i>	‘ser feito para...’
	b. <i>kángàmà</i>	‘ser amarrado’	<i>kángámènà</i>	‘ser amarrado para’
	c. <i>sónàmà</i>	‘ser registado’	<i>sónámenà</i>	‘ser registado para’

- d. *kómàmà* ‘ser pregado’      *kómàmènà* ‘ser pregado para’  
 e. *túngàmà* ‘ser construído’      *túngàmènà* ‘ser construído para’  
 f. *bákàmà* ‘ser apanhado’      *bákàmènà* ‘ser apanhado para’

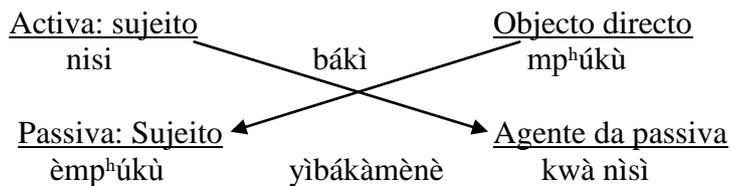
3. Os verbos em *-am-* fazem o perfectivo em *-amen-* bem como os estativos que não devem ser confundidos com a forma anterior baseada numa sequência tonal AABB.

230. a. *bákàmà* ‘ser preso’      *bákàmènà* ‘foi preso/ está preso’  
 b. *kángàmà* ‘ser apanhado’      *kángàmènà* ‘foi apanhado’  
 c. *vángàmà* ‘ser feito’      *vángàmènà* ‘foi feito’  
 d. *túngàmà* ‘ser construído’      *túngàmènà* ‘foi construído’  
 e. *tóngàmà* ‘estar erguido’      *tóngàmènà* ‘está erguido’ (estativo)  
 f. *kónàmà* ‘estar encolhido’      *kónàmènà* ‘está encolhido’ (estativo)  
 g. *zángàmà* ‘estar suspenso’      *zángàmènà* ‘está suspenso’ (estativo)

No que tange à sintaxe e à semântica, a passivização nas línguas Bantu é comparável ao Inglês ou outras línguas, visto que o sujeito SN da frase na voz activa ou é eliminado ou é expresso mas relegado para a função de objecto e o objecto SN assume o papel funcional do sujeito com uma modificação morfológica do verbo. Tomando-se como exemplo a oração activa da nossa pesquisa no terreno, teremos o seguinte quadro:

231. a. *è-nìsì ø-bák-ìdì mp<sup>h</sup>úkù*  
 AUM-9gato ø-apanhar-PERF9rato  
 ‘O gato apanhou o rato’  
 b. *è-mp<sup>h</sup>úkù yí-bàk-àm-ènè kwà nìsì*  
 AUM-9rato IS-apanhar-APL-PASS CON 9gato  
 ‘O rato foi apanhado pelo gato’

O quadro dessas duas frases pode ser assim esquematizado:



Givón (2001b:69 et seq e 106.) afirma que semanticamente os verbos são caracterizados primeiro pelos papéis semânticos obrigatórios dos participantes no evento que codificam. Cada verbo tem um agrupamento característico dos tais participantes obrigatórios. Portanto, funções semânticas são as relações de significação expressas pelas funções sintácticas em si. Na mesma lógica, Dik (1980:56) esclarece que *as funções semânticas (Agente, Objectivo, Destinatário, etc), especificam os papéis que os referentes dos termos envolvidos desempenham na situação designada pela predicação*

em que esses termos ocorrem. Feita esta explanação, importa conferir as funções exercidas pelos argumentos presentes na frases acima:

### 1. Agente (AGE) versus Paciente (PAC)

Mesmo sendo promovido à posição do sujeito, o termo *mp<sup>h</sup>úkù* ‘rato’ ainda denota o referente que sofre a acção. Ele é o *paciente*. Do mesmo modo, a destituição do termo *nìsì* da sua posição funcional de sujeito não lhe retira o papel performador da acção. Ele é o *agente*. Obviamente, outras diferenças morfológicas inerentes à própria estrutura sintáctica e semântica da sentença são perceptíveis e referenciáveis: a morfologia do verbo transitivo *báká* ‘apanhar’ → *dì-bàk-àm-ènè*, aglutina o auxiliar e o participio ‘foi apanhado’ seguido do conectivo *kwà* (pelo) em função conectiva caracterizando a passiva. Em termos da valência, o verbo *bákà* é obviamente bivalente. Ele apresenta dois lugares de predicação. Para além do agente e paciente, a passiva pode apresentar outras funções semânticas em Kizómbò:

#### 1. Destinatário (DEST)

232. *mfùmù* *ø-sónèk-èn-ù* *nkàndà* *kwá* *à-sàdì*.  
 DEST IS-escrever-APL-PASS 3carta CON 2-trabalhadores  
 ‘Ao chefe foi escrita uma carta pelos trabalhadores’

Em (232), o destinatário *mfùmù* que na frase activa executa a função sintáctica de objecto oblíquo, é promovido para *sujeito-destinatário* e trabalhadores rebaixados para *objecto indirecto-agente*, enquanto que *nkàndà* permanece como *paciente* do evento.

#### 2. Objectivo ou Objecto Estativo (OBJ)

Já nos referimos a este actante, como sendo a entidade à qual se fez referência, sem que esta desencadeia algo, ou, seja afectada por algo.

233. *Malenga* *ù-zól-w-àng-à* *kwà* *Kyala*.  
 OBJ IS-amar-PASS-DUR-VF CON Kyala  
 ‘Malenga é amada pelo Kyala’

#### 3. Beneficiário (BEN)

Este actante foi denotado como sendo um participante tipicamente animado que beneficia da acção descrita sem dela participar directamente.

234. *à-nà* *à-sikòlà* *à-káy-il-ù* *mi-nkàndà* *kwá* *lù-yàlù*.  
 2-BEM 2-escola IS-oferecer-APL-PASS 4-livros COM 11-governo  
 ‘Aos alunos foram oferecidos livros pelo governo’

Em (234) o beneficiário é o sujeito. *nkàndà* (livros) é ODE o *lùyàlù* ‘governo’ é o oblíquo. Esta é a inversão sofrida pela frase activa. Na frase activa, *lùyàlù* ‘governo’ é o *sujeito* e os alunos são o *objecto directo*.

#### 4. Instrumento(INST)

Já definimos o instrumento como sendo aquele actante, tipicamente inanimado, usado pelo agente para cumprir uma acção. Entretanto, o instrumento é o meio pelo qual a acção é desencadeada.

235. *è-mbèlè yì-zèng-àm-ènè dyòkò kwà Kìsità*  
 AUM-8faca IS-cortar-PASS-PERF 5mandioca CON Kisita  
 ‘Àfaca foi cortada a mandioca pela Kisita’  
 ‘A faca foi usada para cortar a mandioca pela Kisita’

Em (235), as traduções são propostas possíveis para este tipo de construções cujo sentido real oferece uma pequena dificuldade na tradução para o Português. O verbo *cortar* atribui à *Kìsità* a função semântica de *agente*, à *mandioca* função do *paciente* e à *faca* função de *instrumento*. Esta é uma construção de tópico.

#### 3.3.1.3. Destituição e promoção

No ponto 3.1.5 discutimos esta matéria de forma abrangente. Grosso modo, dissemos que do ponto de vista da valência, o número e as funções dos participantes de um evento descrito pelo verbo é vulnerável a modificações. É uma operação natural de ajuste da valência na qual se regista a remodelagem das funções semânticas que têm por efeito a promoção ou destituição (rebaixamento) de um participante ou a combinação de ambas. Esta operação pode ocorrer afectando sintácticamente o número dos argumentos do predicador tanto para mais, (valência crescente) tanto para menos (valência decrescente). Deste modo podemos identificar tipologicamente a operação de ajustamento da valência, como aquela que de acordo com a passiva rebaixa um participante ou omite o sujeito como controlador da acção.

236. a. Benda  $\emptyset$ -vónd-èlè Petelo  
 Benda IS-matar-PERF Petelo  
*Benda matou Petelo.*
- b. *Petelo*  $\emptyset$ -vónd-èl-ò *kwá Benda*  
 Petelo IS-matar-PERF-PASS COM Benda  
 ‘Petelo foi morto por Benda’

- c. *Petelo*-vònd-èl-ò  
Petelo IS-matar-PERF-PASS  
'Petelo foi morto'

A maneira óbvia para descrever a diferença entre (236a) e (236b) é que na (236b), o objecto directo da (236a) é codificado como sujeito e o sujeito da (236b) como um agente deslocado. Ora, esta não é a única maneira de descrever a diferença entre ambas frases se tivermos em conta o facto de que os papéis semânticos atribuídos aos participantes permanecem inalterados pela mudança sintáctica da sentença e da morfologia do verbo (vònd-èl-è → vònd-èl-w-à). O termo *Petelo* promovido para a posição do *sujeito* ainda denota o referente que sofre a acção. É o *paciente*. Ao passo que o termo *Benda* que é rebaixado da posição do sujeito para uma posição periférica e introduzido pelo conectivo *kwá* é ainda reconhecido como o executante da acção. Porém, é o *agente*. Em (236c) figura apenas um argumento, *Petelo* (Paciente). O argumento *Benda* que em (236a) é Agente foi rebaixado para objecto obliquo em (236b) e em (236c) foi pura e simplesmente eliminado. No entanto, aqui ocorreu não apenas uma operação de destituição ou rebaixamento mas também a da eliminação completa do agente. Este cenário decorre da pragmática do discurso, um facto que testamos com relativa facilidade no nosso estudo do campo.

Finalmente, importa ainda frisar que promoção e despromoção é o que tipicamente ilustramos nos exemplos de (236) mas eles são processos sintácticos assimétricos: o objecto da voz activa (*Petelo*) tem o privilégio de ser promovido para o sujeito, mas o sujeito da voz activa (*Benda*) nunca se torna o objecto numa sentença da voz passiva. É esta assimetria sintáctica associada à grande complexidade morfológica que justifica a derivação da passiva da frase activa e vice-versa (Bearth 2003:121et seq.).

#### 3.3.1.4. Co-ocorrência da passiva com as demais extensões

Dos testes realizados sobre as combinações observamos que a passiva é uma das extensões que nutre uma gama considerável de interacções com as outras formas derivadas. Sintetizando, propomos o quadro da estrutura dessa interacção com os verbos: *vàngà fazer*, *záyà saber*, *tólùlà quebrar*, *lóngà ensinar*, *yálà estender* e *fúkà tapar*.

Quadro 25: Estrutura da coocorrência da passiva com as demais extensões

EXT	P2 / IS	P1 / IO	RAIZ	EXT1	EXT2	VF
Pass			-váng-		-ù-	
Apl				-il-	-ù-	
Caus				-is-	-ù-	
Iter				-ùlùl-	-ù-	
Pot			-záy-	-àn-	-(ù)-	-à
Freq			-tólu-	-ùzùl-	-ù-	
Dur			-lóng-	-w-	-àng-	-à
Int			-yál-	-ùmùn-	-ù-	
Rever			-fúk-	-ùlùl-	-ù-	

P2 e P1 prefixos antes da raiz verbal marcando o sujeito e o objecto.

Em todas essas co-ocorrências sobressai a durativa que retém a extensão da passiva junto da raiz verbal em vez de relegá-la para a posição final onde permanece a vogal final. As coocorrências serão analisadas no capítulo 4. Neste capítulo vamos testar as possíveis combinações para cada extensão.

### Conclusão sobre as extensões -w- e -am- da passiva

Depois de uma longa e exaustiva discussão sobre a actualidade das extensões -w- e -am- da passiva, concluímos:

#### 1. Restrições morfológicas:

a. Morfológicamente os dois morfemas, -w- e -am-, ocorrem em contextos similares: O -w- ocorre depois de C e em alguns verbos monossilábicos depois de V por uma questão da realização fonológica.

b. A extensão -am- tem mais ocorrência que -w- e seus assimilados fonológicos -u- e -o- que não são usados em todos os casos.

#### 2. Restrições sintáticas e semânticas

a. Independentemente das suas diferenças nas formas derivadas, ambas extensões partilham a mesma estrutura de argumentos.

b. Temos em ambas as extensões uma clara forma passiva funcionando com verbos transitivos directos que requerem um complemento directo na forma activa.

c. Na forma de base pudemos identificar o sujeito / agente e o objecto / paciente. Entretanto, ambas extensões podem combinar com qualquer sujeito, tanto na voz activa, como na voz passiva.

d. O complemento de agente da passiva é admitido como oblíquo.

e. Nas duas passivas o agente é opcional. Por exemplo, na frase *o rato foi apanhado pelo gato*, o *gato* é um agente opcional.

f. Voltando para o mesmo exemplo, observamos que ambas as frases reduzem a valência de forma similar, havendo a possibilidade de rebaixar simplesmente o sujeito/ agente eliminando-o completamente ou retê-lo com o estatuto de um oblíquo ( complemento de agente).

g. A passagem da voz activa para a voz passiva não altera o conteúdo semântico da mensagem, mas sim, modifica as funções sintácticas e o foco da enunciação.

### 3.3.2. A voz recíproca (associativa) (RECIP) :[ N1 ↔ N2 ]

O conceito recíproco é usado para referir-se às classes de palavras (pronomes e verbos) que expressam o sentido de relações mútuas. e.g. *um ao outro*, ou o verbo *encontrar*. Creissels (2006b:21) diz que a noção de reciprocidade caracteriza a correspondência entre as frases que significam que duas entidades E1 e E2 interagem de uma certa maneira, e outros que exprimem a mesma interacção se referem a um grupo de entidades cuja proporção significativa assume, em relação a outros membros do grupo, ora o papel de E1, ora o papel de E2, como no caso de *Les invités se sont salués* ‘os convidados saudaram-se’. Segundo Trask (1993:229), recíproca é uma construção que expressa acção de duas entidades em si mesmas ou de muitas entidades entre si ou de uns sobre os outros de forma igual. Em outras palavras, o verbo pronominal recíproco ou voz recíproca exprime uma acção que é exercida por dois ou muitos sujeitos entre si, agindo de maneira igual uns sobre os outros. Na linguística, a recíproca é conhecida também como *extensão associativa*. Schadeberg (2003:76) afirma que os verbos recíprocos requerem mais de um agente e os agentes são ao mesmo tempo, pacientes de sua acção mútua. Mas antes de entrarmos na discussão leiamos o extracto do conto de um dos nossos informantes:

237. Texto 3: 1. *Nsesi ye ngo atunga vata dyawu.* (Kuvila, 20/05/2013)  
‘A gazela e o leão construíram a sua aldeia’
2. *Awu awizanene vo avonda angudi awu....*  
‘Eles entenderam-se para matar as suas mães...’.
3. *Wau nkindu yiyatikidi vana kati kwa awu ole ye avondasana*  
‘Agora a luta começou entre os dois e mataram-se’

Neste texto dois verbos requerem a nossa atenção: *awizanene* ‘entenderam-se’ ‘comprometeram-se’ ‘combinaram um do outro’ e *ávóndàsà* ‘mataram-se um ao outro’.

238. *à-wíz-àn-ènè*.  
IS-entender-APL-PERF  
‘Eles entenderam-se’

Ora, esta forma deriva do verbo transitivo *wízà* ou *wísà* ‘fazer ouvir, entender’. O radical *-wiz-* é precedido de um PP/PS da terceira pessoa do plural *a-* ‘eles’ que determina o agente/paciente, seguido do significante morfema associativo *-an-* “um do outro”. Este é, por sua vez, seguido da desinência temporal do perfeito *-ene-* já visto atrás.

239. *á-vónd-àsàn-à*  
IS-matar-RECIP-VF  
‘Eles mataram-se mutuamente’

A análise morfológica da frase (239) revela que a forma derivada *ávóndàsà* ‘eles mataram-se mutuamente’ decorre da raíz verbal *-vond-* “matar” na qual foi acrescido o pronome-prefixo *a-* ‘eles’ e o morfema *-àsàn-* da RECIP cujo conteúdo é igualmente “um do outro”. O contexto em que ocorrem essas duas derivações mostra claramente que tanto em (238) como em (239), os dois participantes do evento partilham de forma simultânea e igual as funções de agente e paciente.

A semântica desta extensão faz-nos compreender que a acção realizada pelos participantes tem carácter associativo. A performance da acção é vista como implicando a participação igual dos intervenientes. Por esta razão, Carter e Makoondekwa (1987:130) interpretam-na como sendo *do something together or to each other* ‘fazer algo juntos ou um ao outro’

### 3.3.2.1. A morfologia da voz recíproca

A RECIP em Kizómbò é marcada pelo sufixo *-an-*. Quanto à sua morfologia, o sufixo *-an-* é um derivativo colocado na base do verbo entre o radical do verbo e a vogal final *-a*. A sua fórmula será: **radical + sufixo -an- + VF**.

240. a. *zólà* ‘amar’            *zól-àn-à*            ‘amar-se um ao outro’  
b. *vóvâ* ‘falar’            *vóvànà*            ‘falar um ao outro’  
c. *káyà* ‘dividir’            *káyànà*            ‘dividir-se um ao outro’

Existe um grupo de verbos que só exprimem a reciprocidade com *-asyan-* como:

241. a. *káyìsà* ‘saudar’      *káizy-àn-à* ‘saudar-se mutuamente’  
 b. *sádisà* ‘ajudar’      *sál-àsyàn-à* ‘ajudar-se mutuamente’  
 c. *zítìsà* ‘respeitar’      *zít-àzyàn-à* ‘respeitar-se mutuamente’

As formas verbais derivadas acima estabelecem claramente o morfema da recíproca mas acontece, porém, que na prática linguística os falantes de Kizómbò tendem a confundir a recíproca com a reflexiva (cf. cap. IV , 4.7 et seq.)

### 3.3.2.2. As formas de reciprocidade

Uma sentença típica da recíproca exprime a noção na qual dois participantes agem de forma igual um sobre o outro. Entretanto, ambos são, de forma igual, agente e paciente. Ora, essa tradicional compreensão da voz recíproca permite-nos discernir algumas distinções no seu seio que importa aqui referenciar bem como as suas principais características.

#### 1. A forma *restricta*

É a forma prototípica da voz recíproca e caracteriza-se de duas maneiras:

a) -O verbo aparece com um SN que denota um sujeito grupal que se sucede simultaneamente nas posições do sujeito e do objecto ou do agente e do paciente. Assim, a sua fórmula seria: N1 e N2 V -se → N1 V N2 e N2 V N1 [Job e Zé saudaram-se um ao outro]. Significa que Job saudou Zé e Zé saudou Job. Trata-se de uma reciprocidade exercida por apenas duas entidades. Aplicado ao Kizómbò será: N1 e N2 -an- → N1 V N2 e N2 V N1 [*Yobi ye Zé àkàyìsànà*]. Portanto, essa fórmula revela o que se denomina *voz recíproca restrita* (Creissels 2006b:30).

242. a. *Masalayé Kilenda èlà mòn-àn-à kùnà bàsì*  
 Masala CON Kilenda AUX encontrar-RECIP-VF LOC 5fazenda  
 ‘O Masala e o Kilenda foram encontrar-se na fazenda [um do outro]’.
- b. *Mafuta yé Nkosi kù Berlin à-záy-àn-ènè*  
 Mafuta COM Nkosi LOC Berlin IS-conhecer-RECIP-PERF  
 ‘A Mafuta e o Nkosi conheceram-se em Berlin [um do outro]’.

A recíproca restrita implica normalmente dois participantes. Por exemplo, em (242b) significa que cada um dos dois membros do grupo reage de tal maneira que ambos conheceram-se ao mesmo tempo: Mafuta conheceu Nkosi e Nkosi conheceu também Mafuta. É uma relação restrita na qual cada um assume os dois papéis de agente e paciente.

b) - O verbo é precedido de um SN no plural seguido de um auxiliar:

243. a. *è-mbwà z-ètì vónd-àn-à.*  
 AUM-10cães IS-estar matar-RECIP-VF  
 ‘Os cães estão a matar-se [mutuamente]’.
- b. *è-mà-kàlù mà-tút-àn-ènè.*  
 AUM-6-carros 6-chocar -RECIP-PERF  
 ‘Os carros colidiram-se [mutuamente]’

## 2. A forma extensiva

Também conhecida por cooperativa, a recíproca extensiva envolve, portanto, mais de dois participantes. Trata-se de um sujeito plural que exprime uma situação de amalgamento de funções sintácticas e semânticas entre os membros do grupo ao qual se refere o sujeito. Portanto, torna-se difícil estabelecer quem de entre os membros do grupo assume um e outro papel (Creissels 2006b:30). Neste caso há uma certa ambiguidade quanto às funções, pois, ou ele mesmo faz para si ou um outro faz para ele. Vejamos como ficaria a frase:

244. a. *Yákóbò yé Yóbì yé mòngò tù-zól-àn-àng-à.*  
 Tiago COM Job CON 1SG IS-estimar-RECIP-DUR-VF  
 ‘Tiago, Job e eu estimamo-nos [mutuamente]’
- b. *e-mì-nkwikìsì mù kái-zyàn-à è-nà.*  
 AUM-4-crentes LOC abraçar-RECIP-VF IS-AUX  
 ‘Os crentes estão a abraçar-se’

Em (244a) surge o sufixo durativo que semanticamente indica que a relação entre os actantes é permanente e habitual.

### 3.3.2.3. A estrutura de argumentos e as funções semânticas

Na sub-secção 3.3.1.2 da passiva falamos da estrutura e das funções semânticas. Mas antes disso, referimos-nos ao critério de transitividade que também é operacional aqui. Por este facto, a estrutura de argumentos de uma frase recíproca é formada por actantes que agem de forma igual um sobre o outro e em igual partilha de funções. Desta forma, as operações deste tipo rebaixam a valência especificando que há duas entidades separadas envolvidas que executam duas funções semânticas similares.

245. a. *Yòwàni yé Madiyà à-záy-àn-èn-à kùnà Berlim.*  
 João COM Maria IS-conhecer-RECIP-PERF-VF LOC Berlim  
 ‘O João e a Maria conheceram-se em Berlim [um ao outro]’
- b. *Yòwàni yé Madiyà à-záy-àn-èn-à.*  
 João CON Maria IS-conhecer-RECIP-PERF-VF  
 ‘O João e a Maria conheceram-se’

Nesses exemplos, João e Maria, ambos são indicados como agentes e pacientes co-referenciais. No entanto, cada um executa por sua vez as duas funções semânticas de agente e paciente. Ao conhecer Maria, João é o *agente* e Maria *paciente*. Ao conhecer João, Maria age por sua vez como *agente* e João torna-se *paciente*. Mas como esse conhecimento ocorre de forma simultânea, ou seja, no mesmo instante que João conheceu Maria, também Maria conheceu João, no entanto, o agente e o paciente são *associados*. Assim, a estrutura da recíproca corresponde ao associativo que é um agente secundário. Para além da sua função associativa, -an- pode codificar o oblíquo.

246. a. *Lùkà yé Luisa à-kwél-àn-ènè múnà dì-bùndù và ndòsè*  
 Lucas CONLuisa IS-casar-RECIP-PERF LOC5-igreja LOCface  
*yà mbàngì zà-yìngì*  
 CON 10testemunhas 10-muitas  
*O Lucas e a Luisa casaram-se na igreja diante de várias testemunhas.*
- b. *Lùkà yé Luisa à-kwél-àn-ènè múnà dì-bùndù*  
 Lucas CON Luisa IS-casar-RECIP-PERF LOC 5-igreja  
 ‘O Lucas e a Luisa casaram-se na igreja’
- c. *Lùkà yé Luisa à-kwél-àn-ènè.*  
 Lucas COM Luisa IS-casar-RECIP-PERF  
 ‘O Lucas e a Luisa casaram-se’

Nos exemplos precedentes a estrutura de argumentos apresenta um sujeito grupal que se sucede nas funções de agente e paciente seguidos de um complemento circunstancial de lugar (na igreja) que assume a função *locativa* e de adjunto adnominal (várias testemunhas) que está na condição de *Oblíquo*. A presença de uma partrícula coordenativa *yé*, que une os dois termos independentes, *Lucas e Luisa*, estabelecendo entre si uma relação de adição, deixa antever que o enunciado (246) é uma adição de duas orações do tipo *N1 e N2 V-se → N1 V -se com N2 / N2 V -se com N1* ou seja em Kizómbò *N1 V -an- yé N2 / N2 V -an- yé N1*. Consideremos:

247. a. *Luka ø-kwél-àn-ènè yé Luisa*  
 Lucas IS-casar-RECIP-PERF COM Luisa  
 ‘O Lucas casou-se com a Luisa’
- b. *Luka ø-kwél-èlè.*  
 Lucas IS-casar-PERF  
 ‘O Lucas casou-se’
248. a. *Luisa ø-kwél-àn-ènè yé Luka.*  
 Luisa IS-casar-RECIP-PERF CON Lucas  
 ‘A Luisa casou-se com o Lucas’

- b. *Luisa*  $\phi$ -*kwél-èlè*.  
 Luisa IS-casar-PERF  
 ‘A Luisa casou-se’

A RECIP é designada *associativa*. Nas frases (247a) e em (248a), a partícula conectiva *yé* “com”, descreve eventos nos quais os dois SNS estão associados para executarem a acção. Assim, semanticamente os SNS *Luisa* e *Lucas* em ambos enunciados são associados do agente e conseqüentemente assumem a *função associativa*. A Luisa é associada de Lucas em (247a) e o Lucas é associado da Luisa em (248a). Trata-se do sujeito plural visto acima. Vejamos ainda:

249. *e-mbwà* *zi-búnd-àn-ènè* *yé* *nkósi*.  
 AUM-10cães IS-unir-RECIP-PERF CON 9leões  
 ‘Os cães uniram-se com os leões’

Em (249) temos um SN como sujeito plural (cães) associados a um sintagma preposicional (com os leões). Deste modo, o conectivo *yé* (*com*), é uma associativa proclítica que nos permite atribuir aos leões a *função associativa*, porquanto, estes são descritos como sendo associados do agente.

### 3.3.2.4. As co-ocorrências da extensão recíproca

A recíproca é uma extensão com um número muito limitado de co-ocorrências.

250. a. *zól-àn-es-w-ang-à* ‘fazer que se amem um ao outro sempre’  
 b. *ki-vó-àn-es-il-ang-à* ‘fazer falar-se antes um ao outro habitualmente’  
 c. *káy-àn-es-àng-à* ‘fazer dividir um ao outro habitualmente’

Na verdade não é fácil descrever o sentido expresso por essas co-ocorrências. Se as revermos constataremos que o sentido será ligeiramente modificado. As duas primeiras co-ocorrências oferecem essa dificuldade de tradução. Vejamos:

- a. *zól-àn-es-w-ang-à* ‘fazer que se amem um ao outro sempre’

O sentido expresso por esta co-ocorrência é passivo embora não seja visto na glosa. Implicitamente há um causador, um causado, e um paciente do evento causado implicados de forma durativa.

- b. *ki-vóv-àn-es-il-ang-à* ‘fazer falar-se antes um ao outro habitualmente’

Para esta co-ocorrência o sentido expresso apaga a aplicativa. E a reflexiva modifica o sentido dando a entender que a acção deve ter lugar antes de uma outra, E assim será: ‘Antes de tudo, fazer falar um ao outro habitualmente’. Os participantes são causadores e pacientes da causação que se executa durativamente. Mais detalhes sobre as combinações da recíproca encontram-se no capítulo 4.

### 3.3.3. A voz reflexiva (REFL):[ N1 ]

O protótipo da voz reflexiva (doravante REFL), é um verbo ou uma construção na qual o sujeito e o objecto referem-se à mesma entidade. Givón (1990b:628) diz que na reflexiva o sujeito é co-referente com o objecto e deste modo reage sobre si mesmo (reflexivamente). Ela é aplicada nas frases transitivas com um objecto directo.

Mchombo (2004:103) comenta que em muitas línguas Bantu, a reflexivização é marcada por um morfema que é prefixado à raiz do verbo na posição do objecto. Por exemplo, em Chichewa, o morfema da REFL é *-dzi-*, em Swahili é *-ji-* e em Xhosa *-zi-*. As frases abaixo ilustram isso:

251. Chichewa: Mkóngó u-na-dzí-súpúl-a.  
3-lion 3SM-PST-reflex-bruise-FV  
*The lion bruised itself.*
- Swahili: Mvuvi a-li-ji-kat-a.  
1-fisherman 1SM-PST-reflex-cut-VF  
*The fisherman cut himself.*
- Xhosa: Umntwana u-ya-zi-hlmb-a.  
1-child 1SM-PRES-reflex-wash-FV  
*The child washes himself.*

Com base no que precede, o Kizómbò não foge à regra, pois, realiza a voz reflexa usando o invariável prefixo *-ki-* cujo conteúdo informativo veicula a noção que deixa claro que o sujeito e o objecto são a mesma entidade. Vamos ver outro extracto do mesmo conto já mencionado anteriormente (Kuvila, 20/05/2013):

- Texto 4: 1. *Tàtà dìmòsì kákàlà yè ànà àndì òlè, mósì nkwa ngàngù, mósì zòwà*  
'Um pai tinha dois filhos, um era esperto, o outro era idiota'
2. *Mwànà ndyò wàzòwà kàtòmà zólàkànà kò.*  
'O filho idiota não era muito amado'
3. *Anà kàvàngà dyàmbù, e nàzowà venge dyò. I wowo kaka.*  
'Quando faz alguma coisa, é o idiota que fez. Sempre foi assim'
4. *yántikidi kukimwènà nkèndà.*  
'Começou a sentir-se pena'

Neste texto, a frase 4 traz uma forma verbal derivada *kukimwena* que a seguir vamos analisar para desvendarmos os seus principais morfos:

252. *kù-kì-mwén-à*  
INF-REFL-sentir-VF  
'Sentir-se a si mesmo'

O infinitivo verbal em Kizómbò apresenta duas estruturas distintas caracterizadas por ou *ku-RAD-a* ou *RAD-a*. A primeira é a forma primitiva que carrega consigo o segmento *ku-* que é um prefixo da classe 15 que marca todas as formas verbo-nominais dos verbais. e.g. *ku-sálà ou sálà* ‘traballar’; *ku-dyá ou dyà* ‘comer’; *ku-vóvâ ou vóvâ* ‘falar’; *ku-vángâ ou vángâ* ‘fazer’, etc. Já dissemos que o Kizómbò não faz uso deste prefixo nominal da classe 15 como segmento do infinitivo (cf. 1.3.1.2.3. classes nominais e a discussão da cl.15).

Na frase (252) vislumbra-se mais uma vez o prefixo *-ki-* precedendo a raiz do verbo *-mwèn-* “sentir, ver” na abertura da marca do objecto (IO). O prefixo *ku-* precedendo o *-ki-* indica que a forma verbal conserva o seu morfema do infinitivo que em muitos casos é omitido. Neste caso pode-se dizer, e.g. *kimwénâ nkenda* “sentir-se pena”.

### 3.3.3.1. A morfologia da voz reflexiva

Até qui ficamos com impressão de que Kizómbò realiza a voz reflexiva com um só elemento pré-radical *-ki-*. Porém, a nossa pesquisa no campo revelou-nos que, por questões sociolinguísticas que têm a ver com o contacto de línguas, dois outros morfemas já são usados para os actos reflexivos: *-di-* e *-yi-* que no fundo são variações alofónicas do *-ki-*. A estrutura morfológica pode ser formulada como segue: *KU- + -KI- + RADICAL + VF*. Consideremos o seguinte:

253.	<i>zólâ</i> ‘amar’	<i>kù-kì-zól-à</i> ‘amar-se a si mesmo’
	<i>lwékâ</i> ‘ferir’	<i>kù-ki-lwék-a</i> ‘ferir-se a si mesmo’
	<i>dyátisâ</i> ‘guiar’	<i>kù-kì-dyátis-a</i> ‘guiar-se a si mesmo’
	<i>vóndâ</i> ‘matar’	<i>kù-kì-vónd-à</i> ‘matar-se a si mesmo’
	<i>yá:lâ</i> ‘governar’	<i>kù-kì-yál-à</i> ‘governar-se a si mesmo’
	<i>yókâ</i> ‘queimar’	<i>kù-kì-yók-a</i> ‘queimar-se a si mesmo’

Se tivermos em conta a discussão anterior sobre o exemplo (252), o ideal seria omitir o morfema *ku-* do infinitivo e isso não afecta o sentido da reflexiva. e.g. *-kìzólâ* ‘amar-se’.

254.	a. $\emptyset$ - <i>yátik-idi</i>	<i>ku-ki-mw-èn-à</i>	<i>nkèndâ.</i>
	IS-começar-PERF	INF-REFL-sentir-PERF-VF	9pena
	‘Começou a sentir pena de si mesmo’		
	b. <i>Lùtètù</i>	<i>ù-ki-lwék-èlè.</i>	
	Lutetu	IS-REFL-ferir-PERF	
	‘O Lutetu feriu-se’		

Reflexiva com **-di-**:

255. *zólà* ‘amar’ *kù-dí-zól-à* ‘amar-se a si mesmo’  
*vónda* ‘matar’ *kú-dì-vónd-a* ‘matar-se a si mesmo’  
*tálà* ‘olhar’ *kù-dì-tál-à* ‘olhar-se a si mesmo’

Nas nossas pesquisas, alguns informantes revelaram-nos ainda um terceiro morfema que toma a posição do ki-. Trata-se do prefixo **-yi-**. Vejamos:

256. *tálà* ‘ver, olhar’ *kù-yì-tálà* ‘ver-se a si mesmo’  
*yándà* ‘bater’ *kù-yì-yándà* ‘bater-se a si mesmo’  
*fíbà* ‘lamber’ *kù-yì-fíbà* ‘lamber-se a si mesmo’  
*lwékà* ‘ferir’ *kù-yì-lwékà* ‘ferir-se a si mesmo’

Essa última derivação é um isomorfismo inerente à influência dos dialectos vizinhos, sobretudo da província do Zaire onde destacamos o Kisikongo e o Kisolongo, entre outros. Na confirmação dos dados, os informantes contrariam-se quanto à sua autenticidade. Mas nas nossas pesquisas descobrimos que é desta maneira que se fala em Kisikongo (Bentley1887: 683; Ndonga 1995). Consideremos alguns exemplos de Bentley extraídos do seu *dicionário e gramática da língua Kongo conforme é falado no São Salvador* (p.683). Trata-se da conjugação do verbo *amar*:

257. *iyitonda* ‘I love myself’  
*iyitondele* ‘I have loved myself’ *twayitonda* ‘we loved ourself’  
*wayitonda* ‘you loved yourself’ *nwayitonda* ‘you loved yourself’  
*kayitonda* ‘he loved himself’ *ayitonda* ‘theyloved themselves’  
*kiyitonda* ‘to love yourself’

Ora, estas formas revelam realmente uma forma reflexiva ainda não habitual em Kizómbò. É possível que esteja a evoluir sociolinguisticamente no contacto da língua com alguns falantes não autóctones que imigraram da vizinha província do Zaire. Na verdade, em certos casos, tendem a ser semanticamente recíprocos do que reflexivos. Neste caso, o contexto desempenha um papel preponderante. É a partir do mesmo que se pode determinar se se trata de uma acção recíproca ou reflexa. Considera:

258. a. *Lùtètù ù-yì-lwèk-èlè*  
Lutetu IS-REFL-ferir-PERF  
‘O Lutetu feriu-se [a si mesmo]’  
b. *à-nà à-yì-sùkw-èlè.*  
2-crianças IS-REFL-lavar-PERF  
‘As crianças lavaram-se [elas mesmas]’

Como se pode reparar, tanto em (258a), como em (258b) foi possível empregar-se a terceira forma, contudo em muitas outras frases os mesmos nossos informantes

foram mudando ou alternando morfológicamente com a forma primitiva da reflexiva confundida com a recíproca. Usamos como teste, os exemplos que se seguem cujas respostas foram duplas:

259. 1. ‘O Luvumbu e a Kisita beijaram-se’  
 a) ‘beijaram-se’: à-fìb-àn-ènè (recíproca)  
 b) ‘beijaram-se’: à-yì-fìb-ìdì (recíproca/reflexa)
2. ‘Eles abraçaram-se’  
 a) ‘abraçaram-se’: à-yì-káyìs-ì (recíproca)  
 b) ‘abraçaram-se’: à-kì-káyìs-ì (recíproca)  
 c). abraçar-se: kì-bìmbàn-èn-à (reflexiva-recíproca)
3. ‘Nós combatemo-nos sem causa’  
 a) ‘combatemo-nos’: tù-kì-nwán-ìsì (reciproca )

O sentido da reciprocidade nesse tipo de construções reside exactamente no seu sujeito grupalque nos exemplos acima está representado pelo índice do sujeito à- ‘eles’ que precede o prefixo reflexivo. Na frase (259.2c), o prefixo da reflexiva e a extensão da recíproca circundam o radical. Uma discussão mais detalhada sobre esta fusão da recíproca e reflexiva encontra-se na secção 4.7. do quarto capítulo deste trabalho.

### 3.3.3.2. A valência sintáctica e semântica

O critério de transitividade é igualmente aplicável à reflexiva. As relações de significação expressas pelas funções sintácticas dos participantes no evento constituem, de uma ou de outra maneira, as funções semânticas que especificam os papéis que os referentes dos termos envolvidos desempenham na situação designada pela predicação em que esses termos ocorrem. Para a reflexiva reconhece-se o sujeito (agente) e o objecto (paciente).

260. Màyàmbà wù-kì-lwék-èlè yé mbèlè  
 Mayamba IS-REFL-ferir-PERF COM 9faca  
 ‘Mayamba feriu-se com faca’

Nesta frase divisamos Mayamba como *sujeito /agente* e *objecto /paciente* da acção de ferir pela faca. Recordamos que a reflexiva subscreve-se entre as operações transitivas que rebaixam a valência verbal. Na frase (260), o SN oblíquo (*faca*), está relacionado com o antecedente por um conectivo *yé* ‘com’ que lhe completa o sentido. A sua função semântica é *instrumento*.

### 3.3.3.3. A co-ocorrência da reflexiva com a causativa

O cruzamento de extensões verbais de diferentes vozes é um facto recorrente em Kizómbò. A reflexiva por sua vez, embora não seja uma extensão, exhibe este fenómeno cruzando-se com as outras, não na mesma base verbal mas da sua forma, mantendo a sua posição do prefixo. Por outras palavras, a reflexiva e a causativa são duas extensões completamente opostas em relação ao radical verbal. Um é prefixo e o outro é sufixo. O morfemada reflexiva é um relator que revela que o agente-paciente é responsável pelo sucedido embora a acção seja consumada pelo terceiro como *co-agente*. A sua estrutura morfológica pode ser apresentada com a seguinte fórmula:

prefixo KU + -KI- + RADICAL + -IS- + VF.

261.	<i>lwála</i>	‘ferir’	<i>kù-kì-lwàd-is-à</i>	‘fazer-se ferir a si mesmo’
	<i>vóndà</i>	‘matar’	<i>kù-kì-vónd-es-à</i>	‘fazer-se matar a si mesmo’
	<i>kémbà</i>	‘alegrar’	<i>kù-kì-kémb-ìs-à</i>	‘fazer-se alegrar a si mesmo’
	<i>lékà</i>	‘dormir’	<i>kù-kì-lék-ìs-a</i>	‘fazer-se dormir a si mesmo’
	<i>síkàmà</i>	‘acordar’	<i>kù-kì-síkàm-ès-à</i>	‘fazer-se acordar a si mesmo’

Notar que as propriedades semânticas das formas derivadas acima permitem-nos estabelecer dois cenários: um com um agente externo e o outro sem agente externo. As frases a seguir subscrevem-se no primeiro com a intervenção de um agente externo introduzido pela causativa. É o causado:

262.	a.	<i>Lùtònádíò</i>	<i>ù-kì-vónd-ès-à</i>		
		Lùtònádíò	IS-REFL-matar-CAUS-PERF		
		‘O Lùtònádíò fez-se matar’			
	b.	<i>Kètù</i>	<i>mù</i>	<i>ø-kì-zéng-is-à</i>	<i>kè-nà ntsùkì</i>
		Ketu	LOC	IS-REFL-cortar-CAUS-VF	IS-AUX 3cabelo
		‘O Kètù está fazer-se cortar o cabelo’			

O segundo cenário, mostra que alguns verbos permitem que a reflexiva e a causativa co-ocorram sem necessidade de um co-agente. Derivações como *kúkìlékìsà* ‘fazer-se dormir’ e *kùkìsíkàmèsà* ‘fazer-se acordar’ não são estranhas em Kizómbò. Elas são usadas sem que esteja em vista um causador externo. Porém, nestas situações o agente/causador, o paciente e o causado são a mesma entidade:

263.	a.	<i>mw-ànà</i>	<i>.ù-kì-síkàm-ès-è</i>	<i>yàndì</i>	<i>kìbèni</i>
		1-criança	IS-REFL-acordar-CAUS-PERF	3SG	mesma
		‘A criança acordou-se ela mesma [fez-se acordar]’			
	b.	<i>nkòmbò</i>	<i>zì-kì-kót-ès-à</i>	<i>mùnà</i>	<i>mpàkà.</i>
		9cabras	IS-REFL-entrar-CAUS-VF	LOC	9curral
		‘As cabras fizeram-se entrar no curral’			

Em (263b) é acrescido o *locativo*, *mùnà mpàkà* ‘no curral’.

### 3.3.4. Avoz média /neutra (VM)

Estudos anteriores a este mostram dificuldades em definir exactamente este tipo de extensão verbal e notificam que esta é deveras uma forma específica de exprimir-se em Kikongo, cuja tradução nas línguas europeias oferece dificuldades. Consideremos a observação feita por Bentley (1887:621) e alguns dos seus exemplos em Kikongo:

*There is a third voice to nearly all Kongo verbs, which is neither active, transitive nor passive, but between the two, since it conveys the idea of action without the need of an object to complete the idea; as o nlele ubakuka: the cloth tears. At the same time it expresses the idea of an active condition, or state, which is attributed to the subject itself, and is not regarded as being suffered or caused by anything exterior to the subject. It is therefore neither active transitive nor passive; but possessing an idea half way between the two, it has been called by grammarians the Middle voice. A verb in that voice, or of that nature or form, is Active Intransitive.*

	<i>Active</i>	<i>Middle</i>
264.	<i>jiula</i> : ‘to open’	<i>jiuka</i> : ‘to open, to be or become open’
	<i>katula</i> : ‘to take away’	<i>katuka</i> : ‘to go away’
	<i>kela</i> : ‘to cut to pieces’	<i>keloka</i> : ‘to be or become cut to pieces’
	<i>dia</i> : ‘to eat’	<i>diuka</i> : ‘to eat or be eaten’

Outros estudos conjuntos mais recentes das línguas Bantu levados a cabo por Beaudoin-Lietz, Nurse, Rose (2002:90) reconhecem a existência da voz em apenas algumas línguas mas a sua extensão fica por definir: *some languages in the world also mark middle voice. This category has not as yet been identified in terms of morphological marking in Bantu languages.* Para o Kizómbò está definida restando apenas um estudo mais sistematizado sobre o seu funcionamento. Este é o desafio que apresentamos neste estudo. Mas antes de lá irmos, importa compreendermos o sentido deste conceito.

O termo *média* tem a sua origem nas formas verbais do antigo Grego cujo sentido era amplamente reflexivo. Por outras palavras, a voz média (doravante VM) no Grego clássico, exprime uma acção que o sujeito pratica a acção mas que fica particularmente interessado no seu efeito, ou no seu próprio interesse. e.g. αἰρέω, ‘eu tomo’ (voz activa) e a voz média será: αἰρέομαι ‘eu escolho’, isto é, ‘eu tomo de acordo com o meu interesse’. Suponhamos que um Grego comprou um carro, então, a frase média ficaria: *Eu comprei-VM-carro* ‘Eu mesmo me comprei um carro’, em Francês fica mais claro ‘Je me suis acheté une voiture’. No entanto, ela é vista como voz média porque situa-se entre a voz activa e a voz passiva. Mas em outras línguas aproxima-se à voz reflexiva. e.g. Em Inglês o verbo *shave* em *I shaved* que significa que *I shave myself*.

Como se pode observar, a VM serve para expressar a noção de que o sujeito está agindo sobre si mesmo (reflexiva) (Mathews, 1997:226, Trask, 1993:171).

Parafraseando De Camargo (2013:184-185), importa frisar que VM nos moldes em que é entendida, com construções de sentido passivo, reflexivo e verbos ora transitivos ora intransitivos, torna-se, porém, uma categoria verbal de difícil classificação. Este facto remonta a muitos anos e por isso, a VM capitalizou a atenção de muitos estudiosos, que por meio de diversos escopos, permitiram definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer o seu sentido prototípico, capaz de satisfazer as principais características dessa categoria verbal. Segundo este autor, no meio destes estudos destaca-se aquele de Kühner, Blass e Gerth (1898), que afirmam:

*A forma média designa um acto/actividade de fala/expressão, a qual parte do sujeito e retorna para ele próprio. Essa actividade de fala, que parte do sujeito e a ele retorna, pode estar ou simplesmente limitada ao sujeito, como em: eu me aconselho, eu melavo, ou a um objecto de sua esfera, (...), como em eu bato na minha cabeça, eu subjugo o território* (Kühner, Blass e Gerth.1898:100 apud De Camargo 2013:184-185).

Para este autor, essa definição distingue-se das demais e aproxima-se do entendimento original. Mas nos outros forums linguísticos mais contemporâneos que se dedicam ao estudo das vozes verbais, estabeleceram-se algumas formulações afins que caracterizam o sentido da voz média e que aqui rebuscamos com base em De Camargo:

1. "A voz média denota que o sujeito está, de alguma maneira especial, envolvido ou interessado na acção do verbo.

2. "Verbos (...) que têm posição na esfera do sujeito, nos quais o Sujeito todo parece participante/implicado"

3. "Na voz activa, os verbos denotam um processo que se realiza a partir de um sujeito e sem ele; na média, que é a diátesis a definir por oposição, o verbo indica um processo em que o sujeito é o foco; o sujeito está no interior do processo." (Benveniste 1966:172).

4. "Em indo-europeu e em grego, as desinências médias indicam que o sujeito está interessado de uma maneira pessoal no processo.

5. "As implicações da média (quando em oposição com a activa) são que a acção ou estado afecta o sujeito do verbo ou os seus interesses."

Reconstruídas do Pro-Bantu (Schadeberg (2003:72), as extensões \*-uk- e \*-ik-, que formam a voz média em Kizómbò, são identificadas na linguística Bantu como

sendo também extensões homogêneas de impositiva e neutra /-ik-/, por um lado, e de separativa /reversiva (-uk-), por outro. Schadeberg (2003:72), escreve que a extensão /-ki-/ foi entendida, por muitos séculos, como uma espécie de causativa expressando “causação directa”. No entanto, sendo neutra é uma extensão menos produtiva e semanticamente está melhor representada por duas classes de verbos: verbos de destruição (ser quebrável/ser quebrado (intr.) < quebrar (tr.) e verbos de experiência (ser visível<ver, ser audível < ouvir. Portanto, o rótulo ‘neutra’ tem desvantagens visto que sugere uma função sintáctica geral mais próxima da passiva do que da voz activa. Mas ela não expressa qualquer relação semântica nem com a passiva nem com activa.

No entanto, Dereau (1955:221) afirma que a VM que Lamandenomina *neutra passiva*, todavia, denota um estado relativamente intermediário entre a VP e a REFL na língua Kikongo. A VM atrai a atenção sobre o sujeito que realiza a acção. De notar que a sua tradução em Português ou Francês passa pela voz reflexiva. Os aspectos semânticos e discursivos da VM serão discutidos no capítulo 4.

### 3.3.4.1. A morfologia da VM

Do ponto de vista morfológico, a VMé expressa por meio de sufixação das extensões: -uk- e -ik-. Estas extensões são comuns em Kizómbò expressando um estado ou uma condição. A sua estrutura é: RADICAL + SUFIXO -UK- / -IK- + VF. Eis aqui alguns exemplos:

265.	<i>wútà</i>	‘parir’	<i>wút-ùk-à</i>	‘nascer, vir ao mundo’
	<i>vílulà</i>	‘transformar’	<i>víl-ùk-à</i>	‘transformar-se, converter-se
	<i>télòlà</i>	‘tirar a panela do fogo’	<i>tél-òk-à</i>	‘ser tirado do fogo’
	<i>késà</i>	‘cortar árvore’	<i>kés-òk-à</i>	‘ser cortado’
	<i>mónà</i>	‘ver’	<i>món-ik-à</i>	‘ser visto’
	<i>búlà</i>	‘quebrar’	<i>búd-ik-à</i>	‘quebrar-se’

Consideremos as seguintes frases subtraídas do nosso+ corpus:

266. a. *ndyóyò mw-ànà ùnù kà-wút-ùk-idi*  
 DEM 1-filho MODF IS-nascer-VM-PERF  
 ‘Este filho (bébé) nasceu hoje’
- b. *è-kinzò kì-tél-òk-èlè và tìyà*  
 AUM-7panela 7-tirar-VM-PERF LOC fogo  
 ‘A panela foi tirada do fogo’
- c. *dona Liza wà-mòn-èk-à ye lùkàù.* (Nzakundomba 2006:86)  
 9dona Liza IS-ver-VM-VF CON 11grávida  
 ‘Dona Liza foi vista grávida’

### 3.3.4.2. A valência sintáctica e semântica

A VM é uma operação sobre verbos transitivos cuja valência sofre um rebaixamento ou redução com a eliminação de alguns participantes do evento significado pelo verbo.

267. a. *wáù tù-tém-ùk-ènè mù dyòdyò ù-nà ø-vòv-à.*  
MODF IS-elucidar-VM-PERF LOC DET IS-AUX IS-falar-VF  
'Agora estamos elucidados sobre aquilo que estás a falar'
- b. *wáù tù-tém-ùk-ènè.*  
MODFIS-elucidar-VM-PERF  
'Agora estamos elucidados'

Em (267a), o SNSujeito/paciente é acompanhado por um modificador adverbial e o verbo é seguido de uma oração prepositiva do tipo *agente da passiva* que inclui um determinante demonstrativo (*dyòdyò* 'aquilo') com *função dêitica*. Essa sofre uma eliminação em termos da valência em (267b) em que só se regista o *paciente*.

268. *ndyóyò mw-ànà mù mpási kà-sás-ùk-ìdi*  
DET 1-criança LOC 9sofrimento IS-criar-VM-PERF  
'Esta criança se criou no sofrimento'

Sintáctica e semanticamente o SN*ndyóyò mwànà:este filho*, executa a função do *sujeito /paciente* e pode ser *experienciador*, enquanto que *mù mpási*: 'no sofrimento', a função de *maneira*.

### 3.3.4.3. A voz média e a intransitividade verbal

É ponto assente que um verbo intransitivo denota um estado ou uma acção sem referência a um objecto, o que significa que uma situação intransitiva é uma propriedade, um estado ou uma outra situação que envolve um único participante. Daí o seu nome *univalente*. A VM descreve situações ou estados em que o sujeito é o único argumento nominal ou argumento oracional. Assim se diz em Kizómbò:

269. a. *e-ntsábì zi-món-èk-ènè.*  
AUM-9chave IS-ver-VM-PERF  
'A chave foi vista / A chave apareceu'
- b. *è-mà-dyà mà-fwàs-ùk-ìdi*  
AUM-6-comida 6-estragar-VF-PERF  
'A comida estragou'

### 3.3.4.4. As coocorrências da VM com as demais extensões

A VM pode co-ocorrer com as demais extensões e diante delas perde o seu sentido em detrimento de outra extensão. Consideremos o verbo *wútà*: 'nascer'

270. a. *wút-ùk-il-à* ‘nacer para’ (VM-APL)  
 b. *wùt-ùk-il-w-à* ‘ser nascido para’ (VM-APL-PASS)  
 c. *wút-ùk-il-w-àng-à* ‘é nascido habitualmente para’ (VM-APL-PASS-DUR)

Os exemplos em (270) servem para testarmos até que ponto a VM pode co-ocorrer com as demais extensões e explorar a semântica destas co-ocorrências. Ora, como se pode observar, em (270a) há um escopo da applicativa; em (270b) a passiva e a applicativa apagam completamente a média. Em (270c), a durativa veio dar mais vida à passiva e à applicativa. A causativa se expressa mas a passiva e a durativa têm maior escopo. Não obstante isso, em todas essas co-ocorrências prevalece o sentido da VM.

### 3.3.5. A voz potencial (POT)

Tem-se dado o nome de *potencial* ao modo verbal que se associa à expressão da possibilidade ou probabilidade do tipo ‘Eu posso fazê-lo’. Em algumas gramáticas, o termo potencial refere-se às formas verbais como que se expressam a habilidade como *cantaria* (potencial simples) ou *havia cantado* (potencial composta) (Varó e Linares, 1997:445).

Importa frisar que nos estudos sobre a derivação verbal em Bantu, a potencial tem sido classificada no grupo das extensões neutras. O que aqui fazemos é uma mudança natural mas lógica devida ao comportamento desta extensão quando aplicado o critério de transitividade. Pelo menos em Kizómbò, a potencial enquadra-se perfeitamente nas construções transitivas e intransitivas. Ela aumenta e diminui a valência sem maior esforço.

Vamos analisar o texto extraído do conto do nosso informante António Kyala:

Texto 5

271. 1. *Tàt à dimòsì kákàlà yè ànà àndì òlè, mósì nkwà ngàngù, mósì zòwà.*  
*Um pai tinha dois filhos, um era esperto, o outro era idiota.*
2. *Sè wàsýà vùvù vò mwànà wà ngàngù zìkà kàkùnzikà.*  
*O pai confiava que o filho esperto iria enterrá-lo*
3. *Mwànà ndyò wàzòwà kàtòmà zólàkànà kò kwà sé.*  
*O filho idiota não era muito amado.*

Neste texto sublinhamos a expressão *kátòmà zólàkànà kò*. Ela é construída pelo auxiliar modal de maneira *toma* ‘bem’ e pelo verbo derivado *zólàkànà* ‘ser amado ou susceptível de ser amado’. Portanto a extensão da potencial é *-akan-*, que reflecte a noção de uma potenciabilidade de acção. Ela oferece igualmente a nuance da possibilidade de estar susceptível a..., estar inclinado a...O texto espelha que a expressão da potencial

varia consoante o contexto, pois, em alguns casos a potencialidade deixa de ser possibilidade para afirmar o feito já adquirido. O texto diz: *katoma zolakana ko*: ‘não era bem amado’. Este é um feito adquirido e não possibilidade. Em outras palavras, quando o sufixo *-akan-* é introduzido entre a base verbal e a vogal final, o verbo abre a possibilidade de o sujeito receber a acção por ele (verbo) indicada.

272. *kà-tòmà zól-àkàn-à kò.*  
 NEG-bem amar-POT-VF NEG  
 ‘Não era bem amado’.

No capítulo anterior já discutimos as partículas *ka...ko* que enquadram a frase negativa em Kizómbà. A primeira partícula desempenha simultaneamente duas funções: a da negação e a da terceira pessoa do singular. Portanto nela está implícito o sujeito da oração: *yàndì* ‘ele’. Assim, por uma questão de precisão teríamos *yàndì kàtòmà zòlàkànà kò* ‘ele não era bem amado’. Mais uma vez sublinhamos que o conteúdo desta oração enaltece a efectivação do facto deixando de ser uma possibilidade. Olhando para o critério transitividade, esta frase ficaria: *mwànà wàzówá kàtòmà zòlàkànà kwà sèkò* ‘o filho idiota não era bem amado pelo pai’.

### 3.3.5.1. A morfologia da potencial

A principal forma de base desta derivação tem a seguinte fórmula: RADICAL + SUFIXO *-AKAN-* + VF. Do nosso corpus tiramos os seguintes verbos:

273.	<i>zólà</i>	‘amar’	<i>zól-àkàn-à</i>	‘ser amável (susceptível de ser...)’
	<i>záyà</i>	‘conhecer’	<i>záy-àkàn-à</i>	‘ser cognoscível (susceptível de...)’
	<i>léndà</i>	‘poder, conseguir’	<i>lénd-àkàn-à</i>	‘ser possível (susceptível de ser...)’
	<i>wá</i>	‘ouvir’	<i>w-àkàn-à</i>	‘ser audível (susceptível de ser...)’
	<i>vílà</i>	‘esquecer, perder’	<i>víl-àkàn-à</i>	‘ser esquecível’

Observando os textos do nosso corpus encontramos inúmeras frases construídas com a extensão potencial dentre as quais seleccionamos três que confirmamos o uso desta extensão em Kizómbò.

Text 6: Nzakundomba (2006:54, 138)

274. a. *àkwà ngángù àlòngòkà àzàyàkànà mù zùngà.*  
 ‘Os doutos que estudaram, são conhecidos na região’
- b. *Nzambi se katusonga keti vo dilendakana ovo ka wawu ko*  
 ‘Deus revelar-nos-à se é possível ou não’.

No conto do nosso informante Kyala buscamos esta frase:

*mwànà wà zówá kázòlàkànà kò.*  
 O filho estúpido não era amado

Existe uma suspeita quanto a extensão *-akan-*. Supõe-se que ela é uma extensão composta, etimologicamente resultante de duas extensões simples do tipo *-ak-* e *-an-* da recíproca. É uma pesquisa para o futuro.

### 3.3.5.2. Análise sintáctica e semântica dos argumentos

Quando se trata de fazer uma análise sintáctica e semântica, está em vista a identificação dos principais argumentos da frase e as suas funções. Até aqui os bantuístas têm defendido que em termos da valência a potencial é univalente. Por este facto é relegada para o grupo das extensões neutras. Mas tal como já aludimos, a potencial oferece a possibilidade de satisfazer o critério da transitividade. Na transitividade a estrutura da potencial assemelha-se àquela da voz passiva. Nota-se a presença do auxiliar, do particípio e do conectivo. Em termos da valência, a potencial é uma construção de dois lugares ou bivalente. Ela baixa a valência. Trata-se de acções consumadas. Frases como estas são ouvidas entre os Àzòmbò:

275. a. *yándì ù-tòmà ø-záy-àkàn-à kwà nkàngù.*  
 3SG IS-AUX IS-conhecer-POT-VF COM 3povo  
 ‘Ela é bem conhecida pelo povo (consumado)’
- b. *è-dy-ambù dyà w-àkàn-à dì-nà omu vátà*  
 AUM-5-assunto de ouvir-POT-VF IS--AUX LOC 5aldeia  
 ‘O assunto já foi ouvido aqui na aldeia (consumado)’
- c. *è-ntìnù wà-zól-àkàn-à kwà nkàngù.*  
 AUM-3rei 3-amar-POT-VF CON 3povo  
 ‘O rei é amado pelo povo (consumado)’

No entanto, todas as frases em (275) trazem um *sujeito/paciente* sobre quem recai o efeito da situação descrita pela extensão *-akan-*. Todas as frases tem complementos preposicionados, que constituem o *agente*. Seguindo a ordem temos: (275a) *sujeito/paciente yándì* ‘ele’ e o *sujeito/agente nkàngù* ‘povo’. Em (275b) *sujeito/paciente é dyambù* ‘assunto’ e um *agente/sujeito locativo òmù vátà* ‘aqui na aldeia’. Para a (275c), *ntìnù* ‘rei’ é o *sujeito/paciente* enquanto que *nkàngù* ‘povo’ executa a função de *sujeito/agente*

A derivação potencial oferece a nuance da possibilidade ou probabilidade real quando se expressa antepondo-lhe o verbo auxiliar *lenda* “poder”.

276. a. *nsàmù wù-lèndà záy-àkàn-à kwà à-ntù àwònsò*  
 3notícia IS-poder conhecer-POT-VF CON1 pessoas todas  
 ‘A notícia é susceptível de ser conhecida por todas as pessoas’

- b. *àwù à-lèndà tònd-àkàn-à vávà à-kùkì-sunzùl-à*  
 3PL IS-POER aceitar-POT-VF quando IS-REFL-apresentar-VF  
 ‘Eles podem ser aceites quando se apresentarem’
- c. *swèk-à kàdì ø-lèndà víl-àkàn-à*  
 guardar-VF porque is-poder esquecer-POT-VF  
 ‘Guarda, porque podes esquecer-te’

### 3.3.5.3 . As coocorrências da potencial

Em termos de co-ocorrências a potencial não é tão produtiva. Ela aceita um número limitado de outras extensões conforme se pode ver abaixo.

277. a. *záyàkánèswàngà* ‘fazer que seja sempre conhecido’  
 b. *tòndàkanèsà* ‘fazer que seja aceite’  
 c. *tòndàkánwá* ‘ser aceitado’

Em termos de ordem de posicionamento, estas coocorrências apresentam respectivamente as seguinte estrutura: a) radical-POT-CAUS-POSS-DUR-VF, b) radical-POT-CAUS-PASS-VF, e c).-POT-PASS-VF. A perceptibilidade que a semântica desta composição expressa revela que nenhuma delas sobrepôs-se apagando as outras. Do nosso corpus seleccionamos algumas co-ocorrências:

278. a. *w-àkàn-àn-à* → ‘ouvir-se um do outro’ radical-POT-RECIP-VF  
 b. *dì-lénd-àkàn-àng-à* → ‘é conseguido sempre’ radical-POT-DUR-VF

A frase (278a) não é entendida assim na prática. No seio dos ázóómbó, ela expressa apenas a potencial. É uma questão de estilo elocutório que tem a ver com ênfase ou intensidade com que a informação se propaga.

### 3.3.6. A voz estativa (EST) / posicional (POSI)

O termo estativo indica um verbo que denota um estado em oposição a uma acção ou um processo. Segundo Crystal (2008:452), o conceito estativo é muitas vezes usado na linguística como parte da classificação para se referir a duas principais categorias aspectuais do uso do verbo, em contraste com o dinâmico. Para este autor, os critérios da distinção da estatividade são basicamente sintácticos. Nos seus aspectos semânticos, eles expressam estados de coisas, ao invés de acções, i.e. as expressões de processos relacionais (e.g. *ser*, *pertencer a*, ) ou de processos cognitivos (e.g. *know* ‘saber’, *realize* ‘perceber’, *suppose* ‘supor’). O autor afirma que a classificação é realmente complicada pela existência de verbos que têm ambos os usos, o estativo e o dinâmico (e.g. *smell* ‘cheirar’). Na mesma lógica, Mathews (1997:353) e Trask (1993:259) são unânimes que quando se fala de estativo, faz-se referência a uma forma

ou construção que denota um estado ou situação persistente e não de eventos, tais como *ficar de pé, dormir, querer, temer, gostar, desejar*, etc.

Schadeberg (2003:75) diz que *the common element of meaning is 'assuming a position' or - when used in a perfective aspect form - 'to be in a position*. Mais adiante, ele acrescenta que a extensão posicional é a contrapartida intransitivada da extensão impositiva com quem muitas vezes comuta. O rótulo 'posicional' é preferido em relação ao 'estativo' que é amplamente usado num sentido sintáctico gramaticalizado que não está associado com a extensão. Numa outra abordagem Mchombo (2004:95) comenta que esta extensão conhece uma proliferação de etiquetas, visto que os linguistas identificam-na como *posicional, passivo de estar, passivo descritivo, perifrástico, etc.* Não obstante isso, desde muito cedo, nós a rotulamos de *estativa ou posicional*, sem descurar as demais sugestões, fundamentando-nos no facto de os verbos desta categoria denotarem simultaneamente estado e posição. Por exemplo, o verbo *lámبالà* 'estar deitado', denota estado e posição. Mesmo os verbos psicológicos que são puramente estativos denotam isso. Entretanto, a utilização da extensão *-alal-* em Kizómbò produz uma construção com um único sentido, o de *assumir uma posição, ou estar em posição*. Certamente, é na base da sua semântica que Dereau (1955: 214) e Quiala (2003:226) lhe atribuem nome de *voz de atitude ou de acomodação*. Esta proliferação de nomes revela uma incerteza no seio dos bantuistas quanto ao nome exacto dessa extensão. Aliás, a vacilação consiste em não se determinar se é justificável incluí-la como passiva ou considerá-la uma voz verbal de pleno direito. Porém, a verdade é que tanto os gramáticos como os linguistas ainda não chegaram ao acordo sobre este assunto. Sobre tudo isso, subscrevo a opinião de Schadeberg (1982:56) quando diz:

*En effet, l'établissement de la valeur significative d'une extension verbale, dépend en grande partie de l'intuition du chercheur. Devant un ensemble de modifications de sens correspondant à un seul formatif, cet ensemble montre une variation déconcertante, le chercheur a la tâche de trouver une valeur significative qui puisse servir comme point de départ pour au moins la plupart des développements sémantiques idiosyncratiques, sans cependant devenir tellement vague quelle en arrive à devenir quelque chose passe-partout.*

Entretanto, nas línguas Bantu, a construção estativa implica a sufixação da extensão no radical verbal cuja forma fonológica é *-am-* (posicional PB). A única condição geral na sufixação deste morfema é que o verbo seja transitivo. Portanto, ele

elimina o sujeito SN, tornando-o inexpressível na estrutura sintáctica, enquanto converte o objecto SN do input verbo em sujeito (Mchombo, 2004:98).

### 3.3.6.1. A morfologia da voz estativa

Do ponto de vista morfológico, a construção da estativa em Kizómbò deriva da sufixação de três extensões: -alal- , -anan- e -am- a um verbo transitivo. No que temos vindo a observar, a única extensão reconhecida na literatura Bantu é -am- . Em Kizómbò, o número de verbos que utiliza a extensão -am- para expressar estativa é realmente ínfimo em relação ao que utiliza -alal- e -anan- que são formas compostas já vistas no capítulo 2. No entanto, com essas extensões a estrutura verbal será: RADICAL + EXTENSÃO + VF. Há verbos que usam duas dessas extensões enquanto que outros só uma.

1. Estativa com **-am-** Esta é canónica cuja forma de base oferece dificuldades semanticamente. Parece-nos que a extensão -am- traz um novo sentido completamente diferente do da forma de base ou da raiz do verbo. Vejamos: *fúkà* ‘tapar’, *súngà* ‘ajudar’ e *béndà* ‘puxar’. *télà* ‘chamar’, etc. A voz passiva dessas formas é: *fúkwà/fúkàmá* ‘ser tapado’, *súngwà/súngàmà* ‘ser ajudado’ *télwà/télemà* ‘ser chamado’, *béndwà/béndàmà* ‘ser puxado’. No entanto, é com essas formas de base que a extensão -am- forma a estativa. Eis os verbos discutidos com os nossos informantes:

279. <i>fúkàmà</i>	‘ajoelhar’
<i>súngàmà</i>	‘endireitar-se’
<i>bééndàmà</i>	‘entortar-se, inclinar-se, estar torto’
<i>télàmà</i>	‘levantar, ficar de pé’
<i>búkàmà</i>	‘estar deitado de barriga para baixo’
<i>súpàmà</i>	‘estar firmamente de pé’

2. Estativa com **-alal-**: Esta é a forma composta oriunda da reduplicação da extensão -al- em Kikongo que já não é comum nos nossos dias sobretudo em Kizómbò:

*-lám-* → *lámبالà* ‘deitar-se’ → *lámبالà* ‘estar deitado’

280. <i>lám-à</i>	‘deitar-se’	<i>lám-àl-à</i>	‘estar deitado’
<i>díng-à</i>	‘esperar’	<i>díng-àl-à</i>	‘estar calado, imóvel, quieto’
<i>yáng-à</i>	‘alegrar’	<i>yáng-àl-à</i>	‘estar alegre, contente, com bom humor’
<i>yíndùl-à</i>	‘pensar’	<i>yínd-àl-à</i>	‘estar pensativo, resignado’

3. Estativa com **-anan-**: Esta extensão é também uma forma composta, cuja forma inicial provavelmente evoluiu ao longo dos tempos como se segue: e.g. *tóng* → *tóngànà* → *tóngànànà* respectivamente ‘erguer-se’ e ‘estar erguido’.

281. <i>tóngànànà</i>	‘erguer-se, estar erguido’
-----------------------	----------------------------

*móngànà* ‘distrair-se, estar distraído’

Os verbos que usam *-anan-* podem também usar as duas outras extensões sem afectar o sentido:

282. a. *tóng-àm-à* ‘erguer-se’  
b. *tóng-àl-à* ‘estar erguido’  
c. *tóng-an-à* ‘erguer-se, estar erguido’

Em termos fonológicos nota-se a realização de consoante /l/ em /n/ e vice-versa. São idioletos no interior do Kizómbò. Na construção de enunciados, o perfeito de *-alal-* é *alal-e/ou al-el-e*; na mesma lógica, *-anan-* torna-se *-anen-*. Consideremos os exemplos que se seguem:

283. a. *è- mw-ànà kà-díl-ang-à ø-díng-àl-èl-è.*  
AUM-1-criança IS-chorar-DU-VFIS- calar-EST-PERF  
‘A criança que chorava está calada’  
b. *è-wùnù à-ntu à-yáng-àl-à è-na.*  
AUM-hoje 2-pessoa IS-alegrar-EST -VF IS-AUX  
‘Hoje, as pessoas estão alegres’  
c. *Makasu ù-nà wà-yínd-àl-à.*  
Maksu IS-estar IS-pensar-EST-VF  
‘Makasu está pensativo’

### 3.3.6.2. A valência sintáctica e semântica

Na introdução desta extensão, Crystal (2008:452) observa que os critérios da distinção da estatividade assentam-se na sintaxe. O primeiro é que na sua semântica expressa estados de coisas, condição ou situação em vez de acções. Em termos sintácticos e semânticos, o conteúdo informativo do verbo mostra que nesta voz, o sujeito encontra-se na atitude descrita pelo verbo, uma atitude de acomodação, isto é, maneira de estar, de comportar-se, conter, o seu posicionamento (Dereau 1955:214; Quiala 2013:226). O “sujeito é mero suporte de propriedades” como em “Fernando tem três filhos” (Borba 1996a:60). No nosso entender, o segundo critério é que os verbos estativos não ocorrem no imperativo

Contrariamente aos verbos dinâmicos ou de acção que descrevem o que o sujeito da oração está fazendo, a estativa expressa o resultado de um estado ou de um processo precedente e se limita aí. Mas esse processo não é acabado, pois, tem um sentido durativo.

284. a. *è-tátá ù-nà làmb-àl-à v-ànd-àl-à*  
AUM-1pai IS-AUX deitar-EST-VF LOC 7esteira  
‘O pai está deitado na esteira’

b. *mw-ànà wù-díng-àlál-à kè-nà*  
 1-criança IS-calar-EST-VF IS-estar  
 ‘A criança está calada’

c. *è-mfùmù a kàndà wà-làmb-àlèl-è.* (Quiala 2013:226)  
 AUM-9chefe CON 5clâ IS-deitar-EST-PERF  
 ‘O chefe da família faleceu’

As orações descritas, demonstram que se trata de um estado não realizado por outra entidade que não é o próprio *sujeito* que em termos semânticos é o *paciente/tema* que é a entidade que se encontra num estado: deitado em (284a) e calada em (284b). Em (284a) o objecto directo, *kyàndù* ‘esteira’, semanticamente assume o papel *locativo*.

Numa operação de promoção, destituição e eliminação de argumentos temos os seguintes exemplos:

285. a. *è-tátá ù-nà làmb-àlál-à*  
 AUM-1pai IS-AUX deitar-EST-VF  
 ‘O pai está deitado’

b. *è-K<sup>h</sup>enga ò-kà-mòng-ànen-e kàkà vànà zàndù.*  
 AUM-N AUM-IS-distrair-EST-PERF ADJ LOC 5mercado  
 ‘A K<sup>h</sup>enga está distraída no mercado’

c. *è-K<sup>h</sup>éngà ò-kà-mòng-ànen-e kàkà*  
 AUM-Khenga AUM-IS-distrair-EST-PERF ADJ  
 ‘A K<sup>h</sup>enga só está distraída’

Nas frases de (285a e 285c ) ocorre a operação da destituição e supressão de argumentos locativos *vànàkyàndù* ‘na esteira’ e *vànà zàndù* ‘no mercado’. É nossa constatação que, a posicional usa mais locativos do que outros argumentos.

### 3.3.6.3. As co-ocorrências da estativa

A estativa é uma extensão improdutiva em termos de co-ocorrências. As únicas co-ocorrências possíveis ocorrem com a passiva, causativa e durativa:

286. a. *dìngàlálángà* ‘estar calado continuamente’ (EST-DUR)  
 b. *dìngàlèsa* ‘fazer calar’ (EST-CAUS)  
 c. *làmb-àlèswángà* ‘habitualmente colocado deitado’ (EST-CAUS-PASS-DUR)

Notar que em (286b ) e (286c) ocorre uma síncope na qual a última sílaba da estativa é eliminada pela força da integração da causativa.

### Conclusão parcial

O foco principal desta secção foi a análise da voz verbal segundo a valência decrescente. Foi possível observar que nestas operações as extensões da passiva. recíproca, médio, estativa e potencial constituem um subgrupo significativo para esse

exercício. Elas estão envolvidas nas construções da estrutura argumental de duplo objecto permitindo a operação de rebaixamento ou eliminação de um dos argumentos da oração. Como não poderia deixar de ser, a passiva revelou-se modelo, porém, regista-se que o rebaixamento do agente, que outros denominam de-tematização, ocorre com o deslocamento do agente da posição de tema, cuja consequência mais recorrente é a sua supressão. Na recíproca, uma ou outra das duas entidades associadas é vulnerável ao rebaixamento ou eliminação. Na reflexiva, o agente e o paciente é a mesma entidade e o rebaixamento é latente. A média, à semelhança da passiva e da reflexiva, revela que é susceptível de eliminar todos os acessórios do SV. Finalmente, a estativa é uma outra operação que de antemão elimina o SN agente associando um SN que assume o papel de paciente/agente com a função sintáctica de sujeito. A grande inovação surge com a integração da potencial neste grupo, cuja estrutura e comportamento assimila-se à passiva.

### **3.4. Análise da voz verbal segundo a valência crescente**

Na sua maioria, os trabalhos que tratam daderivação verbal nas línguas Bantu defendem que as extensões de duplo objecto são a causativa e a applicativa. Mas ao revisitarmos todas as extensões ficamos convencidos de que a impositiva é parte dessa classe, pois, ela é +O, isto é, ditransitiva como a causativa e a applicativa que adicionam um novo objecto. No entanto, elas são construções com constituintes sintácticos maioritariamente binários.

#### **3.4.1. A voz applicativa (APL)**

Na linguística Bantu, o termo applicativa designa um tipo de construção na qual a acção é realizada a favor de um objecto indirecto ou de um objecto oblíquo com a função semântica de beneficiário.

Para Schedeberg (2003:74) a extensão dativa \*-il-, é melhor conhecida em Bantu como “applicativa” mas tem outros rótulos, como “preposicional” e “directiva”. Os verbos dativos são transitivos e o objecto de verbos dativos executa as funções semânticas de *beneficiário*, *lugar*, e - por extensão - *tempo*, *causa e razão* e *instrumento*. Dentre todas, o *beneficiário* é a função mais conhecida e mais produtiva

Nós consideramos a voz applicativa (doravante APL) como uma forma derivada de um verbo que permite a atribuição do papel sintáctico de objecto a um termo que não podia ser construído como objecto se o verbo não estivesse na forma applicativa

(Creissels 2006b.:73). Portanto, aplicativa é aquela construção que consiste em promover um oblíquo ao estatuto do objecto de maneira directa ou então o faz pela introdução de um termo adicional que executa o estatuto do objecto sem, no entanto, afectar o papel semântico do sujeito que neste caso permanece imutável.

Nesta mesma ordem de ideias, a extensão aplicativa em Kizómbò transmite ao verbo uma idéia de *alvo* ou *beneficiário*, como *súmbà* ‘comprar’, e *súmbilà* ‘comprar para’. Mais ainda, o verbo transmite uma noção conectiva. Daqui o seu nome *extensão relacional*. Ora, verbos intransitivos por esta forma estão preparados para receberem objecto e, assim, tornam-se transitivos, enquanto que os verbos transitivos por esta forma requerem um objecto indirecto. Portanto, é uma forma típica da valência crescente.

287.	-sónèkà	escrever
	-sónèk-èn-à	escrever à favor de, para alguém

### 3.4.1.1. Amorfologia da aplicativa

As formas verbais *-sonékèna* ‘escrever para/por’, *-súmbilà* ‘comprar para’, e *nátinà* ‘levar para’, com têm um elemento conhecido como extensão relacional que aparece como -il-, -el-, -in-, -en- e outras formas de acordo com as leis da harmonia vocálica ou consonântica. A forma básica é -il-, com uma harmonia vocálica e iconsonântica para o perfeito, isto é, a harmonia da vogal e da consoante ocorre em casos como:

1. Vogal -i- com *a*, *i* ou *u* na raiz, e vogal -e- com *e* ou *o* na raiz.

288.	-lám̀bà	‘cozinhar’	lám̀b-il-à	‘cozinhar para...’
	-túb̀à	‘lançar’	túb̀-íl-à	‘lançar para...’
	-kóómb̀à	‘varrer’	kóómb-él-à	‘varrer para...’
	-kémb̀à	‘alegrar’	kémb-èl-à	‘alegrar por...’

2. Consoante -l- ocorre nas demais raízes, excepto para as raízes com uma pré-nasal *m*, *n*

289.	-nát̀à	‘carregar’	nát-in-à	‘carregar para...’
	-sónèk̀à	‘escrever’	sónèk-èn-à	‘escrever para...’
	-mát̀à	‘subir’	mát-in-à	‘subir por...’
	-kíǹà	‘dançar’	kín-in-à	‘dançar por...’

3. Radical que termina em -am- têm -en- ou -en- para aplicativa.

290.	-tél̀àm̀à	‘levantar’	tél̀am-èn-à	‘levantar para...’
	-súp̀àm̀à	‘parar’	súp̀am-èn-à	‘parar para... ficar de pé para’.
	-kám̀à	‘espremer’	kám-èn-à	‘espremer para...’

4. Radicais com -ul-, -ol-, -un- e -on- fundem-se em -wil-, -wel-, -win-, -wen-. As suas formas longas são: -wiil-, -weel-, -wiin-.

291.	-súkùlà	‘lavar’	súkùlwilà / súkwílà	‘lavar para...’
	-vévòlà	‘aliviar’	vévòlwilà / vévwèelá	‘aliviar para...’
	-vúnzúnà	‘apagar’	vúnzùnwinà / vúnzwiiná	‘apagar para...’
	-mónà	‘ver’	mwéenà	‘ver para...’

5. Radical monossilábica: Na forma aplicada tem uma vogal dupla.

292.	-wá	<i>ouvir</i>	wíllà	<i>ouvir para...</i>
	-syá	<i>pôr</i>	síllà	<i>pôr para...</i>
	-nwá	<i>beber</i>	nwíinà	<i>beber para...</i>
	-bwá	<i>cair</i>	bwíllà	<i>cair para...</i>
	-tá	<i>bater</i>	téelà	<i>bater para...</i>

Grosso modo, para codificar a applicativa, estabelecemos dois princípios:

1. Para os verbos cuja última sílaba do radical não começa por uma consoante nasal /-m-/, /-n-/, a applicativa é obtida com o sufixo *-il-* podendo sofrer uma variação de harmonia vocálica em *-el-*.

293.	-vòvà	‘falar, dizer’	vòv-el-à	‘falar por alguém’
	-lámjà	‘cozinhar’	lámj-il-à	‘cozinhar por alguém’
	-vángà	‘fazer’	váng-il-à	‘fazer por alguém’
	-kwéndà	‘ir’	kwènd-él-à	‘ir para...’

2. Para os verbos cuja primeira ou última sílaba começa por uma consoante nasal /-m-/, /-n-/, a applicativa é obtida com o sufixo *-in-* vulnerável a uma variação de harmonia vocálica em *-en-* realizada sob condições nasais.

294.	-kínà	‘dançar’	kìnìnà	‘dançar por alguém’
	-kómà	‘pregar’	kómìnà	‘pregar por alguém’
	-kúnà	‘semear’	kúnìnà	‘semear por alguém’
	-nátà	‘levar’	nátìnà	‘levar para alguém’

### 3.4.1.2. Análise sintáctica e semântica

Quanto à análise sintáctica, o critério de transitividade é fundamental. A applicativa é, porém, uma operação sobre a valência verbal crescente que o Kizómbò exprime a partir de uma derivação verbal com os mesmos sufixos acima mencionados, ou seja, o *-il-* e o *-in-* respectivamente.

295.	a. túngà	‘construir’	túng-il-à	‘construir por alguém’
	b. lámjà	‘cozinhar’	lámj-il-à	‘cozinhar por alguém’
	c. kúnà	‘cultivar’	kún-in-à	‘cultivar por alguém’

Nestes exemplos, os relatores aplicativos indicam que o sujeito introduzido no centro da acção realizada é um participante periférico cuja situação lhe é favorável e por este facto torna-se o objecto directo, às vezes referido como *objecto aplicado*. No entanto, o objecto prototípico aplicado é um animado que segue o verbo sendo, porém,

interpretado semanticamente como um *Beneficiário* igualmente designado *Receptor* ou *Alvo*. Sintacticamente, ele normalmente tem as propriedades do objecto directo de adjacência ao verbo, passivização e acordo do objecto. Geralmente assume-se que somente o objecto directo primário pode controlar a marca do objecto que com ele concorda em número e em género (Mabugu 2004:171). Este facto é atestado pelo exemplo da autora em CiShona:

296. va-bereki va-ka-mu-teng-er-a ma-bhuku.  
 2-parents 2-past-IO-buy-APPL-FV 6-book  
 ‘Parents bought books for it (the child).’

Um pouco mais adiante, Mabugu argumenta que um objecto que tem propriedades do objecto directo pode ser passivizado, e isso geralmente ocasiona uma situação na qual o objecto da frase activa ou é eliminado ou é expresso por uma função oblíqua, e o objecto assume a função do sujeito com algumas mudanças do verbo. Vejamos mais um exemplo da mesma autora para este argumento:

297. Mw-ana a-ka-teng-er-w-a mabhuku ne va-bereki  
 1-child 2-pas-buy-appl-pass-fv 6-book by 2-parent  
 ‘The child was bought books for by the parents’

Depois desta revisão teórica do funcionamento da applicativa com base em CiShona, podemos agora voltar para o Kizómbò exemplificando-o com o texto obtido do nosso informante:

298. Texto 7: Kyala, 23/03/2013  
 1. *ngamba zame, vava vak’asadilanga, yeno lwavondele.*  
 ‘Os meus servos, estavam a trabalhar aqui, vós os matastes’  
 2. *e tata, mbote tuvava masoba matuzengila nkanu*  
 ‘Ó pai, é bom procurarmos os sobas para resolvermos o problema’  
 3. *Avo kawaku nani ukututadila wo?*  
 ‘Se não for assim quem resolvê-lo-á por nós?’

Analisemos as formas sublinhadas deste conto:

299. a. *ma-soba ma-tu-zeng-il-a nkanu*  
 6-soba IS-IO-cortar-APL-VF 4problema  
 lit. os sobas, eles cortarem-nos o problema.  
 ‘Os sobas para resolverem-nos o problema’  
 b. *nání ù-kù-tù-tàd-il-à wò?*  
 INTER IS-INF-IO-ver-APL-VF IOP  
 lit: quem nos resolverá o problema.  
 ‘Quem resolvê-lo-à por nós?’

As formas sublinhadas e analisadas sintácticamente revelam que, os afixos no seu todo, e o derivativo em particular, introduzem um sujeito: *màsòbà* ‘os sobas’, cuja presença na derivada (299a) é assinalada pelo prefixo pronominal *ma-*, um objecto directo introduzido pelo prefixo pré-radical *-tu-* ‘nos’ e um objecto indirecto: *nkànû* ‘problema’. Assim sendo, em termos semânticos, as funções já estão claras: sujeito/ agente, OD/ *beneficiário* e OI/ *oblíquo*. A frase (299b) apresenta os mesmos argumentos presentes em (299a). O prefixo *-ku-* da classe 15 é o infinitivo. Nessas frases há uma novidade. Habitualmente o beneficiário ou outro é um objecto indirecto ou oblíquo, mas nessas frases é um objecto directo. Na lógica normal da applicativa vamos analisar esta frase discutida no campo com os nossos informantes.

300. *Kyese ú-tà túng-il-à ngùdì àndì è-n-zò*  
 Kyese IS-AUX construir-APL-VF 1mae POSS AUM-9-casa  
 ‘A Kyese está a construir uma casa para a sua mãe’

No entanto, na frase de cima (300), o sufixo *-il-* indica que o *objecto indirecto* é o *beneficiário*, o *receptor*, pois, é a favor dele que se realiza a acção. Trata-se de *ngùdì* ‘mãe’. O derivado applicativo seguido de auxiliar revela um dinamismo que o distingue da primeira frase cujo auxiliar precede o derivativo.

### 3.4.1.3. A applicativa e as funções semânticas

Tipicamente conhecida como uma operação que aumenta a valência do verbo, a APL é uma construção que atribui aos participantes presentes na estrutura argumental certas funções semânticas bem determinadas. Em outras palavras, a extensão applicativa acrescenta à base verbal, à qual está ligada, um novo objecto considerado como objecto aplicado que pode ser associado às funções temáticas enfileiradas desde beneficiário, maleficiário, instrumento, locativo, experienciador, objectivo, associativo, tema e direcciona que podemos visualizar nos seguintes exemplos:

1.- *Beneficiário vs Receptor* (cf. 3.1.4.1 supra).

O beneficiário é um participante periférico a favor ou desfavor do qual se realiza o evento.

301. a. *Mwenga ú-lámb-il-à à-nà lùkù*  
 N IS-cozer-APL-VF 2-BEN 11funje.  
 ‘A Mwenga cozerá o funje para os filhos’

b. *è-nkángù wù-kùn-in-ì ntínù ngúbà.*  
 AUM-3povo IS-semear-APL-PERF 3BEN amedoim  
 ‘O povo semeou amedoim para o rei’

## 2.- *Instrumento* (cf. 3.1.4.1 supra)

Um participante, tipicamente inanimado, usado pelo agente para realizar uma acção. É o meio pelo qual a acção é desencadeada. O instrumento é visto pelos linguistas como um participante do domínio funcional de concomitância e, por este facto, encontra-se numa relação sistemática similar aos participantes como *comitativo* ou *circunstância*. Assim, Lehmann (2006:6-7) distingue dois tipos de instrumentos: *veículo e ferramenta*<sup>15</sup>

### a)- *Veículo*

Um veículo é um instrumento empregue para a locomoção ou transporte. Uma distinção que se mostra importante para a marcação dos veículos nas diversas línguas está ligada ao grau de empatia do veículo no seio da comunidade. A diferença que se estabelece é entre os seres animados, isto é, os animais, e os meios técnicos de transporte, tais como os veículos propriamente ditos.

302. *Awù sî à-vùtùk-il-à mù ndéki.*  
3PL FUT IS-regressar-APL-VF LOC avião  
'Eles regressarão de avião'

### b)- *Ferramenta*

Uma ferramenta é um instrumento empregue para manipular um outro participante que tem normalmente o papel de participante no evento.

303. *è-kàlàkà sònèk-èn-à nkàndà mù lùsàlà.*  
AUM-3secretário escrever-APL-VF 3carta LOC pena  
'O secretário escreveu a carta com a pena'

## 3.- *Locativo*(cf. 3.1.4.1)

304. *a-nzenza è-tì dî-il-à vâ mèsà*  
2-visitas IS-AUX comer-APL-VF LOC 6mesa  
'As visitas estão a comer na mesa'

## 4.-*Direccional (destino)* (cf.3.1.4.1.)

305. *e-bùlù yì-tómbùk-èl-è kùnàvátà*  
AUM-9animais IS-subir-APL-PERF LOC5aldeia  
'Os animais subiram para a aldeia'

---

<sup>15</sup> Instrumento: Tanto em Francês como em Inglês, o instrumento divide-se respectivamente em *véhicule/vehicle* e *outils/tools*. Em Português em *veículos* e *ferramentas*. No estudo semântico da voz verbal poucos demonstram essa distinção. Apenas se fala genericamente do instrumento.

5.-Associativo (cf. 3.1.4.1)

306. *è-Lita yé ngùdì àndì a-sàd-il-àng-à sé mbòlò*  
 AUM-Lita CON Imãe POSS IS-fazer-APL-HAB-VF 5pai 8bolo  
 ‘Habitualmente, a Lita com mãe dela fazem bolo para o pai’

6. -Maleficiário

A voz applicativa pode igualmente introduzir um objecto num papel temático de maleficiário. Para este caso, o papel temático tem um sentido oposto ao papel temático do benefactivo. Portanto, há uma entidade que é desfavorecida ou afectada pela acção visada pelo predicado (Fernando 2008:113).

307. *e-ntínù ø-kòm-in-à nkángù mwívi vâ kùlùsù*  
 AUM-3rei IS-pregar-APL-VF 3povo 1ladrão LOC 3cruz  
 ‘O rei crucificou oladrão na cruz para o povo’

Nesta frase o agente maleficiário, *o povo*, em (307), age a desfavor do paciente *mwivi* em benefício do povo.

7.- Experienciador

308. *è-nkángù ù-kàl-à mù tómbè ntémo wà-á-témùn-in-a (Mat 4:16)*  
 AUM-povo IS-estar-VF LOC 9trevas 3luz IS-IO-brilhar-APL-VF  
 ‘O povo que andava nas trevas, uma luz iluminou-o’ (viu uma luz)

**3.4.1.4. As co-ocorrências da applicativa e causativa**

O mecanismo de combinação destas duas vozes em Kizómbò é aparentemente simples. O quadro 26 que se segue mostra que quando a causativa se combina com a applicativa, primeiro constrói-se a causativa, e em seguida, faz-se seguir imediatamente o sufixo da applicativa antes da VF.

Quadro 26: Causativa-aplicativa em Kizómbò

Base e glosa	causativa	Applicativa	causativa-aplicativa
<i>lámà</i> ‘cozinhar’	<i>lám-ís-à</i> ‘fazer cozer’	<i>lám-íl-à</i> ‘cozer para’	<i>lám-ís-íl-à</i> ‘fazer cozinhar para’
<i>kúnà</i> ‘semear’	<i>kún-ís-à</i> ‘fazer semear’	<i>kún-in-à</i> ‘semear para’	<i>kún-ís-ín-à</i> ‘fazer semear para’
<i>kómà</i> ‘pregar’	<i>kóm-ís-à</i> ‘fazer pregar’	<i>kóm-in-à</i> ‘pregar para’	<i>kóm-ís-in-à</i> : ‘fazer pregar em nome de’

As combinações feitas nesta tabela expressam implicitamente algumas dessas funções. Da primeira coluna à última temos as seguintes relações semânticas: causador-causado, agente-beneficiário, causador-causado-beneficiário.

### 3.4.2. A voz impositiva(IMPO)

Schadeberg (2006:74), no tratamento da derivação em Bantu, descreve a extensão impositiva foi por mais de um século entendida como uma espécie de causativa exprimindo uma causação directa. Também nas várias descrições feitas sobre esta extensão foi observado um elemento com sentido locativo. Mas o resultado da inspecção levada a cabo sobre todas as listas das extensões verbais, quer particulares, quer nas reconstruções do corpus do PB, confirma claramente que o verdadeiro sentido desta extensão é *colocar alguma coisa numa determinada posição*. Dai o termo *impositivo*, se tivermos em conta a sua etimologia latina *impositus* que significa *pôr, colocar sobre..., pôr alguma coisa em*.

#### 3.4.2.1. A morfologia da impositiva

Do ponto de vista morfológico, a impositiva em Kizómbò se exprime com a extensão -ik- transitiva, a mesma existente em PB, -ik- com uma específica variação alofónica em -ek- exprimindo um sentido factivo. Na verdade, a impositiva comuta grandemente com a posicional -am- em Kizómbò.

309.	<i>nwà</i>	‘beber’	<i>nú-ik-à</i>	‘dar de beber à’
	<i>dyà</i>	‘comer’	<i>dí-ík-à</i>	‘dar de comer à’
	<i>vwàtà</i>	‘vestir’	<i>vú-ik-à</i>	‘vestir alguém’
	<i>tóngàmà</i>	‘levantar’	<i>tóng-ik-à</i>	‘erguer algo’
	<i>lámبالà</i>	‘deitar-se’	<i>lámبال-ik-à</i>	‘pôr deitado’
	<i>yémà</i>	‘mamar’	<i>yém-ik-à</i>	‘dar de mamar’
	<i>súmà</i>	‘espetar’	<i>súm-ik-a</i>	‘espetar no solo’
	<i>túlà</i>	‘pôr’	<i>túd-ik-à</i>	‘pôr em cima’
	<i>kúbà</i>	‘arrumar’	<i>kúb-ik-à</i>	‘pôr em ordem’

Pelo que podemos observar, algumas formas de base são compostas, nomeadamente, *tóngàmà*, ‘levantar-se’ *lámبالà* ‘deitar-se’ que são posicionais. Para além desta comutação existe outra com a causativa se prestarmos atenção às formas *nwìkà*, *dííkà* e *vwííkà*.

#### 3.4.2.2. A valência sintáctica e semântica da impositiva

Geralmente a impositiva é uma extensão colocada no cesto das extensões neutras tidas de antemão como improdutivas em termos da valência. Portanto, depois de termos feito uma análise minuciosa de cada extensão neutra, achamos que, de acordo com as suas manifestações sintácticas, a impositiva é uma construção de duplo objecto similar à construção applicativa. Que ela produza pouco ou não, a verdade é que, ela é transitiva

e, por consequência, aumenta a valência. Por este motivo, trazemô-la para esta secção e doravante será tratada neste trabalho como membro das extensões que aumentam a valência. Observando o nosso corpus e o questionário do campo, achamos as seguintes frases vindas de Nzakundomba (2013:24)

310.    à-*mbùtá*    á-*vw-ík-àng`è-nsingà*                    *mù yàni nkéntò*  
           2-velho    IS-vestir-IMPO-HAB`AUM-fio    LOC    POSS    mulher  
           ‘Os velhos vestem um fio nas mulheres deles’

A identificação sintáctica e semântica dos argumentos desta frase indica respectivamente que o sujeito/agente *àmbùtá* ‘velhos’ é o impositor referido pela forma derivada *àvwíkàngà* ‘eles vestem ou colocam’, aquilo que é identificado como o objecto directo *nsingà* ‘fio’ ao argumento oblíquo/paciente *nkéntò* ‘mulher’

Sobre o nosso questionário discutimos com os nossos informantes, as orações que se seguem:

311.    a. *é-ngùdì*    *mw-àná*    *k-ètì*    *yém-ík-à*  
           AUM-1mãe    1-bébé        IS-AUX    mamar-IMP-VF  
           ‘A mãe está a amamentar o bebé’
- b. *Mbéngi*    *mbwà*    *k-étì*    *nw-ík-à*        *mà-zà.*  
           Mbengi    8cão        IS-AUX    beber-IMP-VF    6-água  
           ‘O Mbengi está dar a água ao cão’
- c. *é-ngùdì*    *ú-tà*    *vwíkà*    *è-nsèdì*        *mvwátù.*  
           AUM-mãe    IS-AUX    vestir    AUM-bébé    3roupa  
           ‘A mãe está a vestir a roupa ao bebé’

Os enunciados (311a e 311b) têm a mesma estrutura argumental. Ambos são construções de tópico. Estão topicalizados os argumentos *mwàná* ‘bébé’ e *mbwà* ‘cão’. Mas como estamos a discutir os argumentos do ponto de vista sintáctico e semântico, *ngudi* ‘mãe’ e *Mbengi* são os sujeitos/agentes destas frases que têm como objectos directos topicalizados *mwana* e *mbwa*. No sujeito/agente *ngudi*, está implicado o paciente *leite* que está sofrendo a acção de mamar. Contudo, em (311c) a acção tem como alvo o *nsèdì* ‘bébé’ que é um objecto directo. Semanticamente *mvwátù* ‘roupa’, é o paciente e que é tratado como objecto indirecto, enquanto que *mwàná* ‘bébé’ é dativo ou destinatário.

### 3.4.2.3. As co-ocorrências da impositiva com as demais extensões

A impositiva pode combinar com a passiva, recíproca, applicativa, causativa, durativa, interativa. Vejamos o quadro baixo onde testamos o verbo *nwà* ‘beber’



d. *Ni-mitz-cualtia*                      *in*    *nacatl*  
 s1s-o2s-manger.CAUS.PRES    DET    viande  
 ‘Je te fais manger la viande’

Para Payne (2002:175-176), construções causativas são as instâncias linguísticas da noção conceitual de causalidade. O autor define a causativa do ponto de vista linguístico e filosófico ao afirmar: *a causative is a linguistic expression that contains in semantic/logical structure a predicate of cause, one argument of which isa predicate expressing an effect*. Portanto, definida assim a construção causativa, Payne sintetiza simbolicamente a sua semântica como se segue:

Cause(X,P) = X causes P

CAUSE(Montezuma, EAT(Cortez, possum)= Montezuma caused Cortez to eat possum.

A partir deste esquema Payne define os predicados da causa e do efeito.

a) **Predicado da causa**: É o predicado que contém a noção da causação, e.g. CAUSA (X, P). Ele é referido como um predicado matriz (a frase matriz), visto que o predicado de efeito está incorporado nele.

b) **Predicado de efeito**: Incorporado no predicado de causa, o predicado de efeito expressa o efeito da causação e.g. EAT(Cortez, passium).

Entretanto, na mesma lógica, o linguista define igualmente os argumentos centrais das construções causativas nos seguintes termos:

1. Agente **Causado** do evento provocado: O causado é o agente do evento provocado pelo causador. Às vezes é referido como sendo o ponto final coagido.

2. Agente **Causador** do predicado da causa e também da situação causativa. Enquanto que o causador é o agente do predicado de causa e normalmente da situação causal, isto é, o *agente da causa*.

As construções causativas podem ser formadas sobre bases de eventos intransitivos ou transitivos causados. Predicados causativos sempre envolvem mais um argumento além do predicado da causa. Portanto, se o evento provocado é intransitivo, a causativa é transitiva. Se o evento causado é transitivo, a causativa é bitransitiva, e assim por diante. Por exemplo:

a) Evento intransitivo causado

*Cortez made [Montezuma laugh]*    ‘Cortez fez [rir Montezuma ]’  
 1    2

b) Evento transitivo causado

*Montezuma made [Cortez eat possum].* ‘Montezuma fez Cortez comer raposa’  
1                      2                      3

Deste modo, a causativa é entendida pelo autor como uma construção que adiciona um participante controlador.

Ademais, Creissels (2006b:66-68), Payne (2002:181 et seq.) e Shopen (1985:330) afirmam que uma noção útil no estudo das causativas é a distinção entre a manipulação directa e a manipulação indirecta. A causação directa exprime a intervenção directa, física e imediata do causador na realização do evento causado. Ele é o agente dessa mesma acção e nenhum novo argumento causador é adicionado. Ao passo que a teoria avançada para a causativa indirecta indica que o predicado que expressa a ideia da causação está separado do agente causador e não é registada a sua intervenção directa na realização concreta do evento causado. No entanto, a causativização indirecta é assinalada pela extensão causal cuja semântica indica que o causador da acção não é necessariamente o agente dessa mesma acção.

Depois de termos conferido as definições sobre as construções causativas, na secção seguinte apresentamos as formas causativas em Kizómbò.

### **3.4.2.1. Os tipos de construções causativas**

Falar de tipos de causativas equivale indicar as estratégias que as línguas utilizam para construir frases causativas. Todas as línguas utilizam, diferentes itens lexicais para exprimirem a causalidade. Algumas línguas possuem determinados dispositivos morfológicos (como o da flexão) que alteram os verbos para as suas formas causativas. Outras línguas empregam a perífrase (circunlóquio) com expressões idiomáticas ou então verbos auxiliares para obterem as formas e o sentido causativo. Seja qual for o mecanismo empregue para a obtenção da causativa, sabemos que todas as línguas têm, pelo menos, formas causativas lexicais “patogénicas”, similares como esta de Inglês: rise →raise, o que não constitui nenhum problema na linguística. Isso significa apenas que a situação causativa pode ser expressa de diferentes maneiras e as mais comuns são nitidamente três: *causativas morfológicas*, *causativas analíticas* e *causativas lexicais* (Payne 2002: 177-186, Creissels 2006b: 61-69). Todas estas formas de causativa estão interconectadas pelo facto de terem um causador na posição do sujeito e do ponto de vista da valência podem ser construídas sobre a base transitiva ou

intransitiva de eventos causados. Portanto, o objectivo aqui é mostrar que essas causativas existem em Kizómbò. Passemos à sua discussão:

### 3.4.2.2.1. As causativas morfológicas

Apoiando-se em fontes Proto-Bantuistas, Schedeberg (2003:73) esclarece que para a causativa foram reconstruídas através de uma distribuição complementar duas extensões: \*-i- / \*-ici-. O \*-i- ocorria depois de uma consoante (C) e o \*-ici- depois de uma vogal(V). Ambas as extensões eram usadas tanto nos verbos transitivos bem como nos verbos intransitivos da estrutura curta do tipo =VC-, e da estrutura longa do tipo =CVC(-VC). Vamos conferir um dos exemplos do autor:

Mituku (D13)

314. *kv=súm-is-a* ‘make s.o. boil’ (tr.)      <*kv=sum-a*      ‘to boil’ (itr.)  
*kv=tut-is-a* ‘make s.o. beat’      <*kv=tut-a*      ‘to beat’

No entanto, a causativa morfológica é aquela construção em que o evento da causação é obtida por meio de uma extensão causativa aplicada à base do verbo. Em Kizómbò, a causativização é realizada com o morfema *-is-* que conhece uma variação alofónica em *-es-*. Eis os verbos utilizados como teste no campo:

- |      |                |             |                    |                    |
|------|----------------|-------------|--------------------|--------------------|
| 315. | <i>sálà</i>    | ‘trabalhar’ | <i>sád-is-à</i>    | ‘mandar trabalhar’ |
|      | <i>vángà</i>   | ‘fazer’     | <i>váng-is-à</i>   | ‘mandar fazer’     |
|      | <i>lám̀bà</i>  | ‘cozinhar’  | <i>lám̀b-is-à</i>  | ‘mandar cozinhar’  |
|      | <i>vóndà</i>   | ‘matar’     | <i>vónd-es-à</i>   | ‘mandar matar’     |
|      | <i>túngà</i>   | ‘construir’ | <i>túng-is-à</i>   | ‘mandar construir’ |
|      | <i>dyátà</i>   | ‘andar’     | <i>dyát-is-à</i>   | ‘mandar andar’     |
|      | <i>dílà</i>    | ‘chorar’    | <i>díd-is-à</i>    | ‘mandar chorar’    |
|      | <i>súkùl̀à</i> | ‘lavar’     | <i>súkùlw-ès-à</i> | ‘mandar lavar’     |
|      | <i>súm̀ba</i>  | ‘comprar’   | <i>súm̀b-is-a</i>  | ‘mandar comprar’   |
|      | <i>bákà</i>    | ‘capturar’  | <i>bák-is-à</i>    | ‘mandar capturar’  |
|      | <i>nátà</i>    | ‘levar’     | <i>nát-is-á</i>    | ‘mandar levar’     |
|      | <i>vóv̀à</i>   | ‘falar’     | <i>vóv-es-à</i>    | ‘mandar falar’     |
|      | <i>télèm̀à</i> | ‘levantar’  | <i>télèm-es-á</i>  | ‘mandar levantar’  |
|      | <i>bíl̀à</i>   | ‘ferver’    | <i>bíd-is-à</i>    | ‘mandar ferver’    |

Depois desta derivação, os nossos informantes fizeram o teste da tradução de alguns enunciados como:

316. a. *è-Nzumbà*      *vónd-ès-à*      *Nsumbo*  
AUM-Nzumba      matar-CAUS-VF      Nsumbo  
‘A Nzumba mandou matar o Nsumbo’
- b. *Mbemba*      *lám̀b-is-i*      *Ntemo*      *lúkù*  
Mbemba      cozer-CAUS-PERF      Ntemo      11funje  
‘Mbemba mandou Ntemo cozinhar funje’

- c. *àwù* *à-zèng-ès-à* *Kyala ntì*  
 3PL IS-cortar-CAUS-VF *Kyala* 3árvore  
 ‘Eles mandaram o Kyala cortar uma árvore.

Para as causativas morfológicas, importa salientar que no caso em que o radical do verbo termina por uma consoante lateral / l /, esta sofre uma mutação cedendo o seu lugar à oclusiva alveolar dental /d / para exprimir a causação.

317. *sólà* ‘lavar’ *sód-ìs-à* ‘fazer lavar’  
*zólà* ‘amar’ *zód-ìs-à* ‘fazer amar’

Como se pode reparar, a introdução do morfema -is- na base do verbo, sugere a noção de *causar ou a de fazer alguém fazer alguma coisa*.

#### 3.4.2.2.2. As causativas lexicais

Os verbos desta causação são na sua maioria verbos transitivos que denotam um estado ou descrevem um processo no centro do qual se situa o sujeito. Entretanto, a função do paciente implica que a realização do evento causado decorra sob intervenção directa do causador. Segundo Payne (2002:177), as causativas lexicais exibem três subtipos e nestes subtipos o factor unificador é o facto de observar-se que em cada um deles, a noção da causa está no conteúdo informativo do verbo, isto é, no sentido lexical do verbo. No entanto, o verbo esclarece por si próprio o sentido do enunciado sem adição de um operador ou um marcador verbal. Eis aqui o modelo do autor para os três tipos:

318. 1. **No change in verb**  
 Non-causative: *The vase broke*  
 Causative: *MacBeth broke the vase*.
2. **Some idiosyncratic change in verb**  
 Non-causative: *The tree fell*. (verb = to fall)  
 Causative: *They felled the tree* (verb = to fell)
3. **Different verb:**  
 Non-causative: *Stephanie ate beans*.  
 Causative: *Gilligan fed Stephanie beans*.  
 Non-causative: *Lucretia died*.  
 Causative: *Gloucester killed Lucretia*

Dos três modelos propostos pelo autor, o Kizómbò não se revê com facilidade na primeira. Para o segundo subtipo que tem a ver com algumas mudanças idiosincráticas na forma do verbo, tomando como modelo o verbo *wúlà* ou *búla* ‘quebrar, partir’, pode-se dizer:

319. Causativa: *è-tembo ki-tólw-èlè è-ntì*  
 AUM-vento 7-quebrar-PERF AUM-3árvore  
 ‘O vento quebrou a cabaça’

E para o terceiro subtipo temos os verbos: *fwà* ‘morrer’ e *vónnda* ‘matar’;  
*vwà* ‘possuir’ *emànìsa* ‘terminar’

320. Não causativa: *mbwà fwídì* ‘o cão morreu’  
 Causativa: *Maku vónnd-èlè mbwà*  
 Maku matar-PERF 10cão  
 ‘Maku matou o cão’

Como se pode ver a partir destes exemplos, a causativização é realizada sem recurso a um outro morfema. A noção da causação está codificada no sentido lexical do próprio verbo, viz. nas suas propriedades lexicais como ilustram os exemplos seguintes:

321. a. *è-kyala wúd-idì é-nkhàlù*  
 AUM-Kyala partir-PERF AUM-9cabaça  
 ‘O Kyala partiu a cabaça’  
 b. *è-tembo ki-tòlw-èlè ntì*  
 AUM-7vento 7-quebrar-PERF 3árvore  
 ‘O vento quebrou a árvore’

#### 3.4.2.2.3. As causativas analíticas

Pela sua natureza, as causativas analíticas, também chamadas perifrásticas ou sintácticas não são consideradas pelos linguistas como operações da valência crescente, não obstante terem semanticamente esta interpretação. No entanto, as causativas analíticas exprimem a causalidade por meio de frases complexas nas quais um lexema verbal com sentido causal como *causar, provocar, fazer, forçar, dar, compelir, induzir, etc.*, que reserva ao seu sujeito o papel de causador, tem como complemento directo uma subordinada representando o evento causado (Payne 2002:181-182; Creissels 2006b:59-62; Givón 2001:74-78). Por outras palavras, esta causativa utiliza dispositivos sintácticos regulares da língua para formar os enunciados fora de simples enunciados. O predicado que expressa a ideia da causação é separado do predicado do agente executor (causee/causataire). Para nossa inspiração revejamos os exemplos de Shopen e Payne:

322. a. Jean a glissé du toit. (Shopen)  
 b. C’est Mary qui a provoqué que Jean glisse du toit.  
 c. Mary a causé le glissement de Jean du toit  
 d. Mary a fait glisser Jean du toit  
 323. a. He made me do it. (Payne 2002:181)  
 b. Gloucester caused Lucretia do die.  
 c. Melinda forced her hairdresser to relinquish his position.



### 3.4.2.2. A análise morfossintáctica da causativa

Relembremos que nas definições, vimos que as construções causativas podem ser formadas sob bases de eventos intransitivos ou transitivos causados. E que predicados causativos sempre envolvem mais um argumento além do predicado da causa. Portanto, se o evento provocado é intransitivo, a causativa é transitiva. Se o evento causado é transitivo, a causativa é bitransitiva e assim por diante. Este é o pano de fundo de todos os exemplos que serão dados nesta secção. Por este facto, os exemplos seguintes são apresentados em pares, diferenciando o evento intransitivo do evento transição a partir da mesma base verbal.

326. 1. a. *è-má-zá*      *mà-bìd-ìdì.*  
 AUM-6-água    IS-ferver-PERF  
 ‘A água ferveu’
- b. *tàtà*    *ø-bìd-ìs-i*      *mà-zà*  
 pai    IS-fever-CAUS-PERF    6-água.  
 ‘O pai fez ferver a água’
2. a. *mw-áná*    *lè-èlè.*  
 1-criança    dormir-PERF  
 ‘A criança dormiu’
- b. *è-mvùlà*      *yì-lèk-ès-á*      *è-mw-áná.*  
 AUM-9chuva    IS-dormir-CAUS-VF    AUM-1-criança  
 ‘A chuva fez dormir a criança’
3. a. *è-nzò*      *yì-bw-ìdì.*  
 AUM-9casa    IS-cair-PERF  
 ‘A casa caiu’
- b. *è-tèmbò*      *kì-bw-ìs-ìdì*      *é-nzò*  
 AUM-7vento    IS-cair-CAUS-PERF    AUM-9casa  
 ‘O vento fez cair a casa’
4. a. *Ndangi*    *ø-télèm-ènè.*  
 Ndangi    IS-levantar-PERF  
 ‘Ndangi levantou-se’
- b. *è-nlòngì*      *ø-télèm-es-a*      *Ndangi*  
 AUM-professor    IS-levantar-CAUS-VF    Ndangi  
 ‘O professor fez levantar a Ndangi’
5. a. *è-Ketu*      *sól-èlè*      *yákàlà*  
 AUM-Ketu    escolher-PERF    Imarido.  
 ‘A Ketu escolheu o marido’
- b. *è-mámá*      *ø-sòl-ès-à*      *Ketu*    *yákàlà*  
 AUM-mãe    IS-escolher-CAUS-VF    Ketu    Imarido  
 ‘A mãe fez a Ketu escolher o marido’

6. a. *è-Vinda lám-b-idì à-ná màdyà*  
 AUM-Vinda cozer-PERF 2crianças 6-comida  
 ‘A Vinda cozinhou a comida das crianças’
- b. *è-Mayala ø-lám-b-ìs-ì Vinda mà-dyà mà-ána*  
 AUM-Mayala IS-cozer-CAUS-PERF Vinda 6-comida 6-criança  
 ‘O Mayala fez a Vinda cozer a comida das crianças’

Entretanto, os exemplos citados espelham que a sufixação da extensão causativa a um verbo sugere a ideia de *causar* ou *fazer alguém fazer alguma coisa*, e conseqüentemente, introduz um argumento adicional periférico tido como instigador do evento ou estado. É o *causador*. Porém, a partir dos exemplos dados acima podemos concluir:

- a). O morfema causativo ocorre em verbos transitivos e intransitivos.
- b). A extensão da causativa não oferece qualquer restrição. Ela funciona com todos os radicais, a saber, breves e longos (-C-; -CVC-; CVCVC-).
- c). Nas frases 1 à 4 regista-se a intervenção directa do causador mas nas frases 5 e 6, o causador não intervém directamente na acção. Nelas os causados estão revestidos de agentividade coagindo na mesma proporção que o causador da acção.
- d). Em termos descritivos, a extensão -is- tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, adicionando um terceiro participante à estrutura argumental.

### 3.4.2.2. A semântica da causativa

O estudo semântico da causação revela que as situações levadas a cabo pelos participantes no evento podem ser vistas como sendo *imediatas* quando a causação é directa e *mediatas* quando a causação é indirecta. Shopen (1985:330) ajuda-nos a entender este raciocínio propondo-nos os seguintes exemplo:

327. a. John broke the stick (immediate)  
 b. John caused the stick to break (mediate)

Nestas duas sentenças há uma potencial diferença semântica. Em (327a) a acção do John é *imediate*, isto é, uma causação directa enquanto que em (327b) o causador John é visto sob o ângulo de afastamento em relação ao evento causado. Ele está distante em relação ao evento causado. Portanto, ele é *causador directo* na primeira situação e *causador indirecto* na segunda situação. Em kizómbò diz-se:

328. a. *è-nzò yì-vì-ìdì*  
 AUM-9casa IS-queimar -PERF  
 ‘A casa queimou-se’

- b. *è-Mbengi*  $\phi$ -*yók-èlè* *nzò* (imediata)  
 AUM-Mbengi IS-queimar-PERF 9casa  
 ‘O Mbengi queimou a casa’
- c. *è-Mbengi*  $\phi$ -*yók-ès-à* *nzò* (mediata)  
 AUM-Mbengi IS-queimar-CAUS-VF 9casa  
 ‘O Mbengi mandou queimar a casa’
- d. *Mbengi*  $\phi$ -*váng-idì* *vo* *nzò* *yà-vià* (mediata)  
 Mbengi IS-fazer-PERF que 9casa IS-queimar  
 ‘É o Mbengi que fez com que a casa fosse queimada’

Grosso modo, os enunciados em (328), revelam que a escala da causativa léxical-morfológica tem uma correlação com a escala mediata-causativa directa. Em (328a) o evento provocado é intransitivo e produz uma causativa léxical transitiva em (328b), que por sua vez dita a causativa morfológica (328c) e todas desembocam na causativa análica ou perifrástica (328d). De (328b) à (328d), o termo *Mbengi* é o novo argumento adicionado que assume o papel temático ou semântico de *causador*.

Num evento de carácter causativo, as funções dos participantes na estrutura argumental de base são definidas segundo o papel que cada participante executa. Desta feita, semanticamente podem ser identificados alguns papéis como:

***Causador (CAUSr)***

329. *Kinya* *wù-túng-ìs-à* *nzó* *yà-nénè*  
 CAUSr IS- construir-CAUS-VF 9casa 9-grande  
 ‘Kinya fez construir uma casa grande’

***Força (FOR)***

330. *Témbò* *kì-bw-ìs-ìdì* *nzò*  
 7vento IS-cair-CAUS-PERF 9casa  
 ‘O vento fez cair a casa’

Portanto, observando estes enunciados o causador pode ser um agente (humano), ou abstracto (força). Em (329) o causador permanece humano. Em (330) para além da *força*, também o causador pode ser designado *fonte*.

**3.4.2.3. As co-ocorrências da causativa com as demais extensões**

Em termos de combinações, a causativa pode ser assim testada:

331. Caus-Pass : *nátìswà* ‘fazer com que seja levado’  
 Caus-Recip *nátèsyànà* ‘fazer carregar um do outro’  
 Caus-Apl *nátìsinà* ‘fazer levar em nome de outrém’  
 Caus-Hab *nátìsàngà* ‘fazer levar sempre’

Devemos salientar que na subsecção anterior, a impositiva estabeleceu uma combinação com a causativa mas o inverso não é possível. E assim acontece com muitas delas. Em termos de valência o número de argumentos expressivos são aqueles da causativa.

### **Conclusão parcial**

Nesta segunda maior secção, do capítulo 3, a maior preocupação foi a análise da voz verbal segundo a valência crescente. Nesta discussão três extensões monopolizaram o debate: a causativa, a impositiva e a applicativa. A discussão revela que Kizómbò possui morfemas para a realização dessas três vozes. A causativa é expressa com os morfemas *-is-*, *-es-*, a applicativa com os morfemas *-il-*, *-el-* bem como os morfemas nasais *-in-* e *-en-*. A impositiva surge com os morfemas *-ik-* e *-ek-*. Esses relatores operam sobre a valência verbal transitiva ou intransitiva propiciando assim condições para o seu crescimento. Eles, porém, operam concretamente sobre as funções semânticas afiliadas em diferentes grupos dos participantes distinguidos em humanos e não humanos. Os humanos são: agente, paciente, causador, beneficiário, receptor, associativo, comitativo, malefício e os não humanos são: locativo, força e direccional ou destino. A applicativização altera a estrutura argumental do verbo não-aplicado, adicionando um novo argumento, que desempenha a função gramatical de objecto ocorrendo adjacente ao verbo aplicado. O Kizómbò revela que esse objecto é directo, contrariamente ao habitual que sido indirecto. A causativização adiciona um novo argumento, que assume a nova função gramatical de causador e, conseqüentemente, torna-se o sujeito dessa frase. Portanto, o agente-sujeito original é movido para a posição de objecto e de oblíquo. A causativa indirecta e a applicativa são operações com duplo objecto ou duplo SNs pós-verbais. Em suma, a applicativa e a causativa aumentam a valência do verbo, pois, introduzem um segundo objecto. O segundo objecto introduzido recebe vários nomes segundo a sua função temática. A impositiva é tipicamente transitiva aumentando por este facto a valência. Ela é uma derivativa de duplo objecto similar a applicativa.

No entanto, essas três extensões têm um envolvimento mútuo bastante aproximado, não obstante exibirem diferenças nas funções semânticas assumidas pelos participantes no evento e nas funções gramaticais a eles associadas ao nível do SN. Nas construções causativas o novo SN é agentivo e é obrigatoriamente realizado como

sujeito gramatical da frase, ao passo que a applicativa e a impositiva introduzem um novo SN que pode ser beneficiário, dativo, locativo, etc.

### 3.5. Análise morfosintáctica e semântica das extensões neutras.

Depois da discussão dos dois primeiros tipos nas secções precedentes, nesta última secção do capítulo 3, discutiremos as extensões designadas pelos bantuístas *neutras*. Trata-se das extensões reversiva, iterativa, reiterativa, frequentativa, durativa e intensiva. Estas extensões não fazem parte da voz verbal, mas sim são parte integrante da derivação verbal. Portanto, aqui são estudadas como derivativos verbais no sentido de completarmos todo o processo da derivação verbal em Kizómbò. Por este motivo, a sua discussão não seguirá os mesmos parâmetros utilizados na análise da voz verbal. Interesse-nos ver a sua definição e os seus aspectos morfosintácticos e semânticos que são ingredientes valiosos que lado a lado com a voz constroem o discurso de Kizómbò.

#### 3.5.1. A separativa / reversiva (SER/REV)

A Separativa é uma extensão de re-orientação da acção. Ela expressa uma reversão ou um retorno atrás. Numa só palavra, a reversiva é uma forma verbal derivada que reversa a idéia transmitida por verbo simples: e.g. *zíkà* ‘fechar’ → *ziwùlà* ‘abrir’; *kángà* ‘amarrar’ → *kángùlà* ‘desamarrar’.

Estudos feitos sobre esta extensão indicam que ela ocorre largamente entre as línguas Bantu e em muitas PB reconstruídas. Quanto a sua designação esta extensão é também chamada *separativa*, *inversiva* ou *conversiva* (Beaudoin-Lietz et al. 2002:76, Schadeberg. 2003:77-78). Para Schadeberg (1982:60) a melhor designação para esta extensão é *separativa*, pois, traz consigo o valor significativo dos morfemas \*-ud-/\*-uk-. O sentido reversivo é uma ilusão óptica que se produz visto que o verbo na sua forma de base significa alguma coisa como “ajuntar”. O autor acrescenta que para além do sentido separativo, ela produz também outros dois sentidos: “intensivo” e “iterativo” ou repetitivo”. O sentido intensivo é produzido quando uma acção “destrutiva” prossegue até ao ponto da separação. Exemplos do autor em Mongo(C61):

332. -át- ‘fendre’            -át-ol- ‘pourfendre’  
      -leng- ‘inciser’        -leng-ol- ‘trancher’

O sentido iterativo ou repetitivo tem a ver com a noção de *refazer algo anulando primeiro a acção precedente*. O Mongo (C.61) é ainda o exemplo típico:

333. *-famb-* ‘mettre des appâts’                      *-famb-ol-*                      ‘remettre des appâts’  
*-láng-* ‘chauffer’    *-láng-ol-*                      ‘rechauffer’

Nas suas descrições, os bantuistas registam duas extensões reversivas sendo uma transitiva cujo relator é \*-ol- e outra intransitiva cujo morfema relator é \*-ok-. No entanto, nesta descrição, o sentido separativo, reversivo e repetitivo são considerados como derivados do sentido primitivo como em Francês “mouvements’éloignant d’une position ou d’un état originare” , isto é, *movimento afastando-se de uma posição ou de um estado originário* (Schadeberg 1982:61).

Embora não sejam livremente formadas dos outros verbos, as extensões da reversiva ocupam uma posição intermediária na escala de produtividade, visto que elas são quase frequentes. No entanto, é quase norma observar-se a comutação entre as duas extensões embora haja exceções (Schadeberg 2003:77-78).

334. **Swahili**(G42d): *-u/-o-<\*-vl-*).  
 =ond-o-a      *take away*      =ond-ok-a      *leave, go away*  
 =chag-u-a      *choose*      –  
 –    =am-k-awake up

Outros padrões comuns da comutação são:

335. **Swahili**(G42d):  
 with zero:                      =*zib-u-a*                      unblock                      =*zib-a*                      block  
 with impositive:                      =*fun-u-a*                      uncover                      =*fun-ik-a*                      cover  
 with positional:                      =*in-u-a*                      lift up                      =*in-am-a*                      stoop  
 with neuter                      =*v-u-a*                      *take off(clothes)*                      =*v-a-a*                      wear (clothes)  
 none                      =*pas-u-a*                      split

Discutindo a diátese verbal, Ndonga(1995:334-354) indica que a diátese reversiva é realizada sob três formas: /-uk-/, /-UD-/ e /-Un-/. As formas /-UD-/ e /-Un-/ são transitivas e a forma /-uk-/ é intransitiva. Vamos conferir alguns dos seus exemplos:

336. a. óNsimbà òfùkìdì ènzúngù  
 /NS/VP/Nod/  
 /6-Nsimbà/ò+ø+fùk-IDI/è-N-zúngù/  
 /Aug-Nsimba/il+il+imméd.+couvrir-acc./Aug-Nt9+casserole/  
*Nsima a couvert la casserole*
337. b. ènzúngù yìfùkùkìdì  
 /NS/VP/  
 /è-N-zúngù/yi-fu-ku-ki-IDI/  
 /Aug-Nt9-casserole/elle+imméd.+couvrir-invers.-Acc./  
*La casserole s’est découverte.*

Nestes dois primeiros exemplos, observa-se uma típica operação de ajustamento da valência. Trata-se da remodelagem das funções dos actantes da cadeia

actancial sob valência decrescente onde o sujeito de (337) é destematizado. Ora vejamos: O verbo *fúkà* ‘tapar’ que é transitivo em (336), torna-se intransitivo (337) com a sufixação do derivativo /-uk-/. Desta feita, opera uma redução do número de actantes na estrutura argumental do verbo transitivo. Nesta redução, o segundo actante (OD/paciente) em (336) assume a função de sujeito tomando o lugar da *Nsimba* que é eliminado da estrutura argumental. Neste caso, o sujeito/paciente ou agente da passiva em (337) sofre a acção expressa pela forma verbal derivada sem que seja determinada a real causa.

### 3.5.1.1. A morfossintaxe da separativa

A expressão da separativa em Kizómbò é expressa por três sufixos, a saber: transitivos -ul- -un- e intransitivo -uk-. Semanticamente, esses sufixos remetem à noção de *voltar em sentido contrário ou oposto*. É tipicamente uma *separação* conforme atestam os exemplos abaixo:

a) -ul-				
338.	<i>fúkà</i>	‘tapar’	<i>fúk-ùl-à</i>	‘destapar’
	<i>kángà</i>	‘amarrar’	<i>káng-ùl-à</i>	‘desamarrar’
	<i>zíbika</i>	‘fechar’	<i>zíb-ùl-à</i>	‘abrir’ (itr./tr.)
	<i>tédikà</i>	‘pôr no fogo’	<i>tél-ùl-à</i>	‘tirar do fogo’
b) -un-				
	<i>yémà</i>	‘mamar’	<i>yém-ùn-à</i>	‘desmamar’
	<i>námà</i>	‘colar’	<i>nám-ùn-à</i>	‘descolar’
	<i>kúsà</i>	‘ungir’	<i>kús-ùn-à</i>	‘limpar’
c). -uk-				
	<i>kángà</i>	‘amarrar’	<i>káng-uk-a</i>	‘desamarrar’
	<i>kútà</i>	‘ligar’	<i>kút-ùk-à</i>	‘desligar’
	<i>zíngà</i>	‘enrolar’	<i>zíng-ùk-à</i>	‘desenrolar’
	<i>mánikà</i>	‘pendurar’	<i>mán-ùk-à</i>	‘despendurar’

No entanto, essas extensões não reduzem a valência, mas mudam o sentido da forma de base para o inverso conforme se pode observar em (339 infra). Os constituintes nominais assumem as mesmas funções, quer na forma inicial (339a), quer na forma derivada (339b). Vejamos:

339.	a.	<i>è-Kyese</i>	<i>kùs-ìdì</i>	<i>è-mw-ànà</i>	<i>mà-fùtà.</i>
		AUM-1Kyese	ungir-PERF	AUM-1-filho	6-óleo
		‘A Kyese untou o óleo na criança’			
	b.	<i>èKyese</i>	<i>kùswìni</i>	<i>èmwànà</i>	<i>màfùtà.</i>
		<i>e-1Kyese</i>	<i>kus-(w)ini</i>	<i>e-mw-ana</i>	<i>ma-futa.</i>
		AUM-1Kyese	ungir-REV-PERF	AUM-1-filho	6-óleo

‘A Kyese limpou o óleo na criança’

De acordo com as regras fonológicas, a forma derivada *kuswini* em (339b) sofre uma assimilação regressiva a partir das formas *kusunini* ou *kusunwinido* perfeito. Os argumentos continuam intactos, sendo *Kyese* “o sujeito/agente”, o *mwana* “criança” o OD/paciente e *mafuta* “óleo” o OI/oblíquo. No entanto, para além de exprimir o sentido inverso em relação ao sentido da forma de base e conferir-lhe um sentido transitivo, a extensão *-un-* exprime às vezes a *intensidade*. Podemos visualizar mais exemplos dessas extensões:

a). **Transitivos**

340. a. *e-mbwà yì-nà fùk-ùl-à è-nzúngù yà mà-díà.*  
AUM-9cão IS-AUX destapar-REV-VF AUM-9panela COM 6-comida  
‘O cão está a destapar a panela da comida’.
- b. *è-Mafuta ù-tà tél-ùl-à nzùngù vâ tìyà.*  
AUM-1Mafuta IS-AUX tirar-REV-VF 9panela LOC 13fogo  
‘A Mafuta está a tirar a panela do fogo’
- c. *à-lèkè si à-nám-ùn-à kyèlò.*  
2-miúdos FUT IS-descolar-REV-VF 7porta  
‘As crianças descolarão a porta’
- d. *è-Nkumba wú-yèm-ùn-àng-à è-mw-ánà*  
AUM-1Nkumba IS-desmamar-REV-DUR-VF AUM-1-filho  
‘A Nkumba está desmamando o filho’

b) **Intransitivo**

341. a. *è-nsíngà ù-kùt-ùk-ìdì*  
AUM-3nsinga IS-desligar-PERF  
‘O fio desligou-se’
- b. *è-nsúkì zì-tà zíng-ùk-à*  
AUM-10cabelo IS-AUX desenrolar-REV-VF  
‘O cabelo está a desenrolar-se’

Semanticamente, a extensão *-uk-* exprime o inverso do sentido de base ao mesmo tempo que evoca um estado intransitivo sem se referir ao autor de acção (Ndonga, 1995:322).

Outros padrões comuns da comutação em Kizómbò têm a ver com verbos cujos antónimos não partilham morfologicamente a mesma raiz verbal com os seus opostos e nem fazem uso dos sufixos *-ul-* e *-un-* para expressarem a reversão. Socorrendo-se da lógica, os semanticistas e linguístas chamam a este tipo de reversividade *reversão lógica* ou simplesmente *conversividade* (Lyons 1977; Palmer 1978; Saeed 2004).

342.	<i>léékà</i>	‘dormir’(itr.)	<i>síkàmà</i>	‘acordar’ (itr.)
	<i>vwátà</i>	‘vestir’(tr.)	<i>kólà</i>	‘despir’(tr./itr.)
	<i>mátà</i>	‘subir’(tr./itr.)	<i>kúlùmùkà</i>	‘descer’ (tr/itr.)

Como se pode reparar, a semântica dos verbos, tanto na forma de base, como na reversiva é transitiva e intransitiva. A reversa *síkama* ‘acordar’, para além de ser transitiva e intransitiva, ela é também reflexa. Geralmente o acordar é uma acção que o indivíduo realiza sem necessidade de um agente externo.

### 3.5.1.2. A transitividade da separativa.

Depois da caracterização morfológica da separatividade, a transitividade permite-nos estudar as estruturas sintáctico-semânticas das orações e frases de predicação reversiva em Kizómbò. Portanto, trata-se de analisarmos o seu mecanismo transformacional para nos determos, enfim, nos problemas de sua estrutura semântica profunda e de suas propriedades lógicas. Porém, os bantuístas afirmam que de todas as extensões, o sufixo separativo, normalmente, não afecta o número de argumentos codificados pelo verbo derivado (Mchombo 2004:110).

343. a. *Làngà si ka-yém-ùn-à mw-ànà.*  
 1Langa FUT IS-desmamar-REV-VF 1-criança  
 ‘A Làngà vai desmamar a criança’
- b. *à-nà mù ø-zíb-ùl-à è-nà kyèlò*  
 2-crianças LOC IS-abrir-REV-VF IS-AUX 7porta  
 ‘As crianças estão a abrir a porta’
- c. *Daniel ù-tà káng-ùl-à mèmè dyá Lùtétù*  
 1Daniel IS-UX desamarrar-REV-VF 5ovelha COM 1Lùtétù  
 ‘Daniel está desamarrar a ovelha de Lùtétù’
- d. *mà-sòdà mù kúlùm-ùn-à mè-nà bándèlà*  
 6-soldados LOC descer-REV-VF IS-AUX 5bandeira  
 ‘Os soldados estão a descer a bandeira’

No entanto, na sua maioria, as construções separativas típicas são tecnicamente dispositivos de reorientação da valência, já que eles não aumentam nem diminuem os argumentos da frase. Admite-se, porém, que haja numa frase transitiva uma separação do normal (ou directo) alinhamento entre as funções semânticas e a expressão gramatical destas funções, deixando a frase com o mesmo número de argumentos que, usualmente são dois numa construção directa. O efeito semântico de uma construção prototípica inversa consiste no facto de minimizar a centralidade do participante

agentivo com respeito ao paciente como participante externo (Payne 2002:209-210; Givón 2001b:154 et seq ). Visualizemos os exemplos seguintes:

344. a. *Zinzà kà-kàt-ùl-à Sivi ntsúkì* (directo)  
 1Zinza IS-tirar-REV-VF 1Sivi 13cabelo  
 ‘Zinza tirou o cabelo do Sivi’
- b. *Sivi kà-kàt-ùl-à Zinzà ntsúkì* (inverso)  
 1Sivi IS-tirar-REV-VF 1Zinza 13cabelo  
 ‘Sivi tirou o cabelo do Zinza’

### 3.5.2. A iterativa (ITER) e reiterativa (REIT)

Antes de entrarmos na discussão de cada uma dessas extensões, importa dissiparmos a confusão que temos constatado no entendimento desses dois termos, a saber, iterativo e reiterativo ou frequentativo. A questão principal é: Qual é a diferença entre esses dois termos?

Etimologicamente o termo decorre do Latim *iterativu-* (*verbu-*), (verbo) frequentativo. O seu verbo *iterar* significa recomeçar, retomar, repetir alguma coisa, voltar a dizer, renovar (Machado 1977:331).

Trask (1993:148) afirma que a iterativa (frequentativa) é uma forma aspectual que expressa a repetição de uma acção e é um subtipo do aspecto imperfectivo. Enquanto que para Crystal (2008:257) iterativo é um termo usado na análise gramatical do aspecto, para referir-se a um evento que tem lugar repetidamente, e.g. ‘saltar muitas vezes’

Nós entendemos a iterativa como uma construção sintáctica assinalando a repetição de um evento. Por exemplo, a frase em Português *eu escreví uma carta*, descrevendo um único evento é diferente de *eu costume escrever cartas aos Sábados à noite*, descrevendo eventos repetidos ou iterados. Também fica enquadrada na iterativa a construção portuguesa baseada no verbo ‘ficar’, como em *Eu fiquei telefonando*. Ora, um dado evento deve ser repetido depois de um breve espaço de tempo, como em *Eu fiquei telefonando todo aquele dia* ou num período ainda mais longo como em *Ela foi escrevendo para a sua amiga durante anos*. Estas descrições dão-nos a noção de que existem duas forma de iteração: télica/pontual e frequentativa.

a). *Télica ou pontual*: É um acto ocorrido só uma vez , ocorrido pela primeira vez. e.g. A criança tossiu.

b). *Frequentativa*: É um acto repetido mais de uma vez. É o caso das frases em Português vistas anteriormente: ‘Eu fiquei telefonando’, ‘Eu fiquei telefonando todo aquele dia’ e ‘ela ficou escrevendo para a sua amiga durante anos’. Ora, tal como o nome indica, a frequência ou duração de um acto não significa a sua exacta repetição. A frequência pode ocorrer com largos intervalos de tempo repetindo o mesmo acto com a mesma finalidade ou com outros propósitos.

Estudos realizados sobre a frequentativa (doravante *FREQ*) nas línguas Bantu revelam uma relativa discrepância quanto à denominação exacta desta extensão. Ela é designada por *uns*, como iterativa ou durativa (Laman 1936:LV) e por outros, como frequentativa ou reiterativa (Dereau 1955:214) e iterativa/frequentativa (Langa 2013: 138). Laman associa iterativa à durativa, atribuindo-lhe o errado sufixo *-nga* que entende ser o relatorque indica a ideia de repetição e de hábito. Dereau distingue a iterativa da frequentativa ou reiterativa. Segundo o autor, o sufixo de iterativa é *-ulul-* que marca a repetição da mesma acção, similar ao prefixo francês *re-*, e.g. *batir* → *re-batir*, ao passo que o da frequentativa ou reiterativa é *-uzul-* ou *-uzuna* e não indica a sua semântica. Finalmente, apoiando-se sobre as suas fontes, Langa sustenta na sua tese de doutoramento que o sufixo *-etel-* em Changana (Moçambique) é uma extensão iterativa ou frequentativa e denota uma acção descrita como ocorrendo com um tipo de repetição ou iterativamente.

Entretanto, em toda esta discussão descobrimos que a questão fundamental não reside no nome mas, sim, na identificação semântica do sufixo e no tipo da situação que descreve no seio de acções que são consideradas como repetições. Se nas outras línguas não existe diferença entre iterar e reiterar ou frequentativa, para o Kizómbò, a diferença é clara e por este facto identificamos duas acções que se podem considerar como repetições. Uma, que aqui denominamos repetição simples (iterativa) e a outra repetição composta (frequentativas ou reiterativa). Vejamos a discussão:

### **3.5.2.1. A iterativa e a sua morfologia em Kizómbò**

No nosso entendimento e de acordo com as extensões existentes em Kizómbò, a repetição simples é realizada com o morfema *-ulul-* com o sentido de iterar, recomeçar, repetir alguma coisa que já havia sido feita ou dita e que, por qualquer razão justificável, requer uma repetição. Por exemplo, se alguém amarrar mal um feixe de lenha será aconselhado a reamarrá-lo para que possa carregá-lo seguramente para evitar

deslizes ao carregá-lo. Se um professor fizer um exercício no quadro e o aluno não o compreender, certamente, este exigirá ao seu professor repita mais uma vez para que possa entendê-lo. Esse tipo de acções que morfologicamente são marcadas com o sufixo *-ulul-* em Kizómbòassemelham-se ao prefixo português *re-*. e.g. *vángà* ‘fazer’ → *vángùlùl-à* ‘re-fazer’. Na mesma lógica Quiala (2013:224) escreve:

*Na voz iterativa o sujeito refaz aquilo que desfez. Quando, por exemplo, um camponês vê o fecho de ramos de palmeira que levou se torna difícil levar porque se está a desamarar, ele desfá-lo e torna a amarrá-lo. Este acto de tornar a amarrar o fecho que desamarrou, em kikongo exprime-se na voz iterativa.*

Vamos conferir os exemplos deste autor:

345. a. *Mbunga, kangulula efunda kikutulukidi*  
 Mbunga kang-ulul-a e-funda ki-kutuluk-idi  
 1Mbunga amarrar-ITER AUM-embrulho IO-desamarar-PERF  
 ‘Mbunga, amarra outra vez o embrulho que se desamarrou’
- b. *yaka kya nzo yivangulula*  
 yaka kya casa yi-vang-ITER-VF  
 8parede CON 9casa IS-fazer-ITER-VF  
 ‘Vou refazer a parede da casa’/ ‘vou reconstruir a parede da casa’
- c. *tutungulula Angola eto*  
 tu-tung-ulul-a Angola eto  
 1PL-construir-ITER-VF Angola POSS  
 ‘Reconstruamos a nossa Angola’.

Depois desta introdução podemos considerar a sua análise morfológica.

- |      |              |               |                    |                   |
|------|--------------|---------------|--------------------|-------------------|
| 346. | <i>túngà</i> | ‘construir’   | <i>túng-ùlùl-à</i> | ‘reconstruir’     |
|      | <i>lámjà</i> | ‘cozinhar’    | <i>lámj-ùlùl-à</i> | ‘recozinhar’      |
|      | <i>vángà</i> | ‘fazer’       | <i>váng-ùlùl-à</i> | ‘refazer’         |
|      | <i>tángà</i> | ‘ler, contar’ | <i>táng-ùlùl-à</i> | ‘reler, recontar’ |

A extensão usada para exprimir a acção iterativa é uma forma reduplicada *-ulul-* de duas extensões do tipo *-ul-+ul-*. Esses dois morfemas suscitam em nós uma hipótese de que a sua origem seja a reversiva. A reduplicação da extensão reversiva dá origem a iterativa. É apenas uma conjectura que poderemos ou não confirmar mais adiante. Assim sendo, a questão que se coloca é: Qual é a sua origem primária? Antes de respondermos a questão vamos fazer uma análise morfo-semântica dos derivativos mais próximos. Tomemos o verbo *kángà* “amarrar”:

347. 1. Reversiva: *káng-ùl-à* → *desamarar*  
 2. Iterativa: *káng-ùlùl-à* → *desamarar e voltar amarrar, re-amarrar*.

Observando estas duas extensões, logicamente a nossa hipótese pode ser confirmada de que a iterativa decorre da reduplicação da extensão reversiva: *-ul-* para *-ulul-*. A sua semântica resta a mesma: *amarrar, desamarrar e voltar a amarrar*.

Referindo-se destes casos, Ndonga (1995:330-332) afirma que os derivativos podem ser reduplicados ou sucederem-se uns dos outros no seio da mesma base verbal produzindo uma grande variedade de relações semânticas, às vezes difíceis de descrever. Teoricamente é possível construir várias combinações, tendo algumas já sido vistas nos capítulos precedentes. Vejamos os seguintes pares em que a reversiva é transformada em iterativa:

348. *-ul-ul-*
1. *fúkùlà* ‘destapar’  
*fúkùlùlà* ‘destapar de novo’
  2. *kángùlà* ‘desamarrar’  
*kángùlùlà* ‘desamarrar e voltar a amarrar, re-amarrar’
  3. *vépùlà* ‘desviar’  
*vépùlùlà* ‘desviar de novo’
  4. *bíndùlà* ‘abrir’  
*bíndùlùlà* ‘abrir e voltar a fechar de novo’

A semântica de alguns actos iterativos, exprimem a noção de retomada da mesma acção. Este facto está mais evidenciado com os pares 2 e 4. A princípio este é, semanticamente, o seu pano de fundo. Também o uso da forma iterativa está condicionada ao aspecto semântico da forma de base do verbo. Geralmente, a iterativa requer um verbo de acção. Por exemplo, em Kizómbò existe uma expressão que diz: *vó vánga véngi, ùvángùlùlà*.

349. *vó váng-a-véngi wò, ù-váng-ùlùl-à*  
se fizeste-VF-fizeste IOC IS-fazer-ITER-VF  
lit: se fazer o fizeste, refaz  
‘Se foste tu que o fizeste, refaz’.

A estrutura do enunciado (349) exhibe um aspecto discursivo não habitual para muitos, pois, está caracterizada pela reduplicação do verbo *vángà* “fazer”. Trata-se da repetição do infinitivo *vángà* “fazer” diante da forma conjugada *véngi* “fizeste” precedendo a iterativa *vángulula* “refazer”. É uma perífrase cujo sentido é o de repetir mais uma vez, só uma primeira vez, desfazendo ou anulando a acção anterior. O Kizómbò recorre inúmeras vezes à linguagem perifrástica deste género indicando a necessidade, a disposição e a determinação de se fazer algo. Todavia, em termos discursivos a expressão revela o *apogeu* e a *culminação* do evento, mas o seu contexto

da fala ou de uso explicita a sua intenção: *necessidade de reparação do acto anteriorou sua anulação e fazer outro distinto do anterior*. O sentido desse dito popular é de uma acção que, segundo o contexto da fala, deve ser repetida no sentido de que algo foi dito ou feito de forma errada e requer uma correcção: *vángulula* “refazer”. Isso acontece na resolução de problemas, sobretudo na famosa *Palabra Africana*. Dentre muitas formas de introdução da *Palabra ou Palavra Africana* seleccionamos a que se segue onde podemos observar a iterativa:

Texto 8: Palabra Africana “Nkúwà”

350. 1. *tálà ùtùsìdì... e dyambù dìzáyakànà kwàndi dìnà,*  
 ‘saudação.....o assunto é bem conhecido’  
 2., *ngà kà mfùnùkwàndikòmu vóvùlùlà dyò*  
 ‘Por isso, é desnecessário (refalar)repetí-lo’.

Nesse texto interesse-nos unicamente a forma verbal *vóvùlùlà*. Vejamos:

351. *ngà kà-mfùnù kwàndi kò um vóv-ùlùl-à dyó*  
 MODF NEG-inútil AUX NEG LOC falar-ITER-VF IOC  
 ‘É inútil falar mais uma vez / inútil repetí-lo’

Na estrutura oracional de (351) a iterativa é precedida pelo locativo *mu* da classe 18 que neste caso é usado, não como um prefixo nominal mas, sim, como um regente de acordo verbal. Em termos semânticos, a iterativa fica evidenciada cada vez mais com a presença da locução coordenativa conclusiva *ngà* “por isso” na estrutura oracional em sintonia com as partículas da negação *ka...ko* cujas traduções podem ser: *não é necessário repetir, não vale a pena repetir, é inútil repetir*.

Na nossa pesquisa do campo, testamos os enunciados que se seguem cujas traduções dos nossos informantes em Kizómbò foram:

352. a. *e-lùyàlù lw’Angola mù túng-ùlùl-à lù-nà nsí.*  
 AUM-11 governo 11’Angola LOC construir-ITER-VF IS-AUX 9terra  
 ‘O governo angolano está a reconstruir o país’  
 b. *tòmà káng-ùlùl-à è-wówò ntétà*  
 bem amarrar-ITER-VF AUM-aquele 3feixe  
 ‘Amarra bem esse feixe outra vez / Reamarra bem o feixe’.

Nas duas orações (352a) e (352b) o relator *-ulul-* expressa a noção da repetição da mesma acção pela segunda vez.

### 3.5.2.1.1. Outras formas da expressão da iterativa em Kizómbò

Às vezes a ideia de repetição é expressa com ênfase, pós-pondo à forma de base do verbo o morfema aditivo *dyàkà* ‘mais’, conforme se lê em (353) abaixo:

353. *tálà díàkà* ‘olhar mais uma vez’ (segunda vez)  
*vángà díàkà* ‘fazer mais uma vez’ (segunda vez)  
*tángà díàkà* ‘ler mais uma vez’ (segunda vez)

Deste modo podemos formar frases como:

354. *ø-vóv-ùlùl-à mpási kà-tòma w-á ky-ámbòte.*  
 IS-falar-ITER-VF para 1-muito ouvir-VF de-bem  
 ‘Fala outra vez para que oiça bem’

Alternativamente, omitindo o sufixo *-ulul-*, diz-se:

355. *ø-vóv-à dyàkà kà-tòmà w-à ky-àmbòtè*  
 IS-falar-VF mais IS-bem ouvir-VF de-bem  
 ‘Fala outra vez para que oiça bem’

### 3.5.2.1.2. Análise sintáctica e semântica da iterativa

Conforme se pode constatar, a extensão da iterativa possui um aspecto transitivo:

356. a. *Tungu wù-tà túng-ùlùl-à nzó*  
 Tungu IS-AUX construir-ITER-VF9 casa  
 ‘O Tungu está a reconstruir a casa’  
 b. *Awù à-vàng-ùlùl-élè kàlù*  
 3PL IS-fazer-ITER-PERF 5carro  
 ‘Eles repararam o carro’

Ora, em (356a) o enunciado codifica sintacticamente *Tùngù* como *sujeito* e *nzó* ‘casa’ como OD. Podemos fazer a mesma análise em (356b) onde identificamos como sujeito o pronome pessoal *awu* ‘eles’ e o objecto directo *kàlù* ‘carro’. Em termos semânticos, a mesma frase tem como agente *Tùngù* e paciente *nzó* ‘casa’. Na mesma lógica ainda temos:

*Agente e paciente (AGE/PAC)*

357. *Kìtèkà wù-tà váng-ùlùl-à kyèlò*  
 Kiteka IS-AUX reparar-ITER-VF 7PAC  
 ‘Kiteka está a reparar a porta’

*Possuidor/genitivo*

358. *Tungu wù-tà túng-ùlùl-à nzó yá mà-sé m-àndi*  
 Tungu IS-AUX construir-VF 9casa de 6-pai 6-POSS  
 ‘O Tungu está a reconstruir a casa dos seus pais’

Finda a discussão da iterativa, agora, iremos também entender a reiterativa.

### 3.5.2.4. A reiterativa ou frequentativa e sua morfologia em Kizómbò

A segunda diz respeito à repetição da mesma acção várias vezes sem desfazer a anterior. Esta é marcada com as extensões *-uzun-* e *-ùzùl-* que constituem a sua forma de base para expressar tipicamente a *frequentativa ou reiterativa*. A forma de base expressa semanticamente uma acção que resulta primeiro em dois: e.g. *búkùnà* ‘cortar algo em dois pedaços ou duas partes’. Se a mesma acção for realizada mais de duas vezes, então, intervêm as extensões *-uzun-* ou *-uzul-*. Aqui já temos a frequentativa ou reiterativa e assim teremos: *búkuzuna* ‘cortar manualmente algo em muitos pedaços ou em muitas partes’, ‘despedaçar’.

359. a. *zégà* ‘cortar com um instrumento’  
*zég-ùzùn-à* ‘cortar (instrumental) em pedaços’
- b. *tólùlà* ‘quebrar’  
*tól-ùzùl-à* ‘quebrar em muitos pedaços’

Notar que alguns desses verbos não possuem uma forma simples como era de esperar. Por este facto, essas extensões aparecem reduplicadas dando o sentido frequentativo.

#### 3.5.2.4.1. Análise sintáctica e semântica da reiterativa

Do ponto de vista sintáctico e semântico, a reiterativa é uma extensão transitiva. Assim sendo podemos construir os seguintes enunciados:

360. a. *Kìmpala wù-tà zég-ùzùn-à ntí*  
1Kìmpala IS-AUX IS-cortar-FREQ-VF 5árvore  
‘O Kìmpala está a despedaçar a árvore’.
- b. *mònò i-tà bók-ùzùn-à òmpà*  
1SG IS-AUX cortar-FREQ-VF 5pão  
‘Eu estou a despedaçar o pão’

Em termos sintácticos, os sujeitos das frases (360a & b) são *Kìmpala* e *mono* ‘eu’. Deste modo, *nti* ‘árvore’ e *òmpà* ‘pão’ são objectos directos. Quanto às funções semânticas, o relator *-ùzùn-* na (360a) indica que *Kìmpala* é o agente e *ntí* o paciente. Na (360b) *mono* ‘eu’ é tido como agente e *òmpà* ‘pão’ como paciente.

### 3.5.3. A durativa (DUR)

Esta extensão já foi discutida no capítulo 2º quadro do TAM, precisamente do tempo presente (presente actual), onde dissemos que, em Kizómbò, a durativa descreve situações em curso como o *-ing* do progressivo em Inglês. Aqui e no quadro da

derivação verbal a opinião unânime dos bantuistas é que ela descreve situações imperfectivas no passado ou atemporais (Schadeberg 2003:72, Nurse 2003:98). Esse é o segundo aspecto para o Kizómbò. Segundo Mathews(1997:107) a durativa é um aspecto que indica o processo, etc. visto como continuando por um tempo apreciável. Na mesma ordem de ideias Trask (1993:87) diz que a durativa é uma forma do aspecto que expressa uma acção ou um estado que é percebido como alastrando-se por um período do tempo. O aspecto durativo é uma subdivisão do aspecto imperfectivo. Embora existem poucas línguas que representem o aspecto durativo de forma explícita, naquelas em que este existe, o mesmo serve para exprimir a forma geral do imperfectivo que é também usado para expressar o aspecto habitual ou o progressivo.

### 3.5.3.1. A morfologia da durativa

Das onze extensões reconstituídas de PB por Schadeberg (2003:72), a durativa que ele rotula de *habitativa* ou *repetitiva* apresenta dois morfemas: \*-ag- e \*-ang-. Em termos de tom, este elemento comporta-se como uma extensão, mas ele entra frequentemente dentro do paradigma inflexional ( com vários sentidos imperfectivos tal como a durativa ou habitual). Nos termos de Nurse (2003:98), a habitual (HAB) ocorre largamente em Bantu e denota uma actividade que caracteriza um período. Muitas vezes ela é associada às reflexas de à(n)ga na final. Vejamos um dos exemplos de Nurse, que por sinal, provêm de Luvalé (K.14), uma língua Bantu de Angola:

361. ngu-ø#li (na) ku#tangisa ‘I am (with) teaching’  
I-ø-be (with) infin-teach.

Ngu-na#p-u##(na##) ku#tangisa ‘I was teaching’  
*I-past-be-past (with) infin-teach*

Nurse sublinha que se a durativa se limita à referência temporal, é principalmente a situações passadas ou atemporais que ela nos remete, por razões pragmáticas. Semanticamente, a habitual pode mesclar-se com outros imperfectivos, que é aparentemente a causa comum de seu desaparecimento.

No entanto, a durativa (doravante DUR) em Kizómbò é expressa com o mesmo morfema *-ang-* já em referido acima. Consideremos as formas verbais que se seguem:

362.	<i>sálà</i>	‘trabalhar’	<i>sál-àng-à</i>	‘trabalhar habitualmente’
	<i>dyà</i>	‘comer’	<i>dy-àng-à</i>	‘comer habitualmente’
	<i>tínà</i>	‘fugir’	<i>tín-àng-à</i>	‘fugir habitualmente’
	<i>nwánà</i>	‘lutar’	<i>nwán-àng-à</i>	‘lutar habitualmente’
	<i>tángà</i>	‘ler, contar’	<i>táng-àng-à</i>	‘ler habitualmente’

*vángà* ‘fazer’      *váng-àng-à* ‘fazer habitualmente’

Em termos culturais, parece-nos que a durativa capitaliza os contos e narrativas em Kizómbò. Nos textos recolhidos verificamos a frequência deste facto. Consideremos o texto abaixo fornecido pela entrevistada Maria Kuvila (20/0572013):

363. Texto 9:1. *Mansési ye mangó awizana avonda angudi awu.*  
‘A gazela e o leão entenderam-se para matarem as suas mães’.
2. *Mansési wasweka ngudi andi, kansi mangó vondele ngudi andi.*  
‘A gazela escondeu a sua mãe mas o leão matou a sua mãe’.
3. *Mansési wayimbilanga nkunga mu monana ye ngudi andi.*  
‘A gazela cantava um hino para encontrar-se com a sua mãe’.
4. *e mansési wasweka ngudi andi kakangalanga ukak’e.*  
‘Ó gazela que escondeu a sua mãe para andar sempre sozinha’.
5. *wowo kaka kavangidingi.*  
‘Fazia sempre assim’.
6. *Mangó wabanza: mfweti zaya kweyi mansési kakwendanga.*  
‘O leão pensou: tenho que saber onde é que a gazela tem ido’.
7. *nki dyambu kakwenda vanganga kuna mfinda kakwendanga?*  
‘O que é que ele tem feito lá na mata onde vai sempre?’

Em todos os verbos sublinhados, o sufixo *-ang-* esclarece que os eventos eram realizados habitualmente ou era o seu hábito fazê-lo. Entretanto, o texto ajuda-nos a descodificar que nesta forma derivada o verbo incorpora este sufixo na sua raiz para expressar semanticamente a noção de hábito com aspecto reiterativo e persistente. Vamos analisar, um por um, os verbos sublinhados no texto:

364. *wà-yímbil-ang-à*  
IS-cantar-DUR-VF  
‘Ela cantava sempre’

Tanto no seu contexto como fora dele, a forma derivada em (364) ‘descreve imutavelmente uma acção habitativa imperfeita cuja frequência intercalava certos intervalos de tempo, segundo o contexto.

365. *kà-kángàl-ang-à*  
IS-andar-DUR-VF  
‘Para andar sempre’.

Fora do seu contexto a forma derivada em (365) ganha uma outra tradução: *deve andar, deve passear*. Mas o contexto da narrativa dita que o sentido correcto é aquele de

alguém que lamenta o seu estado de solidão pelo facto de ter escondido a sua mãe e que agora *deve andar sozinha*.

366. *kà-váng-ìdi-ing-i*  
IS-fazer-PERF-DUR-PERF  
'Ele fazia sempre assim'.

Notar que a forma de base do verbo em (366) é *vánga* "fazer" cujo passado é *vángidi* "fez". A durativa assimila a última vogal do passado tomando a forma *-ing-*.

367. *váng-ang-à*  
Fazer-DUR-VF  
'Fazer sempre'.

A partícula *nkina* frase (367) do texto introduz uma interrogação de verdadeiro habitativo cujo sentido aproximado é: 'O que é que ele costuma fazer lá? O que anda a fazer...? O que é que ele vai sempre fazer lá? O que é que ele tem feito lá ? etc'.

368. *kà-kwénd-ang-à*  
IS-ir-DUR-VF6  
'Ele vai sempre'

Esta forma completa o sentido da questão iniciada com a partícula *nki* *kàvángàngà.kùnà kàkwéndàngà?* "O que anda fazer, lá onde ele vai sempre?" Este é o sentido mais lato e compreensível que se pode inferir do contexto.

### 3.5.3.1. Análise sintáctica e semântica durativa

A estrutura de argumentos da durativa é tipicamente divalente na medida em que o *sujeito* e o *objectodirecto* são os seus argumentos de base, embora possa facilmente evoluir para trivalência.

369. a. *mònò ì-zól-àng-à dyà lùkù*  
1SG IS-gostar-DUR-VF comer 11funje  
'Eu gosto de comer funje (hábito)'
- b. *Simba ù-sál-àng-à mù lù-yálù*  
Simba IS-trabalhar-DUR-VF LOC 11-governo  
'Simba trabalha no governo'

Semanticamente a durativa não codifica o número. Na nossa discussão com os informantes, que por sinal são locutores do programa de Kizómbò, no Centro de Produção Radiofónico de Makela do Zòombò, elaboramos o seguinte enunciado:

370. *Kyala yé Mbembà mù làdì à-vóv-èl-àng-à kùnà Màkelà*  
Kyala e Mbemba LOC rádio IS-falar-APL-DUR-VF LOC Makela  
'O Kyala e o Mbembà falam na rádio em Makela'

Neste enunciado, a durativa apresenta dois SNs como argumentos externos que executam a função de *sujeito/agente* (Kyala e Mbemba) e dois argumentos internos cujas funções identificam-se com o *instrumento-meio* (rádio) e *locativa* (Makela).

### 3.5.3.2. As co-ocorrências da durativa com as outras extensões

De entre todas as formas derivadas, a extensão durativa é a que mais relações estabelece com as demais. Todas as formas derivadas podem admitir o morfo durativo como segundo sufixo antes da vogal final. Esse grau de sobreposição com as demais extensões e o envolvimento entre si propicia o aspecto durativo que de outra maneira não seria possível para todos os sufixos. Podemos ilustrar isto tomando como modelo os seguintes verbos: *vóvâ* ‘falar’, *yálâ* ‘estender’ *búkùâ* ‘cortar’ e *lendá* ‘poder’.

*Quadro27: co-ocorrência da durativa com as demais extensões em Kizómbò*

extensão	P2 / IS	P1 / IO	RAIZ	S1	S2	VF
Pass			-vóv-	-w-	-ang-	-a
SPass			-vóv-	-am-	-ang-	-a
Apl			-vóv-	-il-	-ang-	-a
Caus			-vóv-	-is-	-ang-	-a
Recip			-vóv-	-asan-	-ang-	-a
Iter			-yál-	-ùlùl-	-ang-	-a
Rev			-yál-	-ul-	-ang-	-a
Int			-yál-	-umun-	-ang-	-a
Pot			-lénd-	-akan-	-ang-	-a
Freq			-búk-	-uzun-	-ang-	-a

P2 e P1 prefixos antes da raiz verbal marcando o sujeito e o objecto.

Por ser um prefixo que ocupa o espaço de IO, a relação da reflexiva com a durativa ocorre servindo-se de alguns sufixos de outras vozes, quer derivadas, quer não. Consideremos alguns exemplos sem prefixos dos pronomes pessoais:

371. Refl-R-Caus-Dur-vf: *ki-vóv-is-ang-a* ‘falar-se sempre a si mesmo’  
 Refl-R-Apl-Dur-vf: *ki-vóv-il-ang-a* ‘defender-se sempre si mesmo’  
 Refl-R-Iter-Dur-vf: *ki-yál-ulul-ang-a*: ‘tirar-se sempre a si mesmo maisvezes’  
 Refl-R-Freq-Dur-vf: *ki-zéng-uzùn-ang-à* ‘cortar-se sempre a si mesmo’  
 Refl-R-Rev-Dur-vf: *ki-yál-ul-ang-a* ‘tirar-se sempre a si mesmo’

Portanto, a relação com a voz média é deveras difícil senão mesmo inexistente e por este facto não consta nesta lista.

### 3.5.4. A intensiva (INT)

A noção expressa pela extensão intensiva transmite a nuance de intensidade, da frequência e de magnitude com que uma acção é realizada. O Kizómbò exprime esta noção com o sufixo *-umun-*. Eis aqui as formas de base e as derivações delas resultantes:

372.	<i>yálà</i>	‘estender’	<i>yál-ùmùn-à</i>	‘estender largamente’
	<i>súkùlà</i>	‘lavar’	<i>súk-ùmùn-à</i>	‘lavar com veemência’
	<i>tángà</i>	‘ler, contar’	<i>táng-ùmùn-à</i>	‘ler ou contar sem pausa’
	<i>bálùlà</i>	‘virar, mexer, misturar’	<i>bál-ùmùn-à</i>	‘fazer mistura’
	<i>díndùkà</i>	‘virar, rebolar’	<i>dínd-ùmùn-à</i>	‘levar rebolando’

#### 3.5.4.1. Análise sintáctica e semântica da intensiva

A extensão intensiva é um morfo transitivo tipicamente bivalente em Kizómbò, embora possa excepcionalmente admitir outros acessórios.

373. a. *è-tókò*      *dì-nà*      *yál-ùmùn-à*      *ki-àndu*      *mùna sùkù*  
AUM-5jovem IS-AUX estender-INT-VF 7-esteira LOC 5quarto  
‘O jovem está a estender a esteira no quarto’

b. *è-tàtà*      *ù-ìà*      *súk-ùmùn-à*      *n´nwà*  
AUM-1pai 3boca lavar-INT-VF 3boca  
‘O pai está lavar a boca (intensamente)’

Em (373b), o enunciado codifica sintacticamente dois argumentos afins, *o sujeito e o objecto*, respectivamente *tata* ‘pai’ e *n´wà* ‘boca’. Em termos semânticos esses mesmos argumentos são o *agente* e o *paciente*. Na frase (373a), para além do sujeito *tókò* ‘jovem’ e do objecto directo *kyandu* ‘esteira’, é adicionado um argumento *locativo*, a saber, *sùkù* ‘quarto’

### **3.6. Conclusão parcial**

Até aqui concluímos a terceira secção deste terceiro capítulo que no início designamos por análise morfossintáctica e semântica dos sufixos neutros. No entanto, embora não sejam vozes verbais, esses sufixos constituem um subgrupo significativo da derivação verbal. Na sua maioria subscrevem-se no critério de transitividade, pois, a sua estrutura argumental é principalmente bivalante. A análise sintáctica e semântica dessas extensões confirma que nada têm a ver com o crescimento ou redução da valência. A reversiva não afecta nenhum argumento, apenas minimiza a centralidade do participante agentivo com respeito ao paciente. A iterativa e frequentativa foram estabelecidas como duas extensões com teor semântico distinto em Kizómbò. A extensão -ulul- da iterativa em Kizómbò significa repetir mais uma só vez depois da primeira. O recomeçar de uma acção. Enquanto, -uzun- e -uzul- que representam a reiterativa exprimem a noção de realizar a mesma acção inúmeras vezes. A habitual ou durativa refere-se ao aspecto imperfectivo, visto que descreve situações do passado ou atemporais.

## CAPITULO IV: ASPECTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS DA VOZ VERBAL EM KIZOMBO

### 4.0. Introdução

Neste último capítulo, vamos discutir essencialmente os aspectos semânticos e discursivos inerentes à voz verbal, observando o contexto da sua ocorrência dentro da estrutura frástica, sintagmática e do enunciado que formam o texto oral e escrito em Kizómbò. Entretanto, a análise é um tanto ou quanto abrangente, na medida em que a comunicação linguística não existe fora de um contexto particular motivado pela interação social. Isto significa que o *contexto* será fundamental na determinação do sentido que segundo Rafael (1997:20) pode ser distinguido em dois tipos:

1. Contexto de produção
2. Contexto de uso.

No primeiro, entende-se que as situações de produção escrita são diferentes das situações de fala, o que leva à afirmação, mais ou menos corrente (e errónea), de que a escrita é descontextualizada, porque não depende de factores extralinguísticos, enquanto que a fala é altamente dependente da situação em que é produzida. De qualquer modo, entendemos que qualquer acto verbal, falado ou escrito, tem o seu sentido construído no instante do uso que se faz dele. Tudo tem a ver com a construção e explicitação de sentido do texto que, segundo a concepção dialógica é negociada entre o autor e o leitor ou entre o falante e o ouvinte. Assim, a construção do sentido resultaria dessa negociação. Nessa concepção, no caso de um texto escrito, o leitor deixa de ser passivo (como entende a visão formalista) e se configura como um dos participantes do processo de produção de sentido. Daí a necessidade da explicitação verbal de determinadas informações estar directamente ligada aos usuários, ao leitor ou ao ouvinte, no caso do texto oral. A explicitação em enunciados linguísticos implica a consideração do contexto, pois, num estudo como este, o contexto é o principal responsável pela construção de sentido do texto e, portanto, da explicitação dos sentidos pretendidos (Rafael 1997: 20). Grosso modo, essa análise combina duas perspectivas, a formalista e a funcionalista, uma vez que a linguística contemporânea lança sobre o seu objecto – a língua – diferentes olhares e reflexões. Considera-se que a linguagem é multifacetada, incluindo *forma e função, estrutura e uso, abstracção e realidade* que são dimensões essenciais e insubstituíveis da comunicação humana.

Neste exercício faremos também recurso à semântica discursiva ou semântica pragmática que trata das significações geradas no espaço que se situa entre os locutores e os signos linguísticos, significações essas não contidas nas palavras nem nas construções gramaticais envolvidas ou expressas no texto. Para o efeito ter-se-à em conta as categorias configuradas no espaço entre a semântica e o discurso, a saber: (1) foricidade:anáfora e catáfora, (2) dêixis locativa e temporal, (3) inferência e pressuposição, (4) paráfrase e (5) articulação tema-remática. A título de refrescamento, o termo foricidade significa a operação desencadeada por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já identificadas anteriormente (anáfora), ou a serem veiculadas posteriormente (catáfora) no texto(De Castilho 2014:21).

#### 4.1. Compreensão da extensão -am- em Kizómbò

Um outro aspecto semântico que nos desperta maior atenção tem a ver com a extensão -am-. É um morfema que, até aqui, tem merecido pouca atenção dos linguístas bantuístas quando se referem à passiva. Geralmente ela é atribuída à estativa fazendo a abstracção da causa do estado do paciente. No caso de Kikongo, esta extensão é apresentada com divergência, mas compreensível, quanto a sua designação exacta. Uns, dizem categoricamente que é semi-passiva (Dereau 1955.:220 e Quiala 2013:212) e outros, dizem que é estativa intransitiva ( Laman 1936.:LV). Dereau e Quiala argumentam que, *a voz semi-passiva que Laman chama de verbo de estado no seu dicionário, coloca ênfase sobre a condição originada pela acção. É verbo de estado porque isto significa que a condição nascida da acção praticada pelo sujeito continua ou permanece*. Segundo esses autores, na frase como *mwifi ùkàngàmènè* “o gatuno está preso”, não significa apenas que o gatuno foi preso, mas significa que ele foi preso e continua preso; portanto, é prisioneiro.

Enquanto que Laman diz que é um verbo de estado com valor estativo e intransitivo. Por este facto o sufixo seria -am- subtraído dos verbos de estado como *kàngàmà* ‘ser amarrado’, do verbo *kàngà* ‘amarrar’, *bákàmà* ‘ser apanhado’, do verbo *bákà* ‘apanhar’, *vàngàmà* ‘ser feito’ do verbo *vàngà* ‘fazer’ e *yálàmà* ‘ser estendido’ do verbo *yàlà* ‘estender’, etc. Todos esses verbos são transitivos.

Ora, este entendimento que os nossos predecessores têm desta extensão, levanta certos questionamentos: É voz semi-passiva ou é voz estativa? Será que a condição nascida pela acção basta para que seja uma extensão estativa? Porque que é semi-

passiva? E porque que não pode ser passiva? Será que não abre a possibilidade de integrar um agente e um paciente? Estas e outras são as questões que colocamos na discussão desta extensão.

Numa outra abordagem Lumwamu (1973:229-232) observa que na perspectiva mais tradicional e semântica, os factos podem ser descritos como sendo aplicativos, factivos, recíprocos, habituais durativos ou iterativos, estativos, participativos, totais e parciais. No seu entender, a extensão *-am-* descreve semanticamente um facto participativo em que o paciente é parte da acção ou consente sofrer a acção. Confirmamos os exemplos dados em Francês para melhor compreendermos o seu argumento:

374. (ku)kángà / (ku)kángàmà 'lier, attacher, fermer / se laisser lier, attacher'  
(ku)bákà / (ku)bákàmà 'attraper / se laisser attraper'  
(ku)yálà / (ku)yálàmá 'étendre / se laisser étendre'

Todos esses argumentos constituem um bom prolegómeno para um excelente entendimento dessa extensão.

Do estudo que fizemos sobre os sufixos conhecidos como extensões verbais na linguística Bantu, constatamos que o sufixo da voz estativa é *-am-*. Mas na nossa pesquisa do campo descobrimos que este mesmo sufixo é, actualmente, o mais usado para exprimir a voz passiva em Kizómbò. Ora, um verbo trissilábico intransitivo como *tòngàmà* 'estar levantado', tipicamente de estado, não deve, de alguma maneira, ser confundido com os dissilábicos transitivos como *kàngà* 'prender', *kòmà* 'pregar', *vàngà* 'fazer', etc., que para além de *-w-*, fazem igualmente o passivo em *-am-* como *kángàmà* 'ser preso', *kómàmà* 'ser pregado' e *vángàmà* 'ser feito'. Na verdade, o sentido desta extensão situa-se entre o ser e o estar, mas este facto por si só não nos permite afirmar que se trata da voz semi-passiva, pois, precisamos de aprofundar o debate examinando outras pistas semânticas, sintácticas e pragmáticas. Portanto, do ponto de vista sintáctico e semântico, quando se trata da voz passiva precisamos de ter uma percepção nítida sobre os verbos de estado que são claramente intransitivos e os verbos transitivos, que embora tendo as mesmas características morfológicas exprimem outro conteúdo semântico em Kizómbò (cf. estativa, em 3.3.6.). De igual modo, necessitamos de estudar bem o funcionamento desses verbos e devemos previamente reter em mente que o verbo auxiliar *kálà* 'estar ou ser', habitualmente usado para as construções passivas, é aspectual. Isto significa que o verbo estar, dentre outros verbos aspectuais como *yántikà* 'começar', *túlà* 'pôr', *tátámènà* 'continuar', etc., acrescenta a noção do

aspecto, de como a acção se realizou. e.g. *àwù àkàlà tálàTV* ‘eles estavam a assistir TV’, *yétò tùyántikà yúvùlà* ‘nós começamos a perguntar’. Com estes dois exemplos podemos perceber a diferença de significado quando utilizamos algum destes verbos aspectuais. Eles agem sobre o verbo principal trazendo uma nova informação semântica, como se fossem advérbios, caracterizando aquela acção verbal.

Embora não tenhamos realizado uma estatística quanto ao uso dessa extensão, podemos afirmar que em termos mais práticos, a extensão *-am-* sobrepõe-se à extensão histórica *-w-*. Quer dizer que a extensão *-w-* é mais visível nos textos missionários que incluem a Bíblia, o catecismo, o hinário e manuais de ensino existentes em Kikongo. Portanto a extensão *-w-* faz parte da linguagem conservadora e adulta. Considerando o dinamismo da língua, hoje em dia é notável em Kizómbò, o emprego frequente das construções passivas com a extensão *-am-*, precisamente de construções com o complemento de agente que o sistema verbal de Kizómbò impõe ao estatuto discursivo referencial ou focalizante do paciente. Jovens e crianças preferem a extensão *-am-* do que *-w-* que caracteriza a linguagem dos velhos, a qual, como já nos referimos, é reforçada com o ensino religioso e pela literatura por este produzida. A extensão *-am-* aparece nos mesmos textos mas não como passiva, mas como estativa ou semi-passiva. Alíás, o texto defendido pelos nossos predecessores (Dereau e Quiala) como semi-passiva, é extraído da própria Bíblia em Mateus 4:13 que diz: *dyàsònàmà vó kà mù dimpà kàkà kò kàzìngilàngà èmùntù* ‘está escrito que não é só de pão que vive o homem’.

No entanto, a estatividade de *-am-* depende do tipo de verbo, pois nem todos os verbos com extensão *-am-* são estativos. Alíás, o contexto o define.

## **4.2. Aspectos semânticos e discursivos da passiva**

Para um bom entendimento dos aspectos semânticos e discursivos da passiva em Kizómbò, entendemos sistematizá-la em subcategorias para facilitar a sua discussão. Assim discutiremos a passiva agentiva e as pseudo-passivas distinguidas em semi-passiva e passiva de estado.

### **4.2.1. A passiva agentiva**

Esta passiva é tida como a *verdadeira passiva* na medida em que é realizada com o recurso do verbo auxiliar. Embora não seja critério da sua distinção, as outras formas de passivas que não fazem o uso de auxiliar *ser* são geralmente entendidas como

sendo pseudo-passivas. Em abono da verdade, importa salientar que, a veracidade ou falsidade da passiva não é a nossa principal preocupação, pois, interessam-nos, sim, os aspectos semânticos inerentes às extensões *-w-* e *-am-*, buscando exemplos concretos em Kizómbò no âmbito da semântica discursiva. Vamos iniciar essa análise com esta frase utilizada no nosso trabalho de campo:

375. *è-mbìsìy      ì-mín-ìn-ù              kwà      mbómà*  
 AUM-9animal IS-engolir-APL-PASS CON 9jibóia  
 ‘O animal foi engolido pela jibóia’

Quanto ao aspecto semântico e discursivo, a derivação verbal *yì mín-ìn-ù* ‘ele foi engolido’ pode foricamente ser entendida assim: Por um lado, o índice do sujeito *yi-* ‘ele’ é um item que aponta para um participante da situação de fala, parafraseável por *aquele aí* que é, porém, uma interpretação deítica do item. Por outro lado, o mesmo índice do sujeito *yi-* ‘ele’ é anafórico, pois, ele retoma *èmbìsì* ‘o animal’. Neste mesmo enunciado, a coocorrência aplicativa-passiva contém uma catáfora. Sabemos que o objecto do verbo aplicativo assume a função semântica de beneficiário. Assim sendo, neste contexto o morfema *-in-* da aplicativa significa *engolir por* ou melhor *engolir para o benefício de* ou ainda *engolir em nome de*, significando com tudo isso que ao associar-se à passiva, cujo agente *mbómà* ‘jibóia’ é preposicionado, essa coocorrência propicia o terreno para que o agente esteja neles implícito com a função de *agente-beneficiário*. Portanto, na coocorrência aplicativa-passiva existe a antecipação do *referente* que ocorrerá no texto ou na frase, a saber *mbómà* ‘jibóia’. No entanto, só o derivativo sozinho reúne o anafórico e o catafórico que estão presentes na frase. Isso está de acordo com o que Halliday (1973) descreve quanto à actuação da foricidade: (1) *endófora* - retomada de referentes que já foram mencionados no texto (=anáfora) ou antecipação de referentes que ocorrerão no texto (=catáfora) e (2) *exófora* - menção a referentes presentes na situação de fala, não verbalizados no texto. Esta última não ocorre na frase em análise.

Finalmente, vamos para o elemento *kwà*. Nas línguas neolatinas e não só, este elemento é traduzido como *pelo*, como nome de *preposição*. Neste trabalho nós rotulamo-lo unicamente de *conectivo*. Alíás, a nossa proposta soa bem com a sua função, que segundo a semântica discursiva é *juntiva* (= junção) ou *conectiva*. Voltando a mesma frase, a ocorrência da *elipse ou apagamento do agente da passiva* resultará na seguinte frase:

376. *è-mbisi yi-mín-ìn-ù*  
 AUM-9animal IS-engolir-APL-PASS  
 ‘O animal foi engolido’

Em termos da semântica pragmática e discursiva, a ocorrência de elipse na passiva permite a *focalização* do paciente da frase activa e agente da passiva. Isso é observado pela função do índice de sujeito *yi-* ‘ele’. Se assim não fosse, então, o derivativo poderia estar desprovido do índice de sujeito e ficaria *-mìnìnù* ‘foi engolido’, referindo-se ao paciente fora da frase verbal.

Do nosso questionário, revisitemos a ‘famosa’ frase de campo que despertou a nossa atenção sobre o uso da passiva com *-am-*.

377. a. *e-nisi ø-bák-idi tùtù*  
 AUM-9gato IS-apanhar-PERF 5rato  
 ‘O gato apanhou o rato’

- b. *è-tutù dì-bàk-il-w-à kwá nìsì*  
 AUM-5rato 5-apanhar-APL-PASS-PERF COM 9gato  
 ‘O rato foi apanhado pelo gato’

- c. *è-tùtù dí-bák-àm-ènè kwa nìsì*  
 AUM-5rato 5-apanhar-PASS-PERF COM 9gato  
 ‘O rato foi apanhado pelo gato’

Na frase (377c), enquanto nós esperavamos ansiosamente que os informantes respondessem como em (377b), passiva canónica...*bàkìl-w-à*...ou ...*bàkìl-ù*... “foi apanhado”, na sua maioria respondia insistentemente como em (377c): *bàk-àm-ènè* “foi apanhado”. A frase é passiva agentiva, indubitavelmente transitiva, sendo *o rato*, o paciente e *o gato*, o agente da passiva. Ora, no nosso entender, esse sufixo descreve semanticamente o que é descrito por linguistas como aspectos de fases que têm a ver com os aspectos inceptivo e completivo de um evento, isto é, o seu início, o meio e o fim ou a sua efectiva conclusão. Numa frase como esta não vemos semanticamente em que consiste o aspecto estativo ou participativo. Teria o rato consentido a sua desgraça diante do seu devorador? Aqui temos o aspecto perfectivo durativo expresso pelo morfema- *ènè* e não pela extensão da passiva. Voltando ao nosso corpus encontramos as mesmas formas, mas em contextos discursivos distintos.

Texto 10: Nzakundomba(2006:24)

378. 1. *Bosi mpe nsiku ngolo mia kala vo bakama ye nkento a ngani,*  
 ‘Também as leis eram duras, se for apanhado com uma mulher alheia,

2. *kia ntete nsiku a malavu o futa, kia zole nkombo,*  
a primeira vez paga uma multa de bebida, a segunda vez cabra,
3. *ki tatu nkombo ye ngulu*  
a terceira vez cabra e porco,
4. *ovo lwak'e kia ya fwete bakamena mungolo kwa makesa ma solwa muna vata,*  
se for a quarta vez, será apanhado à força por homens escolhidos na aldeia,
5. *wa lembwa nze vaka kia ngulu.*  
para ser exorcizado como um grande porco'
6. *Yisia vo fwete katulwa enkandi mosi yakiyakala kwa leka diaka nkento ngani,*  
Isto é, ser-lhe-à tirado um rim para não dormir mais com uma mulher alheia,
7. *wawu vo e kitoko kia saka muna .ngeye.*  
já que o desejo sexual é demais em ti'.

Neste texto as duas formas aparecem em condições similares. Em 1, o -am- está sem agente e com agente em 4. O -w- está sem agente em 5 e 6. Em termos discursivos parece haver falta de coerência, mas não, pois o autor continua a ter como *foco* do evento a mesma personagem. Ora, no nosso entender, a mudança de uma forma da passiva para a outra é uma variação livre, com duas inferências: Primeiro, o autor quer comunicar de forma clara e quer transmitir ideias com convicção. Segundo, o autor usa -am- e depois -w- que tem a ver com o tempo e o tipo de leitores presentes na sua memória. Talvez, o autor tenha recuado um pouco no tempo, na era dele (décadas de 40 a 60), e queira mostrar uma empatia com os usuários de antigamente. Aliás, analisando o papel da foricidade no texto, Marcuschi e Koch (2006:383) evidenciam a categoria **domovimento** que subjaz à foricidade ao afirmarem que,

*Cabe, ainda, resaltar que um texto não se constroi como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, comose o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos: um para frente (projectivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e anáfora.*

Mais adiante De Castilho (2014:23) acrescenta: *Além disso há movimentos abruptos, há fusões, alusões, etc.* Os autores destas citações referem-se à *foricidade* que é entendida como “remissão”. Na semântica discursiva, a foricidade tem a ver com um *segundo conhecimento da coisa*, na medida em que *o primeiro conhecimento é dado pelos processos de referência ou designação*. Isso ajuda-nos a entender que, através da anáfora, retomamos um tópico discursivo como este do nosso texto, recapitulando os preceitos legais da cultura kongo, estabelecidos pelos ancestrais, trazendo-os de novo à

consciência, bem como os participantes do discurso mencionados anteriormente, ou presentes no contexto.

Quanto à colocação das extensões nas formas derivadas, o contexto continua a ser o mesmo e nem existe uma dissonância entre as duas formas em termos semânticos. Mas vamos analisar as duas primeiras que trazem consigo os morfemas que constituem a nossa maior preocupação nesta discussão.

No texto (10 supra), a primeira frase contém a forma *bákàmà* que sintacticamente é o núcleo das frases 2 e 4. Este verbo está a governar essas frases que uma vez agrupadas criam uma harmonia vocal que rima. Vejamos:

Texto 11: 1. vo *bákàmà* ye nkento a ngani

379. ‘se for apanhado com uma mulher alheia

2. vo *bákàmàkia* ntete nsiku a malavu o futa

‘se for apanhado pela primeira vez vai pagar uma multa de bebida’

3. vo *bákàmàkia* zole nkombo

‘se for apanhado pela segunda vez [paga]uma cabra’

4. vo *bákàmàki* tatu nkombo ye ngulu

‘se for apanhado pela terceira vez [paga]uma cabra e um porco’

5. ovo lwak'e kia ya fwete *bakamena* mu ngolo

‘se for a quarta vez, será apanhado pela força’

Portanto, a primeira forma *bákàmà* é situacional com escalonamento temporal, descrevendo o evento e as possíveis fases da tolerância que um adultério pode beneficiar na cultura zombo. Enquanto a última, *bákàmènà* “será apanhado”, descreve a fase conclusiva da cena. Mais uma vez voltamos àquilo que já frisámos atrás sobre os aspectos inceptivo e completivo de um evento. Trata-se do seu início, o seu meio ou seu desenvolvimento e o fim ou a sua efectiva conclusão. Prestando atenção à narração, podemos falar de articulação *tema-remã*. Existe um *tópico* (tema) que é *nsikù* ‘leis’ sobre as quais o narrador assenta a sua narração e um *foco*(rema) da narração, aquilo que o narrador está dizendo sobre o tópico. Ele enaltece a autoridade das leis vigentes na cultura. Trata-se de um texto ético ou da educação moral. Esta análise é enquadrada no que é designado *perspectiva funcional* da sentença que configura a teoria da articulação tema-remã conforme se poder ler:

*Toda oração serve para realizar duas acções básicas e irredutíveis, que descrevemos na linguagem de todos os dias mediante os predicados “falar de” e “dizer que”: o primeiro desses predicados coptaria o papel de tópico, e o segundo o papel de foco. Toda frase*

*envolveria, em suma, dois “atos de fala” cada um dos quais obedece a condições específicas. (De Castilho 2014: 29)*

No nosso corpus temos a narração de um pai que teve dois filhos, sendo um inteligente e o outro idiota. Estes dois filhos protagonizaram uma cena em que o filho idiota se fez valer. Vejamos:

Texto 12: Nzakundomba (2013.130)

380. 1. *Nsimba ye Nzuzi a yenda, vava a lwaka vena mpokesa,*  
Nsimba e Nzuzi foram, quando chegaram na descida
2. *Nsimba wa sala bonso wuna ka vovela kuna vata.*  
Nsimba fez como havia dito na aldeia’
3. *Kina Nzuzi ka voka, diata fioti wa mona matebwa maziee*  
‘Quando Nzuzi desceu, anda um pouco para ver os demónios que circulam
4. *e se diawu wa kala wa lambalala vena ntoto.*  
o pai deles estava deitado no chão’.
5. *Matebwa ma mona, bosi ma vova, on'e mwan'ani lweke. Nzuzi wa kaza:*  
‘Os demónios o viram, depois disseram, ali vem o filho dele. Nzuzi gritou’:
6. *Nsimba, Nsimba e tata kengo moko ye malu kwa matebo.*  
‘Nsimba, Nsimba o pai foi amarrado as mãos e os pés pelos demónios’.
7. *Nsimba wa vutula weyi? Nzuzi wa kaza diaka:*  
‘Nsimba respondeu: o que é? Nzuzi gritou mais’:
8. *e tata o kangamene kwa matebo.*  
‘o pai foi amarrado pelos demónios’.
9. *Nsimba wa vova : yi mbote, wu mpingi mu kwiza ngina.*  
‘Nsimba disse: muito bem, aguarda-me, vou já’.
10. *Nzuzi wa kaza diaka: e tata o kangamene kwa matebo.*  
‘Nzuzi gritou mais: o pai foi amarrado pelos demónios’

Do ponto de vista morfológico destaca-se no texto um verbo com duas formas derivadas passivamente. A forma de base deste verbo é *kángà* ‘amarrar’ e dela derivaram duas que apresentam o mesmo conteúdo informativo em termos semânticos: *kengo* ‘foi amarrado’ e *kangamene* ‘foi amarrado’. No aspecto discursivo, verificamos que o locutor é *coerente*, pois, as formas derivadas são precedidas por uma sequência uniforme das mesmas unidades linguísticas: *e tata kengo... e tata kangamene..., e tata kangamene....* Neste evento, o locutor enfatiza mais a condição do pai e não os demónios, o que significa que a maior preocupação recai sobre a vítima e não sobre o atacante. Por este facto, o pai é o *foco*. No aspecto semântico, as duas entidades são

*referenciais* ou *denotativas* nominais sendo *tata* “o pai” o paciente, a entidade possuída pelos demónios, *agentes*. Mas na semântica pragmática o pai é o foco.

381. a. *e-tata keng-o mo-oko ye ma-alu*  
 AUM-1pai amarrar-PASS 6-mão COM 6-pernas  
 ‘O pai foi amarrado as mãos e as pernas’
- b. *e-tata kang-am-ene kwa ma-tebo.*  
 AUM-1pai amarrar-PASS-PERF COM 6-demónio  
 ‘O pai foi amarrado pelos demónios’

Vamos examinar mais um texto do nosso informante sobre o caçador:

382. Mbemba (21/03/2013)

1. *Tata wa yenda yani mosi.*

‘O pai foi sozinho’.

2. *Mu lwaka, wa wana bulu yabakama mu mi ntambu*

‘Ao chegar, encontrou os animais que foram apanhados pelas armadilha’.

A forma *yàbàkàmà* deriva do verbo transitivo *bákà* ‘prender, apanhar, agarrar’.

Este é um verbo transitivo directo de dois lugares predicativos que na voz passiva admite o complemento agente da passiva como parte do predicado. Vamos analisá-lo de forma sucinta:

383. *yà-bàk-àm-à*  
 8-apanhar-PASS-VF  
 ‘foram apanhados’

Esta extensão tem como radical *-bák-* precedido do prefixo nominal da classe 8 *ya-*, que é um índice de sujeito anafórico que denota o paciente *bulu* “animais” seguido da extensão *-am-* que é associada ao perfectivo. Portanto, como a acção recai sobre o paciente, logo, o contexto faz entender unicamente que *foram apanhados* ignorando as condições da detenção que incluem a atitude do paciente. No entanto, nada faz antever, tanto no contexto dialógico do texto como no conteúdo do verbo em si, que o paciente consente na acção. Aliás, tratando-se de um verbo agentivo, o argumento externo (sujeito/agente) está claramente expresso: *mintambo* “armadilhas”. Entretanto, importa salientar que a voz passiva com o sufixo *-am-* denota o estado da situação na qual a durabilidade da acção é imprevisível, mas que tem como foco o paciente.

Finalmente, a passiva com um agente é introduzida por uma partícula conectiva com o valor similar a uma preposição do tipo *por*, *pelo* ou *pela*. No entanto, a nossa discussão revela que a passagem de uma frase da voz activa para a voz passiva, não altera o conteúdo semântico da mensagem, porém, modifica as funções sintácticas dos

temas da enunciação. Os sintagmas que funcionam como sujeito e complemento do objecto directo na frase activa, e.g. *Mayamba mwènè nyókà*, “A Mayamba viu a cobra” tornam-se respectivamente complemento preposicional ou complemento de agente e sujeito na frase passiva: *nyókà yimwènù kwà Mayamba* “A cobra foi vista pela Mayamba”. Portanto, agora a acção é vista do ponto de vista do paciente e não mais do ponto de vista do agente.

Em suma, o emprego da forma passiva no discurso amolda a destituição do argumento representado pelo sujeito da construção de base do verbo e a consequente promoção do argumento representado pelo objecto da construção de base, que na passiva é representado pelo sujeito. O seu uso é motivado por casos em que o falante não pode ou não quer falar do agente, e/ou onde o paciente é o foco da conversa. A frase a seguir indica isso:

384. *è-Kyala wàfwilà kùnà Kwitù-Kwànàvâlà. Yándì wàvóndwà mù vità.*  
‘O Kyala morreu no Kwito-Kwanavala. Ele foi morto na guerra’.

Como se pode observar, em (384) existe um tema constante, que é *Kyala*, mas o locutor omite o agente, de onde se depreende que uma das funções da passiva é não falar do agente porque o locutor não quer mencioná-lo. A este propósito Givòn (2001b:125) disse: *A wide range of pragmatic contexts may motivate agent supression. The agent may be unknown or unrecoverable.* Ainda em (384), regista-se um tema constante, mas na segunda instância o tema é anaforicamente retomado e essa remissão fórica é significativa, pois, representa um segundo conhecimento da coisa, isto é, o locutor acha que já não é necessário repetir o tema *Kyala* que é a primeira informação conhecida pelo seu interlocutor.

#### 4.2.2. A semi-passiva

Crystal (2008: 353) escreve que o tipo central das construções passivas que usam o auxiliar *ser* está intimamente relacionado com outros tipos de construções passivas (*she got pushed, she was interested*) e às vezes cria dificuldade em estabelecer uma linha demarcadora entre elas. Por exemplo, em Inglês, construções como *They were interested in history*, que têm ambas as propriedades verbais e adjectivais, às vezes são chamadas *semi-passivas*. Portanto, numa só palavra, semi-passiva é uma classe de passivas que parece ter uma forma activa correspondente, mas é uma forma adjectival. Ela exhibe as propriedades verbais e as propriedades adjectivais.

No entanto, uma das principais características dessas construções designadas semi-passivas em Kizómbò, é que geralmente um adjetivo pode ser usado depois do nome, depois de um verbo de ligação com os advérbios *ye*: ‘com’, *yingi* ‘muito’, *dyákà*: ‘mais’, *i wau kibéni*: ‘certamente’, etc. Vamos considerar as seguintes frases:

385. a. *è-à-ntù*            *à-kùb-àm-ènè*            *kyàmbòtè*    *mù*    *sàlà*  
 AUM-2-pessoa    IS-preparar-PASS-PERF    MODF    LOC    trabalhar  
 ‘As pessoas estão bem preparadas para trabalharem’.
- b. *è-zúlù*            *dì-káng-àm-ènè*            *kwingi*    *ye*    *mbúngì*.  
 AUM-5céu    IS-fechar-PASS-PERF    MODF    CON    8nevoeiro  
 ‘O céu está muito fechado com o nevoeiro’
- c. *Kyala wà-kálà kibeni yè lùzòlò lwà lóngòkà ndinga za Afilika*.  
 Kyala IS-AUX    MODF    COM    vontade    COM    estudar    língua    de    Africa  
 ‘Kyala está muito interessado em aprender as línguas da África’
- d. *yeto tù-nà kibeni á-syam-is-u*            *mù*    *sàlà*  
 1PL IS-AUX    MODF    IS-encorajar-CAUS-PASS    LOC    trabalhar  
 ‘Nós sentimo-nos muito encorajados a trabalhar’

A organização dos enunciados, na escolha da ordem de itens lexicais, representa uma estratégia discursiva, pois, contrariamente a isso, seriam enunciados agramaticais. No entanto, as frases (385) apresentam os seguintes aspectos semânticos e discursivos:

1. Partindo da semântica discursiva, todas as formas verbais derivadas, independentemente dos modificadores, trazem elementos fóricos remissivos (IS) que, como já explicitamos anteriormente, dão o segundo conhecimento dos temas externos presentes, a saber: em a) *àntù* ‘pessoas’, em b) *zúlù* ‘céu’, em c) *Kyala* e em d) *yètò* ‘nós’. Faz exceção (385c), pois, o tema *Kyala*, que não é retomado nem por um pronome nem por IS, mas, sim, por um zero na forma derivada.

a). *àntù*: O campo semântico de “pessoa” determinado pela forma discursiva em que está inserido refere-se a *criatura humana* que inclui *homens* e *mulheres* como seres morais. Essa criatura humana é o tema, isto é, ela é o objecto da predicação, o objecto comunicativamente estático, o objecto a respeito do qual se fala ou ao qual se faz referência em (385a), reflectido anaforicamente na forma verbal derivada pelo IS. Assim, a forma *àkùbàmènè* ‘estão preparadas’ pressupõe a existência de um agente considerando que a pressuposição decorre do princípio da economia comunicativa na qual muita coisa deixa de ser expressa no discurso, sendo por isso pressuposta. Todas as frases na semi-passiva apresentam essa propriedade.

2. Em todas as frases distinguem-se os modificadores e em algumas os conectivos. Os temos *kyambote* ‘bem’, *kwingi*, *kibeni* ‘muito’ estão modificando os nomes ou participantes em função de sujeito/agente. Os conectivos se acham em (385b) e (385d) Semanticamente a relação que se estabelece entre palavras ligadas por meio do conectivo pode implicar um movimento ou não movimento. Significa que pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante. Os morfemas *yé* ‘com’ e *lwà* ‘de’ não exprimem movimento mas, sim, uma situação observável quanto ao estado do *zúlù* ‘céu’ e o desejo de aprender as línguas africanas registado em Kyala.

Finalmente vamos encerrar essa subcategoria analisando o conto que nos foi fornecido pela Maria Kuvila, aos 15 de Junho 2013:

Texto 13: 1. *e-ma nsesi ye ma ngó ávànga kikundi.*

386. ‘a gazela e o leão fizeram amizade’.

2. *ma nsési wiza dya mfuka kwa ma ngo...*

‘A gazela contraiu dívida ao leão..’

3. *vo unu mfuk’ame kifutamene ko, ibosi katoma kunzaya;*

‘Se hoje a minha dívida não for paga, ele me conhecerá bem’;

4. *vondama kavondama.*

‘estará morto’

As formas verbais sublinhadas no texto encontram-se, porém, na voz semi-passiva, na medida em que não são introduzidas por nenhuma preposição nem abrem a possibilidade de integrar um agente.

Na frase: *vo unu mfuk’ame ki-futamene ko* “se hoje a minha dívida não for paga” o leão focaliza a dívida expressa pelo prefixo *ki-*. Ao passo que a forma *vondama kavondama* ‘será morto’ não exprime o agente, apenas focaliza o paciente.

Mas elas podem ser expandidas com advérbios e adjetivos:

387. a. *vò ùnù [dyákà] mfúk’ame [yántàmà] kì-fút-am-énè kò*  
 se MODF ADJ 9dívida’POSS ADJ 7-pagar-SPASS-PERF NEG  
 ‘Se hoje [mais]a minha [antiga] dívida não for paga’.

b. *[kìlèlèkà] vónd-am-à [kà-tòmà] vónd-am-à*  
 ADV matar-PASS-VF ADV matar-SPASS-VF  
 ‘[Certamente] ele será bem morto’

Essa frase pode ser reestruturada da seguinte maneira.

388. *Kyèlèkà, ùnù vóndàmà kàvóndàmà vó mfúk’amè kifutàmènè kò.*

Lit.:Na verdade, hoje ser morto ele será morto se dívida minha não pagar  
 ‘Certamente, hoje será morto se a minha dívida não for paga’.

No aspecto semântico, a reduplicação verbal deve ser entendida como *ênfase ou uma insistência*. Isso ocorre no plano sintagmático do verbo em que são combinadas duas formas conjugadas prefixando apenas o pronome pessoal na segunda forma conjugada. Essa repetição ou reduplicação verbal por justaposição é significativa em Kizómbò, pois a primeira forma serve para realçar o facto, indicando que a acção expressa pelo verbo principal é caracterizada por uma atitude irreversível. A segunda é o verbo principal que inicia com o pronome anáfora *ka-* que indica o paciente sobre quem a acção recai: *kà-vóndàmà* “ele será morto”

#### 4.2.3. A pseudo-passiva

Essas construções não têm forma activa correspondente e o particípio passado é completamente adjectival. Alíás, para além de não possuírem uma contrapartida activa, elas não têm nenhuma possibilidade de adicionar um agente. Por esta razão, são consideradas como sendo passivas apenas de forma superficial.

389. a. *Dyámbù dî-báng-àm-à dî-nà* (intr.)  
 assunto IS-bang-PASS-a IS-ser  
 ‘O assunto está complicado’

b. *màzà má-tòmènè vúkúswà*  
 água IS-Adj ferver-PASS-FV  
 ‘A água está bem fervida’

c. *é-nzò ntámà yì-bùdìl-ù*  
 AUM-9casa ADV IS-demolir-PASS  
 ‘A casa já foi demolida’

Logicamente, a água a ferver seria simultaneamente activa e passiva. É uma acção que resulta do aquecimento provocado por um agente que não tem controlo da acção nem pode desempenhar explicitamente a função de agente. Isso ocorre igualmente com a primeira frase em que o agente que complicou o problema é indefinido.

Do ponto de vista da semântica discursiva, a construção *pseudo-passiva* distingue-se da passiva agentiva pelo seguinte: se tivermos em conta que uma das principais funções da passiva é a supressão do agente, então, na pseudo-passiva não há agente para rebaixar ou suprimir. Isso quer dizer que, na passiva agentiva, alguém inicia explicitamente a acção que pode ser eliminada ou não, mas na pseudo-passiva não há origem de acção; ninguém sabe quem teria iniciado acção.

#### 4.2.4. A passiva de estado

Ao contrário da voz passiva de processo que descreve acções, a voz passiva do estado é usada para indicar o estado, a situação ou a condição de algo. É deste modo que alguns exemplos podem ocorrer com advérbios.

390. *mwánà bákàmènè kimbèvò [kyàngólò]* (Quiala,2013: 211)  
mu-ana bak-am-ene kimbevo [kyàngólò]  
1-criança apanhar-PASS-PERF 7doença [de força]  
lit: a criança foi apanhada doença de força  
'A criança apanhou uma forte doença' / 'a criança está gravemente doente'

391. *ènlángì wùwùdìlù*  
e-nlangi wu-wudil-u  
AUM-garrafa IS-quebrar-PASS  
'A garrafa quebrou-se'

A análise morfológica da frase (390) indica que *bákàmènè* 'foi apanhada' é passiva de estado cuja forma de base é *bákà* 'apanhar'. Desta feita, a forma derivada que já analisamos atrás, é composta por uma anáfora que remete para o tema *mwánà* 'criança'. Outro aspecto discursivo relevante na frase passiva é que o agente é extremamente não-tópico (suprimido, rebaixado) de tal modo que o paciente é o único argumento tópico na oração (Givón, 2001b:122). No enunciado (391), temos um verbo transitivo directo 'quebrar' que o sujeito neste contexto não tem controle sobre o evento descrito.

#### 4.2.5. As construções "bipassivas"

Na análise do nosso corpus foram encontradas certas construções ainda não discutidas neste trabalho que deliberamos designar *construções de "dupla passiva"* ou simplesmente "*bipassivas*" devida à dupla ocorrência ou repetição do morfema da passiva como sufixos na mesma base verbal derivada. Estas construções que podemos observar no texto abaixo é um estilo linguístico que nos chama atenção, pois, ainda não vemos em Bantu, obras discutindo este tipo de construções que achamos num livro publicado recentemente (2013) por um governante *mùzòmbò*, conhecedor profundo do *Kizòmbò*. Vejamos:

Texto 14: Nzakundomba (2013: 139).

392. 1. *Muna vata, ngatu vo mu yimvuka o muntu a lemvoka, wa ntumami o zolwangwa ye*  
'Na aldeia, ou nos grupos a pessoa mansa, obediente é sempre amada e  
2. *zitiswangwa kwa nkangu ye o yikilwangwa vo muntu a sanswa kia mbote.*  
'é sempre respeitada pelo povo e é sempre considerada uma pessoa bem educada'.  
3. *Muna fulu y'a kwikidi o telelwangwa vo muntu a Nzambi, evo mwan'a Nzambi.*

‘Nos círculos cristãos é sempre chamada homem de Deus, ou filho de Deus’.

4. *O muntu a mpil'e yoyo o zingilanga mu luvuvamu muna fulu kia salu,*  
‘A pessoa deste tipo vive em paz no local de trabalho,
5. *o zolwangwa kwa zi mfumu muna vata ye muna salu kiani.*  
é sempre amada pelos chefes na aldeia e no seu trabalho’.
6. *O ntumami, o solwangwa beni mu simba evo kala mu fulu ya salu yina ya mfunu*  
‘O obediente, é sempre escolhido para estar no posto de trabalho mais honrado.
8. *mpasi vo e salu kienda ku ntwala.*  
*para que o trabalho avance.*
9. *Muna fulu ya salu ya yinvuka nkutu o ntumami o toma solwangwa*  
*Nos locais de trabalho do partido ? o obediente é sempre escolhido facilmente*
10. *muna fulu ya ntetempasi ka kala se mbandu kwa nsadi mia nkaka*  
para os primeiros lugares para que seja modelo para os outros trabalhadores
11. *muna kimvuka kiokio.*  
naquele partido’.

Depois da identificação dos verbos com a repetição da extensão da passiva, importa, porém, analisá-los morfológica e semanticamente para entendermos o seu conteúdo informativo e discursivo. Qual é a razão do uso duplo ou repetição do morfema da passiva na mesma base verbal? A resposta para esta questão fundamentar-se-à na análise que for feita sobre estas formas verbais. Assim podemos considerar:

393. a. *zólwàngwà*  
zol-w-ang-w-a  
amar-PASS-DUR-PASS-VF  
‘Tem sido sempre amado / É sempre amado(a)’
- b. *zítisà→zítìswà → zítì(u)s-w-àng-w-à→zítùswàngwà*  
zitus-w-ang-w-a  
respeitar-PASS-DUR-PASS-VF  
‘Tem sido sempre respeitado/ É sempre respeitado’
- c. *yìkìlwàngwá*  
yik-il-w-ang-w-a  
considerar-APL-PASS-DUR-PASS-VF  
‘Tem sido sempre considerado/ É sempre considerado’.
- d. *télèlwàngwà*  
tel-el-w-ang-w-a  
chamar-APL-PASS-DUR-PASS-VF  
‘Tem sido sempre chamado/ é sempre chamado
- e. *sólwàngwà*  
sol-w-ang-w-a  
escolher-PASS-DUR-PASS-VF  
‘Tem sido sempre escolhido /É sempre escolhido’.

Todas essas frases estão na forma passiva, independentemente de certas coocorrências registadas com as extensões de durativa e applicativa. Em (393b) ocorre um metaplasmo cuja explicação repousa no estabelecimento de alguma lei fonológica.

Em termos discursivos salta-nos à primeira vista a *coerência* demonstrada pelo autor, pois, ele persiste, do princípio ao fim do seu pronunciamento, em usar o mesmo figurino da mesma forma de passiva repetida para todos os verbos que utiliza no texto. A realização da passiva ocorre por meio de um processo morfológico de dupla sufixação. Vejamos a sua ocorrência:

### 1. Sufixação 1

Esta ocorre na base verbal para formar o passivo.

394. a. *zólà* ‘ama’ → *zól-w-à* ‘ser amado(a)’  
 b. *sólà* ‘escolher’ → *sól-w-à* ‘ser escolhido(a)’  
 c. *zítisà* ‘respeitar’ → *zítis-w-à* ‘ser respeitado(a)’

### 2. Sufixação 2

Esta forma da passiva não é comum em Kizómbò. O contexto da sufixação da extensão durativa, isto é, na posição imediata depois do radical do verbo seguida da extensão da passiva, não expressa semanticamente a noção exacta da passiva. É uma forma não atestada da passiva. Por este facto, justifica-se a introdução de um primeiro morfema da passiva junto da raiz verbal para uma plena realização da passiva. É o processo morfológico que ocorre em (395) abaixo.

395. a. *zólà* ‘amar’ → *zól-àng-w-à* (não atestada)  
 b. *sólà* ‘escolher’ → *sol-àng-w-à* (não atestada)  
 c. *zítisà* ‘respeitar’ → *zítis-àng-w-à* (não atestada)

### 3. Dupla Sufixação (repetição)

Existe uma co-ocorrência de dois sufixos na mesma base verbal para formar um infinitivo passivo durativo. A passiva é realizada na pré-final precedendo a durativa que ocorre no radical do verbo. Observando a forma final desta passiva, depreendemos que a forma resultante da combinação das duas passivas tem como forma adjacente a aglutinação das duas anteriores formas. A combinação das duas anteriores formas de cada verbo em (394) e (395), têm como resultado o surgimento das construções ‘bipassivas’ que abaixo visualizamos:

396. a. *zól-w + -àng-* → *zólwàngà/zólwàng-w-à* ‘ser sempre amado(a)’  
 b. *sól-w + -àng-* → *sólwàngà/sólwàng-w-à* ‘ser sempre amado(a)’  
 c. *zítis-w + -àng-* → *zítiswàngà/zítiswàng-w-à* ‘ser sempre respeitado(a)’

Depois deste exercício constata-se que semanticamente não é uma dupla passiva. Temos um aparente e hipotético conflito de posições em (396) e o locutor resolve-o desta maneira introduzindo uma segunda extensão passiva antes da vogal final. Pode ser tida como uma passiva enfática. Em segundo lugar, temos a forma de base *zítisà* da qual derivam a passiva *zítiswà* “ser respeitado” e *zítiswàngwà* que é uma forma que sofre a lei fonológica de assimilação da vogal *-i-* para *-u-* no interior do radical verbal dando espaço à pessoa gramatical. Ora, a presença da extensão da durativa não afecta o sentido, pelo contrário, serve para indicar que as acções descritas pelos verbos têm um aspecto durativo, senão eternas e realizadas por um agente distinto do paciente.

Quanto à derivação *télèlwàngwà*, a sua forma de base é *télà* que significa “chamar, apelidar, designar”. Desta base verbal podemos ter duas formas derivadas para a passiva: *télwà* e *télèlwà*. Portanto, a primeira forma é a passiva e a segunda é a forma do pretérito perfeito passivo cuja forma activa é  $\emptyset$ -*télèlè* “ele chamou”. Portanto, em termos discursivos há um *foco* previamente estabelecido que é o sujeito da frase. Em termos semânticos existe um *beneficiário*.

Do mesmo livro extraímos ainda algumas frases de narrativas cujos verbos trazem uma dupla passiva. Consideremos as seguintes frases e a análise dos verbos na passiva:

397. Texto 15 : Nzakundomba (2013:37).

1. *Mu lumbu kia sompwangw'e longo, muna vata.*

‘No dia em que é dado o alembamento, na aldeia’

a. *somp-w-ang-w-à*

alembar-PASS-DUR-PASS-VF

‘É dado o alembamento /tem sido dado o alembamento’

2. *Ndumba ye toko bavewangwa malongi va meso ma wantu awonsono.*

‘À rapariga e ao rapaz são dados os conselhos diante de toda a gente’.

b. *ba-ve-w-ang-w-a*                      *ma-loni*

2-dar-PASS-DUR-PASS-VF    6-conselho

‘Lhes são dados conselhos/ São aconselhados’

398. Nzakundomba (Ibid. 89)

*Dia wizana, dia sadilwangwa kondwa kwa mpaka ngatu vo bundu.*

‘O que é concordado, é aplicado sem dúvidas nem dissensões’.

*di-a-sad-il-w-ang-w-a*

IS-IO-trabalhar-APL-PASS-DUR-PASS-VF

‘Ele é aplicado’.

Voltando, tanto para o texto inicial na página 208-9, bem como para as frases que acabamos de analisar em (397-398), observa-se que no contexto em que ocorrem essas derivações se vislumbram certos aspectos semânticos e discursivos dignos de realce. Esses aspectos reforçam a razão da repetição da extensão da passiva tendo em atenção a nossa pergunta de partida.

1. Para se referir a uma acção frequentativa e reiterada. Em todas as derivações, a repetição do morfema da passiva é sempre acompanhada da extensão durativa. Trata-se de uma coocorrência. Ela não significa somente que acção é de longa duração mas também será realizada repetidas vezes com um bom ou mau desfecho para os participantes do evento.

2. Focalização/Topicalização: Dar ênfase ao acto. A acção a ser realizada é enaltecida, é enfatizada como sendo de extrema importância senão obrigatória.

3. A dupla presença da extensão da passiva torna o sentido do verbo mais intenso como se da reduplicação se tratasse (que tem esse carácter).

4. Até certo ponto, esta repetição viola o princípio de ordem fixa de extensões (CARP) defendido por Hyman (2003) em termos morfológicos. Aqui a passiva inova a sua ordem diante da durativa.

### **Conclusão sobre o uso semântico-discursivo da passiva em Kizómbò.**

No capítulo anterior apresentamos uma conclusão sobre esta mesma extensão mas do ponto de vista morfológico, sintáctico e semântico. Aqui vamos fazê-lo sob o ponto de vista semântico-discursivo. Ao analisarmos esta extensão constatamos que:

1. O desenvolvimento do texto indica que a voz passiva é o protótipo daquelas sentenças em que o locutor escolhe o paciente como ponto de partida. Psicologicamente o locutor revela uma empatia com o paciente.

2. Em termos pragmáticos, a acção e o paciente constituem o *Foco* do discurso. O paciente recebe toda a atenção do locutor, ele é o centro da informação veiculada pelo emissor. E nisso enaltece igualmente a acção. Em outras palavras, a voz passiva serve para enfatizar mais o paciente do que o agente que pratica a acção. É uma pura focalização.

### **4.3. A diferença entre a passiva e a estativa**

Esta preocupação nasce de uma observação atenta sobre a similaridade aparente existente entre essas duas extensões, especialmente no que a extensão -am- diz respeito.

Fora do seu contexto derivacional, a extensão -am- situa-se no cruzamento entre a estativa e a passiva. Portanto, sem circunlóquios, a maior questão levantada aqui é: Qual é a diferença entre a passiva e a estativa diante da extensão -am-? Para esta questão vamos somente considerar a passiva estativa que está mais próxima da posicional.

1. Na passiva estativa:

a). Grande parte dos critérios da passivização são semânticos e também, todas as funções dos participantes são semânticas. Embora não sejam todos, podemos afirmar que só os verbos transitivos directos admitem a voz passiva. Na transposição, o objecto directo torna-se o sujeito da nova oração (na voz passiva).

b). A presença implícita de agente.

c). O sujeito gramatical sofre a acção expressa pelo verbo.

2. Estativa

a). Os critérios da distinção da *estatividade* são principalmente sintácticos.

b). No aspecto semântico, ela expressa estados de coisas, ao invés de acções.

c). O sujeito encontra-se no estado descrito pelo verbo. Este estado pode ser físico como psicológico. Sendo posicional não existe movimento. É, como disse Schadeberg (2003:76) *the common element of meaning is 'assuming a position' or - when used in a perfective aspect form - 'to be in a position* (cf. cap. 3, secção 3.4.6.).

#### **4.4. A voz média: aspecto semântico e discursivo.**

Quanto à VM, a análise semântica e discursiva vai ocupar-se de dois aspectos: o primeiro, tem a ver com a VM como processo espontâneo e o segundo com a VM e a focalização/topicalização.

##### **4.4.1. A média como processo espontâneo**

No capítulo precedente, abordamos a VM fazendo uma breve análise sintáctica e semântica da sua estrutura argumental. Neste capítulo trouxémo-la de volta para demonstrarmos que do ponto de vista da semântica discursiva e pragmática, a VM é um processo espontâneo que envolve o sujeito que passa por uma interna e física mudança de estado. Já sabemos que o sujeito executa a função semântica de paciente. Mas do ponto de vista semântico, a propriedade fundamental desta categoria verbal é o facto de ela ser conceitualizada por ocorrer sem uma iniciação ou intervenção directa de um agente, diferenciando-se assim da passiva e da reflexiva. Vamos considerar:

399. a. *è-mw-ànà wùt-ùk-ìdì.*  
 AUM-1-criança nascer-VM-PERF  
 ‘A criança nasceu’
- b. *è-mw-ànà mù mpási kà-wùt-ùk-il-à*  
 AUM-1-criança LOC sofrimento IS-nascer-VM-APL-VF  
 ‘A criança nasceu no [interior do] sofrimento’

A forma verbal em (499) deixa esse aspecto mais claro, pois o verdadeiro sentido expresso nesse enunciado está ligado a um evento, cuja aparição dispensa a participação do agente iniciador que neste caso assumiria a função semântica de *causador*. É um processo espontâneo que envolve apenas o paciente. O resto da informação susceptível de preencher as lacunas sobre o nascimento da criança, se acha no contexto histórico do enunciado. Por este facto estamos mais uma vez em presença de uma construção de *foco predicativo*.

Na teoria linguística, o processo espontâneo é tratado de diversas maneiras e recebe nomes como *anticausativo*, *decausativo* e *pseudo-passiva*. Langacker (1991) trata essa questão de forma diferente e interessante, pois, usa a expressão construção absoluta, que é “a construção de uma relação (especialmente uma relação temática conceitualmente autónoma) sem referência a causação ou a energia que a dirige ou a sustenta”. O autor sustenta o seu argumento dando os seguintes exemplos:

400. a. The wind caused the tree to fall  
 b. The tree fell over  
 c. \*The wind caused

Para ele as situações podem ser explicadas em relação ao causador e ao causado, como em (400a), ou então, de modo autónomo, apenas em relação à entidade que sofre uma mudança, tal como em (400b). Pelo facto de não se referir a uma mudança induzida a alguma entidade, a última frase (400c) não faz sentido.

401. a. *è-mw-àná wò, mà-zònò kà-wùt-ùk-ìdì.* (Dereau 1955:221)  
 AUM-1-criança DEM, 6-MODF IS-nascer-VM-PERF  
 ‘Está criança nasceu ontem’
- b. *è-nsi étò yà Kòngò ì-tà tém-òk-à.* (IDereau p.222)  
 AUM-terra POSS CON Kongo IS-AUX abrir-MED-VF  
 ‘O nosso Kongo está em processo de civilização’

As duas frases anteriores mostram que os sujeitos *mwana* ‘criança’ e *nsi étò yà Kongo* ‘nossa terra Kongo’ representam pacientes do processo autónomo que dispensa a intervenção de um agente exterior ou um causador identificado. É um processo

espontâneo no qual o sujeito é passivo mas diferente daquele da passiva -w- ou -u- que implica um agente exterior expresso ou não.

Finalmente, em termos semânticos, o processo espontâneo é médio, *já que a entidade afectada não é somente o **Endpoint**, mas também é conceituado como **Initiator***. Assim sendo, existem duas maneiras de descodificar o evento como espontâneo:

1. Nenhuma entidade saliente está disponível, podendo ser apresentada como iniciador do evento, como no caso de notar que uma maçã está apodrecendo espontaneamente, já que nada pode ser identificado como causador.

2. Aspecto discursivo: Este tem a ver com a presença de uma entidade na cena que pode ser vista como uma causa (causadora), mas há uma opção do falante, e isso é corrente na VM, em não enfatizar o papel da entidade no evento por motivos pragmáticos. A acção é performada sem assinalar a presença de um agente iniciador. A acção é entendida como ocorrendo de forma autónoma.

#### **4.5. A applicativa com adjuntos**

Sabe-se que o sufixo applicativo padrão é aquele que uma vez ligado à base do verbo permite o aumento da valência do verbo para mais um para além daqueles inerentemente seleccionados pelo radical do verbo. Isto significa que esse sufixo tem um efeito transitivo mesmo que seja unido a um radical intransitivo que denota uma acção ou um estado, como no caso de *kósòkà* “sentar”. Pode-se observar, porém, que depois de unir o sufixo -il- ou -el- da voz applicativa à base do verbo *kósòk-à* resulta a forma derivada *kósòk-il-à* ou *kósòk-el-à* que literalmente significa ‘sentar para’. Como se pode ver, *kósòkà* ‘sentar’ é um verbo intransitivo que não admite um complemento directo, mas quando o -il- ou -el- é sufixado à raiz do verbo, ele introduz um novo objecto directo convertendo o verbo em transitivo. No capítulo 3 vimos que o objecto da applicativa executa as funções semânticas de beneficiário, lugar e, por extensão, tempo, causa e razão, bem como aquela de instrumento (Schadeberg (2003:74). Aqui vamos discutir o locativo e o alvo como adjuntos ou complementos da applicativa.

##### **4.5.1. O locativo**

A applicativa em Kizómbò introduz um novo complemento que a princípio é um beneficiário. Mas além do beneficiário estão disponíveis os aplicados locativos e o alvo. O complemento locativo aplicado em Kizómbò comporta-se da mesma maneira como o

beneficiário e é marcado com os prefixos locativos das classes 16, 17 e 18, respectivamente ku-, va- e mu-.

402. a. *è-mbwa yì-víd-il-à mu mfútà*  
 AUM-8cão IS-perder-APL-VF LOC 4selva  
 ‘O cão perdeu-se na selva’

b. *mwana ú-tà lámb-il-à [ ] và ntótò* (Fernando 2008:115)  
 1-child IS-be cook-APPL-ASP LOC floor  
 ‘The child is cooking (the meal) on the floor’  
 ‘A criança está a cozinhar(a comida) no chão’.

Essas frases revelam a relação entre o sujeito e o objecto locativo. O exemplo (402b) sugere que quando o sufixo aplicativo é usado, o complemento directo *màdyà* “comida” do verbo *lámbà* “cozinhar” deve ser omitido sem afectar a gramaticalidade da frase. Também constata-se que o locativo *va ntótò* ‘no chão’ apaga o instrumento que nesse caso é a ‘panela’ que fica implícito. Portanto, a frase (402b) pode ser representada como se segue:

403. *lámb-il-à* “cozinhar para”.  
 (SUJ) (OBJ)  
 ↓ ↓  
 <agente locativo>

Este exercício linguístico espelha o comportamento de verbos aplicativos em Kizómbò, embora o seu sentido possa oferecer dificuldades visto que alguns argumentos ficam implícitos, a exemplo de (402b). Aliás, esse problema foi constatado igualmente por Creissels(2002: 411) quando escreve que *a questão do emprego das formas aplicativos na presença de complementos locativos é particularmente delicada tanto no estabelecimento de restrições sintácticas quanto ao que concerne os efeitos do sentido obtido*. Não obstante isso, o certo é que a voz aplicativo com complemento locativo ou simplesmente aplicativo locacional introduz o lugar. Voltando para o nosso corpus, detectamos as seguintes construções:

404. *wiza vundila diak'e vava wa vava kosokela mu lutayi.*  
 ‘vem repousar mais aqui e procura sentar no(sobre) o ramo’

Vamos analisar os verbos *vúndílà* e *kósòkèlà* soblinhados na frase acima:

a. *ø-vúnd-il-á díàka è-vàvà*  
 IS-repousar-APL-VF mais AUM-LOC  
 ‘(Tu) repousas mais aqui’

- b. *vàv-à kósòk-èl-à mù lù-tàyì*  
 procurar-VF sentar-APL-VF LOC 11-ramo  
 lit: sentar dentro do ramo [da árvore]  
 ‘Procuras sentar no ramo’

O texto espelha exactamente uma situação dialogal na qual o contexto situacional é apontado pela deixis local ou espacial *vàv* ‘aqui’ e pelo locutor da enunciação. Estes elementos permitem-nos estabelecer as coordenadas do contexto do discurso de forma determinante. Assim podemos identificar o produtor do discurso, o ouvinte e o local da seguinte maneira:

2. *vava kosokela mu lutayi*: Literalmente traduz-se ‘procura sentar-tedentro do ramo, no seu interior’. De acordo com o recenseamento que fizemos sobre os prefixos das classes nominais em Kizómbò, o *mu-* é um locativo da classe 18 e significa *dentro, no interior*. Assim sendo, seria agramatical e incoerente dizer-se: *procura sentar-te dentro do ramo da árvore*. Literalmente é contraproducente, mas na prática é compreensível embora o mais aceitável fosse: *vava kosokela va lutayi* ‘procura sentar-te sobre o ramo’, visto que o locativo certo para esta frase é o da classe 16, expressando a noção da superfície e não do espaço interior.

A priori, qualquer verbo em Kizómbò pode ser construído com um complemento locativo que representa um quadro geral no interior do qual se desenrola o evento. Em construções desse tipo, o agente é, em alguns casos, topicalizado com o prefixo verbal que é entendido como uma remissão anafórica. Vamos aos exemplos olhando primeiro para os seguintes textos em que analisaremos algumas partes:

Texto 16: Mbemba, 09/02/2014.

405. 1. *konso diambu difwete talwa kuna belo*,  
 ‘qualquer problema a ser resolvido no quintal,  
 2. *difwete lwakila va «moko mani» ntete*  
 deve chegar primeiro nas suas mãos’  
 3. *bosi disinga talwa kwa nkangu wuzingilanga kuna belo*  
 ‘e depois que será resolvido pela povo que vive no quintal’

Vamos ainda analisar os trechos sublinhados:

406. a. *di-fwete ø-lwak-il-a va mo-oko mani*.  
 IS-dever IS-chegar-APL-VF LOC 4-mão POSS  
 ‘deve chegar nas suas mãos’.  
 b. *nkangu wu-zing-il-ang-a kuna belo*.  
 1-povo IS-viver-APL-DUR-VF LOC 8quintal  
 ‘povo que vive no quintal’.

Na primeira frase constata-se que o sujeito/tópico é um pronome prefixo *di-* de um verbomodal que deixa o verbo principal com prefixo zero. Trata-se de anáfora que remete à primeira informação relativa ao *díambù* ‘problema’, enquanto que na segunda frase, o prefixo *wu-* é o sujeito/tópico que foricamente remete ao nome *nkángù* ‘povo’ junto do verbo aplicativo *zingila* que semanticamente quer dizer “viver para”.

407. *Yándi.... nw-ìn-inì.....[....] mu mbàsà*  
 3SG beber-APL-PERF LOC 5copo.  
 lit.: ele bebeu no interior do copo.  
 ‘Ele bebeu[café] no copo’

A interpretação da frase (407) pode oferecer alguma dificuldade visto que o locativo é entendido como um espaço no interior do qual a acção é desenvolvida. Nela está implícito o argumento paciente que nesse caso seria o “café” ou o “chá”. Literalmente, o sentido seria ‘ele bebeu no copo para’ ou ‘ele está bebendo dentro do copo’.

408. a. *Masaki.....wú-zíng-áng-à.....kùnà.....p<sup>h</sup>ùtù.*  
 Masaki.....IS-viver-APL-DUR-VF ..LOC.....Europa  
 ‘Masaki vive na Europa’
- b. *Masaki wù-zìng-il-àng-à kùnà Mp<sup>h</sup>ùtù.*  
 Masaki IS-viver-APL-DUR-VF LOC Europa  
 ‘Masaki vive na Europa’

Em termos semânticos as duas frases em (408) não diferem no seu sentido. Mas ao nível do discurso elas podem diferenciar-se dependendo das condições com que as duas frases forem pronunciadas. Os locutores de Kizómbò sabem que existe uma diferença subtil. Na primeira, sabem que *Masaki* viva na Europa e está lá até ao momento da enunciação, mas na segunda, embora *Masaki* viva na Europa pode neste momento não estar na Europa. O contexto de produção do enunciado impõe-se, pois. é ele que vai determinar a verdadeira informação. A primeira pode ser tida como uma *informação velha* e a segunda como uma *informação nova*.

Se tivermos em conta que a aplicativo é uma extensão que aumenta a valência e consequentemente determina as funções dos participantes, a adição do argumento nominal não significa que este deve ser necessariamente um objecto directo. Contudo, tem sido demonstrado que os adjuntos locativos estão relacionados com o objecto indirecto quando se trata do comportamento morfossintáctico. Por isso, a extensão aplicativo deve ser usada em combinação com os adjuntos locativos para que haja distinção entre o sentido posicional e o sentido direcciona (Fleisch 2000:125-124).

Todavia, o sentido posicional tem a ver com o habitual que exprime o local onde algo acontece regularmente, e.g. *lám빌à mu nzúngù* “cozinhar na panela”, *zínghìlà mu vátà* “viver na aldeia”, *kósòkèla va kundà* “sentar na cadeira”, enquanto que o sentido direccional têm a ver com a direcção ou sentido no qual algo se move. O instrumento significa, especificamente os meios de transporte e comunicação como parte de locativos.

### 1. Direccional

Os verbos que significam um deslocamento ou um movimento (*kwéndà ir*, *kwísà vir*, *támбилà passear*, *díkùmùkà correr*, *dyátà andar*, etc) têm implicação com respeito o local e a trajectória e por esta razão, oferecem a possibilidade de serem construídos com um complemento locativo ao qual atribuem o papel semântico da *origem* do deslocamento e o seu *destino*. Recordamos que a direcção é indicada com a deixis direccional *kùnà* da classe 17 já acima abordada.

Vamos conferir alguns exemplos:

409. a. *kù-nà ntándù kà-víok-il-à Malenga kù mbóngì*  
 17-ASSOC cima IS-passar-APL-VF Malenga LOC 9vila  
 lit: lá em cima ele irá passar por Malenga à vila:  
 ‘Ele irá passar lá em cima por Malenga em direcção à vila’
- b. *mw-ànà wù-tìn-in-à kù-nà sé*  
 1-filho IS-fugir-APL-VF 17-ASSOC 5pai  
 ‘O filho fugiu em direcção ao pai’

### 2. Instrumental

Já explicamos que o instrumento tem a ver com os meios de transporte e meios de comunicação que fazem parte de locativos. Vejamos:

410. a. *Mbengi wù-nát-in-à má-dyà mù kàlù.*  
 Mbengi IS-levar-APL-VF 6-comida LOC 5carro  
 ‘O Mbengi vai levar a comida de carro’
- b. *Awù à-vóv-il-à mù ladì*  
 3PL IS-falar-APL-VF LOC radio  
 ‘Eles falam na rádio’
- c. *Mù mvélò á-kwénd-il-a kù mbóngì*  
 LOC bicicleta IS-ir-APL-VF LOC 9cidade  
 ‘Eles irão de bicicleta à cidade’

Como podemos observar, diante de complementos locativos, as formas verbais aplicativas, como estas, são delicadas quanto às suas restrições sintácticas e quanto à sua

semântica. Em Kizómbò elas são mesmo aplicativas, mas os efeitos do sentido obtido é diferente.

#### 4.5.2. O alvo

O alvo tem o estatuto de argumento da aplicativa com padrões similares aos de locativos onde o argumento aplicado internaliza-se e, conseqüentemente, exhibe propriedades do objecto directo, oblíquo e tópico. Falar do alvo da aplicativa não dispensa o locativo. Ambos podem estar presentes na estrutura de argumentos assumindo cada um a sua função. O alvo pode aparecer em diferentes posições na estrutura argumental:

##### 1. Alvo como objecto directo

411. a. *Awù a-kósùk-il-à má-mbù vànà ntì.*  
 3pl IS-sentar-APL-VF 6-problemas LOC 3árvore  
 lit.: eles estão sentados para os problemas sobre a árvore  
 ‘Eles estão sentados na árvore para resolverem os problemas’
- b. *è-tátà wù-kùn-in-à è-màmà ngúbà*  
 AUM-pai plantar-APL-VF AUM-mãe 8amendoim  
 lit: o pai ele plantou para a mãe amendoim  
 ‘O pai plantou amendoim para a mãe’

##### 2. Alvo como oblíquo

412. a. *Kyaku ù-tà fíd-il-à Nsímbà nkándà*  
 Kyaku IS-AUX IS-enviar-APL-VF Nsimba 3carta  
 lit: Kyaku está enviando para Nsimba carta  
 ‘Kyaku está enviar carta à Nsimba’
- c. *yándi ùtàkwénd-ìl-à ànà kù vátà*  
 3SG IS-AUX ir-APL-VF crianças LOC 3aldeia  
 Lit.: Ele está indo à aldeia para as crianças.  
 ‘Ele vai buscar as crianças na aldeia’

##### 1. Alvo topicalizado

413. a. *Makuma ngáfù ke-èti màt-ín-à mù ntì.*  
 Makuma 9goiabas TOP-AUX subir-APL-VF LOC árvore  
 lit. Makuma, goiabas está subir por no interior da árvore.  
 ‘Makuma está subir por goiabas na goiabeira’
- b. *yándi kàfì kà-nw-ìn-inì mu mbásà*  
 3SG café IS-beber-APL-PERF LOC 5copo.  
 lit: ele café tomou por no copo  
 ‘Ele tomou o café no copo’

Em (413a) o tópico *ngáfù* ‘goiaba’ é o alvo da applicativa enquanto que o locativo é representado pelo morfema locativo *mu ntí* ‘na árvore’. Na frase (413b) colocamos a seguinte questão: bebeu por quem ou a favor de quem? Obviamente o beneficiário não seria outro senão a entidade que *bebeu para si mesma, a favor de si mesma*. Em frases como esta, quando não há beneficiário, o alvo é o locativo. No nosso entender, aqui temos uma *auto applicativa*. Em termos semânticos, esse tipo de construção significa que o sujeito está mais próximo do objecto. Todavia, em (413b), o seu complemento locativo é um inanimado “no copo”. Ora, quando a applicativa locativa está acompanhada de um inanimado, a exemplo desta frase, ela traduz simplesmente um instrumento, diferentemente das outras cujos beneficiários são seres animados a favor dos quais as acções são realizadas. Este é um complemento locativo não comum e isto está em consonância com aquilo que Creissels (2002:411) escreveu:

*Dans ce cas, l'explication du caractere obligatoire de la dérivation applicative en présence d'un locatif est probablement que le rôle du locatif n'est pas de représenter le cadre dans lequel se déroule l'événement, mais plutôt un des éléments de l'événement en question, dont le rôle s'apparente à celui d'instrument.*

#### **4.6. A causativa: Aspecto semântico e discursivo**

Parece ser simples, mas a causativa é uma estrutura que pode oferecer alguma dificuldade no seu entendimento. O morfema causativo *-is-* em Kizómbò é uma expressão linguística que incorpora na sua natureza semântica dois eventos: o primeiro tem a ver com o evento da causação no qual está implicado o causador agente do predicado da causa cuja participação no evento pode ser directa ou indirecta. O segundo tem a ver com o evento causado no qual se regista a intervenção do causado, o agente indeterminado do evento. Segundo Camargos, Manuel e Mandavele (2014:2), *o processo da causativização é, na verdade, um epifenómeno que envolve duas micro-situações, a saber a causa e o efeito dessa causa*. O causador estimula um participante implícito no SV que se torna o agente directo do evento e que nós entendemos ser o primeiro paciente do evento da causação. Por outras palavras, a causativa expressa uma acção que afecta uma pessoa ou um objecto e que é realizada por uma terceira pessoa. Assim, as propriedades semânticas dos verbos causativos ditam um conteúdo informativo que tem a ver com a noção de *convencer, impelir, provocar, estimular ou obrigar alguém a fazer algo*. Vejamos o exemplo do verbo *vángà* ‘fazer’

414. a. *vángà* ‘fazer’  
b. *váng-ìs-à* ‘mandar fazer’

Neste exemplo, o carácter causativo é expresso pelo conhecido morfema *-ìs-* que codifica *vángà* donde resulta *vángìsà*. Porém, a causativização expressa o sentido de causalidade e adiciona um novo elemento que é um agente causador na estrutura argumental do verbo. O entendimento, tanto semântico como discursivo, revela que a acção é feita por uma terceira pessoa, um agente indeterminado que executa a acção cujo resultado pode estar a favor ou desfavor do alvo. Também salta-nos à vista o facto de a causativização ser uma noção abstracta na qual a ocorrência de um evento resulta na realização de um outro evento. Desta feita, a sua hierarquia pode ser assim caracterizada: (1) evento da causação, (2) evento causado, (3) participante causador e (4) participante causado. Mas importa salientar que é realmente difícil estabelecer limites entre os eventos, nem o modo como um evento causa o outro.

#### **4.7. A reciprocidade reflexivizada**

Hoje em dia é comum ouvir os falantes do Kikongo expressando a reciprocidade com o prefixo da reflexiva */-ki-/*. Schadeberg (2003:76) faz uma referência a este fenómeno sem dar mais detalhes ao afirmar: *In most languages of Angola (zones H,K,R) de reciprocal use of \*-an-, is more or less obsolete, its function has been taken over by the reflexive object concord*. Isso significa que a maior parte das línguas Bantu de Angola está afectada por esse fenómeno linguístico. Além das línguas de Angola, Schadeberg faz a mesma constatação para o Mongo (C61) sem esclarecer a razão desse fenómeno. Assim sendo, as perguntas continuam de pé: Qual é a razão do uso deste morfema para recíproco? Haverá uma causa sociolinguística devida ao contacto e evolução das línguas? Quem influenciou quem? No caso de Angola, haverá uma conexão entre as línguas nacionais e o Português pelo seu passado histórico? Não é fácil dar uma resposta plausível sobre essas questões, tendo em conta a dimensão das zonas afectadas. De qualquer modo, essas e outras questões guiarão a nossa discussão numa primeira tentativa visando buscar uma resposta que possa satisfazer-nos.

Entretanto, o contacto entre as línguas cria fenómenos linguísticos que podem receber certos nomes como *bilinguismo e bidialectalismo*. Longe de entrarmos em terreno alheio, importa salientar que nesta secção seremos tentados a usar estes termos e sobretudo o *bilinguismo* que deve ser visto a partir de um fenómeno multidimensional,

uma capacidade humana muito comum e que se refere à capacidade de fazer uso de mais de uma língua. Assim sendo, o nosso exercício iniciar-se-à primeiramente com a revisão senão recapitulação das vozes reflexa e recíproca nas três maiores línguas nacionais do país, (Kikongo, Kimbundu e Umbundu) como um primeiro passo visando responder às perguntas acima colocadas.

#### 4.7.1. Recapitulação das vozes recíproca e reflexiva canónicas em Kizómbò

Até recentemente, o estudo das extensões verbais neste dialecto demonstrou que a voz recíproca é expressa com os morfemas *-an-*, *-asan-*, com variantes contextuais em *-asyan-*, que são sufixos colocados entre o radical verbal e a vogal final. Uma sentença típica da recíproca exprime a noção na qual dois participantes agem de forma igual um sobre o outro. Entretanto, ambos são, de forma igual, agente e paciente. Consideremos o enunciado dos nossos informantes:

415. a. *Awù à-vónd-àsan-a ye safù ki-vw-ídì.* (Kuvila, 20/05/2013)  
 3PLIS-matar-RECIP-VF CON conto 7-findar-PERF  
 ‘Eles mataram-se um do outro e o conto findou’

b. *kù-kì-mwén-à nkéndà* (Kyala, 23/03/2013)  
 IS-REFL-sentir-VF pena  
 ‘Sentir pena de si mesmo’

O esquema desta frase em Kizómbòé: N1 e N2 *-an-VF* → N1 V N2 / N2 V N1.

O que aqui denominamos *reciprocidade reflexivizada* é um novo aspecto do discursivo em Kizómbò que por um lado decorre do dinamismo da própria língua e hipoteticamente do contacto desta com as outras línguas no país (Kimbundu, Umbundu, Cokwe, etc) e por outro lado do contacto do Kizómbò com as línguasvizinhas dos Congos com os quais partilhamos longas fronteiras com intensas trocas comerciais. O discurso apresenta uma face reflexiva mas o conteúdo semântico é realmente recíproco sobretudo quando o sujeito é plural, o que podemos visualizar no texto que se segue:

416. 1. *vàvâ à-lwák-à a-ki-kays-a ntétè,*  
 quando IS-chegar-VF IS-REFL-saudar-VF primeiro  
 ‘Quando chegaram, primeiro saudaram-se,

2. *ibòsi à-yántik-a tál-à nsamu*  
 depois 3PL-iniciar-VF olhar-VF problema  
 ‘depois iniciaram a resolver o problema’

Neste trecho, temos a forma *a-ki-kays-a* que é reflexiva. Mas prestando atenção ao contexto em que ocorre, depreende-se facilmente que se trata de uma acção recíproca. O prefixo pronominal *a-* dos dois verbos é um pronome pessoal da terceira

pessoa do plural, isto é, *eles*. Refere-se aos actantes do evento descrevendo-os agindo de forma recíproca. É o que a tradução em Português atesta: “eles saudaram-se”. Portanto, nós notamos um emprego relativamente frequente destas construções recíprocas-reflexas que se pode considerar como uma nova estratégia consciente ou inconsciente dos falantes, do ponto de vista discursivo. A consequência que daqui resulta é o desaparecimento paulatino do morfema *-an-* substituindo-o pelo morfema *ki-* para exprimir o acto recíproco. No capítulo anterior ressaltamos este mesmo facto mostrando que o Kizómbò é vulnerável a influências, não só dos dialectos vizinhos e do Português, mas também das línguas das línguas vizinhas como o Francês e o Lingala devido a sua aproximação com a RDC com quem partilha uma longa fronteira e trocas comerciais. Aliás, naquela zona, a linha da fronteira entre os dois países é apenas uma questão jurídica mas na prática o povo é o mesmo; todos são Bakongo, têm os mesmos hábitos e costumes, falam a mesma língua diferenciando-se no uso de dialectos, enfim, têm a mesma cultura. Este facto foi observado no nosso trabalho do campo, a partir das nossas entrevistas e das discussões que tivemos com os nossos informantes sobre a voz reflexiva e recíproca. Às questões como, *O Luvumbu r a Kisita beijaram-se, Eles abraçaram-se*, etc, que vamos aqui reanalisar, as suas respostas foram as seguintes:

Mbemba 22/03/2013 e Kyala 23/03/2013.

417. 1. O Luvumbu e a Kisita beijaram-se.  
 a) beijaram-se: *à-fíb-àn-ènè* (recíproca)  
 b) beijaram-se: *à-yì-fíbìdì* (reflexa-recíproca)  
 c) beijaram-se: *à-ki-fíbìdì* (reflexa-recíproca)
418. 2. Eles abraçaram-se  
 a) abraçaram-se: *à-yì-káyìsì* (reflexa-recíproca)  
 b) abraçaram-se: *à-kì-káyìsì* (reflexa-recíproca)  
 c. abraçar-se: *kikàyìsyanà* (reflexiva recíproca)
419. 3. Nós combatemo-nos sem causa  
 a) combatemo-nos: *tù-kì-nwán-ìs-ì* (reflexa ou recíproca? )

Observando atentamente estes exemplos, a distinção entre as duas vozes fica condicionada ao aspecto semântico e discursivo do contexto linguístico, social e histórico em que se encontra o Kizómbò. Com excepção de (417a), as demais análises demonstram isso:

1. Em (417b) e (418a) existe uma forte influência dos dialectos vizinhos, Kisikongo e Kisolongo (Cf. Ndomga, 1995:351). Carter e Makoondekwa (1987:87) defendem que o infixo reflexivo é *-ki-* ou no infinitivo *-yi-* comporta-se como outros

infixos de objectos: *yakisumbila* ‘that I may buy for myself’, *yakilaambilamo* ‘that I may cook them for myself’; *kuyivaangilá* ‘to do for myself’. Dizer que o infixo -yi- é do infinitivo, não nos convence, observando o que acontece em (417b) e (419a).

2. Nas frases (417c) e (418b) regista-se o indício de uma hipotética influência das outras línguas nacionais acima mencionadas.

3. Na frase (419) o emprego do pronome pessoal *tu-* “nós”, que é semanticamente inclusivo e deixa a questão em aberto, pois, olhando para os exemplos anteriores, este pronome permite-nos emitir reservas quanto ao sentido do enunciado se o contexto social e histórico for desconhecido. Não está claro se é uma auto acção do agente colectivo, isto é, uma acção do agente contra si mesmo ou se é uma acção entre entidades distintas. Por este facto, só o contexto pode-nos permitir determinar o seu real sentido. Portanto, de qualquer modo, a frase (419) refere-se ao contexto histórico de Angola, o seu passado recente de guerra. No contexto do uso ou dialógico, o pronome *tu-* “nós” e “nos”, refere-se implicitamente aos angolanos incluindo o próprio autor. Logo, é inclusivo.

4. Finalmente em (418c) surge o que nós pessoalmente consideramos a segunda grande novidade do ponto de vista morfológico: abraçar-se: *kikayisyana*. Aqui o falante resolve manter os dois morfemas, viz. reflexivo e recíproco mas para expressar o acto recíproco. Essa combinação é aceitável e o seu escopo é exprimir verdadeiramente o recíproco.

420. *kì-kayis-syàn-à*  
REFL-abraçar-RECIP-IMPERF  
a si mesmos-abraçar-um ao outro  
‘abraçar-se a si mesmos um ao outro’

Do ponto de vista morfossemântico, os dois morfemas, viz. reflexiva e recíproco, completam-se. O sentido é recíproco e a reflexiva está a apoiá-lo ou reforçá-lo.

Vamos conferir a expressão da reflexiva e recíproca em Kimbundu e Umbudu antes de concluirmos esta secção:

Um olhar atento sobre as extensões verbais em Kimbundu, Chatelain (1888-89: 81) atesta que o pronome reflexo e recíproco **ri-** é invariável e serve para todas as pessoas do singular e do plural. Para expressar mais claramente a ideia de reciprocidade, pode-se acrescentar ao verbo reflexo e recíproco, *murietu*, *murienu* “uns aos outros”. Vejamos:

**1. A reflexiva e a recíproca em Kimbundu (H.21):** N1 ri- V (Chatelain 1888-89:89)

421. a. *etu tu-ri-zola* “nós amamo-nos”  
b. *etu tua-ri-zola* “nós amamo-nos (murietu) uns aos outros”

Entretanto, como se pode observar, tanto pela sua posição como pela sua função, o morfo *ri-* é um pronome objecto infixado. Não existe um sufixo para a recíproca.

Vamos igualmente conferir a reflexiva em Umbundu:

**2. A reflexiva e a recíproca em Umbundu (R.11)** (Hungulo, 12.02.2016)

A língua Umbundu utiliza a reflexiva e a recíproca prefixando o pronome reflexivo *li-* ao radical verbal simples. e.g. *-teta* ‘cortar’ e *-ipa*, *-paya* e *-ponda* ‘matar’

**1. A reflexiva : N1 e N2 li- V**

422. a. *oku-li-teta* ‘cortar-se’  
b. *etu tu-li-teta* ‘nós cortamo-nos’  
c. *wa-li-ipa / wa-li-paya / wa-li-ponda* ‘ele matou-se’

**2. A recíproca : N1 e N2 li- V**

423. a. *va-li-sipula* ‘eles beijaram-se’ (um ao outro)  
b. *tua-li-lama* ‘nós saudamo-nos’ (um ao outro, mutuamente)  
c. *tu-li-imbala* ‘abraçamo-nos (um ao outro)

O Umbundu não oferece nenhuma dúvida. Evidentemente, tanto a reflexiva como a recíproca servem-se do mesmo prefixo *li-*. Não existe um sufixo para a recíproca.

**3. A reflexiva e a recíproca em Kizómbò:**

**1. Reflexiva : N1 ki- V**

A forma *ki-zólà* “amar-se”, serve para todas as pessoas do singular e do plural, tanto para reflexiva como para recíproca. Para marcar a acção recíproca, torna-se conveniente acrescentar-lhes ou um sujeito grupal ou uma expressão pronominal representada por *yeto ye yeto* “um ao outro, uns aos outros, entre si” tal como diz Chatelain para o Kimbundu.

424. a. *kù-kì-zólà*.....”amar-se a si mesmo”  
b. *yètù tù-ki-zólà*....”nós amamo-nos um ao outro”  
c. *yètù tù-ki-zólà yeto ye yeto*..”nós amamo-nos uns aos outros”

Quanto ao aspecto semântico, a reflexiva em Kizómbò tem o mesmo sentido que tem a reflexiva em Kimbundu e em Umbundu.

### 2. *Recíproca canónica em Kizómbò: -an-, -asana*

N1 e N2 RV *-an-*, *-asan-*, *-asyan-*, *-azyan-* VF ou

N1 e N2 RV-an-VF → N1 V N2 / N2 V N1. (Cf. 392 supra)

A semântica da recíproca canónica em Kizómbò não difere também daquela da recíproca em Kimbundu e Umbundu. Nota-se que o Umbundu utiliza um único morfema, tanto para a recíproca como para reflexiva.

### 3. *Nova recíproca em Kizómbò: N1 e N2 ki- V*

Hipoteticamente, o contacto entre as línguas africanas no país e talvez destas com as línguas europeias mais próximas (Português e Francês) tenha aberto a possibilidade de surgimento de uma nova forma de reflexa recíproca que até então só conhecíamos na língua portuguesa como conjugação pronominal reflexa: e.g. “saudaram-se”. As análises acima feitas mostram que no Kimbundu, Kizómbò e Umbundu temos um só elemento nominal, uma extensão geográfica do Sul ao Norte. A verdade é uma. Essas noções estão mais próximas e por isso as questões colocadas na introdução continuam abertas. É difícil responder quem influenciou quem? Embora não ser nossa preocupação, essa forma de exprimir a recíproca nas línguas angolanas afecta a norma culta do Português, pois, ouvimos pessoas a exprimirem-se assim: *tùkìmwénè* ‘se vimos’, *tùkìkáyìsì* ‘se saudamos’, *tùkìyàmbìdì* ‘se abraçamos’, *tùkìsàdìsì* ‘se ajudamos’ etc. O surgimento da voz reflexiva recíproca em Kizómbò coloca em desuso a recíproca histórica. Mas isso não significa que a extensão *-an-* da recíproca já não seja usada. Ela existe ainda e é usada distintamente dentro desta confusão por aqueles que, digamos, são renitentes às influências externas. Um deles foi o nosso informante Mbemba de quem recebemos bons e valiosos subsídios sobre esta discussão. Portanto, a extensão recíproca é ainda produtiva em Kizómbò.

#### 4.8. **Especificação semântica-discursiva dos sufixos iterativo, reiterativo e durativo**

No capítulo precedente fizemos referência ao caso pouco claro que envolve a semântica dos termos iterativo, reiterativo e durativo. De forma breve voltamos ao mesmo caso olhando para os aspectos semânticos e discursivos das três extensões.

O Kizómbò é uma daquelas línguas que faz uma distinção perfeita entre um acto iterativo e um acto reiterativo. Para o acto iterativo usa-se a extensão *-ulul-* e depois de uma nasal *-unun-*, para a durativa ou habitativa *-ang-* e para frequentativa ou reiterativa *-uzun-* e outras similares frases verbais do tipo *nangina vóvâ* ‘estar sempre a falar’, *vóvâ kâkâ* ‘estar sempre a falar’, etc. Para que a diferença entre essas extensões

seja visível somos impelidos a retomá-las sem que para tal entremos na sua análise morfológica.

### 1. Iterativa

Na análise do aspecto semântico, a iterativa em Kizómbò refere-se a um evento que ocorre pela segunda vez, apagando ou desfazendo o primeiro. Em termos da semântica discursiva, o acto iterativo em Kizómbò só deve ocorrer como repetição do mesmo acto, mas anulando o primeiro por razões óbvias que só o contexto pode determinar. Na sua essência a iterativa é um caso de reduplicação da extensão *-ul-* da reversiva conforme já vimos no capítulo precedente (cf. Laman, 1936:LVI). Vejamos:

425.	<i>kámbà</i>	‘dizer’	<i>kámbùlùlà</i>	‘redizer’
	<i>tángà</i>	‘ler’	<i>tángùlùlà</i>	‘reler’
	<i>tálà</i>	‘olhar’	<i>tálùlùlà</i>	‘re-olhar’
	<i>téndà</i>	‘rasgar’	<i>téndùlùlà</i>	‘re-rasgar’
	<i>sónà</i>	‘escrever’	<i>sónùnùnà</i>	‘reescrever’
	<i>kúnà</i>	‘plantar’	<i>kúnùnùnà</i>	‘replantar’
	<i>kézùnà</i>	‘quebrar’	<i>kézununa</i>	‘requebrar’

### 2. Reiterativa

Em Kizómbò, a reiterativa é expressa numa combinação de extensões *-ulul-* da iterativa com a sílaba *-zu-* em que o *-ul-* adjacente à inversiva é assimilado, resultando em *-uzul-*. Assim sendo, em termos da semântica pragmática a re-iterativa é entendida como a realização de um acto que já se fez uma ou mais vezes. Expressar ou fazer algo outra vez ou repetidas vezes (repetir muitas vezes). (cf. Laman 1936:LVI). Vamos retomar alguns dos exemplos dados na iterativa para a reiterativa:

426.	<i>kámbà</i>	‘dizer’	<i>kámbùzùlà</i>	‘repetir muitas vezes’
	<i>tángà</i>	‘ler’	<i>tángùzùlà</i>	‘ler muitas vezes’
	<i>tálà</i>	‘olhar’	<i>tálùzùlà</i>	‘olhar muitas vezes’
	<i>téndà</i>	‘rasgar’	<i>ténduzula</i>	‘rasgar em muitos trapos’
	<i>kézùnà</i>	‘quebrar’	<i>kézùzùna</i>	‘quebrar em muitos pedacinhos’
	<i>zégà</i>	‘cortar’	<i>zégùzùna</i>	‘cortar em muitos pedaços’

### 3. Durativa

Os bantuístas notificam que em termos semânticos, o sufixo *-ang-* também atestado como *-ag-* ou *-ak-*, expressa vários sentidos imperfectivos, tais como iterativo, contínuo, habitual, frequentativo, repetitivo, intensivo e durativo, na categoria tempo-aspecto (Sebasoni 1967:134, Nurse 2008:138, Schadeberg 2003:72). Entretanto, em contraste com a reiterativa, a durativa reforça cada vez mais o sentido da primeira:

427.a. *dyà* ‘comer’      *-dyàngà*: vários aspectos de comer.

Dizer que a forma *dyàngà* incorpora vários aspectos de comer e por este razão é um facto da semântica pragmática. Ora, dependendo do contexto e sendo falante do Kizómbò, *dýàngà* é, à primeira vista, um imperfectivo no presente e no futuro. Destemodo, desprovida de qualquer prefixo, *-dýàngà* exhibe o aspecto inceptivo e contínuo: *começare continuar a comer*; o aspecto cursivo ou progressivo: *vai comendo* e o aspecto hortativo/exortativo *deves comer*. Se algum prefixo lhe for adicionado, evidentemente o acto já pode ser visto como tendo aspecto do passado podendo findar lá ou então estender-se ao presente com a possibilidade de persistir no futuro. A partir daqui torna-se hábito durativo.

428. *ká-dý-àng-à*  
IS-comer-DUR-VF  
‘Ele come sempre’

Como se pode reparar, o prefixo *ka-* é um índice do sujeito que remete anaforicamente a um participante algueres no contexto que possui o hábito de comer algo de forma frequente como se pode ver em (429):

429. *è-ngúlù*      *má-dyòkò*      *ká-dý-àng-à*  
AUM-9porco      6-mandioca      IS-comer-DUR-VF  
‘Habitualmente o porco come sempre mandioca’

Entretanto, o acto de comer mandioca na vida do porco começou no passado, está contiunando no presente e será sempre assim no futuro.

No entanto, baseando-nos na semântica pragmática, quando a durativa coocorre com a iterativa transforma-se logicamente em reiterativa não sequencial mas com alguns intervalos de tempo que podem ser breves ou longos dependendo das circunstâncias.

430. *tál-ùlùl-àng-à*  
olhar-ITER-DUR-VF  
‘Olhar e voltar a olhar sempre’ (sempre que necessário)

Mas quando a reiterativa coocorre com a durativa permanece reiterativa durativa ou frequentativa e intensiva. Vejamos:

431. *tál-ùzùl-àng-à*  
olhar-REIT-DUR-VF  
‘Olhar permanentemente’ (vigiar, controlar atentamente)

Em (431) a combinação da reiterativa com a durativa traz à luz uma nova semântica do verbo, deixando de ser um mero acto reiterativo para um acto intensivo cujo sentido real é *vigiar, controlar, cuidar sem cessar*.

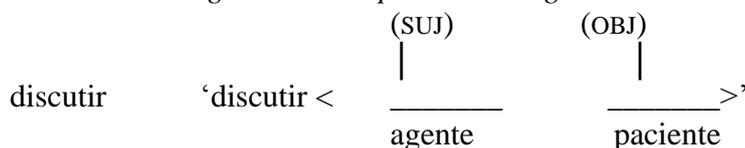
#### **4.9. Ordenamento das extensões e seu valor semântico e discursivo.**

Nesta secção discutiremos de forma breve, as co-ocorrências e o ordenamento das extensões (no máximo duas) envolvidas nas operações que aumentam e diminuem a valência com o intuito de examinarmos a sua sequência na base verbal e o seu sentido obtido. Será uma breve discussão, visto que o tratamento das combinações de extensões verbais é uma matéria muito vasta que requer tempo e alíás, só elas por si só têm constituído uma matéria da elaboração de dissertações ou partes significativas de trabalhos científicos(e.g. tese do doutoramento de Zacharia 2017 e monografia de licenciatura de Da Câmara 2014). De resto, este é um tema que monopoliza a atenção dos bantuistas (cf. Hyman 2003, Baker 1985a, Bresnan e Moshi 1993, só para citar estes). Em todos os seus trabalhos, a primeira preocupação consiste em esclarecer a indagação, segundo a qual, em que domínio da linguística deveria ser tratada a questão de ordenamento dos sufixos nas línguas Bantu? As tendências divergem havendo propostas de que esta é uma matéria da semântica (Bybee 1985), outros acham que é da sintaxe (Baker 1985a) e ainda outros defendem que é do domínio da morfologia (Hyman & Mchombo 1992, Bresnan & Moshi 1993, Alsina & Mchombo 1993). Mas recentemente Hyman (2003) propôs definitivamente que seja tratada combinando as três esferas da linguística.

A segunda preocupação tem a ver com os efeitos das combinações de sufixos nos verbos em que ocorrem. Enfim, Hyman (2003) inclina-se para o Princípio de Espelho (Mirror Principle - MP) afirmando que a derivação morfológica deve reflectir a derivação sintáctica. Para Baker (1985) que propõe o domínio da sintaxe, argumenta que a ordem das extensões reflecte a ordem correspondente das derivações sintácticas, ao passo que a perspectiva semântica acha que a ordem dos sufixos é determinada pela abrangência e função semântica de cada sufixo. No seio de todas essas tendências, o consensual é que no ordenamento desses morfemas os afixos com maior escopo para a acção do radical do verbo ficarão mais perto dele. Portanto, a nossa discussão sobre as ampliações ou extensões combinadas subscreve-se à última, sem descurar as demais, tendo em conta que neste capítulo estamos a discutir os aspectos semânticos e discursivos. Obviamente às teorias da semântica gramatical e discursiva ou pragmática que temos vindo a usar, associaremos a abordagem de mapeamento de argumentos, precisamente as abordagens lexicais para o mapeamento formalizadas no seio da Teoria da Gramática Léxico-Funcional da autoria de Bresnan (1982b); Kaplan e Bresnan

(1982). Nesta teoria, a estrutura argumental do predicado de um item lexical é um mapeamento entre as funções gramaticais governadas pelo predicado e os papéis temáticos atribuídos pelo predicado. Isto pode ser demonstrado com o verbo transitivo ‘dar’ como em *Zola deu um livro ao filho*.

*Estrutura de argumentos do predicado segundo a LFG em termos semânticos:*



No entanto, análises realizadas sobre as extensões mostram que é possível combinar de forma sistemática diferentes extensões, mas essa combinação não é feita ao acaso, ela segue uma determinada regra. Por esta razão existem restrições que fazem com que algumas combinações não sejam possíveis.

A seguir apresentamos as extensões atestadas em diferentes combinações e ordenamentos em Kizómbò:

#### 4.9.1. A coocorrência da Causativa-Applicativa

Sabemos que a causativa e a aplicativa são extensões ditransitivas que aumentam a valência para mais um. Por este facto são conhecidas como sendo construções de duplo objecto cujas funções sintácticas e semânticas dos participantes são bem conhecidas. A sua co-ocorrência é atestada em Kizómbò como se pode ver abaixo:

432. *è-Kisita      ù-táká      áng-ìs-ìl-à      tátà      ngúbà*  
 AUM-Kisita    IS-AUX    torrar-CAUS-APL-VF    5tata    amendoim  
 ‘A Kisita está mandar torrar amendoim para o pai’

A causativa e aplicativa estabelecem uma combinação simpática. Em (432) a adição do morfema da causativa à base do verbo *káángà* ‘torrar’ para *káángisà* ‘mandar torrar’, acrescenta um novo objecto que deve ser interpretado como paciente: *ngúbà* ‘amendoim’. Ora, a adição do morfema da aplicativa *-il-* ao sufixo da causativa do verbo *kángà* ‘torrar’ em (432) criou uma forma verbal derivada com um novo sentido, *kángisilà* ‘mandar torrar para’. Em termos da semântica discursiva, a causativização fica constituída de argumentos com as seguintes funções: *causador* (a causa do evento), *o causado* (paciente da causa do evento) e *o paciente da causação* (do evento causado). e *o beneficiário*. Portanto, esta combinação propicia consideravelmente as condições para o surgimento do duplo objecto que caracteriza a aplicativa e a causativa cujo esquema pode ser assim montado:

433. a. *kángà* ‘torrar’  
 (SUJ) (OBJ)  
 | |  
 <agente tema>
- b. *káng-ìs-à* ‘mandar/fazer torrar’  
 (SUJ) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 <agente BEN tema/PAC>  
 causador
- c. *káng-ìs-il-a* ‘mandar torrar para’  
 (SUJ) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 <agente BEN tema/PAC>  
 <causador

Assim, fica claro que é possível a co-ocorrência causativa-aplicativa mas não o inverso. Portanto, baseados nesses dois exemplos, podemos concluir que os morfemas causativo e aplicativo podem combinar desde que a ordem seja (CAUS-APL) e constituir um verbo cuja estrutura morfológica seja: V+CAUS+APL. Esta co-ocorrência introduz novos argumentos: um sujeito do verbo complexo que semanticamente desempenha a função de agente e um objecto aplicado que desempenha a função semântica de beneficiário.

#### 4.9.2. A coocorrência Causativa-Passiva

A combinação da causativa e passiva é aceite em Kizómbò. Enquanto a causativa adiciona um novo elemento à estrutura argumental do verbo que pode desempenhar a função temática de experienciador/alvo, a passiva elimina um elemento da estrutura argumental que é o agente da voz activa, topicalizando o objecto. Vejamos:

434. *è-ngúbà* *zì-káng-ìs-w-è*  
 AUM-10amendoim IS-torrar-CAUS-PASS-PERF  
 ‘O amendoim , já se mandou ser torrado’

Na sentença citada, a co-ocorrência causativa-passiva, topicaliza ‘o amendoim’. Ele é o tema/paciente. Se o termo *amendoim* não estivesse topicalizado, a co-ocorrência seria impossível. Nessa combinação, a adição do sufixo da causativa à base do verbo *kángà* ‘torrar’ opera a forma verbal causativizada *káángisà* ‘fazer torrar’. Quando se adiciona o sufixo da passiva, a causativa *káángisà* torna-se passivizada *-káángiswà* ‘fazer com que seja torrado’. Revisitemos o esquema acima prestando atenção à terceira linha ou seja (435c).

435. a. *kángà* ‘torrar’  
 (SUJ) (OBJ)  
 | |  
 <agente tema>
- b. *káng-ìs-à* ‘mandar/fazer torrar’  
 (SUJ) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 <agente BEN tema/PAC>  
 causador
- c. *káng-ìs-ù* ‘mandar que seja torrado’  
 (SUJ) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 <Ø BEN tema/PAC>

A gramaticalidade de (435) permite-nos concluir que os morfemas causativo e passivo podem co-ocorrer desde que a sequência seja (CAUS-PASS) formando um verbo com a seguinte estrutura morfológica: V+CAUS-PASS. Um dos argumentos foi eliminado e os restantes assumem as funções de tema/paciente e beneficiário.

#### 4.9.3. A coocorrência Aplicativa-Passiva

A combinação da aplicativa e passiva é aceita em Kìzòmbò. O comportamento sintáctico de uma dessas duas extensões em combinação aqui, já é conhecido a partir das combinações precedentes. Mas podemos conferir a sua combinação.

436. *è-ngúbà* *zì-káng-ìl-w-è* *tàtà.*  
 AUM-10amendoim IS-torrar-APL-PASS-PERF 5pai  
 ‘O amendoim foi torrado para o pai’

O que ocorre em (436) mostra que o acréscimo da passiva na extensão verbal -*káángilà* ‘torrar para’ produz uma aplicativa passivizada *kángilwa* ‘ser torrada para’. Tendo em conta que a aplicativa aumenta a valência do verbo adicionando mais um objecto e confere ao verbo dois lugares de predicação, a sua combinação com a passiva suprime um argumento que é SN sujeito e o tema (OD) da frase activa é realizado como sujeito da passiva que é designado agente da passiva. O seu esquema é similar ao precedente havendo diferença na última alínea.

437. a. *kááng-il-à* ‘torrar para’  
 (SUJ) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 <agente BEN tema>
- b. *kááng-il-w-a* ‘ser torrada para’  
 (∅) (OBJ2) (OBJ1)  
 | | |  
 < agente BEN tema>

#### 4.9.4. A coocorrência Recíproca-Causativa

O Kìzómbò permite a combinação da recíproca com a causativa. Vejamos:

438. *è-tàtà wu-tu-zól-an-es-a.*  
 AUM-5pai IS-IO-amar-RECIP-CAUS-VF  
 ‘O pai fez-nos amar um do outro’

Todavia, como se pode observar acima, são combinadas duas extensões com comportamentos sintácticos distintos. A causativa aumenta a valência, enquanto que a recíproca confina o objecto do verbo ao sujeito como agente. A combinação de ambas tem algumas implicações teóricas visto que a recíproca que precede a causativa disponibiliza um novo argumento e isso faz com que o paciente fique ligado ao agente deixando o novo argumento derivado da causativa. Nisso, o novo figurino é assim desenhado: a recíproca torna-se o objecto da causativa ou ainda, o agente e paciente da recíproca tornam-se semanticamente *experenciador*. Assim, o verbo *zólà* ‘amar’ tem (SUJ)<agente> e (OBJ) <tema>. O seu derivado recíproco *zól-àn-à* ‘amar um ao outro’ tem (SUJ) <agente>, (OBJ2) <experenciador> e (OBJ1) <tema>. A sua co-ocorrência com a causativa mostra a seguinte estrutura argumental:

439. *zól-an-es-a.* ‘fazer amar um do outro’
- |         |        |        |
|---------|--------|--------|
| (SUJ)   | (OBJ2) | (OBJ1) |
|         |        |        |
| <agente | EXP    | ∅      |

#### 4.9.5. A co-ocorrência Reflexiva-Applicativa

Para esta combinação não é possível criar um par, ela funciona unicamente como reflexiva-aplicativa cuja estrutura é: -ki-APL-VF. O inverso não acontece devido às restrições da reflexiva quanto à sua distribuição na estrutura do verbo; ele é pré-verbal e não pode integrar a sua base. Não sendo extensão é difícil estabelecer uma combinação directa com qualquer extensão que funcione na base do verbo. Portanto, estão em

combinação duas extensões de diferentes categorias em termos da valência verbal. Sabemos que a reflexiva reduz a valência e a applicativa aumenta-a. Ao combinarmos as duas, certamente o efeito obtido será outro. Vejamos:

440. *Luzolo u-ta ki-lámb-il-a ma-dya* (Fernando 2008:141)  
 Luzolo IS-AUX REFL-cozer-APL-VF 6-comida  
 ‘Luzolo está a cozer comida para si mesma’

Ora, no capítulo três dissemos que quando a applicativa aumenta a valência do verbo, o novo argumento pode assumir os papéis temáticos de beneficiário, malefeciário, instrumento e locativo. Na sua combinação com a reflexiva, o objecto aplicado é confinado ou amalgamado com o sujeito podendo assumir a função de *beneficiário* como acontece com Luzolo em (440) acima. No entanto, o verbo transitivo *lámbà* ‘cozer’ tem (SUJ) <agente>, (OBJ) <tema>. A sua aplicativização *lámbila* ‘cozer para’ tem (SUJ) <agente>, (OBJ2) <beneficiário> e (OBJ1) <tema>. O efeito da sua combinação com a reflexiva aponta para o seguinte quadro:

441. *ki-lámb-il-à* ‘cozer para si mesmo’

(SUJ)	(OBJ2)	(OBJ1)
<agente	∅	EXP

Este quadro pode mudar de sentido se a combinação da reflexiva-applicativa ocorrer com um verbo intransitivo como em (442 infra) e denotar que a acção ocorre por si mesma. Rebusquemos os exemplos de Fernando (2008:141) traduzindo a glosa.

442. a). *Luzolo fw-idi*  
 Luzolo morrer-PERF  
 ‘Luzolo morreu’
- b). *Luzolo wa-fw-il-a mw-ana.*  
 Luzolo IS-morrer-APL-VF 1-filho  
 lit: Luzolo morreu para o filho [acréscimo]  
 ‘Luzolo perdeu um filho’
- c). *Luzolo u-ki-fw-id-idi mu vata*  
 Luzolo IS-REFL-morrer-APL-PERF LOC 5aldeia  
 lit: ‘Luzolo morreu para si mesmo na aldeia’ [acréscimo]  
 ‘Luzolo nunca saiu da aldeia’

Os exemplos acima demonstram que a reflexiva pode ser usada com um verbo intransitivo mesmo adicionando-lhe a applicativa. Neste caso, para que a reflexiva *ki-* ocorra com um verbo intransitivo, a applicativa *-il-* deve estar presente para introduzir o objecto que está ligado ao sujeito quando o verbo reflexivo é aplicado (Fernando



b. <i>fúkàmesa</i>	‘fazer ajoelhar’		
	(SUJ)	(OBJ2)	(OBJ1)
	<∅	EXP	tema

#### 4.9.7. A co-ocorrência Reflexiva-Recíproca

Esta combinação ocorre em Kizómbò no âmbito da reflexivização da recíproca que acabamos de ver na secção precedente. Em termos da semântica discursiva, os argumentos estruturais do enunciado são entendidos de duas maneiras: (1) a acção é individual, (2) a acção é colectiva. Recorremos a este exemplo para melhor explicarmos isso:

445. a. *tálà* ‘olhar’  
 b. reflexiva: *kítálà* ‘olhar-se’  
 c. recíproca: *tálànà* ‘olhar um ao outro’  
 d. reflexiva-Recíproca: *kítàlàsànà* ‘olharem-se uns aos outros’

*ánà á-tá ki-tál-àsàn-à mù málù*  
 2crianças IS-AUX REF-olhar-RECIP-VF LOC 5pés  
 ‘As crianças estão a olharem-se nos pés um ao outro’

A maior atenção recai em (445d). Sabemos que tanto a reflexiva como a recíproca, são tratadas como extensões que rebaixam a valência. A reflexiva confina o objecto do verbo ao sujeito tornando-se na mesma entidade. Já acima dissemos que por não ser sufixo, a reflexiva vive restrições quanto à sua distribuição na estrutura do verbo; sendo elemento pré-verbal não estabelece qualquer relação directa com extensões que funcionam na base do verbo. Ao passo que a recíproca é uma extensão verbale os verbos recíprocos requerem mais de um agente e os agentes são ao mesmo tempo, pacientes de sua acção mútua. Assim, na forma *kítàlàsànà* ‘olharem-se um do outro’ o prefixo *-ki-* que se situa na sua posição tradicional de objecto tem maior implicação na semântica do verbo. Primeiro significa que a acção se passa sobre o próprio agente. A extensão *-an-* adiciona um aspecto interessante, a intensidade da acção. Em segundo lugar, a acção se passa entre duas ou mais entidades que se estão observando mutuamente de forma intensa. Portanto, a presença do prefixo *-ki-* numa forma verbal recíprocalizada aumenta a intensidade de acção e vice-versa. Os argumentos reagem de forma proporcional sendo agente e pacientes da sua acção recíproca.

Na verdade, a lista de co-ocorrências é vasta, tal como afirmamos no princípio desta secção, pelo que nós apenas escolhemos as combinações relacionadas com a voz

verbal frequentes em Kizómbò deixando o resto para futuras pesquisas para atestarmos até que ponto o CARP de Hyman pode ser modelo ou violado. Mesmo assim, algumas combinações não aparecem porque o Kizómbò não as aceita. É o caso de \*PASS-CAUS, \*PASS-CAUS, \*PASS-APL, \*APL-RECIP, \*APL-CAUS, \*RECIP-APL, \*RECIP-PASS, \*PASS-EST, \*EST-PASS e \*PASS-EST.

### **Conclusão parcial**

Neste capítulo discutimos os aspectos semânticos e discursivos da voz verbal em Kizómbò. Na discussão foi demonstrado que a extensão *-am-* é realmente passiva. Ela pode assumir todas as funções do *-w-* e morfologicamente ocorre no mesmo contexto, isto é, depois do C ou depois de V por uma questão da realização fonológica. Na prática, a extensão *-am-* tem mais ocorrências que o *-w-* e os seus assimilados fonológicos. Nas construções passivas o paciente torna-se o foco do discurso. Para a voz passiva, o Kizómbò não utiliza uma única estratégia para expressar a voz passiva. A discussão semântica e discursiva revela que existem outras formas que foram rotuladas como passiva agentiva, semi-passiva, pseudo-passiva, e passiva estatal. A repetição da extensão *-w-* na mesma base verbal é um fenómeno linguístico utilizado pelo Kizómbò, embora tenha sido constatado que cria um conflito de posições. A voz média foi definida como um processo que ocorre de forma espontânea na medida em que não é identificado o causador da acção. Nele, a entidade afectada não é apenas o endpoint, mas também é conceituado como Initiator. A fusão da reflexiva com a recíproca deve-se a factores de índole sociolinguísticos inerentes ao contacto de línguas e o seu dinamismo que afasta o que é clássico em Bantu. É um facto constatado em Kizómbò que deixa claro que o prefixo da reflexiva é usado para exprimir acções recíprocas. Quanto à voz applicativa usando complementos locativos, deveras, é incomum do ponto de vista linguístico. Contudo, isso significa semanticamente que o agente está mais próximo do objecto. O complemento locativo é sintacticamente o objecto directo ou indirecto. Em termos discursivos tem o valor focalizante. O entendimento obtido sobre a causativa esclarece que é uma operação que envolve duas microssituações, a saber, a causa e o efeito dessa causa. As propriedades semânticas de verbos causativos ditam um conteúdo informativo que se traduz numa provocação que impele o causado a agir como paciente da causa e agente da causação. O processo de ordenamento de extensões mostra que existem restrições, pois, nem todas as extensões podem ser combinadas.

## CAPÍTULO V: CONCLUSÃO GERAL

Este trabalho apresenta como título *Estudo da voz verbal em Kizómbò (H.16k)*. Uma incursão feita no interior dos incomensuráveis trabalhos já realizados sobre as línguas Bantu em geral, e sobre o Kikongo e suas variantes, em particular, provou que pesquisas de tamanha envergadura, dedicadas à voz verbal, são raras, senão mesmo inexistentes. Que nós saibamos, existem aqui e acolá muitos artigos publicados sobre a derivação verbal em Bantu mas não teses completas tratando desta ou daquela língua. É por esta razão que Dom (2015:1) afirma: *Quite many suffixes found in (the?) Bantu languages are still poorly described both from a syntactic and semantic viewpoint*.

Esta lacuna motivou-nos ainda mais remetendo-nos a vários questionamentos sobre a voz verbal em Kizómbò. Por esta razão, introduzimos a preocupação básica da nossa pesquisa com o seguinte raciocínio: Na maioria das abordagens teóricas das propriedades sintáticas e semânticas da voz, uma correspondência entre as mudanças morfológicas da forma verbal e a modificação sintática do esquema argumental é estabelecida como sendo uma operação de adição ou rebaixamento de argumentos ou até mesmo a sua supressão. O esquema do processo da passivização, por exemplo, pode ser dado como modelo:

Subjeito (Agente) Verbo Objecto Directo (Paciente) → Sujeito (paciente) Verbo (modificado) [objecto indirecto rebaixado (Agente)] ou seja:

**SN1 + V + SN2 → SN2 + AUX (SER) + PP + POR + SN1**

O sujeito original (Agente) é expresso por uma frase opcional (tal como uma by-frase em Inglês), a forma verbal da passiva é modificada de alguma maneira (como ser+particípio em Inglês).

Naturalmente, a voz em Kizómbò tem a ver com a derivação verbal. Portanto, pode este esquema também funcionar em Kizómbò? Quais são as manifestações morfosintáticas e semânticas da voz nos verbos em que as extensões ocorrem? Como é que a valência e a voz funcionam juntas em Kizómbò? Em termos sintáticos e semânticos, quais são os efeitos da operação da valência sobre as extensões verbais? Estas questões serviram-nos de bússola buscando as suas respostas ao longo das nossas pesquisas cujos resultados podemos aqui apresentar em jeito de uma retrospectiva:

## 5.1. Resultados da pesquisa

A pesquisa que concluímos, iniciou-se com a discussão de preliminares no primeiro capítulo, asquais demonstraram que a longa tradição acumulada pelo Kikongo, quanto à existência de documentos escritos em línguas Bantu (desde o século XVII) deixa muitas lacunas que devem ser colmatadas em termos da linguística africana. Esta histórica tradição subscreve-se grandemente às obras missionárias de carácter religioso e à alguns dicionários e gramáticas que ainda hoje servem de referência aos estudos linguísticos. Prova disso é a fraca literatura revista nesta obra. Na revisão da literatura foi possível recolher as opiniões dos nossos predecessores quanto à morfologia verbal que constituem contribuições valiosas para o nosso trabalho .

Quanto às considerações fonológicas foi possível observar que o Kizómbò é uma língua tonal e possui um sistema vocálico e consonântico composto respectivamente por dez vogais e dezesseis consoantes. Em termos morfológicos, o Kizómbò apresenta uma estrutura silábica do tipo, V: |kù-à-sú-ngá-mè-nà| *recordar-se deles*, C: |mù-nt-soó-pé-lò| *no casamento*, CV: |sé| *pai*, CVCV: |vá-tà| *aldeia*, CVCVCV: |lù-bá-mbà| *junco*, com um sistema tonal de dois tons, sendo um alto (A) e outro baixo (B). As classes nominais, no total de 18, são parte importante do Kizómbò. Os nomes são formados de um radical invariável tanto no singular como no plural e o reconhecimento da classe de um nome (substantivo) decorre por meio de um prefixo variável quanto ao número (singular e plural) que precede o radical designado prefixo nominal. O Kizómbò possui um elemento designado *aumento* ou *pré-prefixo* que precede o nome em todas as classes. Ele é um elemento exterior cuja forma estrutural é e-, o-, a-. Como substitutos de sintagma nominal, os pronomes estão repartidos em plenos e em substitutos de classes ou anáforas que na frase assumem as funções de sujeito, OD, OI, conectivo, demonstrativo e determinativo. Os conectivos desempenham um papel importante na organização do enunciado para que tenha sentido. Eles funcionam na base de classes nominais (wa-, dya. kya-, ya-, lwa-, fya-, etc.) e sofrem uma coaliscência que lhes permite unir unidades linguísticas a qualquer nível. Os possessivos aparecem com uma base que varia segundo a pessoa e segundo a classe para indicar o possuidor. Os demonstrativos em Kizómbò estão regidos pelas classes dentro das quais é visível o

grau de afastamento que pode ser próximo, afastado e mais afastado. Por este facto estabelece uma relação com a deixis local que exhibe subespaços do tipo *aqui, aí e ali*.

Quanto à sintaxe foi visto que, em termos de tipologia, o Kizómbò é uma língua de ordem directa: SVO e quando focaliza e/ou topicaliza o objecto faz uma excepção para SOV/SOP. Na frase simples nota-se a copresença de dois termos, a saber: sn e sv. Todavia, na sua função, cada sintagma constitui uma unidade de sentido à volta de um elemento fundamental designado núcleo.

O essencial do capítulo II circunscreve-se à forma verbal que no fundo constituiu um resumo do sistema verbal em Kizómbò dentro dos parâmetros da linguística bantu. No entanto, o quadro do sistema verbal do Kizómbò não difere muito do existente nas demais línguas Bantu cuja estrutura foi proposta por Meeussen (1959, 1967) e ampliado por Nurse (2008) a partir do qual concebemos a estrutura do verbo em Kizómbò: PFX - INIC- MS-T/A - MO - RAD - EXT - VF - PF. Mas de forma global, a estrutura de uma forma verbal completa em Kizómbò apresenta três elementos primários: Prefixo-Radical-Sufixo ou seja PF-RAD-SF. O radical é silabicamente incompleto e termina sempre numa consoante [C- final] e.g. zól-à *amar*. Ele é monotónico e toma a forma de um morfema vinculado que aceita outros morfemas antes e depois dela. e.g. *ku-zol-w-a* “ser amado”.

O verbo Kizómbò tem um índice de sujeito bem marcado assim como as categorias denominadas TAM e um marcador verbo-final modal, que é uma vogal final (VF) que comporta um valor aspecto-temporal que em perfeita harmonia com o TAM, torna explícita a noção da realização do processo, segundo as modalidades *perfectivo, imperfectivo e de injuntivo*. Também é enriquecido por uma grande variedade de sufixos que denotam modificações da acção expressa pelo radical do verbo, isto é, que modificam a estrutura do evento. Esses sufixos são conhecidos como sendo *extensões*, com os quais o verbo forma o seu sintagma. Os afixos desempenham um papel importante, não obstante serem opcionais. Eles permitem ao falante expressar o seu pensamento com coerência ao evocar as categorias morfossintáticas de pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz.

Finalmente, a forma de base do verbo em Kizómbò apresenta uma grande flexibilidade que lhe permite gerar muitas formas derivadas. As mais comuns são: applicativa, causativa, impositiva, passiva, recíproca, reflexa, média, estativa, potencial, somente para citar estas no meio de tantas outras que ditam a voz verbal.

No capítulo três, o epícentro da nossa Tese, discutimos o essencial do tema por nós proposto e a partir do qual procuramos as respostas das questões levantadas na nossa problemática. Para o efeito dividimo-lo em quatro secções maiores: Na primeira buscamos o entendimento mais profundo das teorias dos linguistas e dos gramáticos sobre o verbo, a voz, a valência verbal, as operações sobre a valência verbal e a diferenciação entre as funções sintáticas e semânticas. Deste modo entendemos que a voz é vista como sendo uma série de diferentes operações utilizadas pelas línguas faladas no universo para harmonizar as relações entre as relações gramaticais e as funções semânticas na frase, na codificação da valência. Na discussão foi descoberto que a valência não deve ser concebida de uma única forma, pois, do duplo ponto de vista sintático e semântico, muitos verbos têm várias possibilidades de construção de enunciados, sem para tal sentirem-se manietados por alguma regra ou relação sintáctica e semântica. Para o Kizómbò entendemos que a teoria da valência é fundamental na organização dos constituintes da sentença para que tenha sentido. Para tal, o verbo permite a ocorrência de três frases nominais no máximo para que faça sentido. Cada frase nominal (chamada *argumento*) constante na estrutura sentencial exerce uma determinada função sintáctica e semântica no evento descrito pelo verbo (sujeito/agente, objecto, paciente, beneficiário, instrumento, locativo, etc.). Na segunda secção ocupamos da derivação intraverbal na qual classificamos e filiamos as extensões ao tipo de valência em que está associada. Desta feita, a impositiva perdeu o estatuto de neutra para integrar as extensões que aumentam a valência e a potencial conheceu a mesma sorte integrando as extensões que rebaixam ou diminuem a valência. Deste modo, compreendemos que o estudo da voz verbal em Kizómbò passa necessariamente pela derivação de verbo para verbo. A integração de extensões faz surgir três estruturas fonémicas, sendo duas curtas -V-, -CV- nas quais se alistam a passiva, a applicativa, a causativa e recíproca. Ao passo que os derivativos compostos, as coocorrências e algumas extensões neutras, na sua maioria, possuem uma estrutura longa do tipo -VCVC- viz. iterativa, potencial, causativa-applicativa, só para citar essas.

Portanto, os dados recolhidos no campo revelam que a velha e histórica extensão /-w-/ da passiva em Bantu está caindo em desuso no Kizómbò. Actualmente a passiva em Kizómbò é mais expressa com a extensão /-am-/, que até aqui era apenas reconhecida como estativa. Ainda sobre a passiva, descobrimos que em Kizómbò existe uma forma especial de expressá-la. Esta forma especial, ainda não estudada pelos linguistas,

consiste numa repetição da extensão canónica /-w-/ na mesma base verbal para expressar a passiva que deliberamos designar ‘bipassiva’. O uso repetitivo dessa extensão não revela nenhum conflito de posições e o sentido obtido é indiscutivelmente passivo.

Conforme já acima foi aludido, a segunda secção traz uma inovação relativa ao número de extensões classificadas como operadores da valência decrescente. Tradicionalmente estão integrados nesse grupode cinco extensões, a saber: passiva, recíproca, reflexiva, média e estativa. O estudo de dados em nossa posse revela que a potencial, que até então era tida como neutra, assimila-se à passiva em termos da operação da valência sintáctica e por este facto resolvemos retirá-la da lista das neutras para aumentar a fileira das extensões que operam sobre a valência decrescente. No entanto, na análise dos dados observamos que em Kizómbò, a potencial enquadra-se perfeitamente nas construções transitivas e intransitivas. Ela aumenta e diminui a valência sem maior esforço.

A discussão dos dados revela mais ainda, a fusão da reflexiva com a recíproca. A extensão da reflexiva é usada para expressar actos recíprocos. Certos factores sociolinguísticos e históricos estão na base desta mudança.

A terceira secção tem como foco principal a análise da voz verbal, segundo a valência decrescente. Foi possível observar que nestas operações os afixos constituem um subgrupo significativo, pois estão envolvidos nas construções da estrutura argumental do verbo, permitindo a operação de rebaixamento ou eliminação de um dos argumentos da oração. No entanto, em todo esse exercício, a base do verbo é o domínio do processo linguístico significativo porque é nela que os afixos operam. De entre todas elas, a passiva revelou-se modelo, porém, regista-se que o rebaixamento do agente, que os outros linguistas denominam de-tematização, ocorre com o deslocamento do agente da posição de tema, cuja consequência mais recorrente é a sua supressão ou eliminação. A partir daqui começamos a encontrar as respostas plausíveis para as questões colocadas na problemática desta tese. Foi possível observar que os critérios da passivização são semânticos e que só os verbos transitivos directos admitem a voz passiva para a operação da valência, posto que, nestes verbos o sujeito tem controle sobre o evento descrito. Na transposição o objecto directo torna-se o sujeito da nova oração (na voz passiva). Todas as funções dos participantes são semânticas. Na passiva

verifica-se a presença implícita de agente e o sujeito gramatical sofre a acção expressa pelo verbo.

Na recíproca, uma ou outra das duas entidades associadas é vulnerável ao rebaixamento ou eliminação. Quanto à reflexiva ocorre a operação da eliminação do SN oblíquo. A voz média, à semelhança da passiva e da reflexiva, revela que é susceptível de eliminar todos os acessórios do SV. A estativa tida como a menos produtiva em termos de valência, é uma outra operação que de antemão elimina o SN agente associando um SN que assume o papel de paciente/tema com a função sintáctica de sujeito. Os critérios da distinção da *estatividade* são principalmente *sintácticos*. No aspecto semântico, ela expressa estados de coisas, ao invés de acções. O sujeito encontra-se no estado descrito pelo verbo. Este estado tanto pode ser físico como psicológico.

Na terceira secção, a nossa atenção estava virada para o que inicialmente designamos de análise da voz verbal segundo a valência crescente. Nesta discussão duas vozes monopolizaram grandemente o debate, a saber: a causativa e a applicativa. A discussão sobre estas extensões revela que a causativa e a applicativa são operações com duplo objecto ou duplo SNs pós-verbais. Na causativa são usados os morfemas *-is-*, *-es-* e para applicativa os morfemas *-il-*, *-el-* e nas condições nasais com os morfos *-in-* e *-en-*. Esses relatores operam sobre a valência verbal transitiva, propiciando assim condições para o seu crescimento. Eles, porém, operam concretamente sobre as funções semânticas filiadas em diferentes grupos dos participantes distinguidos em humanos e não humanos. Os humanos são: causador, causado, receptor, associativo, comitativo, maleficiário e os não humanos são: instrumento, locativo, força e direccional ou destino.

Finalmente, as duas vozes têm um envolvimento mútuo bastante aproximado, não obstante mostrarem diferenças nas funções semânticas assumidas pelos participantes no evento e nas funções gramaticais a eles associadas ao nível do SN. Nas construções causativas, o novo SN é agentivo e é habitualmente realizado como sujeito gramatical da frase, ao passo que a construção applicativa introduz um novo SN agentivo.

A quarta secção deste terceiro capítulo discute a morfossintaxe e a semântica dos afixos neutros. No entanto, estes sufixos constituem um subgrupo significativo da derivação verbal e concretamente da morfologia do radical verbal. A sua estrutura argumental é principalmente bivalente. A reversiva não afecta nenhum argumento, apenas minimiza a centralidade do participante agentivo com respeito ao paciente.

O quarto capítulo aborda fundamentalmente, os aspectos semânticos e discursivos da voz verbal em Kizómbò. É de ressaltar que na passiva o falante escolhe o paciente como ponto de partida no desenvolvimento do seu discurso. Este aspecto relaciona-se com o foco. Outra inovação neste capítulo tem a ver com as construções que trazem dois morfemas da passiva. Verificou-se que as duas extensões não estão em conflito de posição, mas servem para enaltecer a acção introduzida passivamente: *zólwàngwà* ‘é sempre amado’. Concluimos que a repetição é usada para se referir a uma acção frequentativa e reiterada. Ela não significa somente que acção é de longa duração mas também será realizada repetidas vezes com um bom ou mau desfecho para os participantes do evento. Também serve para topicalizar ou enaltecer o acto, enfatizando-o como sendo de extrema importância senão obrigatório.

Voltámos à discussão da fusão de reflexiva com a recíproca e concluímos que a mesma se deve a vários factores sociolinguísticos que afastam o que é clássico em Bantu. A língua é dinâmica e o contacto permanente com as línguas vizinhas e até de outros continentes afectam a expressão original ou clássica. Quanto à voz applicativa usando complementos locativos, deveras, é incomum do ponto de vista linguístico. Na nossa discussão com o professor Creissels concluimos que isso significa semanticamente que o agente está mais próximo do objecto. O complemento locativo é sintacticamente o objecto directo ou indirecto. Em termos discursivos tem o valor focalizante.

A especificação semântica e discursiva das extensões iterativa e reiterativa deixa claro que em Kizómbò esses termos referem-se a dois actos distintos. *Iterar* é repetir o acto somente mais uma vez ao passo que *reiterar* é repetir várias vezes o mesmo acto.

## **5.2. Síntese e conclusão**

Esta investigação foi conduzida com o intuito de proporcionar respostas satisfatórias sobre as questões levantadas na problemática da tese e que estão reflectidas directamente nos quatro objectivos que nos propusemos alcançar no fim deste trabalho.

O primeiro objectivo que traçamos foi o de investigar o processo da derivação em Kizómbò e o funcionamento das extensões que aumentam a valência bem como aquelas que a rebaixam e os papéis temáticos ou funções semânticas que se lhes associam. Este objectivo foi atingido na íntegra, pois as pesquisas permitiram-nos entender o seguinte:

As abordagens teóricas das propriedades sintáticas e semânticas da voz que estabelecem uma correspondência entre as mudanças morfológicas da forma verbal e as modificações sintáticas do esquema argumental cujas consequências afectam os argumentos expressivos, são um exercício realizado sob três operações: adição, rebaixamento e em última instância supressão de argumentos. Entendemos que a valência é um conceito fundamental para o estudo do verbo e da voz. Ela permitiu-nos entender o comportamento dos verbos derivados em termos de argumentos expressivos admissíveis. Isso tem a ver também com a sua natureza predicativa que pode ser transitiva ou intransitiva. No que tange à valência, os verbos em Kizómbò são monovalentes (um lugar), bivalentes (dois lugares) e trivalentes (três lugares). Portanto, o estudo da voz verbal deve ser feito com base neste figurino predicativo.

Quanto às funções temáticas, as extensões que aumentam a valência satisfazem plenamente o critério de transitividade e, conseqüentemente são muito produtivas permitindo a integração de um vasto número de frases nominais que assumem diversos papéis temáticos em função do objecto que introduzem: paciente, beneficiário, instrumento, locativo, etc.

Quanto às extensões que reduzem a valência são menos produtivas sobretudo a estativa. A passivização tida como modelo das extensões que rebaixam a valência é uma operação cujos efeitos são visíveis no ajustamento ou eliminação dos argumentos expressivos. O Kizómbò não foge à regra, mas o modo como a passiva é expressa, torna-se deveras, peculiar. Primeiro usa massivamente a extensão /-am-/ em detrimento da extensão /-w-/ que praticamente está em desuso. Como redutor da valência, a passiva comporta-se de forma assimétrica, visto que o OD da voz activa tem o privilégio de ser promovido como sujeito mas o sujeito da voz activa nunca se torna objecto da passiva. Por este facto é colocado diante de duas possibilidades: (1) ser suprimido ou (2) ser detematizado. O Kizómbò expressa a voz passiva usando outros mecanismos que dispensam as duas extensões (cf. 3.2.1). Para o efeito, o agente da passiva é topicalizado e o agente da frase activa é omitido. A extensão /-an-/ da recíproca e o prefixo /-ki-/ da reflexiva aparecem distintamente na língua, mas acontece que actualmente os locutores de Kizómbò já usam o prefixo da reflexiva para expressarem actos recíprocos. Isso está sendo corrente e aceitável pelos locutores. Neste titubear entre a recíproca e a reflexiva, alguns locutores tendem a criar uma nova fórmula de expressar a recíproca ao configurarem ambas as extensões numa só forma verbal derivada. Assim sendo, ficam

registadas três formas de expressar a recíproca em Kízómbò, viz. /-an-/, /-ki-/ e /-ki-.....-an-/. Com essas extensões o Kízómbò expressa a recíproca indicando que a acção do verbo é realizada mutuamente por um grupo. As principais funções assumidas pelos participantes são: *agente e paciente*.

O segundo objectivo deste trabalho é o de analisar a forma e a função de cada extensão e o seu *modus operandi* na estrutura predicativa dos argumentos do ponto de vista morfossintáctico e semântico-discursivo. Também este objectivo foi alcançado, pois, a análise que fizemos sobre as extensões revela que a aplicativização é uma operação que altera a estrutura argumental do verbo não-aplicado, adicionando um novo argumento que desempenha a função gramatical do objecto e semântica do beneficiário, ocorrendo adjacente ao verbo. Em termos descritivos a causativa /-is./ tem as propriedades de causativizar os verbos transitivos adicionando um terceiro participante na estrutura argumental que assume a nova função gramatical de causador e, conseqüentemente torna-se sujeito dessa frase. A causatividade ocorre de duas maneiras: directa e indirecta. Ela é directa quando é registada a intervenção directa, física e imediata do causador na realização do evento causado, enquanto que a causação indirecta indica que o predicado que expressa a ideia da causação está separado do agente executor e não é registada a sua intervenção directa na realização concreta do evento causado. Portanto, ficou demonstrado que o novo objecto acrescido, tanto na applicativa quanto na causativa, exhibe as mesmas propriedades sintácticas como objecto do verbo de base. Este facto reafirma a assimetricidade do Kízómbò já acima referida.

Finalmente, neste trabalho estabelecemos como terceiro objectivo explicar a estrutura morfossemântica do mecanismo de coocorrência dos sufixos verbais que regem a valência. A satisfação deste objectivo mostra primeiramente que a coocorrência das extensões verbais é um fenómeno regular e recorrente em Kízómbò, embora não esteja aberto a todas as extensões, visto que existem certas restrições para o efeito. O radical de um verbo, como placa giratória desta operação, pode hospedar o número máximo de extensões possíveis. No processo de ordenamento desses morfemas, as extensões com maior escopo para a acção da radical do verbo ficam mais perto dele seguindo-se depois os demais. Não obstante estar patente o efeito semântico de cada extensão no conteúdo informativo final da coocorrência, apenas uma tem maior escopo. O sentido da coocorrência causativa-aplicativa é audivelmente repartido sobre os actantes a favor do beneficiário. A passiva tem maior escopo em todos os ordenamentos

de que faz parte. Entretanto, a extensão com maior escopo determina o tipo da valência em função.

### 5.3. Perspectivas

Não existe um trabalho de investigação perfeito, isento de lacunas. Algumas delas são voluntárias e outras involuntárias na medida em que cada trabalho da pesquisa científica subscreve-se a um determinado objectivo por atingir e para o efeito estabelece os seus limites. O fenómeno que investigamos é realmente complexo, pois, o campo é vastíssimo e exige mais pesquisas. Até ao final desta investigação fizemos o que tínhamos projectado, mas o trabalho não termina por aqui. Considerando a complexidade do tema, cingimo-nos àquilo que eram os nossos objectivos, evitando assim divagações desnecessárias. À medida que a própria ciência linguística avança, acompanhando o dinamismo das línguas, também continuaremos a analisar e a reanalisar cada um dos aspectos envolvidos nesta pesquisa buscando o seu melhoramento e actualização.

Uma das preocupações que passamos ao largo prende-se com algumas propostas da estrutura predicativa por meio da explanação da estrutura de papéis temáticos, a partir de velhos conceitos semânticos propostos por Tèsnier (1959), Filmore (1968), Jackendorf (1972, 2007a), Dowty (1991), Cook (1970b) e outros. A preocupação resulta do novo entendimento da estrutura predicativa como uma relação estrutural entre o sujeito e o SV, na qual estão concertadas a forma função-argumento e a teoria dos papéis temáticos enquanto explicitação da *Theta-theory* que hoje em dia está em voga.

Outro aspecto que ocupa o nosso espírito consiste num próximo estudo morfossintáctico e semântico específico de todas as co-ocorrências das extensões verbais em Kizómbò e a sua ordem na base verbal, pois observamos que, em todas as situações onde a coocorrência foi registada, igualmente foram registadas algumas mudanças morfológicas, sintácticas e semânticas. Esta modificação reflecte-se nas relações gramaticais que até certo ponto permitem que algumas regras sejam violadas. Trata-se da recíproca que envolve simultaneamente alguns elementos que resultam da repetição e de certas extensões que não são composicionais. Reflectindo no que acabamos de dizer, reconhecemos que há necessidade de analisar o impacto semântico no fenómeno já que a literatura linguística que estabelece a relação entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe estabelece limites da combinação das extensões.

## REFERÊNCIAS

- ATKINS, W.G. 1954. *An Outline of Hungu Grammar*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar.
- ALSINA, A. & Sam A. MCHOMBO. 1993. Object Asymmetries and the Chichewa Applicative Construction. In: Sam A. Mchombo (ed.). *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*. Stanford, Calif.: CSLI Publications, 17-45.
- BAKER, M.C. 1985a. The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation. *Linguistic Inquiry*. Vol. 16, nº 3, 373-415.
- BEARTH, T. 2003. Syntax. In: Derek Nurse & Gérard Philippon (eds.). *The Bantu Languages*. London / New York: Routledge, 121-139.
- BENTLEY, W. H. 1887. *Dictionary and Grammar of the Kongo Language, as Spoken at San Salvador, the Ancien Capital of the Old Kongo Empire, West Africa*. London: Baptist Missionary Society and Trübner & Co.
- BENVENISTE, E. 1966. Actif et moyen dans le verbe. In : Problème de linguistique générale. Tome 1. Paris: Gallimard, 168-175
- BORBA, F. S. 1996. *Uma Gramática de Valências para o Português*. São Paulo: Ática.
- BOSTOEN, K. & Gilles-Maurice DE SCHRYVER. 2015. Linguistic Innovation, Political Centralization and Economic Integration in the Kongo Kingdom: Reconstructing the Spread of Prefix Reduction. *Diachronica* 32, 139-185.
- BOSTOEN, K., Ferdinand MBERAMIHIGO & Gilles-Maurice DE SCHRYVER. 2012. Grammaticalization and Subjectification in the Semantic Domain of Possibility in Kirundi (Bantu, JD62). *Africana Linguistica* 18, 5-40.
- BRESNAN, J (ed.) 1982. *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Cambridge / Massachusetts: MIT Press.
- BRESNAN, J. & Lioba MOSHI. 1993. Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax. *Linguistic Inquiry* 21, 147-185.
- BRYAN, M. A. 1959. *The Bantu Languages of Africa*. London: Oxford University Press.
- CAMARGOS, Q. F., Indira M. MANUEL & Domingas MACHAVELE. 2014. Causação Directa e Indirecta na Língua Citshwa (Grupo Bantu). *III Conferência Internacional sobre as Dinâmicas Sociais em Africa: Rupturas e Continuidades*. Maputo, 19-20 Dezembro.
- CANÇADO, M. 2005. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *Revista DELTA*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 23-56.

- CANÇADO, M., Luisa GODOY & Luana AMARAL. 2013. Predicados Primitivos, Papéis Temáticos e Aspecto Lexical. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Vol.11, nº 20, 104-125.
- CARTER, H. 1973. *Syntax and Tone in Kongo*. London: University of London.
- CARTER, H. & João MAKOONDEKWA, 1987. *Kongo Language Course: Maloongi ma Kikoongo. A Course in the Dialect of Zoombo, Northern Angola*. Madison: African Studies Program, University of Wisconsin.
- CHATELAIN, H. 1888-1889. *Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect. An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COMRIE, B. 1985. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COOK, W. A. 1970. Improvements in Case Grammar. *Language and Linguistics Working Papers*, nº 2, Washington: Georgetown University School of Language and Linguistics, 16-27.
- COUPEZ, R. 1980. *Abrégé de grammaire rwanda*. Butare: Institut National de Recherche Scientifique.
- CREISSELS, D. 2002. Valence verbale et voix en tswana. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t.XCVII, fasc.1, 371-426.
- CREISSELS, D. 2006a. *Syntaxe générale. Une introduction typologique 1. Catégories et constructions*. Paris: Lavoisier.
- CREISSELS, D. 2006b. *Syntaxe générale. Une introduction typologique 2. La phrase*. Paris: Lavoisier.
- CRYSTAL, D. 2003. *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 5th edition. Oxford: Blackwell Publishing.
- CRYSTAL, D. 2008. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6th edition. Oxford: Blackwell Publishing.
- CUMBANE, R. M. 2008. *As Construções de Duplo Objecto em Xitshwe – Repercussões em Falantes do Português Língua não Materna*. Tese de Doutoramento em Língua Portuguesa. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- DA CÂMARA, C. L. 2014. *As Implicações Sintáticas da Coocorrência das Extensões Causativa e Aplicativa em Nyungwe à Luz do Princípio de Espelho*. Dissertação do Mestrado em Linguística Africana. Maputo: Laboratório de Línguas Africanas, Universidade Eduardo Mondlane.

- DE BLOIS. 1970. The Augment in Bantu Languages. *Africana Linguistica IV*. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale, 86-154.
- DE CAMARGO, C. V. R. 2013. A Voz Média do Grego Antigo: Percorso Sincrônico Acerca dos Estudos Linguísticos. *Entrepalavras*, Fortaleza: Ano 3, Vol.3, nº1, 180-198.
- DE CASTILHO, A.T. 2012. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- DE CASTILHO, A.T. 2014. *O Que é Semântica?* São Paulo: Museu da Língua Portuguesa.
- DE KIND, J. et al. 2015. Event-Centrality and the Pragmatics-Semantics Interface in Kikongo: From Predication Focus to Progressive Aspect and Vice-versa. *Folia Linguistica Historica* 36, 113-163.
- DE LIMA, L. S. 2010. *A Negação Sentencial: Uma Abordagem Pragmática*. Monografia de Licenciatura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras.
- DEREAU, L. 1955. *Cours de Kikongo*. Namur: Ad. Wesmael-Charlier S.A.
- DEVOS, M. 2008. The Expression of Modality in Shangaci. *Africana Linguistica 14*. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale, 3-37.
- DEVOS, M. & Daniel VAN OLMEN. 2013. Describing and Explaining the Variation of Bantu Imperatives and Prohibitives. *Studies in Language*, Vol. 37, nº.1, 1-57.
- DIK, S. 1980. *Studies in Functional Grammar*. London: Academic Press.
- DODEBEI, V. 2007. Domínios Conceituais: Valência Semântica. *Scribd*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas.
- DOKE, C. M. 1935. *Bantu Linguistic Terminology*. London, New York, Toronto: Longmans Green Co. LTD.
- DOKE, C.M. 1945. *Text Book of Zulu Grammar*. Johannesburg: University of the Witwatersrand, Longmans, Green and Company, Limited.
- DOKE, C. & Desmond Thorne COLE. 1961. *Contribution to the History of Bantu Linguistics*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- DOM, S. 2014. *Reciprocal Markers in the Kikongo Dialect Continuum. Untangling the Difference Between Two Near-Synonyms by Means of a Multiple Logistic Regression Analysis*. Unpublished Manuscript. (URL OF ACADEMIA.) (Acessado 12/04/2015)
- DOM, S. 2015. *The Neuter Suffix -ik- in Bantu*. Unpublished Manuscript [Online] Disponível em: <https://www.academia.edu/s/220e559245>. Acessado, 17/02/2016

- DOWTY, D. 1989. On the Semantic Content of the Notion of “Thematic Role”. In: Gennaro Chierchia, Barbara H. Partee & Raymond Turner. (eds.). *Properties, types and meaning*. Vol. II, Dordrecht: Kluwer, 69-129.
- DOWTY, D. 1991. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*. Vol. 67, n° 3, 547-619.
- DUNHAM, M. 2004. On the Verbal System in Langi. A Bantu Language of Tanzania (F.33). In: David Odden (ed.). *Studies in African Linguistics*. Vol. 33, n° 2, 199-234.
- FERNANDO, M. 2008. *Analysis of Verbal Affixes in Kikongo with Special Reference to Form and Function*. Master’s Dissertation in African Linguistics. Pretória: University of South Africa
- FERNANDO, M. 2013. *The Causative and Anticausative Alternation in Kikongo (Kizombo)*. Doctoral Thesis in African Linguistics. Stellenbosch: Stellenbosch University.
- FILLMORE, C. J. 1968. The Case for Case. In: Emmon Bach & Robert T. Harms (eds.). *Universals in Linguistic Theory*. (Part 2). London: Holt, Rinehart and Winston, 1-25.
- FILLMORE, C. J. 1971. Types of Lexical Information. In: Danny D. Steinberg and Leon Jakobovits (eds.). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 370-392.
- FILLMORE, C.J. 1977. The Case for Case Reopened. In Peter Cole and Jerry M. Sadock (eds.). *Syntax and Semantics. Grammatical Relations*. Vol. 8. New York / San Francisco / London: Academic Press, 59-81.
- FLEISCH, A. 2000. *Lucazi Grammar, a Morphosemantic Analysis*. Köln: Rüdiger Köppe Verlag.
- FRANCHI, C. & Márcia CANÇADO. 2003. Relações Semânticas, Predicação e Papeis Temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol 11, n° 2, Minas Gerais: Faculdade de Letras.
- GIVÓN, T. 1979. *Discourse and Syntax*. New York: Academic Press.
- GIVÓN, T. 1983. Topic Continuity in Discourse- A Quantative Cross Language Study. In: Talmy Givón (ed.). *Typological Studies in Language 3*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, T. 1984. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*. Vol.1, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, T. 1990. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*. Vol.2, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, T. 2001. *Syntax. An Introduction*. Vol.1-2, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- GONÇALVES, A. C. 1998. Foco e Topicalização: Delimitação e Confronto de Estruturas. *Revista de Estudo da Linguagem*, Vol. 7, nº 1, Janeiro-Junho, 31-50.
- GUTHRIE, M. 1948. *The Classification of the Bantu Languages*. London: Oxford University Press for the International African Institute.
- GUTHRIE, M. 1962. Some Developments in the Prehistory of the Bantu Languages. Vol. 3. *The Journal of African History*. Cambridge University Press, 273-282.
- GUTHRIE, M. 1967-71. *Comparative Bantu: an Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*. 4 Vols. Farnborough: Gregg International.
- HALLIDAY, M. A. K. 1973. *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. & Ruqaiya HASAN. 1976. *Cohesion in English*. English Language Series. London: Longman.
- HOPPER, P. J. & Sandra A. THOMPSON. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*. Vol .56, nº 2, New York : Linguistic Society of America, 251-299.
- HULSTAERT, G. 1950. *Carte linguistique du Congo Belge*. Bruxelles : Mémoires de l'Institut Royal Colonial Belge, Vol. XXXVIII, fasc. 1.
- HYMAN, L. & Sam A. MCHOMBO. 1992. Morphotactic Constraints in the Chichewa Verb Stem. In: Buszard-Welcher, Lionel Wee & William Weigel (eds.). *Proceedings of the 18th Meeting of the Berkeley Linguistics Society, General Session and Parasession*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 350-363.
- HYMAN, L. M., 2003. Suffix Ordering in Bantu: A Morphocentric Approach. *Yearbook of Morphology 2002*, 245-281.
- HYMAN, L. M. 2007. Niger-Congo Verb Extensions: Overview and Discussion. In: Doris L. Payne & Jaime Peña (eds.). *Selected Proceedings of 37th Annual Conference of African Linguistics*, Samerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 149-163.
- JACKENDORFF, R., 1972. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge MA: MIT Press.
- JACKENDORFF, R. 2007. *Language, Consciousness, Culture*. Cambridge: MIT Press.
- KAPLAN, R. M. & Joan BRESNAN. 1982. Lexical-Functional Grammar: A Formal System for Grammatical Representation. In: Joan Bresnan (ed.). *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press, 173-281,
- KRAMER, R. 2015. *The Morphosyntax of Gender*. Oxford: Oxford University Press
- KÜHNER, R., & Bernhard. GERTH. 1898. *Ausführliche Grammatik der Griechischen Sprache*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung.

- LAMAN, K. E. 1936. *Dictionnaire kikongo-français avec une étude phonétique décrivant les dialectes les plus importants de la langue dite kikongo*. Bruxelles: Librairie Falk Fils, Georges van Kampenhout, Successeur.
- LANGA, D. A. S. 2013. *Morfologia do Verbo em Changana*. Tese de Doutoramento em Linguística Africana. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- LANGACKER, R.W. 1991. *Concept, Image and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. New York: Mouton de Gruyter.
- LEHMANN, C. 2006. Les rôles sémantiques comme prédicats. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*. Vol. 10, n°1, 67-88.
- LUMWAMU, F. 1973. *Essai de morphosyntaxe systémique des parlers kongo*. Paris: Éditions Klincksieck.
- LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MABUGU, P. 2004. A Unitary Description of the Interpretations of ChiShona Applicatives. In: Chege Githiora, Heather Littlefield & Victor Manfredi (eds). *Trends in Africa. Kinyîra njîra! Step Firmly on the Pathway!*, n° 6, Trenton NJ: Africa World Press, 171-184
- MACHADO, J. P. 1977. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Horizonte.
- MAHER, T. J. M. 2007. Do Casulo ao Movimento: A Suspensão das Certezas na Educação Bilíngue e Intercultural. In: *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas: Mercado das Letras.
- MAHO, J. F. 2009. *NUGL Online*. The Online Version of the New Update Guthrie List, a Referential Classification of the Bantu Languages.
- MAKOKILA, N. 2014-2015. *Description morphosyntaxique de Kimanyaanga*. Thèse de doctorat, Université de Lubumbashi, Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- MARCUSCHI, L. A., Ingedore G. Vilaça KOCH. 2006. Referenciação. Em C.C.S. Jubian, Ingedore G. Vilaça Koch (orgs. ). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. A Construção do Texto*. Vol. I, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 381-399.
- MATTHEWS, P. H. 1997. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- MCHOMBO, S. 2004. *The Syntax of Chichewa*. Cambridge: Cambridge University Press.

- MEEUSSEN, A. E. 1959. *Essai de grammaire rundi*. Tervuren: Musée Royal du Congo Belge.
- MEEUSSEN, A. E. 1967. Bantu Grammatical Reconstructions. *Aficana Linguistica III*. Musée Royal de l'Afrique Centrale, Annales 61, Tervuren, 79-121.
- MEINHOF, C. 1899. *Grundriß einer Lautlehre der Bantusprachen*. Leipzig: F. A. Brockhaus.
- MEINHOF, C. 1984. *Introduction to the Study of African Languages*. Berlin: Reimer.
- MPANZU, L. 1993-1994. *Éléments de description du zombo, parler kongo (H.16k) D'ANGOLA*. Mémoire de licence en linguistique africaine. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles.
- NDONGA, M. 1995. *Systématique grammaticale du kisikongo (Angola)*. Thèse de Doctorat en Linguistique Africaine. Paris V- Sorbone: Université René Descartes.
- NDONGA, M. 2008. *Língua e Políticas Linguísticas (ined.)*. Luanda: Faculdade de Letras – Universidade Agostinho Neto.
- NDONGA, M. 2011. Le Kikongo. In: Emilio Bonvini et al. (eds.) *Dictionnaire des langues*. Lyon: Presses Universitaires de France.
- NGUNGA, A. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- NURSE, D. & Gerard PHILIPPSON. 2003. *The Bantu Languages*. London, New York, Toronto: Routledge.
- NURSE, D. 2003. Aspect and Tense. In: Derek Nurse & Gerard Philippson (eds.) *The Bantu Languages*. London, New York, Toronto: Routledge, 90-102.
- NURSE, D. 2008. *Tense and Aspect in Bantu*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- NZAKUNDOMBA, C. E. 2006. *Nkongo ye Kisi Kongo*. 1<sup>a</sup> ed., Luanda: Imprensa Nacional- E.P.
- PALMER, F. 1978. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAYNE, T. E. 2002. *Describing Morphosyntax. A Guide for Field Linguists*. Cambridge: Cambridge University Press.
- QUIALA, M. B. 2013. *Longoka Kikongo 'Aprenda Kikongo'*. Luanda: Mayamba Editora.
- RAFAEL, E. L. 1997. Explicitação/Implicação de Informações Teóricas pelo Professor: Caso de uma Aula de Língua Portuguesa. *Trabalho de Linguística Aplicada*. Campinas: IELA/UNICAMP, Julho-Dezembro 30, 17-30.

- ROSE, S., Christa BEAUDOIN-LIETZ, Derek NURSE. 2002. *A Glossary of Terms for Bantu Verbal Categories: With Special Emphasis on Tense and Aspect*. LINCOM Studies in African Linguistics 55, München: Lincom Europa.
- SAEED, J. 2004. *Semantics*. Chichester, Uk: Willey Blackwell Publishing.
- SCHADEBERG, T. 2003. Derivation. In: Derek Nurse & Gerard Philippson (eds.). *The Bantu Languages*. New York, Toronto: Routledge, 71-89.
- SCHADEBERG, T. C. 1982. Les suffixes verbaux séparatifs en Bantu. In: SUGIA. *Sprache und Geschichte in Afrika*. Band 4, 55-65.
- SEBASONI, S. 1967. La préfinale du verbe bantou. *Africana Linguistica III*, 123-135.
- SHOPEN, T. 1985. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.
- TECA, A. 2006. *The Verbal System in Kizòombò*. Master's Dissertation in Translation Studies (MA), unpublished. Nairobi: African International University (ex. NEGST).
- TESNIÈRE, L. 1959. *Éléments de syntaxe structurale*. 2ème édition, Paris: Editions Klincksieck.
- TRAVAGLIA, L. C. 1981. *Aspecto Verbal no Português*. 4ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- TRASK, R. L. 1993. *Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London: Routledge.
- VAN BULCK, R. 1949. *Manuel de linguistique bantoue*. Bruxelles: Georges van Campenhout.
- VARÓ, E. A. & Enrique M. LINARES. 1997. *Dicionário de Linguística Moderna*. 1ª edição, Barcelona: Editorial Ariel S.A.
- VIANA, C. T. 2014. *Antropologia Cultural-Etnia Bakongo: Povos Africanos os Bakongo*. [Online]: Disponível em: <https://plus.google.com/+ChristianneThomesViana>
- WELKER, H. A. 2005. A Valência Verbal em Três Dicionários Brasileiros. *Linguagem e Ensino*. Vol. 1, nº 8, Pelotas: Educat, 73-100.
- ZACHARIA, M. 2011. *Verb Extensions in Kuria: Cooccurrence and Ordering Restrictions*. Master's dissertation in African Linguistics. Dar es Salaam: University of Dar es Salaam.

## APÊNDICES

### Apêndice I: Questionário da pesquisa (Entrevistas):

(Dados recolhidos e confirmados no campo)

#### 1.1. Passiva

a. apanhar: *bákà*

ser apanhado: *bákàmà , bákù*

O rato foi apanhado pelo gato

*èmphùkù yìbàkàmènè kwà nìsì*

\_\_\_\_\_ *bákìlù*

\_\_\_\_\_ *àmbàkìdìngi*

\_\_\_\_\_ *ámábákìdì*

b. comer: *dýà*

ser comida: *diù/ diyàmà*

A carne foi comida pelo cão

*èmbìsì yìdìlù kwà mbwà*

\_\_\_\_\_ *yìdìyàmènè kwà mbwà*

\_\_\_\_\_ *àdìdì yó kwà mbwà*

c. matar: *vóndà*

ser morto: *vóndàmà, vóndù*

O inimigo foi morto pelo soldado

*èmbènì vóndèlù kwà solayi*

\_\_\_\_\_ *vòndàmènè kwà solayi*

\_\_\_\_\_ *ámvondele kwà solayi*

d. morder: *tátikà*

A criança foi mordida pelo cão

*émwànà tátikìlù kwà mbwà*

\_\_\_\_\_ *antátikìdìngi*

e. bater: *gándá, wándà, búfùnà*

ser batido: *gàndàmà, wàndàmà, búfùnù*

A mulher foi batida pelo Kyala:

*ènkèntò wándàmènè kwà Kyala*

\_\_\_\_\_ *búfùnù kwà Kyala*

#### 1.2. Recíproca

a. encontrar-se : *mónànà*

nós encontramos-nos: *yétò tùmónànènè*

O Kinanga e o Mbunga encontraram-se

*èKinanga ye Mbunga amónànènè*

\_\_\_\_\_ *àwànànènè/áwàwànènè*

\_\_\_\_\_ *àkùtànènè*

b. saudar-se : *kìkáyìsì*

nós saudamo-nos

*yétò tùvènenènè mbótè*

\_\_\_\_\_ *tùkìkáyìsì/tùyìkáyìsì*

- c. abraçar-se: *kìbìmbànènà*  
 nós abraçamo-nos: *yétò túbìmbànènè*
- d. beijar-se: *kùkìfìbà / kùyìfìbà / kìfìbà*  
 beijamo-nos: *tùfìbànènè*  
 Luvumbu e Kisita beijaram-se  
*Luvumbu ye Kisita ayìfìbìdì*  
 \_\_\_\_\_ *àfìbànénè (conf.)*
- e. bater: *gándà*  
 bater-se: *kìgàndà / kiyàndà / kùkiyàndà*  
 batemo-nos: *tùkiyàndìdì*  
 nós batemo-nos: *tùyiyèndè / tùkiyèndè*  
 combatemo-nos: *tùyiyèndè / tùkinwànìsì (conf.)*

### 1.3. Reflexiva:

- a. Ferir-se: *kùkilwékà*  
 eu feri-me: *yìkilwèkèlè*  
 O manuel feriu-se : *èManuel wùkilwèkèlé*  
 ferimo-nos: *tùkilwèkèlé*  
 feriram-se: *akìlwèkèlè*
- b. cortar: *zèngà*  
 cortar-se: *kizèngà*  
 A criança cotou-se: *èmwànà ùkizèngèlé*

### 1.4. Estativa/Posicional: Tomar uma posição

- a. levantar, erguer-se: *tóngàmà, télèmà*  
 O doente levantou-se  
*èmbèvò tóngàmènè*  
 \_\_\_\_\_ *télèmènè*
- b. ajoelhar: *fúkàmà*  
 os crentes ajoelharam na igreja  
*èminkwìkìsì mifúkàmènè mùnà nzó à Nzambì.*
- c. dormir de barriga para baixo: *búkàmà*
- d. calar: *dìngà*  
 calar-se: *dìngàlàlà*  
 a criança calou-se  
*èmwànà dìngàlèlè.*
- e. deitar-se: *lámبالàlà*  
 O pai deitou-se na cama  
*ètàtà lámبالèlè vànà mfùlù*

### 1.5. Média

- a. parir, nascer: *wútà= wútùkà.*  
 Este menino nasceu ontem  
*èndyòyòmwanà màzònò kàwútùkìdìngì.*
- b. iluminar-se: *témùnà=témùkà*
- c. quebrar-se: *búlà=búdìkà,*

d. ver, aparecer: *mónà=mónèkà*

**1.6. Potencial:**

a. conseguir: *léndà*

conseguir-se: *léndàkànà*

b. conhecer, saber: *záyà*

ser conhecido: *záyàkànà*

A notícia espalhou-se (ser conhecida) na aldeia

*èntsángù zàzáyàkènèmùnàvátà*

c. ouvir: *wá*

ser ouvido: *wáyàkànà*

A informação já foi ouvida

*èntsángù ntámá zàwákènè.*

**1.7. Aplicativa:** Fazer alguma coisa por ou a favor de alguém

a. Fazer: *vángà*

fazer por; *vángilà*

A Nsimba está a fazer comida para as crianças

*èNsimba ùtá lám빌à àna màdyà*

b. Escrever: *sonèka*

escrever para alguém: *sònèkenà*

O secretário está a escrever a carta do soba

*ènsónikì mù sònèkènà soba ènkándà.*

c. *vóvà*: falar

falar por alguém: *vóvèlà*

O soba falou a favor do povo: *èsoba vóvèlè nkángù*

d. construir: *túngà*

construir por alguém: *túngilà*

A Makyese está a construir uma casa para a sua mãe:

*èMakeke mù túngilà kèná ngùdí'andì nzó*

e. cozinhar: *lám빌à*

cozinhar por alguém

Malenga mù lámбилà kènà ànà èlòsù

f. semear: *kúnà*

semear por alguém: *kùnìnà*

os crentes estão a cultivar a lavra da igreja

*èminkwikisi mu kùnìnà ènà díbundu èvyà*

c. dançar: *kínà*

dançar por : *kìnìnà*

O povo dança por rei:

*ènkàngù mù kìnìnà ùnà èntìnù*

Os rapazes e as meninas estão a dançar pelo chefe.

*èmatoko y'andumba mu kinika ènà èmfùmù.*

d. defender: *tánìnà*

O advogado defende o réu:

*èkipovelà/mù tánìnà kènà nkángàmi/mbákàmi*

**1.8. Causativa:** Mandar fazer a alguém alguma coisa

- a. trabalhar: *sálà*  
mandar trabalhar: *sádisà, vángisà*
- b. cozinhar: *lámjà*  
mandar cozinhar: *lámjisà*  
O Mbemba fez cozinhar o funge a Ntemo  
*èMbemba lámjisì lùkù kwà Ntemo*
- c. lavar: *súkùlà*  
mandar lavar: *súkùlwèsá*  
Ele mandou lavar a roupa  
*èyandi súkùlwèsè émvwàtù*
- d. matar: *vóndà*  
mandar matar: *vóndisà.*  
A Nzumba fez matar o Nsumbo  
*èNzumba vóndèsè Nsumbo*
- e. capinar: *kéébà,sákùlà*  
mandar capinar: *kébesá, sákùlwèsá*  
Eu mandei capinar o meu quintal  
*èmòndò nkébése/ntsákulwisè khòsà kyàmè.*
- f. cavar. *tímúnà*  
mandar cavar: *timunwèsà/timunwisà*
- g. cortar: *zégà*  
mandar cortar: *zégisà*  
Eles mandaram cortar a árvore  
*awù àzèngèsè ènti*

**1.9. Impositiva**

- a. comer: *dýà*  
dar de comer: *díikà*  
Fazer comer a criança: *díikà émwànà*
- b. beber: *nwà*  
dar de beber: *nwikà*  
A mãe está dar de beber ao bebé  
*èngùdì ùtà nwikà mwànà*  
O Mbengi está dar de beber ao cão  
*èMbengi ùtà nwikà mbwà*
- c. vestir: *vwàtà*  
vestir roupa à alguém: *vwikà mvwàtù*  
A mãe está a vestir a a criança  
*èngùdì ùtàvwikà mwànà mvwàtù*
- d. mamar: *yémá*  
dar de mamar: *yémikà*  
A Nzumba está amamentar a criança  
*èNzumba ùtà yémikà mwànà*

### 1.10. Reversiva

- a. tapar: *fúkà*  
destapar: *fúkùlà*
- b. amarrar: *kángà*  
desamarrar: *kángùlà / kángòlà*
- c. colar: *lámà*  
descolar: *lámùnà*
- d. mamar: *yémà*  
desmamar: *yémùnà*

### 1.11. Iterativa: Repetir uma acção já feita, desfazendo a anterior.

- a. construir: *túngà*  
reconstruir : *túngùlùlà*  
O governo angolano está a reconstruir o país:  
*lùyàlù lwà Angola lùnà túngùlùlà ènsi*
- b. fazer: *vángà*  
resfazer: *vángùlùlà*
- c. amarrar: *kàngà*  
reamarrar/amarrar outra vez: *kàngùlùlà*  
amarrar o feixe outra vez  
*kàngùlùlà èwòwò ntèté*
- d. enrolar: *zíngà*  
reenrolar/ enrolar outra vez: *zíngùlùlà/ zíngùnùnà*
- e. falar: *vóvà*  
refalar: *vóvùlùlà*  
fala outra vez para ele ouvir bem  
*vòvòlùlà dyàkà nkùmbù ànkàkà yàndi kàtòmà wà.*

### 1.12. Reiterativa/frequentativa: Repetir uma acção inúmeras vezes

- a. ´cortar: *téndà, zéngà*  
cortejar: *téndùzulà /zéngùzùnà*
- b. quebrar: *búkùnà*  
quebrar mais vezes: *bùkùzùnà*

### 1.13. Intensiva

- a. ler: *tángà*  
ler intensivamente: *tángùmùnà.*
- b. yálá: *estender*  
estender intensivamente: *yálùmùnà*

### 1.14. Durativa/habituativa

- a. falar: *falar*  
falar sempre: *vóvànga*
- b. comer: *dyà*  
comer sempre: *dyàngá*

## **Apêndice II: Mwana ngangu ye mwana wa zowa ‘O filho esperto e o filho idiota’**

(Informante António Kyala)

Tata dimosi kakala ye ana andi ole. Wawu ena ana mosi nkwa ngangu, mosi zowa.  
*Um pais tinha dois filhos. Ora, um era esperto e o outro era idiota.*

Se dyau wasya vuvu mu mwana wa ngangu, vo ndyo mwana zika kakunzika.  
*O pai deles confiava mais no filho esperto, pensando: este filho vai me enterrar.*

Mwana ndyo wa zowa katoma **zolakana** ko.  
*O filho idiota não era amado.*

Kansi lumbu kimosi e ndyoyo nkwa ngangu vwema,  
*Mas um dia o filho esperto enriquece-se,*

e ndyoyo wa zowa mputu ye nakavanga dyambu, nazowa venge dyo,  
*o idiota era pobre e sempre que fizesse alguma coisa, é o idiota que fez*

ana kavanga dyambu nazowavenge dyo.  
*quando fizesse alguma coisa, é o idiota que fez isso.*

Yantikidi **kimwena** nkenda vo nki mambu mpanga?  
*Começou a sentir-se pena; mas que devo fazer?*

Mwama kakala ye luumbu lwandi ye akengidi.  
*O rico tinha a sua casa com os guardas,*

keti kota kuna nzo andi, awu akengidiafwetikuvana ntete nswa  
*antes de entrar na casa dele, os guardas devempimeiro autorizar-te,*

na lwaka vana mwelo. Wawu yandi zowa vava kayenda, yandi wawu vo nkwa nzimbu,  
*ao chegar na porta. Agora, quando o idiota foi, já que ele agora era rico*

yandi vo **kalukotisi** ko dyodyo zowa. Vutukidi ku nzo andi.  
*ele disse não deixem entrar aquele idiota. Regressou na casa dele.*

Vava kalwaka bakidi phese, nakabaka phese kobwele mu nlangi.  
*Quando chegou apanhou barata, ao apanhar barata colocou-a na garrafa.*

Yandi vo, ndyo phese yikwenda teki. Kambalele yandi mu nzila mu nlangi  
*Ele disse, vou vender esta barata. Meteu-se na estrada a vendê-la.*

E antu ayuvwele vo e ngeye wele kweyi? Yandi vo  
*As pessoas perguntaram: onde é que vais? Ele respondeu:*

phese yikwenda tekyengi. Phese yiwukwenda teka? Kwe kwenda yandi?  
*estou vendendo a barata. Vais vender a barata? Onde irás com ela?*

Yandi vo okokodyodyo zandu. Wawu kalwaka va vata dimosi, i phese andi kasidi vena.  
*Ele disse: Naquelapraça. Ao chegar numa aldeia, colocou a barata dele aí.*

Antu vo, wa ndyo phese yikwisa tekyengi!? Songiseti yitala kwame.  
*As pessoas dizem, mas esta barata é que tu estás a vender?Mostra para eu ver.*

Ayi, phese mpe, okabonga kaka, sotukele va ntoto,  
*Ai, logo que recebeu, a barata caiu nochão*

ale, ntsusu wumbukamene. Yandi vo phese ame mwidi mfunu.  
*e a galinha comeu-a. Ele disse: eu preciso da minha barata.*

Yandi vo bika ngyenda baka wankaka,  
*Ele respondeu: deixa-me ir apanhar outra.*

yandi vo ndyo kaka kaminini yandi i mwidi mfunu  
*O idiota disse eu quero aquela que foi engolida.*

ka wankaka ko.Mpaka zeze, mpaka zizidi. Avutulwisi vo ka dyambu. Ela kumfundu  
*e não outra. Houve uma longa discussão. Ok. Não há problemas. Foram ao tribunal*

Wa yandi vo, wawu vo yandi ndyo phese andi mfunu kavwidi,  
*O tribunal decide que já que eleprecisa da sua barata, entrega-lhe essa galinha.*

bonga ndyo ntsusu wuvana. Bongele ntsusu.  
*Recebe esta galinha e entrega-lhe. Ele recebeu a galinha.*

Yandi vo ntsusu yikwenda tekyengi **Nakalwakanga** fulu vo,  
*Ele disse agora vou vender a galinha. Chegou num lugar, alguém disse:*

mono ntsusu yitevaava feti yikumvangisila. Vana eti yitala.  
*estou à procura de galinha, quero fazer festa. Mostra para ver.*

O kabonga kaka ntsusuatala antilemene ku mbwa.  
*Logo que recebeu a galinha, sem demora, o cão apanhou a galinha.*

Yandi vo ntsusu ame mfunu yimvwidi, i yandi ndyo.  
*Ele disse: eu preciso da minha galinha, é mesmo essa aqui.*

Yandi vo, mono yimoyo mwidi mfunu. Aweyi kaka? Ndolo ku mesa ma mfunu.  
*Ele disse: eu quero uma galinha viva. Que vamos fazer? Vamos ao tribunal.*

Mfundu wizidi. Aweyi mwena? Yandi vo, mono ntsusu ame,, ntsusu ame kaka.  
*Chegara ao tribunal. Que pensas? Ele disse: eu só quero o meu galo.*

E dyo kòkò dina kwandi wowo, avo kawako yina mbwa kakumpana.  
*Um galo idêntico, se assim não for, então ele terá que me dar aquele cão.*

Bonga mbwa uvana. Yina mbwa mpe yitomene **bakanganga** mbisi muna vata.  
*Dá-lhe o cão. Aquele era o cão que caçava muitos animais na aldeia.*

Wele yandi. **Nakalwakanga** vata dimosi, vo mu veta tukwenda.  
*Foi com ele. Quando chegou numa aldeia, as pessoas disseram: estamos indo à caça.*

Nkhongo nkela vo, e mono mbwa nkhondolo kaka?  
*O caçador disse: eu preciso de um cão.*

E yandi vo, wa ndyo mbwa koko, away Yandi vo teka ite kwenda teki.  
*E como este cão aí? Ele disse: estou a vendê-lo.*

mbote yinsumba kwame, si vani nzimbu. Yandi vo ngyenda meka ntete.  
*Melhor eu comprá-lo. Então dá o dinheiro. Ele respondeu: Vou ainda experimentá-lo.*

Yandi vo nata. Ana alwaka kuna, mbwa ambakidi kwa mboma, **wumminini**.  
*Então leva. Ao chagarem lá, o cão foi apanhado pela giboia, a giboia engoliu o cão.*

Awu vava adikumuka ayenda wana mbwa ntama **amminini**.  
*Quando eles correram para salvar o cão, a giboia já tinha engolido o cão.*

Wau ayizanga vo e tata mbwa aku ambakidi ku mboma.  
*Quando regressaram disseram que o cão fora apanhado pela giboia.*

Yandi vo, e mono nkutu momo mambu kizolele ma wa ko.  
*Ele respondeu que eu não quero saber disso.*

Mono mbwa ame kaka, mbwa ame  
*Eu só quero o meu cão. Dá-me só o meu cão.*

E ngeye si bongi nzimbu. Yandi oku vo, umoyo kaka nzolele. Masoba mezidi. Away?  
*Então recebe dinheiro. Ele disse: eu quero um cão vivo. Os sobas vieram. Como é?*

Yandi vo, mono mbw'ame. Wau nki tuvanga? Mono mbwa kaka nzolele.  
*Ele respondeu: eu quero o meu cão. Agora que faremos? Eu só quero o cão.*

Avo kawako, yandi muntu yilukumpana.  
*Senão, a pessoa, ela mesma é que vós me dareis*

E nge tata ndyoyo, ngeye muntu mbwa wizidi yandi.  
*Oh, o que é isso! Você vieste com o cão.*

Yandi vo, mono muntu kaka. Masoba vo.

*Ele disse: agora eu só quero a pessoa. Os sobasdisseram ao homem:*

Etata osidi wau mu khasa nyenzi. Akwa lukele muna veta?

*Oh pai, já não há outra solução. Qunatos eram na caça?*

Yandi vo: yandi kawenda nkwatsiyengi. Awu vo yeno ole lusidi wowo, lundolo.

*Ele é que estava a dirigir o cão. Os sobas disseram: Assim mesmo os dois, vão.*

Nakabonga vutukidi ku vata. Wau mu vutuka ku vata, lweke va sawu.

*Ao recebê-los voltou para a aldeia. No regresso para a aldeia, chegou na ponte.*

fulu kimosi akala zingila va nkoko, ibosi amwene ngasi kuzulu ba.

*estavam descansando à beirado rio, depois viram dendém na palmeira.*

Ah, zo ngasi tuvvidi mfunu. Maba mole, Kadyambu ko. Lumati.

*Ah, queremos aqueles dendéns. Duas palmeiras. Não há problemas. Sobem.*

Mosi nakamatanga, sangukudi fwidi. E mosi dyaka mete. Sangukidi fwidi dyaka.

*Um subiu, caiu e morreu. O outro subiu mais. Também caiu e morreu.*

Ah, wa za mvumbi, weyi mpanga?!

*Ah, agora, que farei com esses mortos?!*

Ale widi antu mu kwiza ena yandi vo, mama nda swama, wasidi fulu kimosi.

*Ouviu pessoas a vir, ele pensou, vou me esconder. Colocou os mortos no mesmo lugar.*

Nakayenda swama, awu dyaka mu kwiza ena, kwaka, kwaka, kwaka, ahvava tudila.

*Ao ir esconder-se, eles também vinham, vinham, vinham, e disseram, vamos esconder aqui.*

Vava alwakanga ayatikidi yala nani, wau atala kaka kuna, awu vo mvumbi.

*Assim que chegaram começaram a estender a napa, ao observarem viram mortos*

Mvumbi, mvumbi! wau vo mosi sinza kakotele, ye mosi pasukidi luvati.

*Mortos, mortos! um dos mortos espetou-se no tronco e o outro rebentou a costela.*

wau nani ndyoyo vangi kyaki salu!? Wau mvumbi zole vava.

*Mas quem fez esse trabalho?! Logo dois mortos.*

Ayatiki yalana, eyaye, eyaye, eyaye. Yandi mpe dingalele kwandi,

*Começaram a atrapalhar-se Ele escondeu-se bem quieto.,*

tomene swama. Yandi vo, ana asimba kaka, vava va tutadila.

*escondeu-se muito bem. Se eles lhes tocarem só, é aqui onde veremos*

Wa awu dyaka mazowa, na alwaka, ayantikidi vyongoziola.  
*Eles também, burros, ao chegarem começaram a mexer aos mortos.*

Nakavayika vo, ngamba zame vava va k'asadilanga, yeno lwavondele.  
*Quando ele saiu disse: eu deixei os meus servos aqui a trabalhar, vós os matastes.*

Emwani, afwa twawene, Yandi vo, kinya kyeno, yeno lwavondele.  
*Oh, nós encontramos-los mortos. Mas ele recusa, vós os matastes*

Aweyi tuvanga? vo kinya, mono mpe antu, e antu ame; amoyo nzolele.  
*Que faremos? Não, também eu quero pessoas, pessoas vivas.*

Wa awu asambanu akala. Aweyi tuvanga kwaku futa? Omono antu ame.  
*Eles eram seis. Que faremos aqui na mata? Eu quero as minhas pessoas.*

Ana lumponda mpe, tebu dyame nata lunata dyo. E tata afwa twawene.  
*Se me matardes, o meu espírito ficará convosco. Oh pai, nós os encontramos mortos.*

Vo kinya. Yandi mbuta vo, e tata mbote tuvava masoba atuzengila nkanu.  
*Jamais. O velho disse, é bom procurarmos os sobas para resolverem-nos o problema.*

Ale avutwele nleka, wela tela masoba kuna vata. Ezidi. Nki dyambu?  
*Mandaram o jovem, foi chamar os sobas na aldeia. Vieram. Qual é o problema?*

Yandi vo, tala, tala ngamba zame salu k'asalanga; mwene zo ngasi?  
*Ele disse: olha só, os meus escravos estavam a trabalhar; estão a ver aqueles dendéns?*

Wau awu yi-avondele. Aweyi zayidi vo awu a avondele?  
*Agora, eles é que lhes mataram. Como sabes que são eles que os mataram?*

Lwasimbi tata, Menga muna moko. E tata menga veee. Yeno lwavondele.  
*Pegai-os, vejam o sangue nas mãos. Oh, muito sangue. Sois vós que os matastes.*

Wau weyi zolele? Ngamba zame kaka. Oh, tata ngeye nki ntima wa mpila yoyo!  
*Agora que queres? Só quero os meus escravos. Oh, ó pai que tipo de coração é esse!*

Kita-kita. Oku vo wau vo awu afwidi, wau awu asambanu kwenda yikwenda awu.  
*Houve uma grande discussão. Já que eles morreram, agora eu vou levar os seis.*

Weyi? Oku, awu asambanu kwenda yikwenda awu. Ndolo.  
*O quê? Eu vou levar os seis. Ok. vamos.*

Wau weyi, luziki mvumbi zeno. Yeno mosi lukwazika. E yenu wutu, ndolo.  
*Agora enterram os vossos mortos. Vós mesmos ireis enterrá-los. Mas vós ireis comigo.*

Na azika mvumbi, wau awu dyamante akala dyawu, wolo, palata ye yankaka,  
*Depois de enterrarem os mortos, eles traziam diamante, ouro, prata e outras coisas,*

Yoyo kaka yima yinzimbu: matadi mantalu. Ele. Na alwaka, kwaku lukala.  
*aqueles coisas de dinheiro: pedras preciosas. Foram. Ao chegarem, ficam aqui.*

E yo yuma luvana ngyenda teka. Nakabokila mindele, kwiza sumba, Dão-me tudo que  
*está convosco para ir vender. Chamou os brancos, vieram comprar,*

e mputu muntu wakala zowa se nkwa ngangu. Kopani dyandi disundidi nkutu  
*o pobre homem que eram idiota, tornou-se esperto. A empresa dele ultrapassou*

mbuta andi. Mbuta andi vava kawidi vo, nleka aku mvwama ukola.  
*A do seu irmão.Quando o irmãoouviu que o menor dele é grande rico questionou-se:*

Kwey kabakidi zina nzimbu? Ayi vo ngeye nkutu ku meka ko.  
*Onde conseguiu aquele dinheiro? disseram-lhe: a tua empresa nem se pode aproximar.*

Tumini mangwalata enda tala.Vava alwaka, mangwalata vo,  
*Mandou os guardas para irem ver. Ao chegar, os guardas disseram:*

kalulendi kota ko, kadintinu - wau ntinu sikabokelelwa - entinu kuna tazi kena,  
*não podem entrar, pois, o rei - agora é chamado rei-o rei está no prédio,*

kalendi kulumuka ko, vo katuvene nani ko. Nda wunkamba vo mbuta andi wuntumuni  
*não pode descer, se não autorizar.Vão dizer-lhe que é o irmão dele que nos mandou*

.Mbo, ele. oku vo, ntinu, okuna antu ole ezidi ko,mbuta aku watumini.Mbuta ame?  
*Foram. Rei, vieram duas pessoas aímandadas pelo teu irmão.Meu irmão?*

Eh. Nda kwakamba, vo mbuta keza ye nkazandi, ye ana andi.  
*Sim. Vai dizer-lhes que o meu irmão venha com a sua mulher e os seus filhos.*

Na ayiza, wakotese, oku vo: E yaya, wumbwene?  
*Quando vieram, fez-lhe entrar e disse-lhe:Mano, estás a me ver?*

Weyi lendele bakila nzimbu?  
*Como conseguiste ganhar esse dinheiro?*

Katuka kuna, nzo yitazi ntungisi, yina Wiza kosuka. Avo i papa wafwa ye mama  
*Sai de lá, eu mandei construir um prédio, vem viver aí. O pai e a mãe já morreram.*

Eudisongele vo kana nkutu zowa kala yandi, e mfoko zandi kuzeye zo ko. Semfoko.  
*Lição: Isso significa que mesmo que se alguém for idiota, ninguém conhece o seu fim.*

### **Apêndice III: Nsési ye Ngó ‘A gazela e o leão’**

(Maria Kuvila)

E ma nsesi ngangu kayiza zawu: Ya ma ngó, tuvanga vata dyeto.

*A sragezela veio ao leão com uma astúcia: Sr. leão, vamos construir a nossa aldeia,*

tuzingila ye angudi eto. Awu ayenda, avanga vata dyawu.

*para vivermos com as nossas mães. Construíram a aldeia.*

E ma nsesi wizidi ye ngangu

*A gazela veio com outra astúcia.*

E ya ma ngo, tala mono ngindu ngina zawu: tuvonda angudi eto. Ma ngó yuvwele:

*Sr. leão, tenho uma outra ideia: Vamos matar as nossas mães. O leão perguntou:*

tuvonda angudi eto? Nleke ngangu zambote wizidi zawu. Ka dyambu ko.

*Matarmos as nossas mães? Miúdo, é uma boa ideia. Não há problema.*

Mbasi tuvonda angudi eto. Awu ye ma nsesi awizana, kina avonda angudi awu.

*Amanhã mataremos as nossa mães. Combinaram o dia em que matariam as suas mães.*

Muna menemene yandi ya ma nsesi wele kuna mfinda, wele sweka ngudi andi.

*De manhã cedo o gazela foi na mata esconder a sua mãe.*

Vondele mbisi, wizidi i mbisi. Vava katudidi kuna vata vovele:

*Matou um animal e veio com carne. Ao chegar na aldeia disse:*

Ya ma ngó, mono ntama mvondele ngudi’ ame. yandi dyaka ya ma ngó vovele:

*Mano leão, eu já matei a minha mãe. Também, o mano leão disse:*

Mono dyaka mvondele ngudi ame. Awu ole avangidi feti. Nkembo.

*Eu também matei a minha mãe. Os dois fizeram uma festa. Muita alegria.*

Tuvondele angudi eto, wau tusidid yeto ole kaka. Wau, vava vata tukosuka yeto ole.

*Matamos as nossas mães, agora ficamos nós os dois. Viveremos na aldeia nós os dois.*

Kadyambu ko. Yandi ma nsesi vovele kuna ngudi andi: Mono kwaku yikusweka.

*Não há problema. A gazela disse à sua mãe: Eu vou esconder-te aqui.*

Anibokila nkumbu zitatu, wufweti wá ndinga ame, nani te kubokila.

*Se eu te chamar três vezes, tens que ouvir a minha voz, e saberes quem está chamar-te.*

E mono weyi yikala kubokidila? E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi,

*Como é que eu passarei a chamar-te? E sra gazela, sra gazela que escondeu a sua mãe*

wukangalanga wukak’e. Nkumbu zitatu yikubokila. Anibokila nkumbu zitatu,

*para andar sozinho. Vou chamar-te três vezes. Ao chamar-te três vezes, ngeye ufweti wá ndinga, nani uta kubokila. Kadyambu ko. Va vyokele lumbu yitatu, você deve ouvir a voz, quem está chamar-te. Ok. Passados três dias,*

*ya ma nsesi weletala ngudi andi. kalwaka kuna yengo watikidi yimbila nkunga: a sra gazela foi visitar a sua mãe. Ao chegar na ravina começou a cantar o hino.*

*E ya ma nsesi, ya ma nsesi wasweka ngudi andi kakangalanga wukak'e. Eh sra gazela. sr. gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

*E mama pi. E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi wukangalanga wukak'e. A mãe ficou calada. Sr. gazela. sr. gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho*

*Ngudi andi widi: Yilambila-lambila mwana ame wumpana moyo, A mãe dela ouviu: deixa-me rapidamente cozinhar para o meu filho que me deu a vida,*

*mwana ame, yilambila-lambila mwana ame wumpana moyo, mwana ame. meu filho, deixa-me rapidamente cozinhar para o meu filho que me deu a vida. Meu filho.*

*yandi ya ma nsesi lweka kuna ngudi andi. Alambidi luku, adidi, avangidi feti. a gazela chegou onde estava a sua mãe. Cozinhou funje, comeram e festejaram,*

*Ntangu ana yifwana, yandi ya ma nsesi vutukidi kwandi kuna vata. Quando a hora chegou a gazela regressou na aldeia.*

*Wowo kaka kavangidiengi. Lumbu kya nkaka, yandi ya ma ngó vovele: Fazia sempre assim. Num outro dia, o leão disse:*

*O, yandi ya ma nsesi lumbu yakimakulu vaika kavaikanga, kweyi kakwendanga? Oh! todos os dias a gazela sai, onde é que ele tem ido?*

*E mono unu vunina yivunina yileka, kansi kileka ko. Yandi, mbasi muna mene-mene Hoje eu vou fingir que estou a dormir. Amanhã demanhã, se ele sair*

*ana kavaika kaka, mono malembe-malembe yikwenda kunlandi vana nima yizaya yandi se ele sair, eu vou segui-lo devar atrás para saber*

*kweyi kakwendanga. Wowo wukavenge. Muna nsuka-nsuka yandi ya ma nsesi vaikidi wele. onde é que ele tem ido. E assim ele fez. Demanhã cedo, a gazela saiu e foi.*

*Katudidi vana yengo, watikidi bokila ngudi andi: Ao chegar na ravina, começou a chamar a sua mãe.*

E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi *kakangalanga* wukak'e. Mpi.  
*Eh sr. gazela. sr. gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho. Silêncio.*

Ngudi kaka tambulula ko. Ngudi mu wá kena ndinga i mwana. Nkumbu zitatu kabokila.  
*A mãe não respondeu. A mãe estava a ouvir a voz. É o meu filho. Chamou três vezes.*

E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi wukangalanga wukak'e.  
*Eh sr. gazela. sr. gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Ngudi bakisi: Yilambila-lambila mwan'ame wumpana moyo, mwana ame,  
*A mãe compreendeu. deixa-me rapidamente cozinhar para o meu filho*

yilambila-lambila mwan'ame wumpana moyo, mwana ame.  
*deixa-me rapidamente cozinhar para o meu filho que me deu a vida, meu filho.*

Wowo kaka ya ma nsesi **kavangidiengi**.  
*A gazela fazia sempre assim.*

Lumbu kyankaka yandi ya ma nsesi vovele: Ya ma ngo mono ngyele mu nkangalu.  
*Num outro dia, a gazela disse: mano leão eu vou viajar*

ngyele kangadi. Lumbu yakimakulu vata tuvatanga  
*vou viajar. Todos os dias temos trabalhado*

yandi ya mango vutwele:ka dyambu ko. ngindu zambote bakidi, wenda, wenda vunda,  
*o leão res+pondeu: Não há problema. É uma boa ideia. vai para descansar.*

kadi lumbu yakimakulu vata kaka tuvatanga.  
*Pois, todos os dias temos trabalhado.*

Yandi ya ma nsesi wele mu nkangalu; yandi ya ma nsesi nki dyambu kavange?  
*A gazela viajou; mas o que é que a gazela fez?*

kakanina ngudi andi ko vo mama mono lumbu yitatu kikala ko, mu nkangalu yikwenda.  
*Ela não se despediu da sua mãe que durante três dias estaria ausente, iria viajar.*

Yandi ma nsesi okayenda kaka, yandi ya ma ngó vovele:  
*Assim só que a gazela viajou, o leão disse:*

Emono wunu si ngyenda koko yandi ya ma nsesi kakwendanga, ngyenda tala  
*Hoje eu irei lá onde a gazela tem ido, para ir ver*

nki kima kakwenda vanganga, koko mfinda kakwendanga, lumbu yakimakulu.  
*o que é que ele tem feito lá na mata onde vai todos os dias.*

Ma ngó wele. Yandi ya ma ngó walanda ya ma nsesi kenda katala.

*O leão foi. Ele seguiu a gazela para ir observar*

Yandi ya ma ngó dyaka, malembe-malembe. Ma nsesi okalwaka bokelele:  
*também, o leão seguia devagar-devagar. Quando a gazela chegou, chamou:*

E ya ma nsesi wusweka ngudi andi **kakangalanga** wukak'e  
*Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Yandi ya ma ngó widi, vovele: oh, wa ndyo nleka nki mambu kate vova?  
*O leão ouviu e disse: Oh! Que coisa está dizer este miúdo?*

Yandi ya ma nsesi wele kuna yengo. Ya ma ngó vutukidi kwandi kuna vata.  
*Ela, a gazela desceu na ravina. O leão regressou na aldeia.*

Nkumbu zitatu kavenge wowo.  
*O leão fez isso três vezes.*

Muna lumbu kitatu yandi ya ma nsesi wele mu nkangalu. Yandi ya ma ngó vovele:  
*No terceiro dia, a gazela viajou. O leão disse:*

Unu kwenda yikwenda, koko kakwendanga ya ma nsesi, kuna mfinda,  
*Hoje eu irei lá onde tem ido a gazela, lá na mata,*

mono dyaka ngyenda zaya nki dyambu kakwenda *vanganga* kuna mfinda.  
*para que eu também saiba o que é que ele anda fazer lá na mata.*

Muna mene-mene vumbukidi wele. Ya ma ngó wele dyaka, kukulu-kukulu.  
*Demanhã cedo acordou e foi. O leão foi mais, devagar-devagar.*

E ya ma nsesi wawu nkunga *kayimbilanga* ye kuna yanda *kakwendanga*.  
*A gazela canta esse hino e depois vai lá em baixo na ravina.*

E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi *kakangalanga* wukak'e. Mpi.  
*Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho. Silêncio.*

yandi ngudi kakate tambulula ko. Yandi ngudi vovele: Eyayi ka ndinga mwan'ame ko,  
*A mãe não respondeu. A mãe disse: Essa não é a voz do meu filho.*

mono kilendi tambulula ko. Ya ma ngó mpe yimbidi dyaka:  
eu não posso responder. O leão cantou mais

E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi *ukangalanga* wukak'e.  
*Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Yandi ngudi ya ma nsesi vovele: Ya ka ndinga mwan'ame ko.  
*A mãe da gazela disse: essa não é a voz do meu filho.*

Yandi ya ma ngó kosukele-kosukele muntu kakate tambulula ko, vutukidi kuna vata.  
*O leão sentou, sentou ninguém respondia, voltou para a aldeia.*

Yandi kavutukidi kuna vata wiza leka. Mbasi dyaka. Kuma ku kya, wele dyaka,  
*Quando voltou na aldeia, dormiu. Amanhã irei mais. Ao amanhecer, foi mais,*

wele yimbila dyaka wowo nkunga. Yandi ngudi ya ma nsesi yandi katambuludi.  
*foi cantar mais o mesmo hino. A mãe da gazela não respondeu.*

Lumbu yitatu ibosi vovele: mono mvimba yifwete *vunina* ndinga yi ya ma nsesi,  
*Depois de três dias, ele disse: eu tenho que imitar a voz da gazela,*

wo yandi ma nsesi *kavovelanga*.  
*e fazer o que a gazela tem feito.*

Wele: E ya ma nsesi ya ma nsesi wusweka ngudi andi *wukangalanga* wukak'e.  
*Foi. Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Ngudi wunikini. Nze ndinga i mwan'ame. Ya ma ngó yimbidi dyaka:  
*A mãe escutou. Parece a voz do meu filho. O leão cantou mais.*

E ya ma nsesi ya ma nsesi wusweka ngudi andi *wukangalanga* wukak'e.  
*Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Yilambila-lambila mwan'ame wumvene moyo, mwan'ame,  
*Deixa-me cozinhar rapidamente para o meu filho que me deu a vida, meu filho,*

yilambila-lambila mwan'ame umvene moyo mwan'ame. Ah, yandi ya ma ngó wavova:  
*vou cozinhar rapidamente para o meu filho que me deu a vida. Oh, o leão disse:*

Ya ma nsesi wuvova vo tuvonda angudi eto, wawu yandi usweka ngudi andi kwaku!  
*A gazela disse para matarmos as nossas mães, afinal ela escondeu a mãe dela!*

Eh, ka dyambu ko. Wawu mono nki dyambu yivanga.  
*Eh, não há problemas. Agora que farei.*

Mono dyaka yifwete vonda e ngudi andi. kadyambu ko.  
*Também eu vou matar a mãe dela. Ok. Não há problema.*

Yandi wele mu nkangalu, mono dyaka mfweti vonda ngudi andi. Umvondele.  
*Ela viajou, eu também vou matar a mãe dela. Então matou-a.*

Lumbu yitatu yavyoka, kiya ya ma nsesi wizidi. Alele.  
*Passaram-se três dias, no quarto a gazela veio. Dormiram.*

Muna mene.mene, ya ma nsesi vo, e ya ma ngó, mono mvaikidi ngyele ku mfinda.  
*Demanhã cedo, a gazela disse: mano leão, eu estou saindo, vou à mata.*

kadyambu ko nleke toma kwenda. Mu nkangala tukidi, mbote wendatala mfinda.  
*Ok, menor, vai bem. Depois da viagem é bom ir na ver a lavra.*

katudidi kuna mfinda, bokele ngudi andi:  
*Quando chegou na mata, chamou a mãe dela:*

E ya ma nsesi, ya ma nsesi wusweka ngudi andi wukangalanga wukak'e.  
*Oh, sra gazela que escondeu a sua mãe para andar sozinho.*

Ngudi kakatambulula ko. yandi ya ma nsesi vutukidi kuna vata.  
*A mãe não respondeu. A gazela voltou para aldeia.*

Yandi ya ma ngó wunyuvwele: Oh, nge ya ma nsesi nki dyambu wuna dyau?  
*O leão perguntou-lhe: Oh, gazela, tens algum problema?*

Ah, ka ngina ye dyambu ko. Zokila dya nkangalu una ntukidiengi zono  
Ah, não, não tenho nenhum problema. É a fadiga da viagem que fiz.

Zono ndweki ye unu ngyele váta, zokila ngina dyau. Ka dyambu ko. Alele.  
*Cheguei ontem e hoje fui trabalhar, sinto cansaço. Ok. Não há problema. Dormiram.*

Lumbu kyankaka dyaka ya ma nsesi wele dyaka. Yimbidi dyaka ndyona nkunga.  
*No outro dia, a gazela foi mais. Cantou mais o mesmo hino.*

Ngudi yandi katambuludi. Ya ma nsesi wele kuna yengo, wele tala ngudi.  
*A mãe não respondia. A gazela foi na ravina observar a mãe.*

E ngudi kakena koko. Vovele: Ak, e ngudi ame kweyi kena?  
*A mãe não estava lá. Disse: Ah! Onde foi a minha mãe?*

Lumbu yole ngizidi ko, e mama katetambulula ko. E mama kweyi kele!  
*Eu vim cá dois dias, a mãe não responde. Onde é que mãe foi?*

Yatikidi dila. Dididi, dididi. dididi. Ya ma nsesi vutukidi kuna vata.  
*Desatou-se a chorar. Chorou, chorou chorou. A gazela regressou para aldeia.*

O yandi ya ma ngó, wunyuvwele: Oh, e ya ma nsesi, nge kawuna kyambote ko'e?  
*O leão perguntou-lhe: Oh, gazela, você não está bem?*

Nki mambu? E mbuta ame ka ngina ye dyambu ko. Nitu kita yimona yambote ko.  
*Qual é o problema? Meu velho, não tenho problema. Não me sinto bem.*

Ah, ngeye kute mona nitu yimbote ko. unu mono mbisi mvondele, tudila luku lwetu.  
*Ah, não te sentes bem. Ok. Hoje matei um animal, que iremos comer o nosso funje.*

Ma nsesi vovele: Oh mbuta ame ngindu zambote. Tulamba luku lwetu tudya.  
*A gazela disse: Oh, meu velho, boa ideia. Vamos cozinhar o nosso funje para comermos*

Adidi luku ye mbisi. Yandi ya ma ngó yuvwele:  
Comeram o funje com a carne. Agora o leão perguntou-lhe:

E ya ma nsesi zeye kati nki mbisi yoyo tudidi? Ka nzeye ko. Ka zeye yoko?  
*Oh gazela, sabes que carne é essa que comemos? Não sei. Não sabes?*

Ngeye wuvova vo tuvonda angudi eto, yeto ole. Mono mvondele ngudi ame  
*Tu disseste para matarmos as nossas mães, nós os dois. Eu matei a minha*

ye ngeye uvova vo ngeye dyaka uvonda ngudi aku. Ngeye kuvonda ngudi aku ko.  
*e tu disseste que também mataste a tua. Tu não mataste a tua mãe.*

Wau ngeye zeye nki mbisi didi? Nitu i ngudi aku didi. Ah, ma nsesi yuvwele:  
*Agora, tu sabes que carne comeste? É o corpo da tua mãe. Ah, a gazela perguntou:*

Nitu i ngudi ame? Eh. Nge nleka mvimba ngangu una'e. Nge wumvuna.  
*Corpo da minha mãe? Sim. Menor, tu és mesmo esperto. Tu me enganaste.*

Ngeye wayiza ye ngindu, tuvonda angudi eto, wau ngeye uyenda sweka ngudi aku.  
*Tu vieste com a ideia para matarmos as nossas mães mas tu escondeste a tua mãe.*

Mono yivonda ngudi ame. Wau ngeye wele mu nkangalu,  
*Eu matei a minha mãe. Agora tu viajaste,*

mono dyaka ngyele vonda ngudi aku.  
*eu também fui matar a tua mãe.*

Wau nkindu yiwatikidi vana kati kwa awu ole.  
*A luta começou entre os dois.*

**Avondasene** ye safu kimanisi  
*Mataram-se um do outro e o conto acabou.*